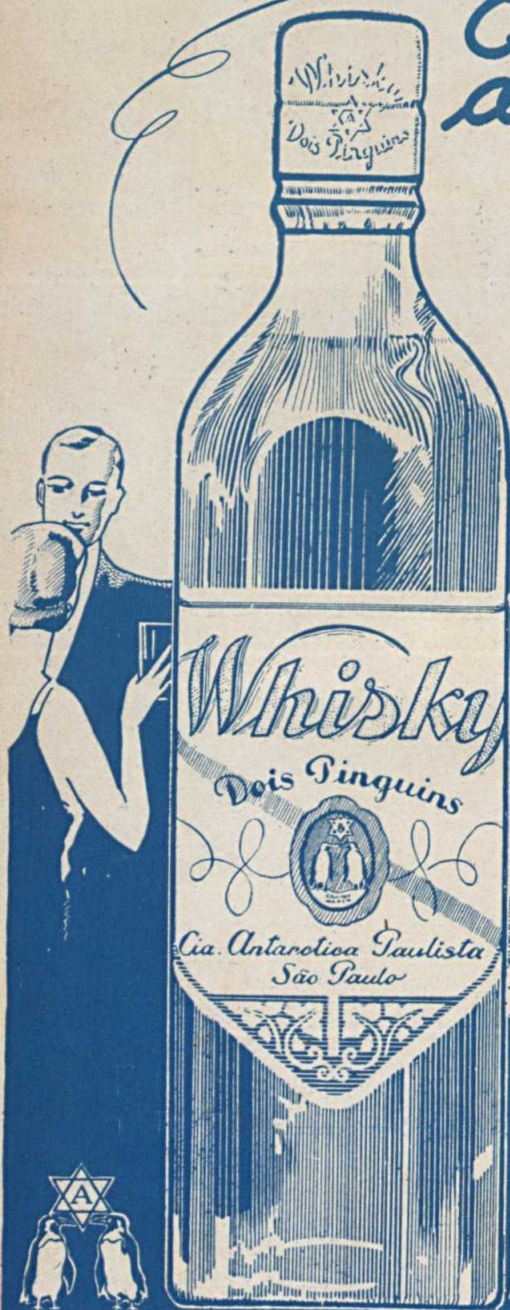
A CIGARRA
magazine
JANEIRO - 1937
2$
N.º 34

Em todas as reuniões
A Companhia
ANTARCTICA PAULISTA,
apurando cada vez mais os seus processos de fabricação, póde, agora, apresentar ao consumo o seu novo typo de WHISKY "DOIS PINGUINS", certa de que receberá a approvação dos mais exigentes conhecedores.
Whisky
Dois Pinguins
Cia. Antarctica Paulista
São Paulo
ANTARCTICA
COSMOS

ANNO XXII — RIO - SÃO PAULO, JANEIRO DE 1936 — NUMERO 34

Direcção de
MENOTTI DEL PICCHIA
Editada pela Sociedade
Anonyma "A CIGARRA"

MENSARIO
ILLUSTRADO
Fundada por
GELASIO PIMENTA

Assignaturas registradas para todo o Brasil :
Anno .... 27$000
Semestre .... 15$000
Para o Exterior :
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

NUMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL RS. 2$000
Redacção: Rua Sete de Abril, 62 — Telephone: 4-4272 (São Paulo)
Administração: Rua 13 de Maio 33/35 — Telephs.: 22-6580 e 22-6581 (Rio)
Agentes na EUROPA: Compotoir Inter. de Publicité—9 rue Tronchet — PARIS
Soc. Mutuelle de Publicité — 14, rue Rougemont — PARIS

Indice das Materias

CONTOS

ROMANCE COMPLETO

SUPPLEMENTO CINEMATOGRAPHICO

SUPPLEMENTO CRIMINAL

SUPPLEMENTO FEMININO

OUTRAS SECÇÕES

PSITAMANIA

Conto de KAY KENNEDY

Illustrações da R. F. SCHABELITZ

Theodore Crowdin Kent não gostava de sentar num banco de jardim sob a chuva.

Mas a verdade é que naquella tarde de março elle se encolhia todo num banco de Central Park, a golla do casaco erguida para proteger o pescoço das bategas da chuva. Passos perturbaram a sua solidão, e Theodore ergueu os olhos, ansioso, descobrindo com aborrecimento um guarda.

— Que está fazendo ahi? — perguntou o guarda, parando deante do banco.

— Estou sentado num banco, — declarou Theodore francamente.

— Ah, sim? Pois creia-me ou não, pensei que estivesse esperando por alguma barca, — replicou o guarda com pesado sarcasmo.

— Não.

E como o guarda continuasse a fital-o com curiosidade:

— Marquei um encontro aqui.

— Com um pato?

Theodore permittiu que o rosto ficasse demoradamente exposto á chuva, examinando a physionomia do guarda. E depois:

— Qual, está brincando.

Theodore Kent gozava plenamente de suas faculdades mentaes. E por isso justamente estava ali: não havia esquecido a promessa que lhe havia sido feita.

Levara um dia o seu sobrinho para estrear um trenó ganho pelo Natal na neve que cobria a cidade e, portanto, Central Park, e ella levara o cãozinho para arejar. A criança e o cachorro serviram de meio de approximação. Depois de dez minutos, Theodore não tinha nenhuma duvida de que estivesse apaixonado pela pequena: sabia-o com certeza. Uma certeza tão forte que conseguiu dominar a sua timidez natural e perguntar á garota quando se veriam de novo.

— Vem muitas vezes aqui? — começara.

— Oh, ás vezes.

— Poderia... isto é, quereria se encontrar commigo algum dia?

Ella consultara o relogio-pulseira e observara:

— E' mais tarde do que imaginava. Tenho que ir.

— Mas... e o encontro? — insistira Theodore.

— Ah, sim.

Estudara-o por alguns segundos, gravemente, e depois rira de pura satisfação.

— Embarco esta noite para o Sul e só estarei de volta em março, — dissera então.

— Março!

(Ainda se lembrava do desanimo que o assaltara.)

— Mas já lhe digo o que farei: virei encontral-o neste mesmo banco, á mesma hora, daqui a dois mezes exactamente.

— No dia 20 de março, ás tres e meia da tarde.

— 1936.

— Muito bem. Até á vista!

— Até á vista!

Depoi sque ella desapparecera l- suspirava de felicidade. Encontra- le continuara no mesmo banco, e ra a "unica" e marcara um encontro com ella. O facto de que esse encontro fosse para dois mezes mais tarde e de que elle não soubesse o nome ou a residencia da pequena não lhe parecia ter importancia. O importante era que ella era pequena, e elle não gostava de mulheres grandes; que tinha olhos castanhos, e não confiava nos olhos

"NÃO POSSO ME IMAGINAR TRABALHANDO NUM ESCRIPTORIO," DISSE LAURIE

azues; que seus cabellos eram côr de cobre. Quando chegara á casa, ouvira uma descompostura da irmã, que se queixara de que o filho havia sido descuidado.

Abrigando-se melhor na capa de chuva, Theodore verificou que faltavam vinte e cinco minutos para as quatro no seu relogio de pulso e pensou: "E' engraçado, ella deve ter ficado atrazada pelo movimento do trafego."

Seria muito possivel que a espera de Theodore, na chuva, terminasse por uma desillusão *doublée* de

pneumonia, se naquelle momento Laurie Rogers não se sentasse deante de sua escrevaninha para escrever uma carta.

* * *

Havia apenas quatro dias que chegara da viagem ao Sul. E a casa de Tia Sara, para não falar na propria Tia Sara, lhe parecia muito mais insupportavel ainda que antes. As peças que formavam o apartamento de Laurie, desde que haviam fallecido seus paes, estavam mais tristes e sem luz que nunca. E a Tia Sara, afinal, não era companhia que agradasse a uma moça. Tinha pontos de vista. E tinha tambem um papagaio. E agora, para cumulo, arranjara ainda um pretendente. O ultimo do nome, filho de uma amiga de mocidade.

"Alice, minha boa amiga", — escreveu Laurie, — "você não precisa de uma cozinheira? Ou de um limpador de chaminés? Mesmo que não precise, convide-me por favor para passar uns tres ou quatro annos com vocês dois. Mudarei os botões dos punhos das camisas de John, farei tudo que vocês quizerem. Imaginem que, além do papagaio, ella agora arranjou um Pretendente! Um sujeito horrivel, sem nenhuma especie de *sex-appeal*. Irei no sabbado. Hoje é..."

Foi nesse ponto que olhou para a folhinha e leu: *"Tres e meia. Banco do jardim. Rapaz distincto e sympathico."*

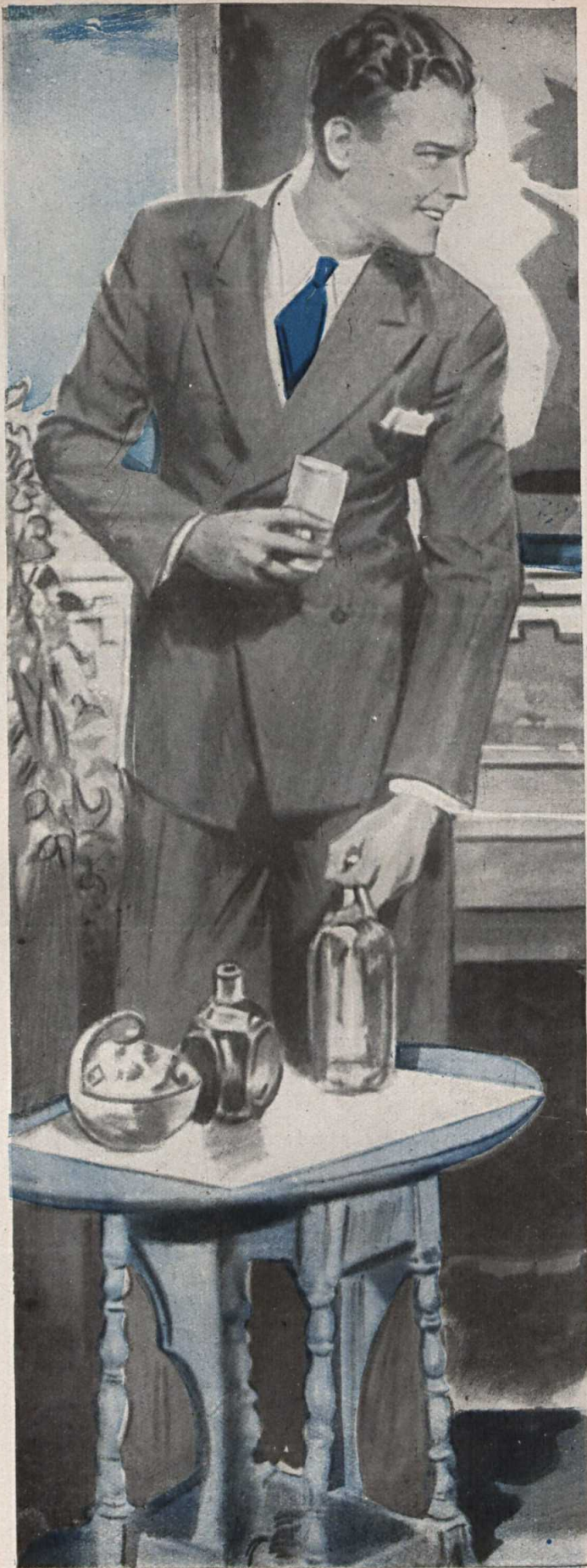
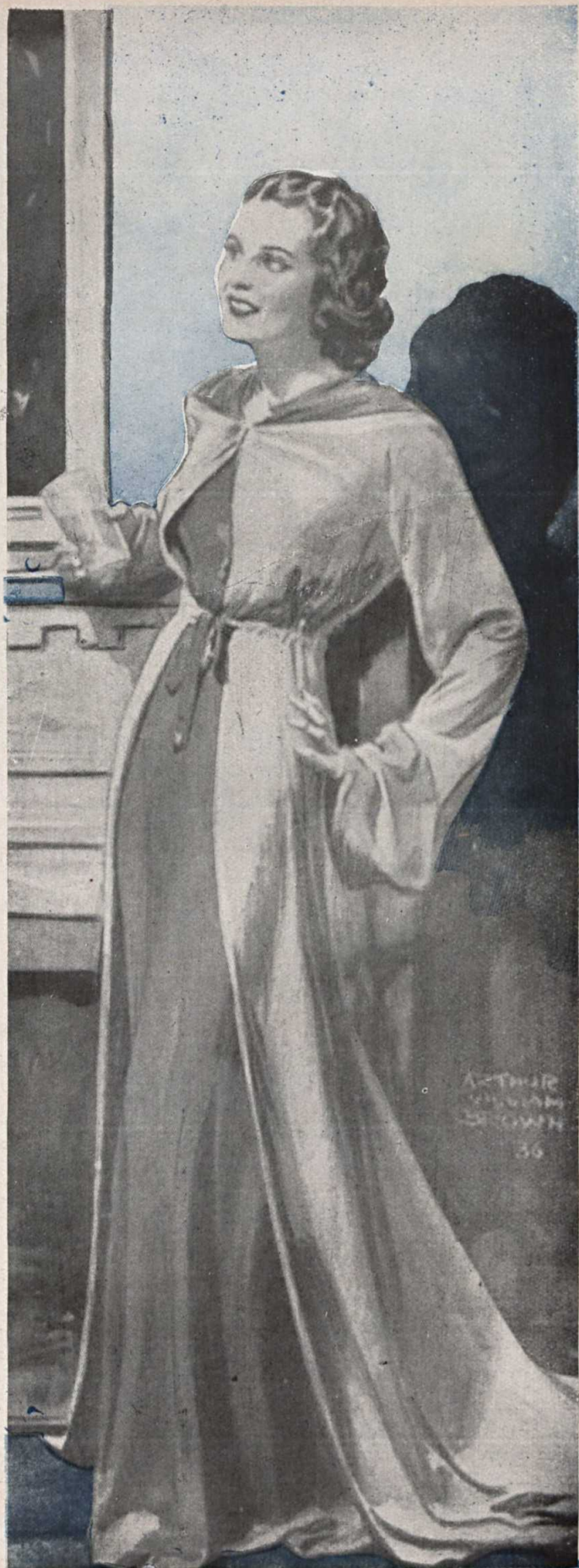
— Oh! — exclamou Laurie. — Eu me lembro!

Fitou um segundo a folhinha, pensativa. E depois, muito depressa, rasgou a carta, atirou-a na cesta, tirou uma capa de chuva, umas galochas e um chapéo do armario e saiu correndo.

* * *

Theodore começava a se sentir inquieto quando ouviu os passos na lama.

— Oh, felizmente *ainda* está aqui! — exclamou ella offegante.

— Naturalmente.

— A chuva é tanta que entrou por dentro da capa. Tive que correr. Receei que não estivesse aqui.

— Desde as tres e meia. Sente-se, não quer?

E Theodore offereceu-lhe cortezmente um logar no banco alagado.

— Estou completamente molhada, mas não tem importancia. Afinal, este é um logar como qualquer outro. E não tem papagaios.

— Papagaios?

— Papagaios.

— *Papagaios?*

Ella fez com a cabeça um gesto affirmativo.

— Isso mesmo: papagaios.

E tentou inutilmente enxugar o rosto com um lenço minusculo.

— Talvez esteja chorando sem saber. Pelo menos, o meu rosto está todo molhado.

— E' melhor sairmos da chuva, — suggeriu Theodore.

— Realmente, está fazendo frio aqui. A poça em que metti os pés é de boa profundidade. Experimentei a outra ao lado, mas ainda é mais funda.

— Que diz de irmos tomar chá no Plaza?

— Pingando agua desta maneira? O Plaza é um hotel, não é um aquario.

— Vamos para o meu apartamento, então, se não se importa.

— Tem goteiras?

— Não.

— Nem papagaios?

— Hum... não.

— Pois então vamos.

Pouco depois tomavam um taxi na 5ª Avenida. Theodore deu o endereço de uma casa da Rua 65ª.

A empregada abriu a porta e fez uma cara admirada. Theodore sorriu-lhe como quem pedisse desculpas.

"VOCÊ JÁ EXPERIMENOU TIRAR COISAS DOS OUTROS? POR EXEMPLO, UM PAPAGAIO?"

"Possuir Edgar seria para mim o cumulo da felicidade nesta terra," declarou o Presidente

— A chuva nos molhou, Eda, — explicou desnecessariamente. — Não poderia arranjar qualquer coisa de Mrs. Fisher para Miss... Miss...

— Laurie Rogers.

— ... para Miss Rogers vestir emquanto a sua roupa secca?

E, voltando-se para Laurie:

— Minha irmã está no campo, mas deve ter deixado muita coisa por ahi. E eu tambem vou mudar de roupa. Até já.

Afastou-se com um sorriso.

— Por aqui, Miss, — disse a empregada, com ar de desapprovação.

Quando Laurie reappareceu vestindo um vestido longo, que Eda lhe dera, encontrou Theodore em frente á lareira com um copo alto na mão.

— Estou ingerindo um pouco de alcool para crear calorias. Quer me imitar, ou prefere chá?

— Ainda estou tremendo.

E ella se approximou mais do fogo.

— Felizmente, a roupa de Margy lhe serve, — aventurou Theodore, depois que a sua hospede tomou o primeiro gole.

Laurie examinou o envolucro que a cobria.

— Sim, e é bonito, — disse.

Theodore limpou a garganta.

— Engraçado, não? Conhecermo-nos ha dois mezes e só hoje sabermos como nos chamamos.

A moça descansou o copo.

— Quer me dar um cigarro? Obrigada.

Inclinou-se para a chamma do isqueiro e depois fitou o rapaz com curiosidade.

— Estou pensando a seu respeito...

— Eu?

— Porque foi me esperar naquelle banco, com toda a chuva?

Elle olhou-a com surpresa.

— Ora, mas se me disse que fosse encontral-a.

— Comprehendo.

E depois de um silencio:

— Você é sympathico. Eu logo vi que era, naquelle dia. Foi por isso que tomei nota do encontro na folhinha, para não esquecer.

Theodore corou.

— Você parece um rapaz folgado, — proseguiu ella.

— Vou ao escriptorio tres vezes por semana, — defendeu-se Theodore.

— Hum. Comprehendo. E que faz do seu tempo vago? Isto é, quando não está apanhando chuva nos bancos dos jardins publicos?

— Ora... — sorriu Theodore.

E nesse momento exacto Laurie descobriu que, além de sympathizar com o rapaz, ella o achava o mais bonito de todos os homens que já conhecera. E resolveu consequentemente que não sairia mais de

— Era o que pensava, — disse ella. E de subito: — Já experimentou roubar?

O sorriso de Theodore desappareceu e seu olhar mostrou preoccupação.

— Você entende, sem duvida: escamotear coisas que não lhe pertencem, — explicou ella pacientemente. — Já fez? Sabe como é... Nunca ouviu falar em homens máos que entram pelas janellas das casas alheias e roubam joias e pratarias?

— Céos, de que está falando?

— Não se impressione. A pequena que você trouxe para a sua casa não vae lhe confessar que é ladra, que faz parte de algum "gang", nem nada que faça pensar num typo de Phillips Oppenheim. Só queria saber se lhe interessaria roubar um papagaio,

— Mas... por que? Se deseja um papagaio, compro-lhe um.

— *Se desejo um papagaio!* — e havia indignação no tom de Laurie. — Se me compra um papagaio, morro.

— Então por que deseja que roube um, se não o quer? — perguntou Theodore, tentando ser razoavel.

— Para me livrar delle, naturalmente.

* * *

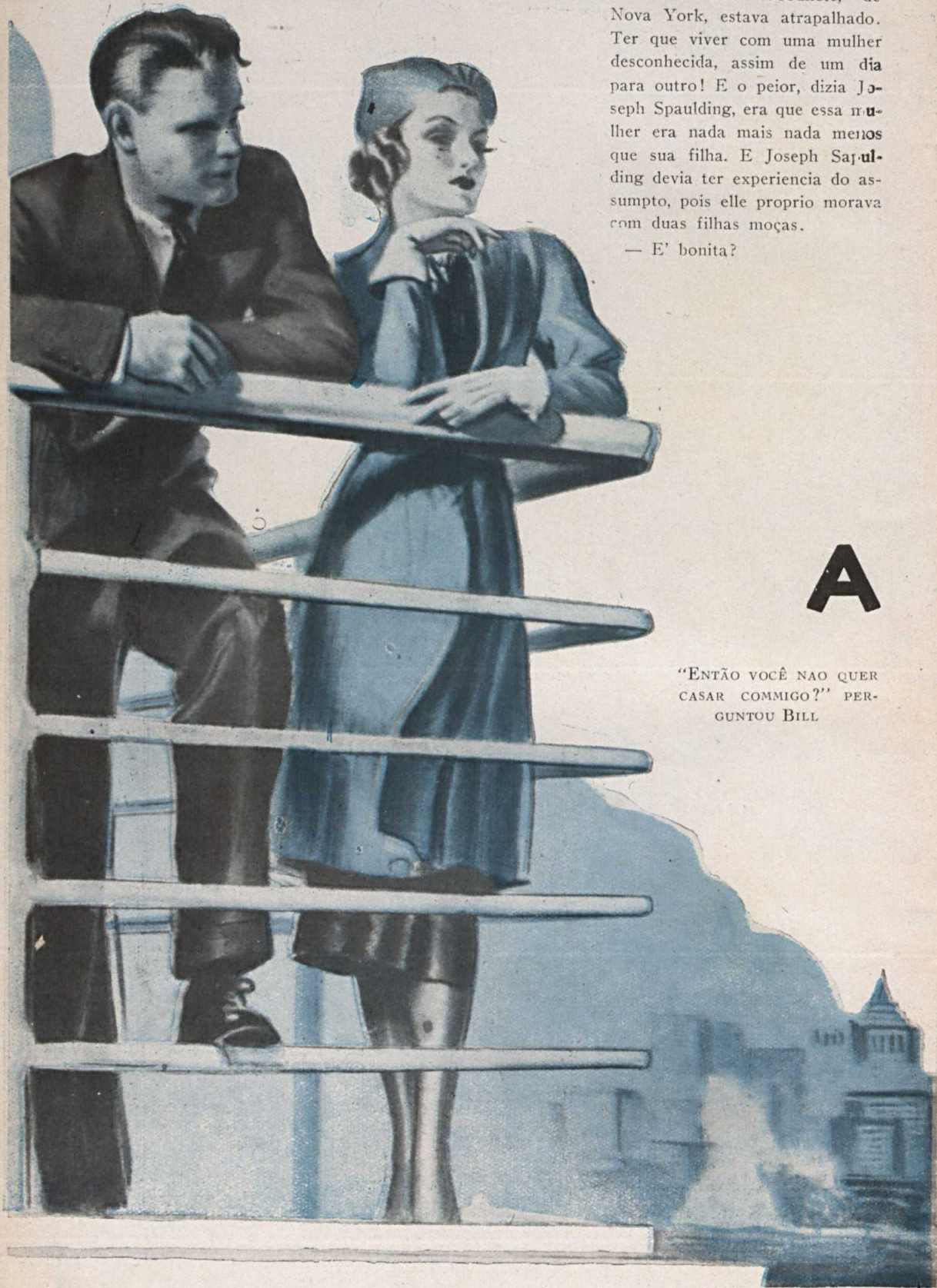
— Não estou entendendo nada. Acho que é melhor não roubar, porque assim você não precisará ter que se livrar delle depois... — Correu os dedos pelos cabellos. —

(Continúa no fim da Revista)

Mr. Waldon Woodhole, de Nova York, estava atrapalhado. Ter que viver com uma mulher desconhecida, assim de um dia para outro! E o peior, dizia Joseph Spaulding, era que essa mulher era nada mais nada menos que sua filha. E Joseph Spaulding devia ter experiencia do assumpto, pois elle proprio morava com duas filhas moças.

— E' bonita?

A

"Então você nao quer casar commigo?" perguntou Bill

— Se as photographias não mentem...

— Então V. não a terá pesando na vida por muito tempo, amigo. Ella ha de casar logo, sem duvida.

— Será difficil, encontrar marido em terra estranha... Porque minha filha é franceza.

— Mas como diabo se tornou pae assim de uma hora para outra, e loog de uma rapariga taluda, franceza, para cumulo?

— Dezenove annos realmente. Foi com quatro para a França, com minha mulher, de quem me havia divorciado. A mãe educou-a rigorosamente á franceza.

* * *

Denise Woodhole, cujo inglez era menos fluente que o seu francez e mesmo o seu italiano, debruçava-se na amurada do transatlantico que entrava no porto de Nova York.

Não, talvez não se casasse com **elle.** Formavam sem duvida o que as pessoas que podem se dar a esse luxo "par harmonioso". Até mesmo sua mãe, com uma certa relutancia, na verdade, havia concordado com o casamento — sim, a americana europeanisada relutara em admittir que um rapaz procedente de Plumtown, Illinois, embora com o verniz de tres annos de Oxford, pudesse casar com sua filha.

E lá vinha elle, agora, fagueirissimo.

— Então, tudo prompto?

— Tudo prompto. Mas estou com um pouco de medo de descer nessa terra que desconheço.

Denise fallara em francez, naturalmente.

— Você precisa ir praticando o inglez, já que é a unica lingua que falla seu pae. Nem se lembra dele, não é mesmo?

— Mal. Só sei que era muito alto... Mas ha quinze annos que elle deixou de ser gente para mim, passou a ser apenas um cheque mensal. A culpa é de mamãe...

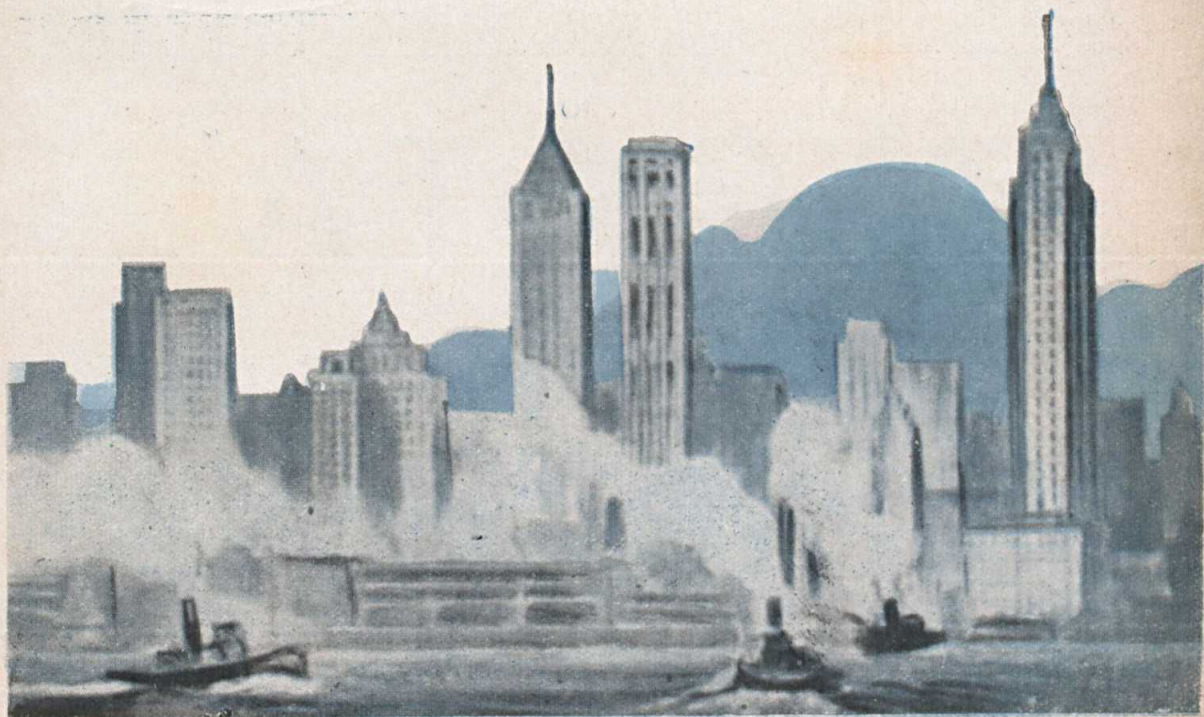
— Assim mesmo ella tinha toda a confiança nelle, pois que fez questão de que você viesse para junto delle. Elle deve ser um sujeito decente.

— Espero que sim, — disse Denise seccamente.

(Continúa no fim da Revista)

DESCONHECIDA

Conto de ELMER DAVIS

Illustrações de BRADSHAW CRANDELL

A GATA

GATA era negra como um corvo. E justamente essa qualidade é que a fazia requestada pelos marinheiros, os quaes acreditavam que ella lhes désse sorte. Não era bella, mas possuia um poder de seducção que levara desenvolvendo a vida toda afim de conseguir sempre o que desejava. Tinha oito annos de edade, e nesses oito annos viajara mais e se mettera em mais aventuras que qualquer ser humano de oitenta annos. Fornecera ao mundo quarenta e oito herdeiros.

Nascera a bordo de um cargueiro de carvão, o **Sultara,** durante uma tremenda tempestade que parecera querer dar cabo do navio. Sua mãe, côr de cerveja, dára á luz, em plena tormenta, a tres bichaninhos côr de cerveja, além da já citada Gata, que era no tom a unica coherente com a carga do navio. Um marujo, olhando a ninhada, resmungara:

— Desta vez, não teremos o trabalho de afoga-los!

Apanhara o bolinho de pello negro e, tendo-o na palma da

POR TODOS OS PORTOS DO MUNDO GATA IA DEIXANDO NINHADAS DE GATINHOS CÔR DE CERVEJA

Conto de MARZO DE LA ROCHE
Illustrações de Frank Goldwyn

mão, sentira uma onda de compaixão: que complicado mecanismo de orgãos minusculos e ossinhos frageis, envoltos em boa carne, a carne coberta de pello sedoso, o conjunto animado por um espirito tão vigoroso que já dez garras fininhas lhe perfuravam a pelle!

— Se arranjasse uma garrafa de bom tamanho, mettia-te dentro... e talvez de salvasses!

Mas a tempestade, milagrosamente, cedera. O mar serenara, o navio pudera ser submettido ao controle dos homens do mar. E todos concordaram em que haviam sido salvos pelo nascimento do gato preto.

O gato, pouco depois, foi identificado como gata. Não chegavam a um entendimento para lhe arranjar um nome. Afinal, depois de varias suggestões infelizes, passaram a chamar o bicho simplesmente de Gata.

Gata tinha uma cabecinha bem redonda, pequenas orelhas e olhos verdes, muito obliquos. Seus bigodes eram excepcionalmente longos, sobre uma bocca rasgada, que se arreganhava ás vezes para mostrar dentinhos brancos e ponteagudos. Sua cauda era farta, extraordinariamente longa, quasi nunca immovel — e feliz se sentia o marinheiro em cujo pescoço ella se enroscava.

Crescendo, Gata passou a reinar no cargueiro. Nada era bom demais ou excessivo para ella. Se o que desejava não lhe era immediatamente dado, ella subia ao pescoço do homem que a podia satisfazer e passava-lhe as duas patas deanteiras pelo pescoço, num abraço capcioso, fitando-o nos olhos, bem nos olhos. Se ainda assim elle não cedesse, então Gata mettia-lhe de leve as unhas no couro curtido do toutiço, numa massagem sabia. Em ultimo caso, ella mudaria de posição e enfiar-lhe-ia as garras com força nas coxas; e depois disso o resultado era infallivel.

Tinha um miado alto e vibrante, e quando se alongava sinuosa pelo tombadilho que honrava com a sua presença ia ronronando e fazendo alças variadas com o rabo — e um sentimento de confiança ganhava os corações dos marinheiros que a seguiam com o olhar. Foi um choque para a tripulação do cargueiro quando ella preferiu se transferir para um veleiro norueguez, por occasião da primeira prenhez. O commandante chegou a ter trabalho para persuadir os seus homens de que deviam levantar ferros assim mesmo. O caes de Liverpool foi antes disso varrido em todos os sentidos, sem suc-

GATA PULOU PARA O PEITO DE GREGG E METTEU-LHE COM FORCA AS GARRAS

cesso, para ver se Gata era encontrada. E a viagem decorreu toda por mar hostil e debaixo de um sentimento geral de inquietação.

* * *

Por essa época os norueguezes ainda não tinham ouvido fallar em Gata. Possuiam tambem elles um gato e não desejavam outro. Mas a seductora não teve difficuldade em conquista-los integralmente, e a viagem se tornou a mais feliz de quantas haviam feito. Quando atracaram de novo em Liverpool o immediato se gabou de Gata e foi ouvido por um marinheiro do **Sultara.** Gabou-se da sua intelligencia, do seu pello negro e luzidio, da sorte que ella dera ao navio.

A bordo do **Sultara** houve explosões de alegria ao se espalhar que Gata vivia, e vivia nas proximidades, de raiva ao se saber que os norueguezes do carnham. Os marinheiros do cargueiro de carvão foram visitar os estrangeiros e a viram com seus proprios olhos. Sim, era Gata. Dera á luz uma ninhada de gatinhos côr de cerveja. Mas os norueguezes não accederam em se desfazer della. Não, por coisa alguma se desfariam de "Katts".

Os marinheiros do **Sultara** porém, passaram a andar pelo caes com guloseimas nos bolsos. E uma guloseima apresentada em momento propicio bastou para que Gata pulasse ao hombro daquelle que a apresentara e o acompanhasse até o cargueiro, dando mostras de grande alegria ao rever a tripulação, que quasi chorou de felicidade por te-la recobrado.

Gata fez dessa vez duas viagens no **Sultara.** E depois desappareceu novamente, passando para bordo de um navio-tanque, que rumou para o Oriente.

E assim foi continuando a sua vida de variedade e aventuras. Gata escolhia um navio e fazia nelle quantas viagens lhe aprouvessem, mais provavelmente apenas uma. Mas sempre dava sorte aos navios que distinguia, e de quando em quando retornava ao **Sultara.** Poz ninhadas de gatinhos côr de cerveja em todos os sete mares do mundo, mas nunca teve filhos ou filha de sua côr. Era unica. Era Gata.

* * *

E agora, fim de fevereiro, Gata desembarcava em Liverpool de represso de uma viagem de seis mezes ao Polo Sul, no **Greyhound.** Aquella viagem, muito penosa para ella, constituira um dos erros da sua vida. Mas o commandante do navio expedi-

cionario voltava radiante, attribuindo todo o seu successo á influencia de Gata, que teve assim a reputação accrescida de novo brilho.

Bob, jovem marinheiro já velho no serviço do **Sultara**, encontrou-a em seu caminho e levou-a para bordo do seu navio, onde a largou no tombadilho.

— Tomem conta della, rapazes, ou talvez fuja antes de largarmos...

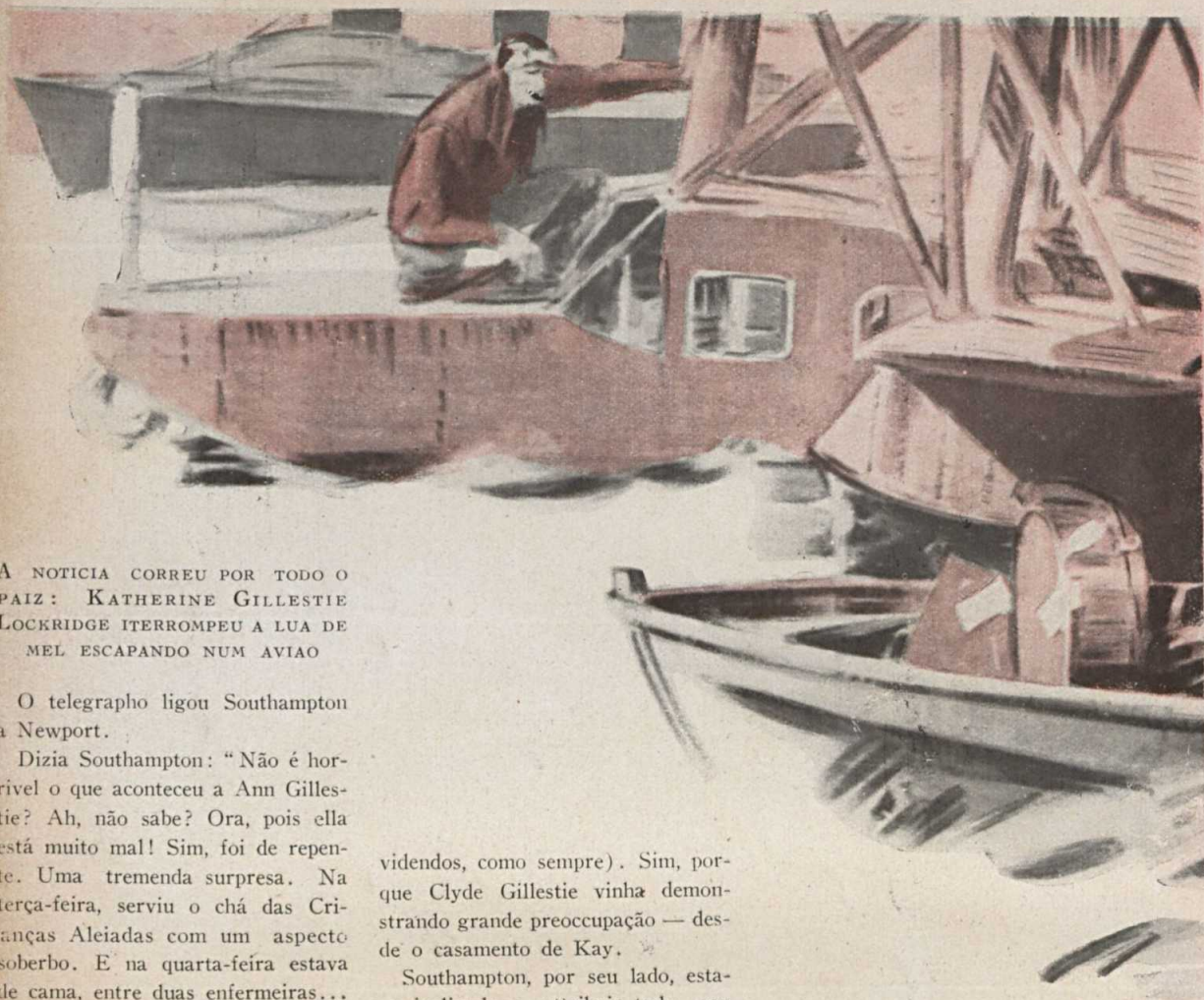
Gata acceitou o que lhe deram para comer e depois enrolou-se em bola sobre as quatro patas, tres das quaes presas no rabo em circulo quasi fechado, palpebras cerradas. Parecia dormir, não ver nada. Mas assim que o tombadilho só não ficou deserto pela sua presença, abriu os olhos, olhou em torno e fugiu de bordo em alguns saltos ageis.

Perambulou, vadia, pelo caes, e depois tratou de procurar pouso para dormir. Na expedição antarctica dormira todo o tempo junto á pelle quente de um robusto marinheiro. Afinal, descobriu um animal de olhar doce e cheiro forte dentro de um engra-

dado. Deslisou entre dois sarrafos do engradado e ficou num canto, fitando os chifres e a barba branca do animal. Depois de varios minutos nessa posição, subiu para o lombo confortavel do bod, pois era um bode, e fe-
do bode, pois era um bode, e fe-

(Continúa no fim da Revista)

A HER

Conto de ELISE JERARD

A NOTICIA CORREU POR TODO O PAIZ: KATHERINE GILLESTIE LOCKRIDGE ITERROMPEU A LUA DE MEL ESCAPANDO NUM AVIAO

O telegrapho ligou Southampton a Newport.

Dizia Southampton: "Não é horrivel o que aconteceu a Ann Gillestie? Ah, não sabe? Ora, pois ella está muito mal! Sim, foi de repente. Uma tremenda surpresa. Na terça-feira, serviu o chá das Crianças Aleiadas com um aspecto soberbo. E na quarta-feira estava de cama, entre duas enfermeiras... seu coração levara a bréca.

—Horrivel, — concordou Newport com compaixão, accrescentando que era extraordinario que o coração de Ann Gillestie se resentisse, pois todos sabiam que era um coração forte como o de um cavallo...

Onde Southampton admittiu, tambem, que a tal historia de coração era realmente estranha, sobretudo porque os medicos especialistas não haviam sido chamados — mas o bispo fôra. E os cuidados da medicina geralmente precedem os da religião, quando se trata realmente de uma perturbação de funccionamento do delicado orgão. Não parecia o mesmo a Newport?

Parecia. Newport achava isso e achava aquillo. Achava, por exemplo, que, em taes circumstancias, era um allivio saber que as acções da Gillestie Mining continuavam valorizadas. (Haviam rendido dividendos, como sempre). Sim, porque Clyde Gillestie vinha demonstrando grande preoccupação — desde o casamento de Kay.

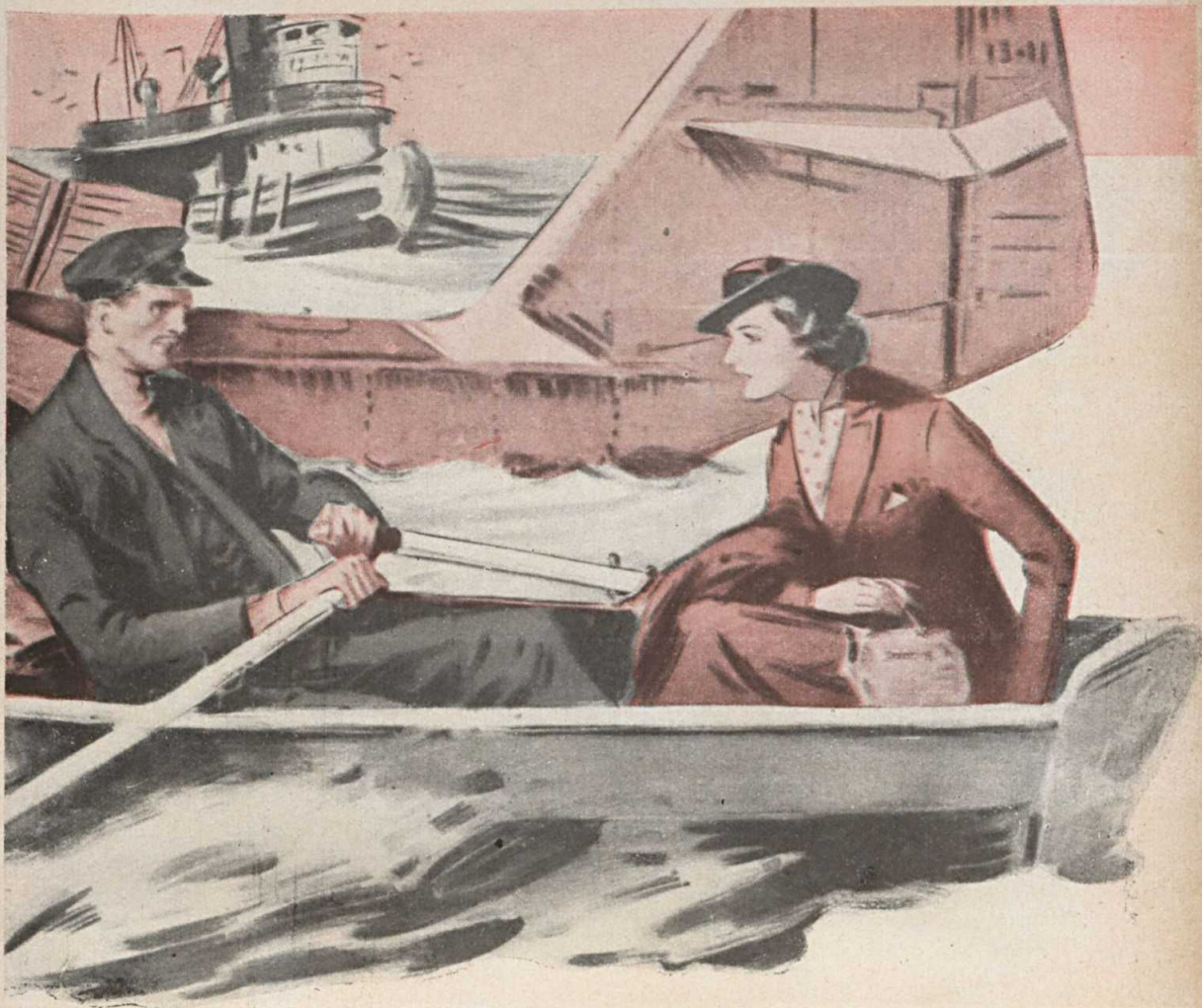
Southampton, por seu lado, estava inclinada a attribuir tudo que acontecia ao casamento de Kay. Apesar de que não transparecia nada de inquietante no que se sabia a respeito daquelle casamento, e se sabia muito, pois os jornaes não haviam poupado espaço para contar aos seus leitores o que acontece *Quando Uma Herdeira Se Casa!*

Mas até os peixes nos aquarios soffrem de attenções excessivas. E os Gillestes viviam ha muitos annos num aquario dourado e transparente. Só porque a pobre Kay era a quarta herdeira mais rica do mundo, quantas indiscreções haviam os jornaes commettido.

Na mesa da redacção de um dos taes jornaes, um homem em mangas de camisa estendia um cartão amarello e um outro, de chapéo inclinado sobre os olhos.

— Tome este passe e veja o que pode fazer. Parece que temos novidade no caso Gillestie. O *Normandie* atraca ás seis e dizem que ella vem nelle...

— Quem, a noiva? Mas se partiu nelle ainda no outro dia...

— Pois é justamente isto: está de volta. Procure fazer á empregada de quarto espirrar qualquer coisa, arranje-se, afinal...

DEIRA

Illustrações JOSEPH NUSSDORF

A dez minutos depois das seis a mesma noticia appareceu em todos os grandes vespertinos da cidade: "Katherine Gillestie Lockridge deixou o *Normandie* de avião ás tres e meia da tarde".

A 4ª HERDEIRA MAIS RICA DO MUNDO ABANDONA, EM AVIÃO, A LUA DE MEL!

E a noticia sensacional passou a ser o assumpto de toda a cidade.

* * *

Mrs. Braunstein, no Bronx, gritou pela janella á vizinha:

— U-u-u-u-h! Já soube? A tal pequena Gillestie, herdeira das minas, já está de volta! Casamento de gente rica é assim: ella deixou o marido! Veja os jornaes. E que bonito é o rapaz! Que será que ella quer? Um principe, talvez? Quantas exigencias, só porque tem muito dinheiro!

— O dinheiro é a fonte de todos os males, — murmurou o reverendo Homer Cuikshank, alhures, tirando os oculos e redigindo uma annotação para o sermão de domingo.

Mrs. Huey Martenson de Memphis, Tennessee, entretanto, achava-se em excellente situação para dar informações ao circulo do Ritz Bar, em Paris:

— Meus caros, — insistia, — então não hei de saber? Pois se viajei com elles e a minha cadeira ficava tão proxima das suas como estou agora de vocês! Era o casal mais *engraçado* que já vi. Elle, attencioso, carinhoso, occupando-se della todo o tempo... e tão bonito. Ella, um pedaço de gelo. Sim, um pedaço de gelo! Com o nariz todo o tempo mettido num livro. Que idéa, ler em plena lua de mel! E a camareira me disse que elle lhe mandava flores todas as noites. Ella, porém, não as usava nunca. — Huey, — disse eu (não foi, querido?), — ha qualquer coisa com esse casal...

Os dois rapazes e as duas pequenas, reunidos no Golf Club de North Shore, tambem não compre-

ELLA ACREDITARA QUE DICK A AMASSE E DO ENTANTO ELLE PENSAVA TODO O TEMPO EM OUTRA

hendiam — embora fossem todos seus amigos. Sobretudo Sandy Coburn.

— Mas se todos conhecemos Kay tão bem, — dizia elle, — e sabemos que ella é a melhor garota do mundo... Mas delle, o que sabemos?

— Fui eu quem o descobriu, por assim dizer... — declarou Margaret Marsdon. — Querem que lhes adeante alguma coisa?

Thereza Blaine disse:

— Elle descende de uma tradicional familia sulista, isto eu sei, pois elle mesmo me disse. O seu unico defeito, se fazem questão de lhe descobrir algum, é não ter dinheiro. Mas justamente o que é admiravel em Dick Lockridge é que elle tem todos os outros predicados deste mundo. Ora, Southampton só pas-

(Continúa no fim da Revista)

O PRIMEIRO BALÃO MILITAR

DA SERIE "AS ARMAS DOS HOMENS"

por H. BEDFORD JOHNES
Illustrações de Peter Kuhlhoff

Era um pedaço de seda grossa, com vestigios de verniz espesso de um dos lados. Examinei curiosamente o tecido e perguntei a Martin Burnside de que se tratava.

— O producto do bicho da seda, — replicou elle sarcasticamente, — empregado pela primeira companhia de aeronautica na historia do mundo.

— Ah!...

Martin Burnside, que collecciona armas e armaduras, só se interessa pelos exemplares mais significativas da sua capacidade. Dedica todo o seu tempo, toda a sua fortuna e toda a sua intelligencia á sua mania.

— Não sei bem o que seja, para dizer a verdade, — confessou elle logo depois. — Foi o dr. Chase, de Paris, quem me fez presente desse pedaço de seda, escrevendo ser um bocado do **Entrepenant**... Mas conheço pouco a historia das machinas que conseguem se alçar na atmosphera.

— O **Entrepenant**! — exclamei em voz abafada.

Martin franziu o sobrecenho:

— Sabe que diabo é ou foi isso?

— Naturalmente, — informei com superioridade. — Qualquer um sabe.

— Você não é qualquer um, — replicou o meu amigo com veneno no olhar. — Tamben recebi um certificado, juntamente com o retalho de seda, assignado por um tal Robertson. Carregue com tudo e veja se descobre se a seda merece ou não figurar na minha collecção. O certificado, aliás, é datado de

1811. E assim o balão não podia ter sido um balão militar.

— Ah, não?

— O primeiro balão usado em operações militares pertenceu ao exercito do Potomac, durante a Guerra Civil americana. O facto é bem conhecido. Os francezes projectaram empregar balões nas operações da Algeria, em 1830, e a Italia em 1850, mas ficaram só nos projectos.

Encarei-o com satisfação.

— Então não sabe que Napoleão levou uma corporação de "baloeiros" para o Egypto?

— Duvido que prove o que diz! — desafiou Martin. — Não póde ser.

— Posso provar o que affirmei facilmente. Mas isso não teria nada que ver com este pedaço de seda. Desencavarei o que ha a respeito do **Entrepenant,** desde que você me offereça metade do retalho.

— Ora, para que? — perguntou elle, desconfiado. — Você colecciona sellos, não colecciona armas.

— Para a minha collecção de correio aereo e lembranças aeronauticas, naturalmente.

— Feito, — concordou elle.

Levei o retalho de seda para casa, bastante exaltado, devo confessar. Procurei o documento que queria nos meus albuns de cartas e autographos. Tratava-se na verdade do fragmento de um documento que eu nunca chegara a entender. Continuava não entendendo, mas tinha uma idéa...

O papel era aspero e espesso como geralmente se usava no periodo de primeira republica franceza. De um lado havia parte de uma ordem de Saint Just, referente a um fornecimento para o exercito. Do outro havia uma annotação rapida, datada de "8, Messidor, 16h.30", assignada por um tal Beauchamp. Não era possivel deduzir nada do que se lia, mas assim mesmo eu guardara o papel por ter a assignatura do famoso Saint Just.

* * *

Como frequentemente acontece, um novo detalhe apparentemente isolado e inexplicavel serviu de coordenador de uma série de raciocinios e deducções. Consultei livros e archivos e aos poucos a charada ia adquirindo significação. A figura sanguinaria de Saint Just tomou fórma. A de Beauchamp emergiu das sombras do passado, avultando a meus olhos.

* * *

Uma invulgar collecção de heroes, aquelle exercito de Sambre e Meuse, combatendo na Belgica contra meia Europa, no anno de 1794. Homens pouco armados, mal equipados, frequentemente semi-nús, descalços, em absurda minoria, mas soberbamente conduzidos por Jourdan, o brilhante general da Revolução. Homens de todas as classes e de todos os typos: aristocratas que haviam sinceramente abraçado a causa da Republica; outros aristocratas que haviam fugido da guilhotina em Paris e se occultavam no seio do exercito; republicanos rudes e fervorosos que acreditavam fanaticamente na liberdade, na igualdade e na fraternidade. Todos elles lutando como heroes pela França, derrotando a onda austriaca invasora.

Beauchamp era jovem, ardente, e corria perigo de vida. Ninguem sabia que na realidade elle era o Barão de Selle de Beauchamp, incluido na lista de proscriptos de Paris, por cujo sangue a guilhotina tinha sêde.

Mas no acampamento da Bilgica, deante de Maubeuge, durante o verão de 1794, elle era um simples soldado da companhia de aviação, uma nova arma creada por decreto de 2 de abril: vinte e seis homens, sete officiaes e um balão, o **Entrepenant.** Construido pelo Dr. Coutelle, depois commandante da nova arma, o balão havia recebido uma capa de verniz que lhe permittia conservar o hydrogenio por diversas semanas (um verniz cujo segredo morreu com o seu descobridor). E Beauchamp, no seu uniforme azul, tinha perfeitamente salvaguardada a sua identidade de aristocrata.

Auxiliara o Dr. Coutelle a construir em Mauberge o forno e o apparelho que, por um novo processo, produziam o gaz para encher o balão. Duas vezes por dia o Dr. Coutelle, acompanhado pelo proprio Jourdan, elevava-se no balão para inspeccionar as linhas austriacas, transmittindo informações por meio de bandeiras, emquanto os homens da companhia de aviação seguravam os cabos presos á barquinha.

* * *

Ao cahir da noite Beauchamp se afastou do acampamento. Ia em direcção das barracas do 99, para falar á **vivandiere** do valente regimento do republicano.

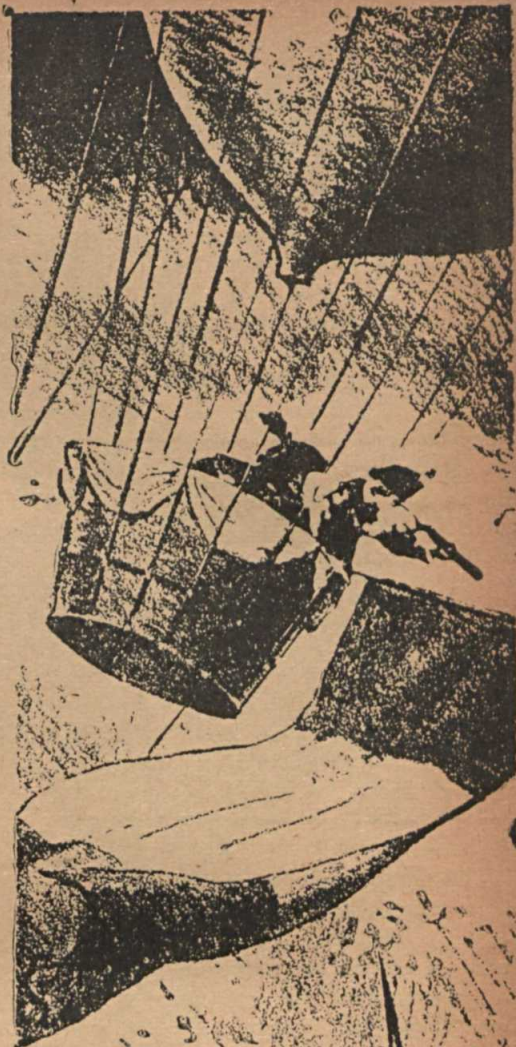
Fazendo parte tão integrante de cada regimento como os officiaes, soldados ou commandante, a **vivandiere** participava de victorias e derrotas, fornecendo aos homens cognac e minorando com cuidados e attenções o soffrimento dos feridos. A **vivandiere** do 99 era mais selvagem e altiva que em geral as de sua especie. Era jovem — era a sua primeira campanha. Caracoes esvoaçantes de cabellos castanhos emolduravam-lhe as feições delicadas e o olhar scintillante. "Morte aos aristocratas!" Essa phrase estava constantemente em seus labios. Como thesouros preciosos, dos quaes se gabava aos soldados, guardava um lenço manchado com o sangue de Louis Capet, uma mecha de cabellos da cabeça decapitada de Maria Antonietta. As palavras de ordem da Revolução vibravam nos discursos vehementes que ella costumava fazer, canta-

va o "Ça Ira" quando os homens marchavam. Suas mãos eram asperas, negras as suas unhas.

* * *

Mas á noite, á sombra dos muros do quartel, ao lado de uma pequena fogueira, ou numa esquina de duas ruas pouco frequentadas, era uma pessoa differente que falava baixinho a Beauchamp. Uma jovem occulta nas sombras da noite, de voz terna e grave, de resoluções desesperadas:

— Não, querido Joan, nós não existimos mais. Os De Courceys... lembra-se delles? foram denunciados. Já devem ter sido executados. A marqueza de Sceaux foi guilhotinada na semana passada. O filho della está no 71, é preciso avisa-lo. Agora que ella morreu, pooeremos desertar e procurar abrigo entre os austriacos. E cada dia o terror vae se approximando mais de todos nós. Andam examinando as listas do exercito para encontrar os aristocratas. Tenho que avisar sete officiaes...

— E' uma loucura, Louise! — exclamou o rapaz. — Pela ultima vez, ouça-me. Se descobrem que

na realidade você é Louise de Petin, filha do Conde de Petin, be msabe o que succederá. Póde ser reconhecida de um dia para outro.

A moça sorriu com amargura.

— Desafio que reconheçam a senhorita que fui na mulher que sou hoje! Não, meu caro, não insista. Você serve a Republica, acredita na Republica; mas eu a odeio com todas as forças da minha alma. E mesmo você, que a serve, não está por isso mais seguro. Já o preveni de que o Barão de Selle de Beauchamp está na lista negra. A Republica que você serve quer assassina-lo.

— Robespierre e Saint Justa servem a Republica, no governo de Paris. Mas eu sirvo a França. Como Thiebault e outros.

Ella puxou-lhe o braço:

— Avise-o, se puder. Elle está na ultima lista.

— Thiebault? E' impossivel! Elle está no estado-maior...

— Garanto-lhe que está na lista. E mais ainda. Saint Just em pessoa, o monstro, o criminoso de ultima especie, vae chegar como commissario do exercito. Commissario, isto é, com poder de vida e de morte sobre todos, desde o general Jourdan até o ultimo dos soldados. Elle pretende expurgar o exercito de todos os aristocratas. Já deixou Paris para aqui.

Beauchamp estremeceu.

— Saint Just! Mas eu o conheci nos velhos tempos.

— Como eu tambem. Aristocrata dos aristocratas, atirando-se á carnificina da Revolução, sedento de sangue; impiedoso, terrivel, fanatico. Saint Just, que mandou Danton para a forca, que mataria o seu melhor amigo sem piscar!

— Que lutou como um heroe com os exercitos do Rheno, — declarou Beauchamp sombriamente. — Que interrompeu as execuções de Strassburg e denunciou a corrupção...

— Que é intimo do sanguinario Robespierre! — replicou a moça. — E você ainda fala de amor entre nós? Não é possivel, Jean! Cada um de nós deverá seguir o seu caminho. Pelo menos, teremos a liberdade de ser sinceros. Mas cuidado! Se Saint Just o reconhecer você será um homem perdido.

Beauchamp riu.

— Que tolice! Elle não chegará a ver um simpçles soldado da aviação como eu. Esqueça os seus receios, Louise. Ouvi o general dizer que os austriacos estão levantando o cerco. Elle irá, nesse caso, para Carleroi, apertar o cerco de lá. E a nossa corporação irá com elle. Se nos separarmos...

— Nós nem existimos mais, garanto-lhe, — repetiu ella. — Avisa Thiebault, por favor! Não posso me approximar do estado-maior. Mas você deve avisa-lo ainda hoje. Adeus, querido.

Por um momento Beauchamp sentiu os labios della tocarem nos seus, um contacto frio como a morte e que fez passar um tremor pela sua alma. Logo depois ella se afastou na escuridão.

Beauchamp soltou um grito de desespero e lançou-se em sua perseguição. Mas não a encontrou mais.

Pelo menos, poderia fazer o que ella lhe pedira. Não era crime avisar homens bravos de que estavam para ser presos e assassinados de um momento para outro.

Postou-se nas immediações do acampamento do general, encheu o seu cachimbo de barro e esperou. Afinal um vulto alto sahiu para a noite. Beauchamp chamou de mansinho:

— Thiebault!

* * *

O official estacou, depois se approximou de quem o chamava. Beauchamp retirou o gorro. O outro reconheceu-o immediatamente.

— Venho avisa-lo de que está na lista para ser preso. Fuja hoje mesmo...

— Obrigado. Já esperava por isso, meu amigo. Partirei amanhã.

— Para a fronteira?

— Não! Para Paris. — E Thiebault uir. — Quando esses assassinos estiverem todos mortos eu ainda continuarei servindo a França. Adeus. Obrigado, novamente.

Sua prophecia se realizou: vinte annos mais tarde elle continuava á frente de um exercito, pela França.

Beauchamp recolheu-se á sua barraca. Ali, ao menos, estava livre dos espiões que infestavam as fileiras. Muito poucos daquelles que o haviam conhecido antes o reconheceriam presentemente — a não ser que, como Thiebault e alguns outros, estivessem no meu segredo.

* * *

No dia seguinte elle fez a sua primeira ascenção. O commandante Coudelle notara que elle era um homem de educação e conhecimentos e o distinguira. O digno scientista foi directo ao assumpto:

— Beauchamp, vou destacar o seu nome para que seja promovido. Não me interessa o seu passado: para mim, tanto faz que tenha sido um aristocrata ou um criminoso. Vae subir commigo e fazer os signaes. Parece que será formada uma segunda companhia de aviação. Farei de você um tenente.

Beauchamp acompanhou Coudelle. A terra foi fugindo de sob os seus pés. Os dois cabos presos á barquinha se subdividiam em varios outros até formar uma duzia, todos elles seguros em terra pelos homens da companhia. O balão subiu até uns trezentos e cincoenta metros acima das fortificações.

Coutelle, armado de um binoculo, observou as posições dos austriacos, para lá das linhas Ia dando instrucções ao subordinado, que fazia com as bandei-

ras os signaes de informação para os que estavam embaixo.

— Beauchamp, espere! — exclamou de subito Coutelle. — Parece que estou vendo um canhão voltado para nós. Ah, vão atirar!

Beauchamp olhou na direcção indicada.

— E se nos attingissem?

— Uma notavel experiencia. Vamos esperar, para ver no que dá.

— Mas eu não participo da sua curiosidade! — protestou Beauchamp.

Dois tiros quasi simultaneos abalaram o equilibrio do balão.

— **Vive la Republique!** — exclamou Coutelle. — A segunda quasi nos pega! Mas já sabemos onde estão localizados os canhões... Transmitta!

Coutelle, que acreditava na efficiencia da nova arma por elle creada, exultava. Foram quasi os ultimos tiros dos austriacos, aquelles contra o balão. Jourdan soube que o exercito da Austria, sob o commando do principe de Coburg, concentrava-se em Fleurus, perto de Charleroi, que os francezes procuravam desesperadamente conquistar.

E Jourdan partiu. Seu ultimo acto foi ordenar a Coutelle, que levasse o **Entrepenant** para Charleroi, com a maxima urgencia — e o balão devia ir cheio, pois em Charleroi não havia forno nem apparelhos para produzir o gaz. Em Fleurus se travaria a batalha que salvaria a França ou destruiria a Republica.

— Levar cheio o balão para Charleroi! — exclamou Coutelle perplexo. — Numa viagem de trinta e cinco milhas?

— Leve-o sobre um carro, — suggeriu alguem.

Beauchamp riu:

— Deixem que o **Entrepenant** vá por si! E de que maneira será melhor? Companhia, marche! Todas as cordas! O balão irá no ar, é simples. Por que não?

E por que não, realmente? As estradas estavam bloqueadas: pois os homens poderiam marchar pelos lados e o balão ir avançando pelo alto.

Durante a noite Coutelle fez com que prendessem varios cabos ao balão.

... da cidade era um problema: passar as linhas inimigas, outro.

Era um dia de calor suffocante. Os soldados enchiam as es-

tradas e por cima delles pairava o balão. Coutelle ia na barquinha, tomando apontamentos.

* * *

A viagem durou quinze horas. Até a infantaria teve duas horas de repouso, mas não a companhia de aviação. Depois de quinze horas, a chegada a uma fazenda nos arredores de Charleroi.

* * *

A partida se dera na madrugada. Ao pôr do sol desse mesmo dia, depois da chegada, houve uma ascenção.

No dia seguinte Coutelle subiu com o general Morelot, e Beauchamp acompanhou-os como signaleiro. O balão esteve dez horas no ar, nesse dia. E no dia seguinte, graças ás informações obtidas daquella maneira, Charleroi rendia-se.

Descançar? Não, com os diabos! Charleroi já estava nas mãos dos francezes mas Coburg vinha se approximando, sem saber de nada, commandando o exercito austriaco. O canhão já atroava os ares. A companhia de aviação, com o **Entrepenant**, foi transferida para um pouco mais longe da cidade, junto ao estado-maior. E travou-se a batalha que decidiria da sorte da França. Não só os austriacos della participaram, mas todos os alliados que se haviam reunido para conquistar a França.

Nascer do sol, e o rugir dos canhões. O exercito inimigo, em cinco columnas, marchava sobre Charleroi; sob o peso da artilharia, a marcha cerrada da infantaria e as patas dos cavalos de divisões inteiras de cavallaria, a terra tremia. Coburg commandava cento e vinte e cinco mil homens com os quaes pretendia arrazar o exercito de França.

* * *

A mil e duzentos pés da terar pairava o **Entrepenant,** o general Morelot observando e o proprio Coutelle transmittindo os signaes. No chão, Beauchamp recebia e respondia aos signaes; a seu lado estava o tenente Delaunay, da companhia. A pouca distancia achavam-se Jourdan e um rapaz de vinte e seis annos. Mais ao fundo viam-se os officiaes de estado maior e seus ajudantes, e a companhia de aviação.

— Mas onde está a nossa artilharia? — perguntava o rapaz que estava ao lado de Jourdan.

— Parece seriamente empenhada, general.

— Não, está esperando, — replicou sombriamente o general. Mesmo ao poderoso Saint Just, membro do Comité de Segurança Publica, o militar não explicava tudo que passava por sua cabeça.

Beauchamp, com o rosto manchado de pó e graxa para evitar o seu reconhecimento, ia executando mecanicamente a sua tarefa.

Saint Just não tinha apparencia soberba ou imponente; pelo contrario, em repouso, sua physionomia era doce e terna. Custava-se a admittir, vendo-o, que fosse um monstro de deshumanidade. Em dado momento, franziu a testa, observou o mappa e os apontamentos de Jourdan e voltou-se para o tenente Delaunay.

— Cidadão tenente, póde me arranjar um homem intelligente, de preferencia um que saiba escrever? — perguntou.

— Certamente, cidadão commissario, — replicou Delaunay. — Cidadão L'Homond! Venha substituir o cidadço Beauchamp. E você, Beauchamp, passa a ficar á disposição do cidadão commissario. — E fazendo a continencia para Saint Just: — Um dos nossos homens mais capazes, cidadão.

Saint Just inclinou ligeiramente a cabeça e fixou o olhar grave e melancolico em Beauchamp. Por um momento, os dois olhares se cruzaram. E então Saint Just sorriu.

— Tem com que escrever, cidadão? Naturalmente não. Venha para perto de mim. Eis aqui a minha pasta. Emquanto o exercito cumpre a sua tarefa, cumprirei tambem a minha.

Afastou-se para um lado com Beauchamp, abriu a pasta, retirou della um tinteiro e uma penna ed pato. Rasgou ao meio alguns documentos officiaes e entregou-os a Beauchamp, dizendo:

— Aproveite o reverso. Infelizmente, o papel para nós está se tornando um luxo.

— Que devo escrever? — indagou Beauchamp, sentindo os labios seccos e o suor frio da apprehensão, não o provocado pelo sol escaldante, molhar-lhe a testa.

— "Ao coronel commandante do noventa e tres da linha. Ordena-se que prenda e mande para Paris a **vivandière** do regimento, de nome Bargot. Ella foi denunciada como sendo uma aristocrata, Louise de Petin, espiã e agente do inimigo".

O suor pingava abundante da testa de Beauchamp, emquanto elle escrevia.

E outras mensagens do mesmo genero foram dictadas: ordens de prisões contra officiaes da lista negra.

— O ultimo, — disse afinal Beauchamp com um suspiro de allivio. — "Ao capitão commandante da companhia de aviação! Ordena-se que prenda o cidadão Beauchamp, da sua companhia, antes Barão de Selle de Beauchamp, que deve ser enviado a Paris para ser julgado como espião e trahidor."

Beauchamp escrevia. De subito, estilhaços de balas richochetaram perto, atirando terra sobre os papeis. Os homens da companhia de aviação gritaram: alguns deviam ter sido feridos.

— O inimigo nos poupa o trabalho de atirar areia sobre o que escrevemos, para seccar a tinta, — observou calmamente Saint Just, recolhendo os papeis.

E foi assignando as diversas mensagens.

Beauchamp murmurou em voz baixa:

— Já vejo que é verdadeiro o o que se diz de você, Saint Just.

O olhar profundo e grave do interpellado encontrou o olhar raivoso do interpellante.

— Tudo que se diz de mim é verdadeiro, — replicou serenamente. — Encarrego-me de fazer com que assim seja, cidadão.

— Cidadão para o diabo! — explodiu Beauchamp. — Porque essa comedia, Antoine? Aprazlhe torturar aquelles que já foram um dia seus amigos?

— Talvez, Jean.

E Saint Just tirou do bolso uma caixinha de rapé, aspirando cuidadosamente uma pitada. Um ligeiro sorriso passou pelos seus labios finos.

— Os homens cuja prisão você acaba de decretar estão agora mesmo lutando e morrendo pela França. Essa mulher que denunciou, você a conheceu muito bem em tempos passados.

— Quando eu era poeta e não politico, — e Saint Just sorriu. — E' verdade, Jean. Mas deante da Republica as amizades pessoaes não contam. O amor não conta. Eu me teria casado com essa mulher, se ella não o amasse, Jean.

Beauchamp ficou branco de raiva.

— Então essa é a sua vingança! — exclamou, rouquenha. — Porque ella me ama e eu a amo... esta é a sua vingança!

Nesse ponto approximou-se um official, informando de varias derrotas parciaes infringidas pelo inimigo. Saint Just ficou pallido.

— Seremos vencidos? — perguntou.

— Assim parece, cidadão commissario.

— O general Jourdan vae retirar?

— Não. O general permanece.

— Tambem eu. Tenha a bondade de informar o general. Cidadão Beauchamp, entrego-lhe as mensagens para que sejam levadas ao seu destino.

* * *

— A mim? — repetiu Beauchamp.

— Naturalmente. Como commissario, deixo-as em suas mãos para que as faça chegar ao seu destino.

— Tem a crueldade então de exigir que a sua vingança seja levada a cabo por mim? — perguntou Beauchamp, tremulo de odio.

O olhar sereno de Saint Just fitou-o: eram uns olhos escuros, illuminados por estranhas scentelhas de um intenso fogo interior.

— Para que leve a cabo a minha vingança, sim, — respondeu.

(Continúa no fim da Revista)

DEUS FEZ AS MAÇÃS VERDES

Conto de LOUIS PAUL
Illustrações de GUSS DRIGGS

Georgia Deggs puxou o gatilho. Uma mancha vermelha appareceu na camisa de seda azul do homem cahido. A rapariga de pelle escura vestida por um kimono endireitou-se e olhou Georgia com horror. Elle sorriu.

— A policia te pegará! — murmurou a rapariga.

Georgia sorriu para a mulher. Ella era bonita.

— Provavelmente, — disse.

— Vaes me matar? — perguntou ella.

— Claro que sim.

— Isso não se faz, — protestou ella.

— Talvez, — disse Georgia. E puxou de novo o gatilho.

A mulher cambaleou, sacudiu tristemente a cabeça e suspirou.

De um dos seus dedos o negro tirou um pequeno annel de brilhantes. Revistou os bolsos das calças do morto e dirigiu-se rapidamente para a porta, sem olhar para traz.

A gente da sala do andar de baixo tinha ouvido os tiros e corria para o local do crime. Entrou um policia e mandou que todos ficassem onde estavam.

Georgia procurou passar pelo meio da gente. Mas o official apontou-lhe a arma e deu uma busca pelas suas roupas.

Nesse instante o negro atirou-se de cabeça sobre o policia e passou rapidamente sobre o corpo cahido.

CORRIDA DESESPERADA

Alguem atirou nelle. Georgia correu, evitando os obstaculos, até que, quasi dobrado em dois, exhausto, refugiou-se num armazem em frente ao mar. A' noite, sombras fugidias de ratos e um cheiro de coisas podres aggravaram-lhe a insomnia. Ao amanhecer, tremulo de medo, Georgia olhou em torno, espiou o vigia que dormia e arrastou-se cautelosamente até um cargueiro com carregamento de trilhos de aço para Lima. Escondeu-se num bote salva-vidas coberto por uma lona, faminto, mas com uma grande sensação de segurança.

Estava contente pela morte de Joe Gibbs e de Angel. Mas tambem era certo que morreria logo de fome e de calor.

Ainda desconfiava que a policia tivesse avisado os commandantes e esses mandassem revistar os navios que haviam largado o porto de S. Francisco.

Sim, estava contente por ter dado cabo de Angel Deggs. A terrivel angustia que foi para elle o descobrimento da sua infidelidade ainda o martyrizava. Ella merecia a morte, tão certo como ter Deus feito as maçãs verdes. Isso era certo. Deus havia feito Angel, elle ainda a amava. Não fosse assim, ter-lhe-ia tirado a vida? E no emtanto estava content ecom a morte della. Dormia com intermitencias, procurando ouvir a sirena. Quando ella tocasse pela segunda vez, já poderia ver o reflexo do sol nascente. Olhou para fóra e um sorriso desanuviou a sua expressão sombria ao vislumbrar a costa fertil e opulenta que apparecia na direcção da prôa.

Ha umas quatrocentas milhas de céo azul entre Los Angeles e a bahia de S. Sebastian Vizcaino, na Baixa California. Além de S. Quintin a costa é vulcanica, bordada de penhascos e com esplendidas praias para nadar. Os tubarões e outros monstros marinhos são os donos dessas aguas. Do tombadilho do navio a costa selvagem tem um encanto allucinante: a Baixa California é um horizonte de azul suave e de collinas amarellas. Enormes passaros voavam á distancia. Algumas gaivotas de plumagem branca esvoaçavam sobre a costa. Debaixo dagua nadavam a arraia e o peixe espda.

Georgia teve a sensação physica da liberdade; vencera a morte em imaginação, o que lhe dava coragem. Deslisou até a amurada, conteve a respiração e atirou-se agilmente ao mar. Nadou facilmente as poucas milhas que o separavam da costa, sem pensar nos tubarões. O cargueiro continuou a sua marcha para Lima.

Georgia deteve-se sobre um penhasco numa praia deserta e selvagem e contemplou por instantes o espaço. Foi tomado de subita loucura. Uma machina girava em sua cabeça. Bateu na cabeça com furia e atirou-se soluçando ao chão.

Pouco depois, levantou-se e correu desvairadamente até perder as ultimas energias. Caiu pesadamente na areia. Quando recobrou a consciencia, achou-se só e livre. Tinha um mundo á sua disposição. Era rei de si mesmo e dono do universo.

— Santo Deus! — exclamou, assombrado. — Sou livre como seis macacos. Ora, se sou!

No chão havia sardinhas frescas levadas pela maré, ao alcance de sua mão. Grandes conchas de ma-

riscos adheriam ás pedras, sob as arvores, onde tambem se viam ostras em profusão. Distinguiu o reflexo dos peixes que nadavam ao longe. E pensou em como eram tolos os homens que suavam nas fabricas emquanto aquelle paraiso existia somente para elle; nos homens que soffriam o risco de ser condemnados á morte, de morrer de fome e de frio, de enfrentar toda especie de desgraças.

— Sou mais feliz do que seis macacos! — disse de novo, emquanto recolhia molluscos para o farto banquete que preparava para si mesmo.

As succulentas almas salgadas daquelles animaes causavam-lhe uma certa volupia ao cair no seu estomago faminto. Encontrou sem difficuldade uma pedra com que fazer fogo. A noite descia rapidamente e o conjunto dos penhascos atrás delle punha na paisagem a nota symphonica dos gritos dos passaros que ali se abrigavam. Depois, uma quietude sem macula des-

ceu sobre o mundo. As ondas acariciavam silenciosamente a areia.

As estrellas illuminavam um céo incrivel. Um raio de luz branca clareou o mar negro e desappareceu repentinamente no nada. E depois desse, outro. Por que caiam tantas estrellas? Seriam ellas as almas de Joe e de Angel? Não, as viboras não têm estrellas por almas. Adormeceu, repetindo um estranho pensamento sem significação para elle:

— Deus fez as maçãs verdes.

MANHÃ REVELADORA

A manhã surgiu por entre as collinas, com offuscante claridade. O corpo do negro reluzia como um espelho ao sair dagua. Ouvia-se o canto dos passaros azues que procuravam o alimento matinal. O mar tornava-se alternativamente castanho e amarello, verde e azul, como um camaleão. Na garganta de Georgia vibrava uma canção tão irresistivel como o movimento do oceano. Cantou. E começou a cortar juncos para construir uma cabana. Talvez alguma actividade antiga dos seus antepassados guiasse os seus dedos ao collocar as palhas verdes sobre as folhas de palmeira, para que seccassem, e ao fazer uma esteira fresca de folhas.

E os dias passaram. Os pulmões de Georgia começaram a expandirse. Uma doce e preguiçosa languidez invadia-lhe os musculos. Trabalhava só para si mesmo. Certa occasião, viu uma vela sobre o mar. Movia-se perto de um porto abrigado. Engraxou o revólver com azeite de peixe e o deixou ao alcance da mão; ainda tinha quatro balas. Se aquelles homens o viessem buscar, morreriam alguns. De vez em quando via a columna de fumaça que subia de algum navio. Ainda que pudesse embarcar livremente, teria recusado. Só um tolo foge do paraiso.

A civilização não era mais do que temor, luta, prisão, escravidão, morte. Ali tinha absoluta liberdade, alimento abundante, a possibilidade de nadar e de pescar e nada que o affligisse ou preoccupasse. O que lhe faltava era apenas companhia humana, mas o que isos significava era uma Angel infiel e um perfido Joe. Mesmo agora pensar nelles lhe produzia um tremendo estado de ansiedade. Odiava aquelles corpos mortos. O frio dos olhos de Angel era tão doce. Esperava que ella estivesse agora consumindo-se a fogo lento no inferno, invejando-o. Cantarolou uma melodia, emquanto continuava fabricando um pente com espinhas de peixe.

Mergulhou na agua em busca de outras e explorou as redondezas, recolhendo alguns mariscos frescos para a sopa. Estes eram indiscutivelmente saborosos, mas para um paladar exigente as ostras grandes e tenras são incomparaveis. Comem-se sem esforço e produzem uma musica doce no estomago. Ellas... deixou escapar um gemido involuntario. Seus maxillares estallaram. Seu cerebro se encheu de estrellas. Ficou de bocca aberta e logo tirou a perola dos dentes. Sua admiravel perfeição o fez esquecer o queixo dolorido. Georgia a havia mordido violentamente.

Era uma perola magnifica, maior e mais bonita do que todas as que elle tinha visto expostas nas vitrines das joalherias.

Uma pequena sensação de cocega nervosa fez-lhe tremer o corpo. Era como a alegria que tinha experimentado ao possuir Angel.

UMA PEROLA EXTRAORDINARIA

Sentou-se na praia e contemplou a perola longamente. Rolou-a entre os dedos, encostou-a ás faces, collocou-a deante dos olhos, na areia. A caricia fria e dura deu-lhe uma satisfação indescriptivel. Dominado pelo seu feitiço como se ella fosse uma feiticeira viva, abandonou-se por completo á emoção que ella lhe dava.

Georgia levou muito tempo sem encontrar outra perola. Não procurava perolas, como tambem não havia procurado mulheres quando Angel o amara.

Bastava-lhe apenas essa primeira alegria para estar satisfeito; além disso, tinha descoberto uma maneira nova de caçar patos. Fluctuava sobre folhas de palmeiras, sem mover-se. As aves se approximavam para bicar algum pedacinho de alimento terrestre. E elle, com um gesto rapido, tomava nos dedos longos o pescoço da ave assustada. Com ella podia fazer um optimo prato, acompanhado de sardinhas, ostras, mariscos, lagostas do mar e sopa de molluscos.

A segunda perola foi menor que a primeira e não tão bella. Aquella tinha conseguido trazer-lhe lagrimas aos olhos. O coração da enorme perola era tão frio como a alma de Angel, mas a sua superficie irisada era como a carne seductora de uma mulher é visivelmente depravada. Não tinha a seducção feminina que pode arrastar para o inferno a alma de um homem, nenhum desejo potencial que solicitasse de um amante que lhe esmagasse a magnifica belleza. Repentinamente uma chamma illuminou-lhe o cerebro. Com aquelle thesouro poderia comprar o seu direito á liberdade e á civilização!

VICTIMA DA LOUCURA

Uma especie de loucura apoderou-se delle. Deixou de lado toda a actividade para dedicar-se á pesca de ostras, expondo-se a todos os perigos imaginaveis; mas teve a sua recompensa. As perolas se multiplicaram. Fez uma pequena bolsa onde as guardava e que levava sempre junto ao corpo, pois o perseguia a idéa de que uma quadrilha de ladrões a arrebataria. Nada disso aconteceu. Uma vez, ao chegar Georgia á superficie com a rêde cheia de ostras, um passaro horrivel o cobriu com as asas pegajosas. Depois de uma dura luta, conseguiu livrar-se da morte. Accendeu um grande fogo. Já não o interessavam as magnificas paisagens, os pas aros vermelhos ou a caça de aves succulentas. Acaso não tinha em seu poder perolas do valor de milhares de dollares?

Com ellas poderia pagar a viagem para fóra do inferno. Contava mais ou menos com uma embarcação de nativos que havia observado de vez em quando na distancia.

Passou-se muito tempo. Novas perolas se juntaram ás anteriores. Nenhuma embarcação de nativos se approximava da praia. Durante mezes interminaveis Georgia permanecia contemplando a distancia azul.

Não tinha meios para perfazer as cincoenta milhas que faltavam para chegar ao primeiro porto abrigado, um povoado mexicano onde se realizava o negocio das perolas. O Pacifico deslumbrava-o. Georgia cantava sempre uma melodia dissonante, sem sentido e terrivel pela maneira pela qual a cantava: "Deus fez as maçãs verdes! Deus fez as maçãs verdes!" Na obscuridade dos céos luziam as estrellas. N negro começou a morder o dorso da mão. A dor era agradavel. Sonhava com carne vermelha. Queria beijos de mulheres. Gritou para ouvir a propria voz. O mar vinha até elle rythmicamente. E elle o maltratava com os pés.

A' noite o terror veiu da floresta e bateu nelle com os seus dedos frios. Uma espiral de fumaça que se elevava na distancia parecia-lhe um phantasma de "djinn" que se risse. O sol queimava e contraia-lhe os intestinos. A terra sussurrava qualquer cõisa em lingua africana, ao rythmo de tambores. O vento e a chuva açoitavam-lhe a carne, as gaivotas coçoavam delle. E elle cantava: "Deus fez as maçãs verdes! Sim! Como cinco macacos pequeninos!" Derramou as perolas na mão. Dentro de cada uma havia o reflexo minusculo de uma mulher formosa que morria. Todas ellas repetiam sem cessar: "Isso não se faz". Sorria, dizendo: "Talvez". Mas de repente fez fogo e atirou o revólver nas cabeças que se sacudiam tristemente. Todas, menos a primeira; aquella era casta.

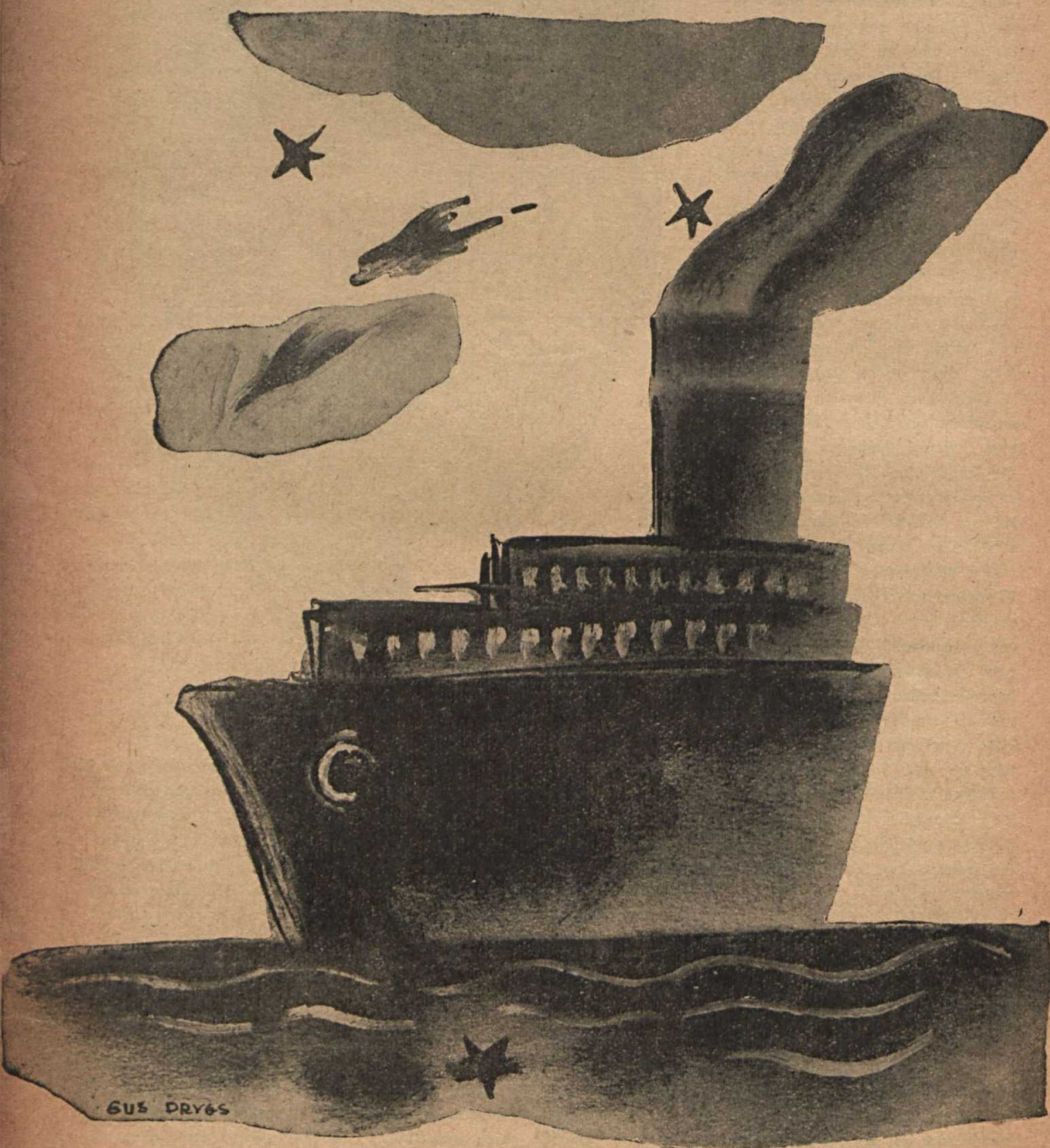
LIBERDADE DESLUMBRADA

Depois de um esforço heroico, Georgia conseguiu libertar-se da loucura. Não podia continuar assim. Um dia poz agua no fogo. Estava de novo faminto. Comeu uma grande ostra, extrahindo-lhe a perola com um gesto ausente e pondo-a ao lado. Sentou-se na praia e atirou a rêde ao mar. Estava cansado. Era uma manhã brilhante e aprazivel. Seus olhos doiam de tanto olhar o nada. Accendeu novo fogo para cozinhar alguns mariscos. De repente, viu um "yacht" de pesca que se movia em torno do penhasco que assignalava o porto. Era uma embarcação bellissima, cujas velas se balouçavam ao vento, á medida que o navegante o fazia bordejar. Georgia esperou um momento, até se convencer por completo, e depois apertou o ventre para certificar-se de que ainda estava ali a bolsa com as perolas. E então ouviu-se um grito magnifico. Agitou freneticamente os braços. E, num salto, atirou-se á agua, nadando rapidamente para o veleiro que se approximava da terra.

Por sobre as ondas que lhe acariciavam as faces viu que a prôa do barco se acercava. Dar-lhe-iam dinheiro por algumas das suas perolas e o levariam para onde pudesse dispôr das outras. Deus tinha feito as maçãs verdes, era indiscutivel, pensou, exultando de gozo. Mas o "yacht" virou para o lado.

Deggs gritou com todas as forças, agitando-se loucamente. Atirou-se furioso para a frente, num esforço para se tornar visivel á gente do navio. Afinal, comprehendeu o que acontecia. A embarcação tinha virado simplesmente para tomar outro rumo, e não com o objectivo de entrar no porto. Georgia mudou de direcção, nadando desordenadamente, numa ultima esperança de poder ser visto pelos occupantes do "yacht", gritando, agitando-se, chorando. Finalmente, esgotado, poude distinguir o navio que se afastava.

Olhou em torno, mas a praia parecia ter desapparecido. Seu corpo se retorcia de dôr, pelos tremendos esforços realizados. A linha branca da praia ondulava incertamente ante seus olhos.

Offegava. Poz a mão sobre o ventre, para apalpar as perolas; ali estavam. Parecia que alguma coisa o attrahia para o seio do mar rugidor. Tratou de respirar, mas a agua verde penetrou no seu corpo e na sua cabeça começaram a girar milhões de estrellas. Fluctuou levemente, sem esforço. A morte parecia bella e inesperada. Uma encantadora apparição coberta de um véo branco parecia envolvel-o. Tinha o rosto de Angel. De repente, não se lembrou de mais nada. No logar em que Georgia Deggs afundou no mar ficou apenas um tranquillo circulo de espuma azul.

O TERREMOTO

Conto de ERNEST ERICH NOTH
Illustrações de AUSTIN BRIGGS

Peter e Hans arrastavam a pesada marmita pelos corredores da prisão central quando se produziu o primeiro estremecimento. Um ligeiro tremor percorreu as espessas muralhas e os degráos metallicos da escada; o reboco se desprendeu, uma chuvinha fina de pó cahiu e durante alguns segundos pareceu que faltava o solo debaixo dos pés dos prisioneiros. Estes deixaram cahir bruscamente a marmita e trocaram um olhar de entendimento que não escapou ao guarda que os seguia.

— Continuem! — gritou elle, severo e ameaçador.

Os presos não se mexeram. Um segundo estremecimento abalou perigosamente o immenso edificio. Em suas cellulas, os detidos começaram a se agitar, ouvindo-se gritos que annunciavam um começo de panico. Punhos fechados martellavam as portas de ferro solidamente fechadas a chave.

— Abram, deixem-nos sahir! — ouviu-os Peter.

Hans se havia atirado ao chão e gemeu:

— E' um tremor de terra... Vamos morrer todos!

— Parem! — ordenou o guarda, com voz no emtanto incerta, quando viu que Peter se approximava, prompto a aproveitar a opportunidade offerecida pela catastrophe que acabava de estallar e sabendo que os segundos que se seguiriam decidiriam da sua vida e da sua liberdade.

O guarda empallideceu, seus olhos brilharam de modo, apalpou o cinto e puxou do revolver.

— Alto! — exclamou. — Ou então...

Peter se abaixou para saltar. Sentiu por um momento uma estranha piedade por aquelle homem que tinha que matar, aquelle homem que se interpunha entre elle e a liberdade.

— Dê-me as chaves, — disse duramente.

O guarda ergueu a arma. Mas Peter já estava sobre elle, rapido como o relampago; fez cahir o revolver; o tiro escapou mas a bala foi se metter no tecto. A luta foi curta e desegual.

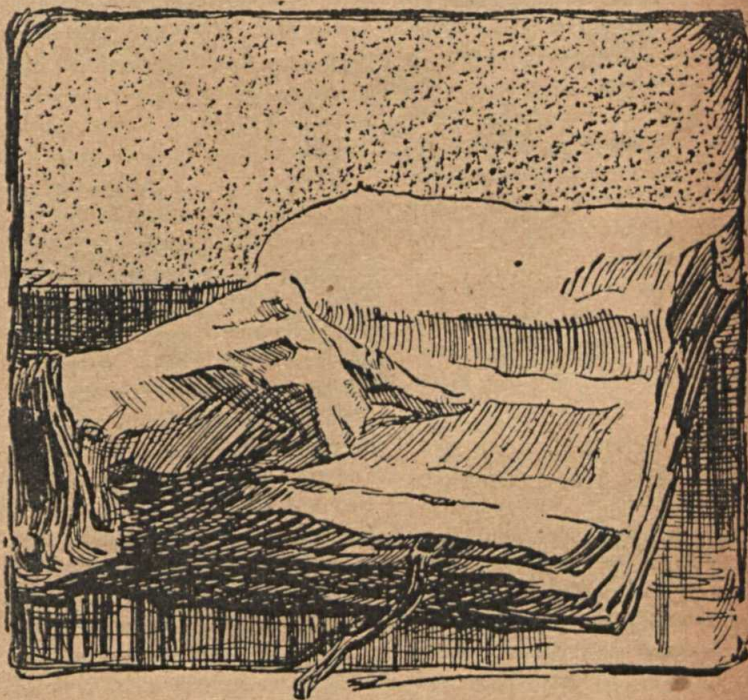
Quando Peter apertou o pescoço do adversario não poude deixar de pensar na mulher cuja garganta tivera assim entre as mãos, dez annos antes... Afastou essa recordação e recobrou a calma. Calculou friamente as suas possibilidades de fuga. Despiu a farda do guarda morto e vestiu-a sobre o seu uniforme de preso, collocou na cabeça o kepi que havia ido parar longe no decorrer da luta e se apossou do molho de chaves e do revolver.

Equipado dessa maneira, deu um violento ponta-pé em Hans que, sempre acocorado no chão e paralysado pelo terror, havia assistido de olhos arregalados ao combate.

— Saia dahi! — gritou-lhe, preparando-se para fugir.

Estava quasi certo de ter o caminho livre, graças ao panico, e resolvido a abrir passagem de qualquer maneira caso fosse reconhecido sob a farda ou alguem quizesse se oppôr á sua passagem.

Um estremecimento mais violento, seguido de grande fragor, derrubou-o: uma ala da prisão havia ruido. Gritos dos feridos e moribundos, os gritos mais atro-

zes ainda dos prisioneiros que se viam fechados nas suas cellulas, na divisão á qual pertencia Peter, a unica que resistira ao desastre. O clamor dos presos se tornava intoleravel. Peter dominou-se e tomou uma resolução: correu pelos corredores, abrindo todas as portas. Os detidos, titubeando, sabiam e se despejavam pelas escadas abaixo, os degráos desfazendo-se sob seus pés. Na ultima cella aberta por Peter havia uma rapaz muito novo encolhido num canto, manuseando um rosario e balbuciando palavras incoherentes:

— O juizo! O juizo final! — gritava.

— Para fóra! — ordenou Peter.

O preso não o ouviu. Quando Peter o empurrou para a porta elle oppoz um resistencia feroz. Peter, dando de hombros, teve que abandona-lo; não havia tempo a perder.

Desceu pela escada a meio destruida e attingiu a porta principal deante da qual um pequeno grupo de presos se havia reunido, tentando derruba-la com um furor impotente. Os guardas que haviam escapado ao desmoronamento e á colera dos presos tinham se posto ao largo, sem esquecer o cuidado de leixar fechada a grande porta da prisão. E as chaves de Peter não serviam ali. Afinal, com as forças duplicadas pelo temor da morte e pela colera crescente, uniram-se todos num ultimo esforço para vencer o obstaculo; a pesada porta, gemendo, foi arrancada dos seus gonzos; a massa de prisioneiros se precipitou com impeto para o espaço e a liberdade.

— Todos ao porto! — gritou Peter.

Mas o instincto já havia inidicado a todos aquelle mesmo caminho. Deviam aproveitar os breves momentos de panico para apoderar-se de um navio e nelle perfazer a travessia de dois dias que levaria á terra firme, á terra de onde seria possivel alcançar a liberdade. Peter observava os companheiros correndo como um bando de animaes selvagens; permaneceu um instante para traz, contemplando-os.

Via a cidade na distancia; elevavam-se columnas de fogo e fumaça, a catastrophe devia ter sido tremenda. Via os evadidos correrem pelas ruas em ruinas, todos com o mesmo objectivo: alcançar o porto. Teve um sorriso de despreso, ergueu os braços e saudou com um grito rouco o cháos que via a seus pés.

Atirou-se á corrida mais desabalada que lhe permittiam as pernas. Mas notou immediatamente que avançava mais lentamente do que a sua tremula impaciencia podia aguentar. Dez annos de prisão haviam enfraquecido o seu corpo. Perdera o habito de correr. Sua respiração se tornou offegante, as pernas e as costas lhe doiam. Haviam-lhe roubado dez annos de vida, os melhores...

Não fôra feito para permanecer inactivo, encarcerado, sem o céo sobre a sua cabeça, sem a ponte de um navio sob os pés, sem o vento que silva nos ouvidos. Começára a navegar muito cedo. A agua, a tempestade, o sol, o céo, um trabalho duro, a luta, o perigo... Passara dez annos arrancado do seu elemento.

Dez annos de cadeia!... Se houvesse ouvido o que lhe diziam os mais velhos de bordo: "Um marinheiro não se deve casar!"

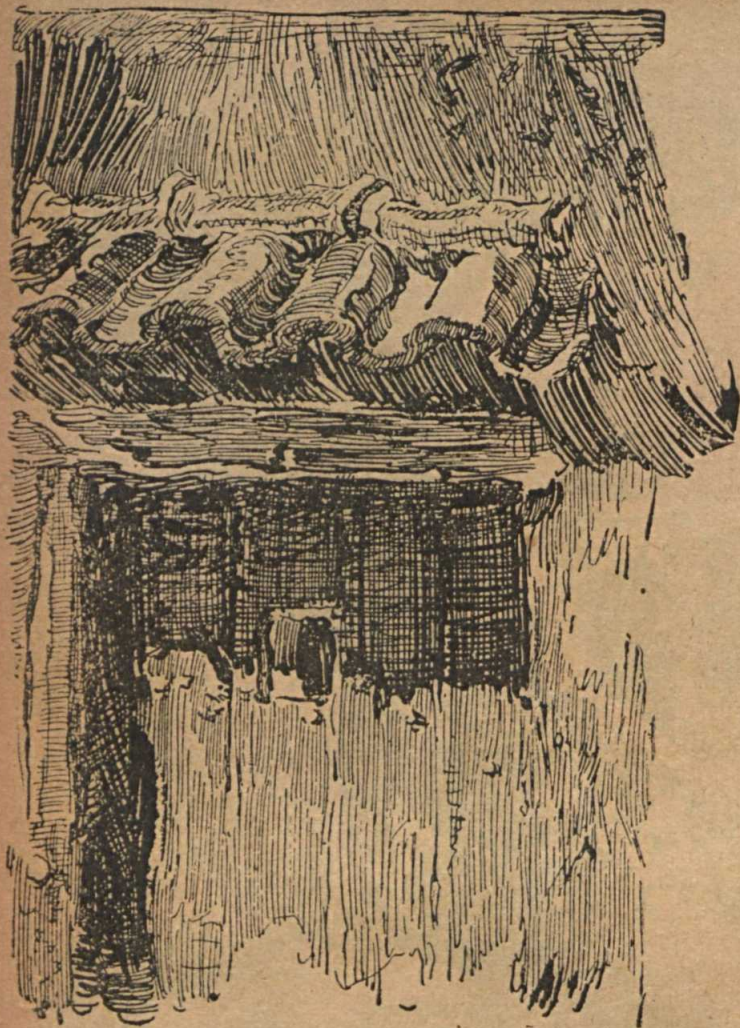
Mas elle amava Mercedes e rira de todas as advertencias. As lagrimas della haviam sido falsas por occasião da sua ultima partida, o braço fingido? Simulado o desespero, ao lhe dizer adeus?... E pouco depois o naufragios dez horas sobre as ondas; salvo, afinal, e o regresso prematuro, antecipado de varias semanas. Apenas desembarcado no porto natal, sua pressa de ve Mercedes, sua impaciencia de surprehende-la, de aperta-la nos braços: "Aqui estou, salvo... para ti!" E logo depois, enfiar a lamina de aço no corpo do homem, o que havia sido facil, o que havia sido uma libertação... Mas Mercedes! Como gemia... Não de medo! Ah, se houvesse sido de medo! Mas de dor deante da morte daquelle a quem amava. "Assassino!", havia sido a ultima palavra que sahira de seus labios antes que a estrangulasse. Depois se entregara á policia. Imbecil!... Dez annos... E ainda teria que passar o resto da vida na prisão...

Ia avançando em suas recordações e antecipações, sentindo cada vez mais profundamente o balsamo deste pensamento: **ser livre.**

Na rua principal, ia andando com difficuldade. Os sobreviventes corriam gesticulando, lutando, puxando-se uns aos outros, sem se preoccuparem com os soffrimentos dos abandonados, dos feridos, pisando nos cadaveres. Quasi todas as casas haviam sido destruidas; fogo e fumaça por toda parte. Creanças olhando, inconscientes da tragedia. Refugiadas em recantos, outras chamavam chorando pelos paes. Mulheres e mães vagavam por entre os escombros, familias reunidas por milagre depois de se haverem desgarrado abraçavam-se effusivamente e tratavam de fugir; pessoas curvadas sob o peso de mil objectos inuteis que haviam recolhido ao accaso; lá uma velha carregando uma gaiola com um passaro, aqui um homem levando na cabeça uma commoda e uma mesa. A brusca irrupção dos presos na rua principal provocou novas desordens entre a população enlouquecida.

— Os presos! — gritavam com terror. Os presos estão soltos!

O grupo de evadidos ia abrindo caminho, reconhecidos facilmente pelos numeros impressos nas costas de seus uniformes rasgados e sobretudo pela brutalidade com que distribuiam soccos para andar mais depressa; tinham muito mais que salvar do que a vida nua e miseravel; somente uns poucos inconscientes, esquecendo-se do tempo, penetravam nas casas que continua-

vam de pé para saquear e revistavam systematicamente os bolsos dos feridos e mortos, esperdiçando assim os preciosos minutos que os separavam da hora bemdita em que alcançariam um navio salvador.

Peter ficou inquieto; apesar do despreso absoluto pelas victimas que encontrava, era-lhe impossivel apressar-se por entre a multidão revolta e desesperada. Resolveu evitar a rua principal e tomar por um desvio para chegar ao porto! Ao navio! A' liberdade! Em torno dessas tres palavras se concentravam todos os seus pensamentos, todos os seus desejos. Entrou por uma rua lateral. O desvio o obrigava a andar mais depressa; animou-se e correu para a liberdade.

Depois do pavoroso abalo que havia derrubado uma ala da prisão e a maior parte da cidade, o phenomeno sismico parecia encerrado; os breves momentos que lhe restavam deviam ser aproveitados rapidamente, pois Peter mens para saber que, mal escapados dos perigos da morte, os habitantes pensariam immediatamente em restabelecer a ordem e que, sahidos do estupor e da confusão, organisariam sem demora uma luta impiedosa contra os fugitivos. Elle sabia o que era uma prisão: durante dez annos tivera que supportar aquelle horror. Tinha que se salvar por qualquer preço. Tinha que reconquistar a liberdade. Já pensaria, agora, sem remorsos, no guarda morto, se não tivesse sentido, lancinante e persistente, a recordação da outra victima, que o perseguia em sonhos e o acossava ainda na fuga cujo plano elaborara tão cuidadosamente.

Constatou que sempre o perseguia aquelle mesmo queixume, sem treguas. Não estaria soando aqui? Ou talvez mais adeante? Deteve-se, aterrado... Ouvia agora claramente os gemidos de uma mulher, tão agudos e repetidos como dez annos antes os de Mercedes...

Quiz proseguir, mas o gemido continuava, intensificava-se. Não sabia se se approximava ou não. Sim, parecia mais proximo, parecia sahir dos escombros de uma casa destruida.

Esquecendo, na confusão do momento, o unico objectivo da sua corrida, encaminhou-se para as ruinas abandonadas e fumegantes.

Encontrou uma mulher soterrada sob os materiaes cahidos. Seu olhar, lançado primeiro com angustia sobre o homem que entrava, foi posar logo, carregado de terna inquietação, sobre um menino que protegera o melhor possivel dos escombros. Devia soffrer dores atrozes, pois seus gemidos augmentaram emquanto Peter abria caminho até ella.

Conseguiu finalmente libertar as duas victimas. Tratou de soerguer a mulher. Mas, com um grito, ella cahiu novamente: tinha uma perna quebrada e não podia se ter de pé nem dar um passo. No emtanto, o menino parecia illeso. Levantara-se e olhava com desespero para a mãe. Peter o observava, já impaciente e cheio de colera surda contra o seu louco emprehendimento.

— Papae! — gritou com alegria a creança fitando-o com olhar confiante.

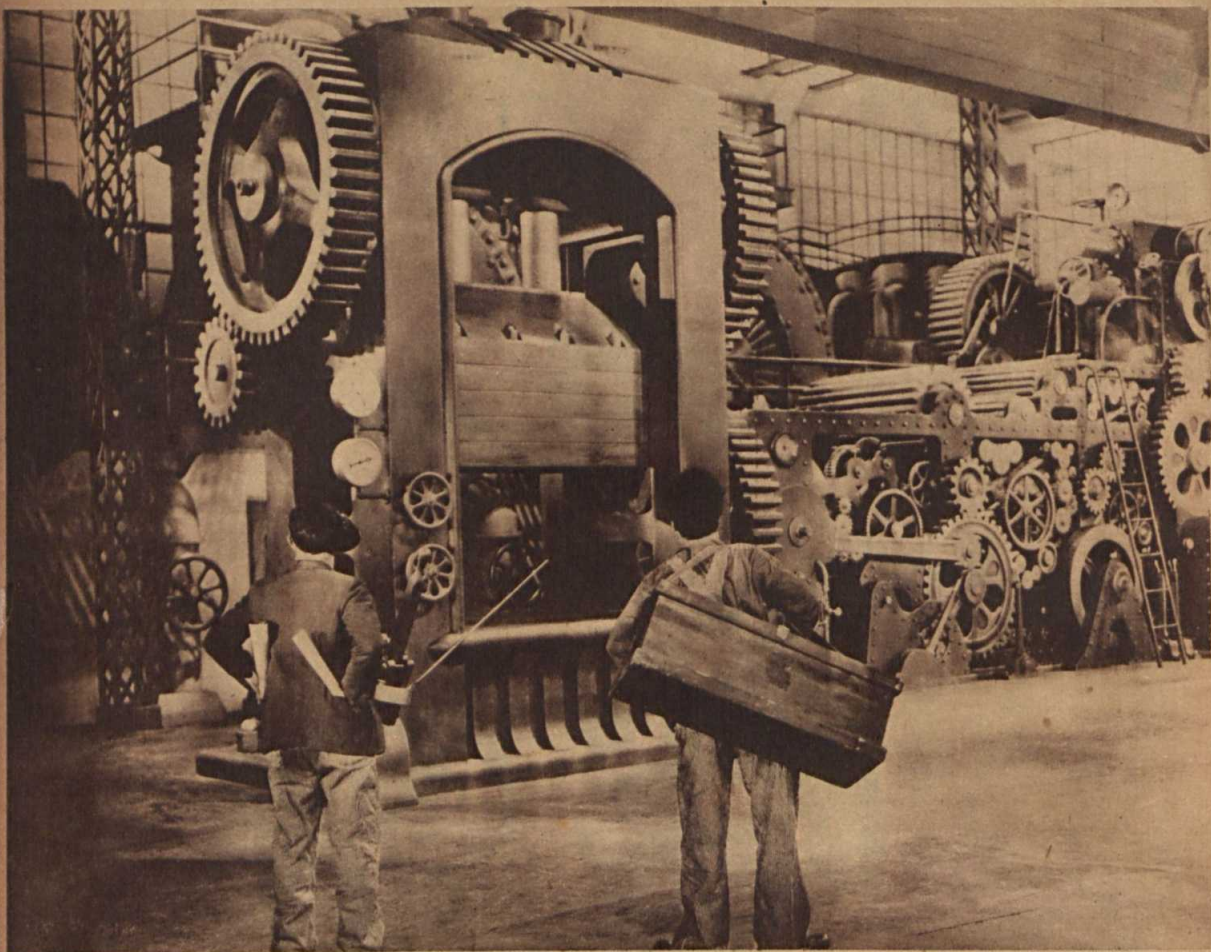
Peter ficou transtornado, uma onda de ternura o invadiu bruscamente. Nem se lembrava quando havia visto uma creança pela ultima vez. Sentia-se attrahido por aquelle olhar claro que procurava o seu. Desviou o olhar, aborrecido, mas sentiu que lhe seria impossivel safar-se sem concluir a sua obra de salvação.

(Continua no fim da revista)

Nao sei porque o Alfredo, cada anno que passa fica mais cabisbaixo!

Dê um "pulinho" ao andar terreo e traga-me o alicate que está na gaveta da mesa.

Bôas Festas

Boas festas e feliz anno novo é que deseja Baby Jane para todos vocês...

HOLLYWOOD
CIDADE INTERNACIONAL

por James Hilton

Quando pela primeira vez emprehendi uma visita a Hollywood, muita gente amiga me avisou do que podia succeder: se falhasse iria tudo por agua abaixo; se vencesse...

O certo é que seis mezes depois não sabia ainda se era um derrotado ou um vencedor.

Ninguem, tambem, o sabia.

De outras coisas, porém, tinha

O maior actor do mundo? No entender de muitos é Charlie Chaplin, o genio do cinema... Um inglez que actúa em Hollywood

Sabe-se que Hollywood é uma cidade alegre e fascinante. Mas o famoso autor de "Good-bye, Mrs. Chips", a vê de outro modo — o primeiro logar no mundo de onde os artistas, reunidos, mandam suas mensagens á Humanidade.

Por JAMES HILTON

certeza. Fizera grande numero de amigos. Passei um tempo agradabilissimo e devia voltar. Devia chamar a isso successo?

Hollywood é uma cidade maliciosa: por isso della se tem dito muita coisa. Explica-se: em qualquer outro logar ha uma vida privada, coisa desconhecida lá. Todo mundo sabe da vida de todos, e todos da vida de todo mundo. Esta a razão. Paradoxalmente se poderia dizer que é a cidade mais honesta do mundo: uma cidade de casas de vidros ou de janellas abertas onde a todo momento se pode espiar para dentro. Na verdade, se eu fosse um reformador em Hollywood não sei por onde começaria a minha obra; excepto a postura municipal que prohibe que se be-

ba ao ar livre. Alguns cafés typo "boulevard", com terraço e cadeiras na rua, bares nas praças e logares de diversão, que maravilha, que céo aberto!...

Geographicamente, a cidade é indeterminada. Algumas vezes não se sabe quando se está dentro ou fóra della. Muitos "studios" que vão muito além dellas consideram-se no emtanto ainda dentro della.

Uma tarde andei quatro milhas até chegar a uma aldeia chineza que tinha sido especialmente construida para a filmagem de "The Good Sarth". Lá, ao meio do deserto californiano se levantava um pedaço da velha China com uma perfeição e precisão de detalhes que impressionava.

A agua represada algumas milhas adeante para fazer uma secção de rio; os terraços cavados nas collinas, só isso levou mezes de preparação que eu diria "meticuosa" se gostam do adjectivo. Uma expedição foi mandada á China para trazer de lá o que fosse necessario e por preços que mesmo depois de muito regateados devem ter impressionado aos chinezes que os americanos pagassem tanto pelo que era apparentemente tão pouco. Mas este apparentemente tão pouco é tudo em Hollywood, o detalhe em qualquer film de hoje precisa ser exacto, perfeito.

Para a filmagem havia ainda tres outros "sets", além do principal, dois para as scenas de rua, pelo qual subia e descia os "cameramen" emquanto uma horda de soldados rebeldes invadiam a cidade. Filmar esta scena com uma verdadeira multidão chineza não foi trabalho facil. A muitos "extras" foi preciso transmittir ordens por meio de interpretes. Foi fatigante para actores e directores. E Paul Muni investindo como um louco contra o logar onde estava a "camera" levou uma queda perigosa. Com effeito, que não era nada. Com effeito, em taes occasiões nada importa ou tem valor a não ser o proprio film que se está filmando.

Esta scena demorou uma tarde inteira; na téla será coisa de pouco minutos.

"The Good Earth", supponho eu, custou já dois milhões de dollares. Ha dois annos está em preparação. O film dará a milhões de pessoas uma idéa exacta da vida na China, a mesma idéa que milhares de leitores já obtiveram com a novella de Pearl Buck.

A gente de Hollywood sabe o que é fazer cinema hoje em dia. Sabe que produz para o mundo. E não poupa nada para estar á altura dessa responsabilidade.

Penso especialmente em Frank Capra, este "bambino" italo-californiano de cabellos negros, um dos maiores directores do cinema; um artista que tem uma segurança e uma certeza immortaes na producção de suas obras de arte. Immortal? Não obtive ainda uma resposta definitiva para esta pergunta. Supponha que um destes dias seja produzido um film, uma obra prima capaz de emparelhar com outras obras primas de outros ramos de arte. Quanto tempo permanecerá ella para a admiração da prosperidade? Disseram-me que as impressões no celluloide se deterioram rapidamente depois de vinte annos, mais ou menos; e não se achou, ainda, uma solução completa para o problema da rephotographia. Isto é quasi uma ironia ante os progressos do seculo: o homem que trabalhou na pedra deu á sua obra uma duração de millenios; o que escreveu no pergaminho desafiou o tempo e se apresentou á admiração dos homens de hoje; o homem moderno, que visa a camera, não pode ter certeza se sua obra lhe sobrevivirá.

Mas voltando a Frank Capra.

Quando vi o "Galante Mrs. Deeds", comprehendi que Capra procurava o mesmo effeito que procurara Thornton Wilder em "Heaven's my destination", com a differença de que o primeiro attingisse com mais facilidade o seu objectivo. A scena é mais inabalavel do que a novella. Esta muitas vezes é trahida mas o autor deve comprehender bem isto.

Um dos mais famosos cantores de jazz do Cinema e da America do Norte, Rude Valée, francez, que aqui vemos no refeitorio da Paramount

O viennense Paul Muni, uma das expressões maiores do Cinema moderno, astro da Warner Bros

Em verdade, nenhum novellista poderia esperar sorte maior do que contemplar o espectaculo que Capra me offereceu ao levar-me ao "set" de "Lost Horizont". Fiquei Fiquei estatelado e nada mais pude fazer do que cumprimental-o effusivamente.

A concepção de Capra, aquelle refugio de Shanghai. Lá, o tranquillo e afastado das dores do mundo era, sem duvida, superior á minha, pelo menos, ultrapassou á minha expectativa.

E estremeci pensando que aquillo tudo ia ser desfeito e quebrado assim que terminasse a filmagem.

Encontrei Capra pela primeira vez na casa de Frances Marion, poucos dias após a minha chegada a Hollywood. Falamos duas horas sobre "Lost Horizont", explicou e descreveu suas iddéas sobre a filmagem da novella, e algumas modificações que pareciam necessarias a elle e a Robert Riskin. Achei-o perfeitamente identificado com o espirito e o enredo da novella. Mais tarde encontrei Capra e Riskin muitas vezes. Uma tarde mostrou-me um manuscripto. Era o original de "Lost Horizont". Vendera-o ha tres annos passados a um colleccionador inglez, por um preço que me parecera bastante elevado. Capra, posteriormente o adquirira.

O fallecido Irving Thalberg, um dos imperadores da M. G., era uma celebridade. Hollywood, com a qual tive interessantes contactos. Artista completo, tinha além disso uma paciencia verdadeiramente biblica quando emprehendia uma obra qualquer.

O carinho pela minucia, peculiar em Thalberg apparece em "Romeu e Julieta". Uma exactidão academica caracteriza o film, acompanhando passo a passo pelo professor Strinck, de Cornell, especialista em Shakespeare. Percorri os "sets" em companhia de Hugh Walpole e John Masefield (poeta laureado e que escreveu um livro sobre Shakespeare; discutimos então se o nome Tybalt devia ser pronunciado com a primeira syllaba longa ou breve. Depois o professor Strink me mostrou um vaso guardado em um nicho. — Vê? E' uma authentica peça italiana. Espero que o usem em uma das scenas. — "Eu proprio que nunca me enthusiasmei com a filmagem das obras de Shakespeare confesso que fiquei maravilhado com "Romeu e Julieta".

Quando um escriptor chega a Hollywood pela primeira vez, nunca encontra nos primeiros dias quem espera encontrar. Não encontrei Chaplin, Greta Garbo, Shirley Temple ou Mae West. Mas, em compensação, encontrei muita gente que absolutamente não julgava lá: H. G. Wills; Chaliapini, Jascha Hupeitz, Alexander Woolcott.

Devo dizer alguma coisa sobre as festas de Hollywood. Mas o que ha para dizer? São como as festas de qualquer logar, com a differença de que muitas dellas terminam mais cedo. Fala-se muito de cinema e não ha mosquito ou chuvaradas para estragar os jantares ao ar livre.

A gente é a mesma que se encontra em Nova York ou em Londres.

Suas casas são uniformemente bonitas. Dentro dellas ha coisas notaveis. Não devo esquecer os thesouros de arte de Marion Davies, a galeria de retratos de Harold Lloyd, o quarto de banho de Joan Crawford. Mas Hollywood tem uma vida, melhor, uma outra vida que geralmente é deixada de lado pelas reportagens das revistas cinematographicas e pelas agencias de publicidade. Jantei com Chaliapini numa especie de cervejaria que podia per-

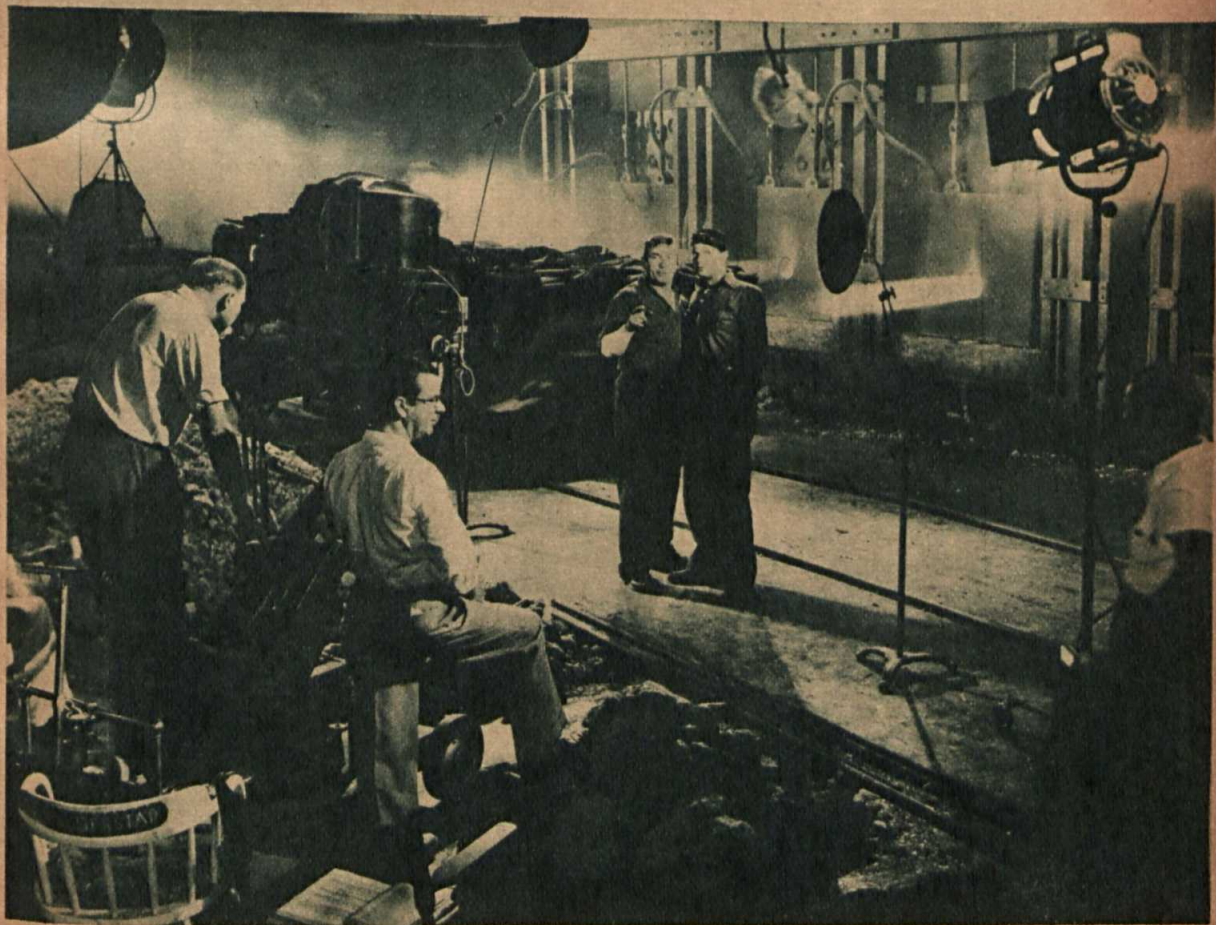
feitamente ter sido transplantada directamente da Baviera para lá; minamos nossa festa á qual com- em casa de Basil Rathsbone ter- pareceu grande numero de estrellas pela leitura de passagens de Shakespeare. Ha lá, tambem, artistas de elevado merito: Miss Jesse Lasky, por exemplo, e Harry Lackman que dirige os films de Laurel e Hardy. Em musica, ha mais virtuoses em Hollywood do que em Londres, Paris, Nova York ou Berlim. Por certo eu gosto das festas de Hollywood, particularmente das festinhas mais intimas. Quem vive lá precisa pagar seu tributo á popularidade, á celebridade. Ha os caçadores de autographos, os admiradores importunos que parecem existir para aborrecer os artistas da téla nas suas vidas de simples mortaes. Mas muito mais aborrecidos ficariam elles se não tivessem sempre atraz de si estas legiões de colleccionadores de assignaturas, estas chusmas de importunos e bisbilhoteiros.

Corre em Hollywood a historia de uma estrella famosa que foi convidada por um amigo para passar umas ferias em Veneza — não Veneza na Italia, mas na California, em logar onde os cachorros quentes se dão melhor do que os Doges frios — Mas — respondeu a estrella — não posso ir a tal logar. Todo mundo me reconheceria. Minha vida seria um inferno! — Em todo caso, foi. Ninguem a reconheceu pela simples razão de que ninguem lhe prestou attenção. Ha uma moralidade nesta historia.

Muito embora, o certo é que é mais facil para o primeiro ministro passear sem ser reconhecido ou incommodado ao longo de Bond Street, do que mesmo um artista de segunda categoria atravessar o Wilshire Boulevard sem assignar uma meia duzia de autographos.

Hollywood cuida de seus filhos como u'a mãe carinhosa. Protejam-se, meus filhos, lembrem-se de quem são. Lembre-se tambem que terá de se acordar amanhã ás 8 horas para estar no "set" ás 9. Como disse, Hollywood não admitte segredos em sua vida privada. Sabe do que você faz, de seus gostos e peripecias. Quando ha luta no stadium, lá está Mae West. Um dia o Homem-Montanha foi atirado por cima das cordas sobre Hugh Walpole.

Todas estas pequenas coisas que occorrem aqui e acolá constituem assumpto e motivo de conversa. Se os de fóra tambem se interessam por ella é que, em

Todos os ambientes são reproduzidos pelo cinema norte-americano. Nenhuma difficuldade technica assusta os directores de Hollywood, que possue recursos immensos (Scena de "The magnificent brute", da Nova Universal com Victor McLaglen

Sir Guy Standing, actor inglez, um dos "velhos" de maior prestigio nos estudios norte-americanos

ultima analyse, pertencem á nossa cidade.

E isto é verdade: Hollywood é uma cidade internacional. Talvez a primeira do mundo.

Por outro lado ha lá muita gente intelligente e gente que trabalha muito. Se Hollywood fosse uma Universidade como Oxford ou Cambridge, os studios seriam os varios collegios. E annualmente haveria um pareo de regatas entre a Warner e a Metro.

Talvez vencesse a primeira. Jack Warner capitanea um bom "team". Marion Davies, que já deve estar cansada de ser tantas vezes chamada de encantadora. Leslie Howard, Pausteur Numi, etc.

Quando fui ao studio da Warner estavam preparando o "set" para o film "The green Pastures" e Marc Connelly ensaiava um grupo de pretinhos para a scena de uma sala de aula.

As pelliculas suas já se vão tornando raras como se tornam raros os livros ruins. Competencia é a palavra que preoccupa Hollywood, no seu desejo de produzir sempre melhor.

Quando o cinema conseguir fazer um "S. Francisco" e uma "Furia", é innegavelmente uma arte. E nem se diga que estas scenas apparecem raramente. Os grandes movimentos aqui são mais frequentes do que no palco ou nos livros. Lembro-me do film "Der traumende Mund", quando a Berguer admirava o violinista; lembro-me daquelle momento no "Anjo Azul", quando o mestre-escola Jannings abre a janella da classe e por ella entra o som de uma melodia cantada na sala ao lado; da Garbo em "Rainha Christina"; a scena do camarote em "Uma noite na Opera", onde ri como nunca e rio ainda quando della me lembro.

Por falar em operas, apesar de não gostar dellas, não sei porque o cinema não as tenta. Devia tentar tudo, porque não se sabe ainda em que ramo elle será supremo.

Como disse Capra, não se póde ainda antever os limites de uma arte que existe sómente ha duas decadas.

Eu tinha razão de vir a Hollywood. Capra estava filmando "Lost Horizont", Thalberg ia fazer um film de "Good bye, Mr. Carps".

Adaptava-se "Camille" para a Garbo. Isto era facil e difficil ao mesmo tempo. Facil porque se tratava de Dumas e difficil porque era necessario fazer adaptações de algumas passagens da historia aos costumes de hoje.

Fiquei immensamente satisfeito de ter Francis Marion como companheira de trabalho. Ella tratou dos scenarios — ella é chamada a scenarista de aço de Hollywood, embora eu não saiba muito bem o que quer dizer isto — e eu dos dialogos.

Francis é tambem pianista, escriptora, uma optima jogadora de cartas, emfim, uma creatura encantadora.

Em uma festa dada em sua casa em honra de Heifetz, a nota de sensação foi o apparecimento de seu enorme São Bernardo — o Big Boy.

Continuava levantar-me ás sete horas e trabalhar em meu apartamento toda a manhã, á tarde dava uma volta até ás montanhas ou ia tomar banho na bahia. A' noite trabalho ou fazia uma visita. Visitei os "studios" frequentemente. Deram-me uma optima secretaria. Ninguem tinha certeza se eu sabia ou não o linguajar technico dos "sets";

(Continúa no fim da Revista)

CINE - MAGAZINE

NOVIDADES DOS STUDIOS DE HOLLYWOOD

Ainda está para chegar o dia em que uma loura seja uma novidade em Hollywood.

Jean Harlow começou a mania do platinado e agora a lista augmenta dia a dia.

Bette Davis, Alice Faye, Jean Muir, Lucille Ball e Betty Furness são as ultimas "cabeças platinadas".

◆

Na opinião de Marleine Dietrich, o deserto pertence aos "sheiks".

Quando chegou ao "Jardim de Allah", que estava localizado em Yuma, Marlene encontrou uma esplendida tenda preparada com todo o conforto de uma casa. Permaneceu nela durante dois dias e depois mudou-se com armas e bagagens para um agradavel hotel de Yuma.

Charles Boyer é o novo galã de Marlene.

◆

"O methodo empregado para se ensinar uma menina a representar, é que determina se ella vae ser uma artista perfeita, ou apenas uma menina engraçadinha".

Assim pensa a sra. Margaret Weidler, progenitora de Virginia Weidler, uma garotita de oito annos que teve a grande honra de ser elevada á categoria de "estrella", graças unicamente aos seus dotes artisticos.

O primeiro film em que Virginia vae apparecer no seu novo posto, é "A Aldeia Esquecida", um commovente drama da Paramount que o Cine Rio apresentará na proxima semana.

A sra. Weidler, que durante muitos annos actuou nos theatros lyricos allemães, acha que a sua filhinha impressiona ao publico, valendo-se exclusivamente

Claire Manners, uma Ziegfeld beauty, que vae ganhar fama rapidamente na Metro, para onde foi recentemente contractada. Claire possue dois bellos greyhounds que são sua distracção predilecta

Marleine, a grande actriz allemã que mais uma vez, depois de ter abandonado o cinema americano, volta a Hollywood, ao lado de Borzage, seu director

das suas habilidades artisticas, e não pela belleza das suas feições.

"A impressionante naturalidade de Virginia deve-se talvez ao facto de nunca haver eu lhe ensinado a representar, ou mesmo declamar. Limito-me sempre a manter curtas palestras, com o intuito de saber qual a sua opinião a respeito do papel que ella vae criar. Fazemos juntas então um estudo sobre o caracter do personagem, comparando-o com o das amiguinhas de Virginia. Acho que qualquer ensinamento directo trará como resultado fazer com que o actor infantil se torne uma inexpressiva copia do seu professor, perdendo toda a espontaneidade do seu talento", — accrescentou a sra. Margaret Weidler.

Em "A Aldeia Esquecida", Virginia interpreta o papel de uma pobre menina a quem o Destino desde cedo reservou uma existencia triste e amargurada.

◆

A nordica enygmatica teve um leve sorriso e um pequeno grito de satisfação, quando o director da M-G-M lhe disse que iria trabalhar no stage n. 21.

Parece que Greta tem uma superstição de que este stage lhe traz boa sorte e desde esse dia deposita maiores esperanças em "Camille".

◆

De agora em diante, Joan Crawford, cuja preferencia pelo azul em todos os tons é muito commentada, será conhecida como a "Dama de vermelho". Para o seu anniversario Joan preparou uma toilette completa em vermelho, por ser a côr favorita de Franchot.

Foram dansar no Grove e Joan collocou flores vermelhas no cabello.

Quando Jean Parker casou com George MacDonald, depois de um curto idyllio, ninguem ficou mais surpreso do que os seus intimos.

Jean saiu com calças de montaria, declarando que ella e George iriam até Santa Barbara em auto. Entretanto, foram obrigados a parar em Yuma e a transferir a lua de mel, porque o studio a chamava.

Jean ha muito tempo que deseja voltar á floresta onde fez "Sequoia" e está decidida que assim que terminar o presente film, se refugiará entre as arvores gigantes com o seu amor.

◆

E' fóra de duvida que actualmente se póde fazer films em qualquer parte do mundo. O cinema não é mais um producto exclusivo de Hollywood. Hoje os artistas podem se locomover com facilidade de um paiz para outro, e as cameras podem funccionar em qualquer local, tanto no meio de um deserto com um sol rutilante, como numa rua da nebulosa Londres.

A luz solar da California foi o principal chamariz para os estudios que se installaram neste Estado, e a variedade das suas paisagens é que os mantem, e os manterá nelle. Para que se possa produzir films variados, é requisito indispensavel poder-se contar com paisagens diversas dentro de uma aerea relativamente pequena.

O toque de realismo se impõe cada vez mais na producção moderna, e não ha scenario, por mais perfeito e convincente que seja, que possa substituir com vantagem a belleza de um panorama natural. Os fundos falsos e outros processos empregados na confecção dos films, são maravilhas de technica, é bem certo, mas não deixam de ser "trucs". As paisagens constituem agora

(Continúa no fim da Revista)

Uma sereia... que carregou com a rêde dos seus pescadores desafortunados...

Marleine Dietrich e Charles Boyer numa scena do "Jardim de Alah", producção technicolor da Selznick International

COMO SE FAZ UM FILM DE "2 MILHÕES"

Muito trabalho, preparativos interminaveis, dissabores, perigos e aventuras, isso e mais ainda varias centenas de mil dollares tornaram possivel a realização de "O JARDIM DO ALLAH", produzida pela Selznick International e tendo por protagonistas Marlene Dietrich Charles Boyer

Nota da Redacção — Devido á recusa dos productores em facilitar informes sobre a parte technica da elaboração dos seus films, é na verdade uma raridade conseguir-se uma minuciosa descripção de como se realiza em Hollywood um film excepcional. Por esse motivo, julgamos ter obtido alguma coisa de extraordinario com a presente e detalhada reportagem do desenvolvimento, passo a passo, da filmagem de "O JARDIM DE ALLAH", uma das mais prodigiosas producções até agora realizadas. O leitor encontrará nestas notas informações palpitantes; lê-las equivale quasi a dar uma volta pelos formidaveis studios da capital do cinema.

(Do nosso correspondente especial)

Hollywood — Acabam de encerrar-se doze semanas de intensa e constante filmagem da pellicula mais admiravel que já foi feita em Hollywood.

"O JARDIM DE ALLAH" está finalmente no departamento de corte e edição. Marlene Dietrich e Charles Boyer, astros desse magestoso film em technicolor, partiram já para a Europa, em goso de ferias muito merecidas e tambem para estrellar dois

films differentes para productores europeus.

Mas a segunda producção da Selznick International não será exhibida antes de outubro. A edição e impressão de um film em technicolor requer um tratamento muito mais complicado que o de uma fita em preto e branco, e Hal C. Kern, o editor graphico de Selznick, ainda terá muitas semanas de trabalho antes que a pellicula seja dada como prompta.

Mas no que diz respeito ás duas figuras principaes, ao director Richard Boleslawski, a centenas de artistas de segunda categoria e figurantes e ao corpo technico que interveio na versão cinematica dessa famosa historia, o trabalho chegou ao seu fim.

O custo do film? Dois milhões de dollares!

Foi no dia 27 de Fevereiro de 1936, uma semana antes de que "O PEQUENO LORD", a producção inicial da nova companhia productora Selznick International, fosse apresentada ao publico estadunidense, captivando-o immediatamente do Atlantico ao Pacifico, que David O. Selznick annunciou a acquisição dos direitos cinematographicos do "O JARDIM DE ALLAH", a celebre obra de Robert Hichens, de cuja edição literaria foram vendidos mais de um milhão de exemplares e cuja versão theatral causou sensação nos diversos logares do mundo em que foi representada.

Para fazer um arranjo preliminar da obra, Selznick obteve os prestimos de Willis Goldbeck, que mais tarde collaborou na producção do film como auxiliar de realização. W. P. Lipscomb, o adaptador da "HISTORIA DE DUAS CIDADES" e d'"OS MISERAVEIS", e Lynn Riggs, autor de dois grandes exitos da Broadway, escreveram a versão cinematographica.

Immediatamente foram contractados Charles Boyer e Marlene Dietrich, que fizeram os indispensaveis tests em technicolor de maquillage e vestuario. Os outros artistas foram contractados um a um: Basil Rathbone, C. Aubrey Smith, Joseph Schildkraut, John Carradine, Henry Brandon e dois estreantes da tela, Tilly Losch, a famosa dansarina viennense, e Alan Marshal, jovem galã dos palcos novayorkinos.

A historia d'"O JARDIM DE ALLAH" se passa no deserto do Sahara, e foi no Sahara norte-americano, a região de immensas e onduladas dunas do Estado da California, fronteiriça com a zona de Yuma, que a companhia

Uma scena do deserto com Charles Boyer e Marleine Dietrich

O deserto reproduzido nas areias da California para o "Jardim de Allah"

inteira filmou as scenas de exteriores.

Ali, desafiando o torrido calor, que ás vezes chegava a 64 gráos centigrados ao sol, e as tremendas tempestades de areia, numa cidade construida de barracas de campanha, o exercito de artistas e operadores technicos viveu e trabalhou sem cessar durante mais de tres semanas.

Os encarregados da construcção do acampamento e dos scenarios haviam explorado antecipadamente a região para escolher os logares mais apropriados para a filmagem. O director artistico, Sturges Carne, desenhou e construiu os numerosos e monumentaes scenarios, um trabalho enormemente complicado pela difficuldade de transporte de materiaes atravez do solo arenoso e por ter de ser feito sob um calor insupportavel.

Foram erguidas mais de cincoenta barracas de campanha para abrigar as duzentas e tantas pessoas partidas de Hollywood para lá, perfazendo um percurso de 450 kilometros.

As barracas tinham todas installações de agua fria e quente, electricidade, banheiros e duchas, e todo o mobiliario necessario. Uma das maiores, fartamente equipada de diversos jogos, foi destinada a salão de recreio. A Companhia Threlkeld, que construiu o acampamento de Selznick, e que já havia construido o dos milhares de trabalhadores que fizeram a grandiosa represa de Boulder, fornecia a alimentação. A barracad onde ficou installado o restaurante servia tambem para funcções cinematographicas nocturnas, exhibindo-se ali as scenas filmadas diariamente, ás quaes, contra os habitos que prevalecem em todos os studios, assistia o corpo inteiro de artistas e technicos.

Todos os dias um caminhão do studio ia e vinha de Hollywood a Yuma, um percurso de 900 kilometros; em um compartimento disposto como camara frigorifica, levava a pellicula filmada para Hollywood, para traze-la de novo ao acampamento mal fosse revelada. Essa operação, demasiado delicada para ser levada a cabo no deserto, foi sempre feita no laboratorio do studio.

Entre o acampamento e o studio existia constante communicação por meio de teletypo, de radio e de avião.

Marlene Dietrich, como primeira dama de Aduar Selznick, recebeu attenções especiaes em questão de hospedagem. Sua barraca de campanha, duas vezes maior que as restantes, era dividida em duas peças e um quarto de banho. Tinha um sobretecto de lona grossa e o interior era forrado de véos de seda cinzenta, o que além das vantagens artisticas permittia que a temperatura fosse mais supportavel. Um fofo divan, uma mesa de jogos de cartas, lampadas de pé, persianas de bambú, ventiladores electricos, uma geladeira, um radio e uma estufa electrica davam á residencia improvisada um ambiente agradavel e de conforto.

Como director do acampamento, o commandante Robert Ross, que conta com vinte e cinco annos de serviços ao cinema, era quem ficava incumbido da accommodação dos expedicionarios. Richard Boleslawski, ex-director do Theatro Artistico de Moscou, escriptor, actor, director de bailados, perito militar e director de films do quilate de "HOMENS DE BRANCO" e "OS MISERAVEIS", era o chefe supremo da companhia. Eric Stacey, como ajudante de director, tinha a seu encargo a organização da filmagem, os figurantes, os quadrupedes que figuravam na pellicula e mil outras coisas mais. Os directores do trabalho de camara eram Howard Greene, as da photographia em technicolor, e Hal Rossen, um dos primeiros photographos de Hollywood.

De todas as vicissitudes que amarguravam o seu trabalho, as que maior panico causavam aos operadores das camaras eram a areia e o vento. Uma camara technicolor é dos mais delicados e

Tilly Losch, bailarina internacional, tal como apparece na producção technicolor "Jardim de Allah"

complicados apparelhos mecanicos que já foram creados pelo engenho humano, e mesmo nas circumstancias mais favoraveis requer constante attenção e cuidados extremados. A Selznick Internantional possuia tres filmando "O JARDIM DE ALLAH". Só existem sete em todos os Estados Unidos! Cada camara tinha que ser desmontada peça por peça, limpa e posta á prova diariamente, trabalho que ficava em tres horas por camara. A construcção de uma camara fica em 15.000 dollares para a Companhia Technicolor, proprietaria de todas ellas e que as aluga aos diversos studios com o seu proprio corpo de technicos.

Nessas tres semanas os membros da companhia não chegaram a ter um momento de verdadeiro descanso. Pela manhã se levanta- estridente que punha mimediatamente de pé mesmo os mais dorvam ao toque de uma sirena tão minhocos. As chamadas matutinas oscillavam de tres a quatro e quarenta e cinco minutos da madrugada, sendo essa ultima para os mais preguiçosos, ou mais fatigados. O resplendor do sol de meio-dia obrigava todos a gastar duas horas para o almoço, porém mesmo assim sempre havia algum trabalho a fazer. A' tarde proseguia a filmagem ate que a luz começava a empallidecer, sobrando o tempo justo para uma ducha muito necessaria antes do jantar, terminado o qual se exhibiam as scenas filmadas no dia anterior. As primeiras horas da noite deslisavam rapidamente em conferencias, informes technicos e na preparação das filmagens do dia seguinte. A' meia-noite todos estavam deitados. Os domingos eram iguaes aos outros dias.

O calor era tão intenso que Marlene Dietrich desmaiou duas vezes deante da camara. Trabalhar naquellas areias escaldantes, accrescentando-se a isso o calor

Marleine e Basil Ratbone, outra figura de destaque em "Jardim de Allah"

dos reflectores electricos, indispensaveis mesmo sob o sol mais forte, é coisa que requer não sómente fortaleza de animo mas ainda uma saude de ferro. Marlene Dietrich aguentou tudo sem uma queixa até o dia em que desmaiou no meio de uma scena. E mesmo assim insistiu em proseguir a filmagem depois de uma hora de descanço. Poucos dias depois repetia-se o mesmo facto.

Mas nem o proprio calor era tão impiedoso como as tempestades de areia. O vento naquella região levanta-se em tempestades que duram tres dias na melhor das hypotheses, causando verdadeiro tormento áquelles que em tal estado de tempo se empenha em ver, ouvir, andar ou respirar. As chamadas tendas de luxo haviam sido solidamente reforçadas com taboas de madeira, mas durante e depois de uma tempestade todos os assoalhos ficavam cobertos de uma espessa camada de areia. A unica coisa que fazia toleravel a permanencia nas bararcas era pensar que fóra ainda era peior.

No emtanto, as tempestades de areia tiveram uma qualidade redemtpora: a primeira chegou muito opportunamente .Boleslawski estava no ponto em que devia filmar uma tempestade em pleno Sahara. Tres apparelhos ventiladores — motores e helices de avião montados em tractores — começavam a simular da melhor maneiras possivel o effeito desejado quando a genuina tempestade fez a sua apparição, deixando em perfeito ridiculo os ruidosos motores.

O transporte dos artistas e dos apparelhos aos diversos lugares das dunas onde deviam ser filmadas as scenas representou um dos problemas de solução mais difficil. Houve dias em que a caravana se compunha de trezentos automoveis, caminhões, tractores e omnibus. Hal Cusson era o encarregado em chefe dos transportes e communicações, estando todos os motoristas sob as suas ordens.

Todos os dias uma formidavel caravana sahia do acampamento para internar-se no deserto, carregada de equipagens electricas, decorações, vestuarios, mantimentos, accessorios de toda a sorte, grandes quantidades de material de construcção, plataformas movediças, camaras, depositos de pellicula e um sem numero mais de coisas que entram na confecção de um film.

O material empregado na construcção dos cinco principaes scenarios attingiu proporções gigantescas.

Sómente de taboas de madeira chegaram a ser usados 45.000 metros. Outras partidas de materiaes comprehendiam 3.500 ladrilhos vermelhos, 250 saccos de cimento, 60 barris de val, 1.500 metros de aninhagem, 200 grandes pranchas de insoluador, 25 palmeiras e diversos artigos variados. Para chegar a um determinado logar onde devia ser erguido um scenario foi necessario construir sobre a areia uma estrada de taboas na qual foram empregados 25.000 metros de madeira addicionaes e 45 barris de pregos.

(Continúa no fim da Revista)

A ILHA Z

Romance de aventuras
Por GASTON PASTRE

Scipião Roch consultou uma vez mais o menú de cantos dourados.

— Perfeito! — chamou.

O propreitario do celebre restaurant apresentou-se.

— Senhor Scipião?

— Muito bem. Tome cuidado com esse menú.

O digno gerente, homem grave e gordo reflectiu um instante e, solemnemente como sempre que se tratava de arte culinaria da qual era um dos mestres, disse:

— Senhor Scipião, recommendo-lhe especialmente os "faizões á Lucullus", é a minha ultima creação. Pega-se os faizões e, depois de chamusca-los...

— Deixemos isso Perfeito — disse Roch e indicando-lhe com um gesto que tinha outras preoccupações levantou o pulso e consultou o relogio.

— Não tardarão a chegar. A proposito Perfeito, que não deixem entrar ninguem. Entendido?

— Ha varios jornalistas que desejam ver esses senhores. O senhor sabe o que são os jornalistas. Assim que souberam que o capitão Renard de volta de sua viagem de nupcias estava em Paris e que o capitão Hopen viria encontrar-se com elle... Quando souberam emfim que o redactor chefe do **Mondial** falaria com esses senhores essa noite aqui no meu restaurant...

Roch atalhou nervosamente:

— Está bem certo de que não foi por seu intermedio que os jornalistas souberam que esses senhores me davam a honra de jantar commigo?

— Oh! senhor... Em todo o caso deve comprehender que a curiosidade é desculpavel.

— Está bem — disse Roch. — Irei lá.

Abriu a porta do gabinete elegante e discreto onde estava preparada uma mesa com tres lugares e penetrou no hall do restaurant.

Foi recebido com gritos de todos os lados e com infinidade de mãos que se estendiam. Scipião Roch era uma personalidade. Redactor chefe do **Mondial,** por meio de entrevistas celebres e de aventuras de grande repercução tornara-se um dos principes do jornalismo, uma personalidade parisiense.

A celebridade distribuiu cumprimentos ligeiramente compassados embora sem solemnidade. Não era mais o reporter activo e audacioso que seu patrão enviava a correr o mundo; era hoje o redactor chefe de um dos maiores jornaes da França, para não dizer o maior. Assim Roch que era muito amavel e camarada falou aos jovens reporters que o rodearam com uma familiaridade ligeiramente condescendente.

— Meus rapazes, vocês vão tirar a paz dos dois officiaes de marinha. Elles não vêm aqui para serem entrevistados.

— Mas e o senhor, senhor Roch?

— Não tenho a intenção de entrevista-los. Sou demasiado discreto para fazer isso.

Um riso abafado percorreu a assistencia.

— São dois velhos amigos, dois velhos amigos de sempre (Roch não os tinha visto nunca) que vêm jantar esta noite com um bom camarada e peço-lhes para acreditarem que não os irei fatigar pedindo-lhes a narrativa de suas aventuras. Vocês viram as informaçõec que foram publicadas pelos dois almirantados e isso deve bastar-lhes. Eu não sei mais do que isso e não saberei dentro de duas horas.

E dirigindo-se ao gerente que appareceu na porta do elegante estabelecimento:

— Perfeito, queira servir em meu nome um calice de vinho do porto a esses senhores. Vamos, á vossa saude meus rapazes e ao jornalismo francez!

E tendo bebido de um trago o seu calice de Porto e saudado a assistencia com um gesto amavel, Scipião Roch voltou ao gabinete reservado e fechou cuidadosamente a porta.

Uma hora mais tarde o redactor chefe do **Mondial** conversava com dois officiaes de marinha: o capitão de fragata Luiz Renard do Serviço Secreto Francez e o capitão de fragata John Hopen da Intelligence Service Ingleza. Os dois jovens levavam com elegancia o smoking e a gravata preta. Uma fita vermelha barrava discretamente a

casa da lapella de Luiz Renard e uma fita azul, branca e vermelha — a Victoria Cross — a de John Hopen.

— Senhores — disse Scipião — Não creiam que os vim entrevistar, por nada do mundo eu me permittiria isso e o meu director condemnar-me-ia se o fizesse. Por outro lado a minha situação de redactor chefe não me permite entrevistar nem mesmo as grades personalidades. Tenho sob as minhas ordens redactores especialisados nessas coisas. Não, mas estive mettido, como sabem, em uma formidavel aventura que fez tanto barulho no seu tempo...

— Essa aventura — disse Renard — appareceu no **Mondial** com o titulo de "A cidade aerea".

— Isso mesmo — continuo Roch. — E embora os acontecimentos que os senhores viveram não se assemelhem em nada áquelles em que tomei parte, desejei mesmo assim ter a vossa opinião segura... Que acha desse melão, senhor Renard?

— Excellente.

— Sim — continuou o redactor chefe — e dentro de pouco quero a sua opinião sobre os faizões á Lucullus. E' uma das especialidades do senhor Perfeito que considero como o digno successor de Brillat-Savarin, de celebre memoria.

E depois muito docemente como quem não quer nada, o redactor chefe do **Mondial** lembrou aos dois jovens a emoção que causara no mundo a apparição desse navio corsario levando o pavilhão da antiga Liga Hanseatica allemã, destruindo sem piedade os navios de guerra que o perseguiam, graças á sua possante artilharia, livrando-se graças á sua velocidade acima de todas, saqueando os paquetes, mas exclusivamente os paquetes pertencentes ás antigas nações alliadas contra a Allemanha, etc.

— Se eu tivesse dez annos de menos teria partido para saber o que era esse mysterioso navio e tentar faze-lo prender, mas com a minha idade...

Os dois jovens protestaram.

— Sei o que estou dizendo senhores. Quando nos approximamos dos cincoenta, devemos saber desistir de certas aventuras.

E sempre com a mesma habilidade obrigou Luiz Renard a contar como, capitão-tenente alguns mezes antes, fôra enviado pelo ministro da Marinha em perseguição do navio phantasma devido aos seus conhecimentos do allemão. John Hopen tambem contou como, tenente da Intelligence Service, fôra enviado pelo seu almirante em uma missão semelhante á de Renard. Os dois capitães-tenente tinham sido recompensados com a promoção descobriram esse navio mysterioso construido por um inventor polaco de genio, o conde Prittwitz e o lugar onde se abrigava, uma enseada deserta da Nova Guiné onde um grupo de allemães, á revelia da Allemanha, atacados da mania de vingança contra os alliados tinham construido um antro de piratas graças ainda ao genio de Prittwitz. Falaram da mulher do inventor, tão encantadora quanto duvidosa, a condessa Elsa, sempre por montes e valles percorrendo o mundo a serviço dessa mafia duvidosa emquanto seu marido o extraordinario inventor estava preso á sua cadeira de paralytico.

— E seu chefe — perguntou Roch — o commandante do navio? A informação fornecida pelos almirantados não falava no seu nome não comprehendo porque.

Se a informação fornecida pelos dois almirantados combinados não tocava no assumpto, era provavelmente por que tinham razões sérias para isso. Mas, saboreando o faizão á Lucullus, os dois officiaes de Marinha estavam no quinto ou sexto copo de borgonha e não fizeram mysterio contando que o navio se chamava "Vindex" e o commandante, Dietz. Roch observou polidamente que ha tantos Dietz na Allemanha quantos Durant na França.

— Conde Dietz — rectificou Hopen. Muito orgulhoso dos titulos nobiliarchicos como todos os inglezes.

— Seja, conde Dietz — disse Roch que disfarçadamente tomava de vez em quando algumas notas stenographicas nas costas do menú.

— Senhor Roch — disse Renard, — o senhor prometteu-nos toda a discreção. Não vá amanhã no **Mondial**... Seriamos reprehendidos pelos nossos superiores.

— Estejam tranquillos. Prometto-lhes toda a discreção sob palavra de jornalista.

— Preferiria outra garantia. — disse Renard rindo.

— Pois bem, palavra de antigo official, pois já usei o uniforme como os senhores. São officiaes de Marinha, fui aviador. Garantir que o **Mondial** não dirá nada seria exaggerar. Mas isso será feito de um modo tal, com tanto tacto e tanta discreção que o mais severo almirante ou o ministro de Marinha mais exaggerado não encontrará nada para dizer.

Tagarelou ainda durante alguns minutos, e, como o champanhe borbulhava nas taças:

— Em summa, senhores, conseguiram introduzir-se no antro desses bandidos, descobriram o seu abrigo, fizeram saltar o "Vindex" e foram bastante felizes para conseguir fugir. Alguns dias depois pelas suas indicações uma expedição franco-britannica terminou com esses embusteiros destruindo o estabelecimento da enseada do Paraizo, se não me engano é este o nome que deram ao seu lugar de refugio. A unica coisa que me admira é os chefes terem escapado. Onde está o conde Prittwitz, o famoso inventor? Onde está a condessa Elsa? Com elle provavelmente, mas onde? Onde está o celebre capitão pirata conde Dietz? Ninguem sabe. Pois bem, senhores! Tudo isso é muito inquietante e me pergunto se o **Mondial** não deveria enviar um dos seus agentes mais habeis... Palavra que não... Emfim falarei com o ministro da Marinha...

Roch encheu ainda uma vez as taças.

— Vamos senhores, bebo á vossa saude e aos vossos successos. Estiveram explendidos ambos, nem mesmo um romancista seria capaz de imaginar o que fizeram. Sinto-me feliz de que tenham sido devidamente recompensados.

E o redactor acrescentou maliciosamente:

— Não me disse nada senhor Renard, mas todo o mundo sabe que encontrou lá uma mulher encantadora, uma americana. Não é verdade?

— Sim senhor Roch, uma americana cuja mãe é de origem franceza.

— E fabulosamente rica. Seu sogro é um philantropo, sei que jamais se recorre em vão á sua generosidade.

Renard ficou silencioso e parecia vexado com esse elogio feito a seu sogro. Roch não insistiu e, voltando-se para o official inglez:

— Quanto ao senhor, capitão Hopen, se não encontrou tambem uma mulher interessante, o que não deverá tardar muito, ei-lo cavalheiro da Victoria Cross e aquelles que como eu fizeram

a guerra sabem o que significa a Victoria Cross.

E como passasse uma nuvem pela physionomia de Hopen, Renard, intervindo, confiou a Scipião Roch que a noiva de seu amigo, senhorita Helena Smith, aprisionada pelos piratas da Hanse, não tinha sido encontrada. Estava em uma ilha que ainda não fôra identificada, a ilha Z, onde suppunham que os piratas se tivessem refugiado.

Hopen bruscamente deixou falar seu coração. Os apaixonados têm sempre necessidade de um confidente.

O jovem official inglez que via Scipião pela primeira vez, que sabia que redactor-chefe de um grande jornal é um ser indiscreto por natureza, disse-lhe tudo, absolutamente tudo. Uma especie de confissão amorosa, como tinha conhecido Helena, uma companheira de infancia que o amara e fôra amada por elle desde sempre e que se tornara sua noiva quasi menina. Falando da moça a sua imaginação amorosa embellezava-a, poetizava-a, dava-lhe todas as qualidades imaginaveis.

Scipião Roch ouvia sacudindo a grande cabeça, commovido, embora não o quizesse parecer, pela impetuosa frescura desse jovem amor.

Hopen accrescentou que encontra a sua noiva era, não o fim principal, mas o fim unico de sua vida. Sim, elle a encontraria, descobriria o lugar secreto e mysterioso no qual estava captiva.

Luiz Renard lembrou que quando espionavam os seus inimigos, estes falavam sem cessar na ilha Z. Hopen tinha jurado muitas vezes descobrir a sua noiva custasse o que custasse.

— Nesse caso — disse Roch — é inutil que ponha meus jornalistas em campo, porque, caro senhor, — disse a Hopen — será movido por um motivo bem poderoso, o mais poderoso de todos, o amor, senhor de Deus e dos homens. Em todo o caso, se como creio, tiverem a intenção de perseguir até o seu ultimo refugio, os piratas allemães ponho a minha modesta influencia á sua disposição. O **Mondial,** como sabem, é, não direi temido pelo governo porque isso seria demasiado desrespeitoso, mas bastante ouvido. Temos tantos argumentos em mão, nós, pobres jornalistas!...

Renard approvou com a cabeça e Hopen fez um gesto vago.

— Tive occasião como redactor chefe do **Mondial,** de render varios serviços ao nosso excellente ministro da Marinha, senhor Vincent, de interromper algumas campanhas mal intencionadas e mesmo calumniosas e, se pudesse...

— Poderia — disse Hopen — pesando as palavras emquanto Roch sorria de seu leve accento britannico, — caro senhor Roch falar de meu camarada francez e de mim ao ministro da Marinha e pedir-lhe que intervenha tambem junto ao meu almirantado. Em uma palavra, convencemo-lo de que não se deve perder de vista esses piratas.

Roch consultou o seu relogio e chamou o maitre de hotel:

— Gustavo!

— Senhor?

Vá ao telephone e peça o domicilio particular do ministro da Marinha. Diga que é da parte do senhor Scipião Roch, redactor chefe do **Mondial.** A esta hora o senhor Vincent sempre está em casa. Diga ao secretario que desejo falar immediatamente ao ministro.

PALPITES DE UM VELHO MINISTRO

Os artigos que Scipião Roch não esqueceu de publicar no **Mondial** produziram uma impressão enorme, mas nenhum dos dois officiaes foi criticado por seus superiores. John Hopen estava nesse momento em Londres, no Almirantado e Luiz Renard acabava de ser admittido na escola superior da Marinha em Paris. Scipião Roch havia provado que conhecia a sua profissão. Embora, vulgarizando para o grande publico a aventura dos piratas da Hanse, falasse muitas vezes nos dois jovens officiaes que tão brilhantemente haviam despistado os bandidos, nunca dava a entender que os havia entrevistado. Dizia sempre: "Pessoas bem informadas pretendem que"..., ou, "Recebi hontem de Londres"... ou "Escreveram-me de Sidney"... Sim, o grande jornalista conhecia a sua profissão. O publico, a gente da rua como dizem na Inglaterra, depois de haver soltado um suspiro de allivio com a destruição do "Vindex", não pensara mais nisso. A segurança maritima voltara á normalidade e o trafego fôra regularizado nos mares onde hontem havia perigo.

Mas eis que um artigo do **Mondial** commoveu as almas sensiveis: "Que fôra feito da noiva de Hopen"? Todos os corações enfermos, todos os corações soffredores, todos os corações piedosos, que são felizmente numerosos sobre o nosso planeta, commoveram-se pensando que o official inglez que realizara um tão bello acto de bravura não tinha sido completamente recompensado. Luiz Renard tivera uma satisfação completa, total. Mas John Hopen? Certamente a Victoria Cross significava alguma coisa, mas as almas sensiveis preferiam pensar que o brilhante e jovem capitão Hopen trocaria de bom grado a honra de usar a Victoria Cross e de falar pessoalmente com Sua Majestade, pela felicidade de encontrar Helena Smith.

Onde estava a jovem? Onde estava a prisioneira que não fôra encontrada na Enseada do Paraizo? Na mysteriosa ilha Z, sem duvida. Mas em que latitude e em que longitude? No Pacifico, evidentemente. Mas é tão grande o Pacifico... Os especialistas no mar haviam declarado que havia certas ilhas que ainda não tinham sido exploradas, cuja existencia estava apenas marcada nos mappas e commumente sem exactidão. E' preciso dizer em honra da Inglaterra que a opinião publica tanto nas Ilhas Britannicas como nas possesseõs commoveu-se. O jovem rei, sensivel como se é á sua idade, participou do sentimento de seu povo e abriu-se com o primeiro lord do Almirantado que é ao mesmo tempo, ninguem o ignora, o chefe discreto e discutivel da Intelligence Service:

— E' preciso — disse elle — que V. Senhoria faça procurar essa jovem e que a encontrem. Assim o quero.

— Sire — respondeu o velho lord — Vossa Magestade póde ficar certo que não pouparemos nem cuidados, nem sacrificios, nem dinheiro para esse fim.

Os officiaes mais competentes da Intelligence Service foram postos em campo em companhia de alguns dectetives de habilidade bastante conhecida. Os almirantes da Australia e das Indias receberam ordens de enviar destroyers para pesquizar as ilhas desconhecidas do Pacifico. E eis que nesse meio tempo, o pae de Misse Helena, o riquissimo australiano que se encontrava nessa occasião em Melbourne, recebeu uma carta do conde Dietz. Essa carta escripta em inglez estava acompanhada de um bilhete de Helena. Mister Smith reconheceu a letra de sua filha. Quanto á letra do conde Dietz, foi im-

mediatamente identificada pelo serviço australiano, pois possuiam varias cartas escriptas pelo perigoso pirata.

Em primeiro lugar, de onde vinha essa carta? Trazia o sello francez de Nouméa. Tinha, pois, sido collocada no correio dessa cidade. Pelo conde Dietz pessoalmente? Era inacreditavel. Mas, talvez por um dos seus subalternos ou dos seus agentes. Isso confirmava a opinião geral: a ilha Z era evidentemente uma das ilhotas perdidas no Pacifico.

Que dizia essa carta? O conde Dietz em termos muito respeitosos, pedia ao senhor Smith que não se alarmasse e declarava sem rodeios que a sua primeira idéa fôra entregar-lhe a filha a troco de um bom resgate que certamente não seria negado pelo riquissimo australiano. Mas, reflectindo melhor, continuava o official allemão, embora lamentasse muito, viu que não podia, pelo menos no momento, levar a effeito esse plano. Mr. Smith podia estar convencido de que a sua filha gosava de perfeita saude, era tratada com deferencia e respeito e que procuravam proporcionar-lhe todas as distrações possiveis. — Está em companhia de minha encantadora amiga a condessa Elsa e acha-se sob a protecção de minha honra de marinheiro e de gentilhomem — terminava o conde pirata.

No seu bilhete, a moça dirigia-se ao mesmo tempo ao pae e ao noivo. Confirmava o que dizia o conde sobre a maneira não só cortez e correcta, mas cavalheiresca com que era tratada e accrescentava que não comprehendia porque o conde Dietz que algumas semanas antes estava resolvido a entrega-la em troca de um resgate, havia mudado de opinião de um momento para outro.

— Que terrivel mysterio! — escrevia a jovem. — Onde estou? Que planejam em torno de mim? Essas maneiras cortezes, cavalheirescas mesmo, com que tratam, terão longa duração? Disseram-me sempre que eu estaria livre assim que o meu resgate fosse pago. E agora tudo mudou. Não se trata mais de resgate, por que? Ignoro completamente, a não ser que... Mas não meu querido John, não quero deixar vagar a minha imaginação. Espero com confiança e tenho fé em você.

Essas poucas palavras mysteriosas publicadas pelos jornaes das cinco partes do mundo, commoveram as almas sensiveis e fizeram correr muitas lagrimas.

John Hopen ainda continuava em Londres. Veio a Paris entender-se com o seu amigo Renard sobre essa nova situação e finalmente ambos pediram uma audiencia ao senhor Vincent. O ministro estava sempre visivel para os dois officiaes que haviam prestado aos almirantados francez e britannico. um tão grande serviço. Luiz Renard e John Hopen encontraram-se uma certa tarde no gabinete ministerial da rua Royale. Estavam ambos de pé com uma impaciencia febril. Atraz do seu magnifico bureau o velho homem de estado, meio deitado na poltrona, ouvia pensativo.

— Essa mudança de idéas é inexplicavel — Disse John Hopen — Não acha Excellencia?

— Completamente inadmissivel — accrescentou Luiz Renard.

O senhor Vincente sacudiu os hombros:

— Vocês são duas creanças. Isso é de uma simplicidade absoluta. E voltando-se para Hopen:

— O conde Dietz, meu caro capitão, quer exercer sobre o senhor uma especie de chantage moral. Sim, chantage: elle sabe que attendendo um pedido seu o rei ordenou á Intelligence Service procurar a sua noiva. — (Apenas penso que teria sido melhor se não tivesse havido tanta publicidade em torno disso). Não gostaria de faltar o respeito á Sua Magestade britannica, mas um homem da minha idade ter o direito de dize-lo: Eduardo VIII é ainda jovem, é muito natural que elle tenha vindo em seu soccorro, era o seu dever de soberania e isso demonstra que tem um excellente coração, mas talvez... talvez... não sei como dize-lo. Talvez tivesse sido melhor que Sua Majestade depois de haver dado ordens nesse sentido ao Almirantado, evitasse que a imprensa a reproduzisse.

— Pensaes, senhor ministro...

— Penso, meu rapaz que o silencio é a primeira virtude de um homem de Estado. E' esta a razão pela qual lhes peço para não revelar a ninguem o que lhes vou dizer. Porque emfim, ambos são muito jovens, é um tão bello defeito a juventude! Pois bem, embora nos hajam prestado serviços inestimaveis, ainda não têm a prudencia necessaria. Aconteceu-lhes, por exemplo, falar demasiado durante um jantar com uma personalidade parisiense muito conhecida...

— Crede, senhor ministro... — interrompeu Luiz Renard.

— Mas não creio nada, meu caro amigo, apenas tenho grandes ouvidos e ouço tudo. Li certos artigos publicados por uma penna celebre, que affirma terem sido inspirados por informações chegadas de todas as partes do mundo, mas pelo que li nas entrelinhas não passam de indiscreções de dois jovens offi-

ciaes que conheço bem... Não os melindro, não é verdade?

— Absolutamente.

— Peço-lhes apenas um pouco mais de prudencia. Isso, meu caro capitão, para o seu interesse e para o interesse de sua noiva. Pois bem, agora vou ser indiscreto por minha vez. Que quer esse terrivel Dietz? Quer que o deixem em paz. Quer que a Intelligence Service se occupe um pouco menos da ilha Z e que o capitão Hopen fique tranquillo. E, talvez então, lhe devolvam a noiva, sobretudo depois de realizarem as suas novas aspirações.

Fez-se um silencio que foi quebrado por Renard:

— Haveis falado de novas aspirações, senhor ministro, mas quaes podem ser as novas aspirações desses bandidos? O seu navio foi pelos ares, seu principal estabelecimento foi destruido e a ilha Z é positivamente um atoladouro, uma ilhota de coraes onde se refugiaram esperando o momento de poder viver fóra com o producto de suas rapinas. Estão definitivamente fóra de combate.

— Por esse lado — accrescentou Hopen — estou completamente tranquillo Dietz e sua quadrilha nada mais podem fazer.

O senhor Vincent reflectiu um instante e depois disse cruzando os braços e olhando os dois jovens:

— Mas vocês são completamente loucos! Não comprehenderam ainda que Dietz e sua quadrilha, como vocês dizem, preparam uma revanche? Então vocês mesmo não disseram, ainda mais, não escreveram nas informações enviadas aos dois almirantados e a mim que ha lá um engenheiro extraordinario, um alchimista moderno, um novo Edison, esse conde Pritwiz, que segundo affirmaram vocês mesmos, que apesar de muito jovens, têm conhecimentos maritimos e sceintificos profundos, é capaz de inventar incessantemente novas maravilhas? E pensam então que com semelhante homem os allemães podem se considerar vencidos? Vocês depenaram a aguia germanica, mas não conseguiram torcer-lhe o pescoço. A resposta ha de chegar e sinto que será terrivel. E podem crer que se dei por intermedio do meu chefe de Estado Maior ordens ás nossas esquadrilhas de aviões e de torpedeiros...

O ministro calou-se e depois de alguns segundos continuou bruscamente:

— Peço-lhes perdão, mas essas ordens não têm nada que ver com vocês. Emfim, quando tomei precauções, sabia bem o que fazia. Ha poucos dias o presidente do Conselho, um velho amigo de vinte e cinco annos ironizou a minha prudencia e respondi-lhe: "Rirá melhor quem rir por ultimo". Quando estivermos em face de novos attentados e quando você seja censurado por um voto da Camara e, quem sabe! talvez veja o Ministerio modificado, então achará que não fui sufficientemente prudente.

Luiz Renard pensou um momento e replicou:

— Talvez a razão esteja convosco, senhor ministro.

— Como talvez? — gritou o senhor Vincent. — Mas é claro que tenho toda a razão!

— Nesse caso, — accrescentou o official, — se Dietz entra novamente em campanha, eu tambem deixo o meu curso na Escola Superior e volto á luta.

— Não deixará coisa alguma — disse o ministro sorrindo. — E a disciplina?

— E' verdade, senhor ministro. Quiz dizer que vos pediria a autorização para isso.

— Ah! Isto é outra coisa. Não posso garantir que a recuse.

— Muito bem — disse Hopen, positivo como todos os inglezes. — Vossa Excellencia teme?

— Tudo dos piratas da Hanse.

A BOLSA OU A VIDA

O oceano perdia-se no horizonte illuminado pelos raios do sol ardente de julho que deixava cair as suas flexas de ouro em sentido vertical. Nenhuma brisa, nenhum ruido, nenhuma onda, um immenso lago aprazivel e deslumbrante.

Seria esse mesmo Atlantico do Norte tão perigoso e tão selvagem? Seria esse mesmo caminho entre os portos da Europa e Nova York assolado no inverno pelos furacões e tão perfido no verão por causa dos grandes icebergs que descem do Norte?

Durante quinze ou vinte dias por anno, nunca mais, o Atlantico do Norte é calmo, aprazivel e sorridente. Parece repousar dos furores do inverno e das perfidias do verão e convidar para o calmos cruzeiros.

Sobre o grande oceano dois immensos navios, dois gigantes do mar, dirigiam-se a Nova York com toda a velocidade de suas machinas titanicas. Um levava o pavilhão da França e outro o da Inglaterra, o que quer dizer que o paquete gigante inglez "Queen Mary" disputava ao "Normandie" o celebre "Ruban bleu".

Os dois commandantes dos navios praticando o "fair play", haviam marcado um encontro em Plymouth. Ambos levavam a bordo a elite de seus paizes. Tudo o que havia de importante na aristocracia, nas finanças, na alta literatura, no commercio e na industria. Cada um dos paquetes poderia publicar um memorial onde figurassem os nomes gloriosos dos representantes da antiga nobreza ao lado dos magnatas do dinheiro. Grandes senhoras, artistas celebres, mulheres do mundo, acotovelavam-se sem se misturar.

No mesmo dia, á mesma hora, obedecendo a um signal, como em uma corrida, os dois paquetes abandonaram Plymouth entre vivas dos passageiros e da multidão. Os dois commandantes saudaram-se cortezmente, desejando-se amigavelmente boa sorte e os navios dirigiram-se para Nova York pela rota de verão, quer dizer, pela mais curta. O "Normandie" e o "Queen Mary" pretendiam conservar noite e dia a marcha de 32 nós, cerca de 60 kilometros por hora. Quasi a mesma velocidade de um trem expresso.

Nesse meio tempo; tanto na Europa quanto em Nova York as apostas se multiplicavam. Os partidarios do "Normandie" elogiavam a perfeição de suas machinas e a sumptuosidade de sua decoração e os do "Queen Mary" proclamavam que o navio inglez, embora menos fino de fórmas e menos elegante, era mais robusto e mais navegavel que o seu rival francez. O tempo provaria quem estava com a razão.

Desde o começo da carreira, pois tratava-se de uma carreira, o "Queen Mary" pareceu tomar distancia. Fazia regularmente mais que o "Normandie" um nó por hora. No fim de dez horas, estava 18 kilometros adeante do paquete francez. Mas as machinas do "Queen Mary" eram novas e quando os engenheiros foram ajusta-las, notaram alguns defeitos que seriam facilmente reparados durante a viagem. Foi preciso diminuir a marcha. Dos 32 nós que estavam fazendo desde o começo da viagem foi preciso passar para 30. Durante esse tempo, o "Normandie" que se conservava a 30 nós com uma regularidade chronometrica, adeantou-se, lentamente, e

em pouco tempo estava na frente. A noite cahiu, uma noite escura, o calor do dia havia provocado uma evaporação intensa e uma espessa bruma cobria o oceano. Os dois commandantes depois de se haverem entendido pela T. S. F. resolveram de commum accordo diminuir a marcha para 20 nós afim de evitar um accidente sempre possivel, mesmo para uma cidade fluctuante.

Na manhã seguinte, á hora deslumbrante em que o sol se levanta, a carreira recomeçou. O paquete inglez havia aproveitado a noite e estava novamente em condições de fazer 32 nós e pouco a pouco approximou-se do francez que tratava de passar a sua velocidade normal. A's dez horas da manhã os dois paquetes não estavam a mais de duas milhas de distancia e graças aos binoculos prismaticos os passageiros avistavam-se, quasi se reconheciam.

Foi então que se realizou o acontecimento.

Bruscamente, entre os dois navios um corpo longo e agil surgiu do mar, um submarino com cerca de duzentos metros de comprimento trazendo adeante e atraz uma torre dupla. Pensaram a principio, como era natural que se tratasse de um francez, de um inglez ou, talvez, de um submarino americano que viesse saudar os dois navios. O redactor chefe do **Mondial,** senhor Scipião Roch, que era chamado respeitosamente de "Senhor Director", estava a bordo do "Normandie", indo e vindo com o caderno de notas e o lapis na mão, bisbilhotando tudo, descobrindo tudo e enviando a todo o momento communicações telegraphicas sensacionaes para o seu jornal. Roch, que se dizia entendedor das questões de navegação, olhava pelo binoculo:

— São — observou — canhões de 210. Nunca pensei que algum submarino carregasse peças de tão grosso calibre.

Levantara-se um mastro do submarino e os signaes começaram a subir por elle. Os T. S. F. dos dois paquetes gigantes crepitaram fortemente.

Oh! Era muito simples o que os signaes do submarino repetiam sem cessar em francez e em inglez:

— Pare mimmedaitamente ou os rebento.

Duas linguas de chammas, duas nuvens de fumaça e deante de cada um dos paquetes um obus cahindo com um ruido terrivel levantou uma columna dagua de cem metros de altura. No "Normandie" fôra abatida a torre da frente e no "Queen Mary" a de traz.

O commandante do "Normandie" deu immediatamente ordem de parar e disse a um dos seus officiaes que tivera um movimento de indignação:

— Pois bem, que quer que eu faça? Que continue a receber os projecteis que nos enviarão para o fundo com todos os passageiros e a equipagem? Resistir não seria prova de coragem. Seria uma imbecilidade e uma traição com os passageiros. Por outro lado, veja, o "Queen Mary" imitou-nos. Conheço o seu commandante e posso affirmar que não tem medo de caretas, mas que fazer?

O unico recurso era o T. S. F. que funccionava activamente nos dois paquetes enviando as mesmas mensagens para o espaço:

— Fomos atacados por um submarino pirata. S. O. S.

Seguiam-se as cifras de sua latitude e longitude. Alguns momentos depois recebiam uma resposta:

— Aguentem um pouco até chegarmos. Fazemos 32 nós.

Essa communicação provinha do cruzador inglez "Hall", que dava ao mesmo tempo a sua posição. O commandante do "Normandie" fez um calculo rapido:

— Não chegará aqui em menos de quatro horas e é o navio mais proximo. — Entretanto, duas vedettes tinham se desprendido do submarino. Uma dirigia-se para o "Queen Mary" e outra para o "Normandie". Eram duas potentes embarcaçeõs, levando cada uma, uma metralhadora e um canhão de tiro rapido. A bordo da vedette que atracou no "Normandie", havia uns quarenta marinheiros que usavam o antigo uniforme da Marinha da Hanse; a fita de seus gorros era negra, azul e ouro. Esses marinheiros estavam armados de fuzis e pistolas automaticas. Havia entre elles varios officiaes. O commandante adiantou-se com os braços cruzados e disse ao immediato:

— Vamos, é a resurreição dos piratas da Hanse.

Entretanto um jovem official usando os galões de capitão de fragata da antiga armada imperial, subiu á coberta acompanhado de seus homens. Chegando deante do commandante do paquete, saudou militarmente:

— Capitão von Fritzen.

— Senhor — respondeu o commandante do "Normandie", — não me interessa conhecer o seu nome. Com que direito fizeram parar o meu navio? Com que direito, despresando as regras mais elementares do mar, enviou-me um tiro de canhão? Qual é o motivo emfim dessa desagradavel surpresa de ve-lo aqui a bordo?

O capitão Fritzen respondeu em francez:

— Deseja sabe-lo commandante? Com o direito do mais forte, isso me dispensa de qualquer explicação.

— E tem a pretenção de...

— Tenho a pretenção de encontrar a bordo do seu elegante navio o numerario e os recursos que nos faltam. Vamos commandante, nada de grandes palavras e de sentimentalismos. Seus passageiros vão ser immediatamente revistados. Meu chefe, o commandante Dietz deu-me cincoenta minutos e como bom subordinado pretendo terminar tudo em quarenta. Meus homens vão operar sob a direcção de dois officiaes e do senhor Golden, nosso perito em joias — disse designando um homem muito elegante, jovem, fino e de monoculo no olho, uma perfeita encarnação da raça.

— Sei que enviaram um sem fio pedindo soccorro — continuou o official allemão — Estava no seu direito absoluto, mas quando o soccorro chegar ha muito tempo que estaremos longe. E' inutil resistir ou fazer sabotagem. Ao primeiro movimento meus homens atiram. Sem falar em que bastam quatro tiros de canhã para envia-los ao fundo. A' bom entendedor... Saudações.

E as operações começaram.

Vemos nas estampas antigas, mulheres de joelhos pedindo graça, homens desesperados, emquanto que num canto, um frade que não tem muito o que perder, pelo simples facto de não possuir muito, reza calmamente. Tudo isso representa um ataque a uma diligencia na Calabria. Nesse tempo os piratas eram personagens pitorescos com grandes chapéos ornados de enormes plumas, cinturão vermelho onde era installado um arsenal de pistolas e de facas. Hoje a coisa é completamente differente: esses marinheiros disciplinados que se percebia serem governados por um pulso de ferro, operavam methodica e regularmente como quem faz a coisa mais natural do mundo.

Ah! Os governos inglez e francez estavam convencidos de ter acabado com o conde Dietz e seus companheiros no dia em

que tinham feito saltar o "Vindex" e destruido a enseada do Paraizo! Que horror! Scipião Roch depois de ter sido desembolsado, como todo o mundo, do conteudo de sua carteira muito bem recheiada, começou a falar sozinho segundo o seu costume:

— Roch, meu filho, não fiquemos atrapalhados e pensemos em primeiro lugar no nosso artigo. Que chronica! Que chronica!

E approximando-se do official allemão:

— Poderia, meu senhor, dirigir-lhe uma palavra?

— Sobre o que? — respondeu o outro de mau modo.

Mas Scipião Roch tinha o ar de um carneiro:

— Capitão permita-me em primeiro lugar que me apresente: Scipião Roch, redactor chefe do **Mondial.**

— E' primeira vez que ouço falar no seu nome — respondeu seccamente o official allemão.

— Bah! — murmurou Roch á parte — que raça de estupidos! Um capitão de piratas italianos teria respondido: "Ah, meu caro mestre, quanta honra! Qual, nunca se fará nada com esses allemães!

E em voz alta perguntou delicadamente se o capitão poderia permittir que mandasse photographar a scena que se estava desenrolando.

Depois de alguma reflexão, o capitão Fritzen respondeu seccamente:

— Não, é impossivel.

— Ah! E' verdade, — continuou Roch, — comprehendo perfeitamente: teme que essas photographias sirvam de armas nas mãos dos dois almirantados que não tardarão a se pôr em campo em sua perseguição... desse dia em deante não darei um vintem pela sua preciosa existencia. Verdadeiramente fui muito indiscreto, comprehendo que não deseje ser photographado e que esteja com medo...

— Medo, nós? — Disse o jovem official orgulhoso como um pavão e estupido como um perú. — Mande photographar tudo o que quizer.

— E' tudo o que eu desejava — murmurou Scipião Roch afastando-se — verás, meu pequeno, como tudo isso te custará caro...

E o infatigavel redactor chefe photographou e filmou minuciosamente todas as operações.

— Que furo! Que furo! — murmurava constantemente. — eu que não sabia o que dizer aos meus leitores... Dessa vez serão bem servidos.

Nesse momento, gritos estridentes resoaram no grande salão dos fundos onde se encontravam as passageiras. Curioso como uma mulher, Scipião Roch dirigiu-se para lá. O capitão Fritzen sempre de monoculo insolentemente preso no olho, ouvia as lamurias de Golden que lançava gritos commovedores.

— Sim, capitão — dizia o perito — essas senhoras que pertencem na sua maioria á alta sociedade e ao grande theatro, usam quasi todas as joias falsas! Eis aqui um collar de perolas que pertence á marqueza de Crês: á primeira vista avalia-se em um milhão de marcos e deve ter-lhe custado... — continuou sarcasticamente Golden olhando a senhora que enrubecia — deve ter-lhe custado seiscentos francos no boulevard dos Capuchinhos, sinto-me envergonhado pela senhora. O mesmo acontece, capitão, com essas esmeraldas e esse diamantes. Esse explendido diadema pertencente á senhora duqueza de Gallieres, é falso, archifalso.

A duquesa de Gallieres, a bella Anna, como a chamavam os intimos, respondeu com uma insolencia de grande dama:

— Deve imaginar que o meu verdadeiro diadema está em Paris no meu cofre forte. Este é o que chamo "meu diadema de viagem", não vale mais de mil e quinhentos francos, o que ainda é demasiado para os senhores.

O capitão Fritzen devorou a affronta impassivel e murmurou ao ouvido de Golden:

— Que tal a operação em conjunto?

— Muito vantajosa, capitão, muito vantajosa, o commandante ficará satisfeito.

Haviam passado quarenta e tres minutos desde que os piratas tinham subido a bordo. Fritzen fez signal a um dos sub-officiaes:

— Lutz já é tempo.

— Bem, capitão.

O sub-official levou um apito aos labios e os marinheiros approximaram-se.

Ao longe, a vedette que estava atracada no "Queen Mary" tambem se preparava para largar.

— Commandante, — disse Fritzen ironicamente — peço-lhe para apresentar meus respeitosos cumprimentos a essas senhoras e minhas saudações aos cavalheiros. Peço ao senhor e a elles que me desculpem de haver interrompido tão interessante viagem e desejo-lhe que ganhe o "Ruban bleu" e como a essa mesma hora o meu collega que operou no "Queen Mary" deve estar desejando a mesma coisa ao commandante inglez, chamamos a isso "fair playe".

O official allemão desceu e em pé na ponte superior da vedetta disse ainda:

— Adeus commandante.

— Até breve senhor — respondeu o official francez.

— Como até breve?

— Nos encontraremos no dia em que fôr preso, o que não deve tardar.

— Largue — commandou Fritzen em allemão.

A vedetta afastou-se com um grande ruido de motor.

Vinte minutos depois o gigantesco submarino desapparecia sob as ondas. De commum accordo os dois paquetes resolveram continuar ali até á chegada do cruzador inglez.

Nesse momento o T. S. F. crepitou novamente. Era um cable redigido em allemão e enviado evidentemente pelo submarino que provavelmente tinha descoberto uma fórma de fazer funccionar o telegrapho sem fio depois de submerso. A communicação dizia:

— O commandante do **Tubarão de aço** agradece os eminentes collegas commandantes do "Normandie" e do "Queen Mary", pela amabilidade com que facilitaram as operações de seus officiaes a bordo dos dois paquetes e tem o prazer de communicar-lhes, que essas operações muito rendosas, indemnizaram fartamente os piratas da Hanse das despesas que foram obrigados a fazer para a construcção do **Tubarão de aço.** Mais uma vez obrigado e até breve. Conde Dietz.

Os passageiros estavam em um estado de exasperação e de prostração inimaginaveis. Varias senhoras tiveram crises de nervos. O famoso multi-millionario, senhor Richard, de quem tinham levado trezentos e cincoenta mil francos, falava em atirar-se ao mar, era preciso vigia-lo. Nesse meio tempo em um dos fumoirs, uma jovem estava sentada deante da machina de escrever e Scipião Roch em pé deante della esfregava as mãos.

— Mas que tem, senhor redactor chefe? perguntou a moça. ri-se agora que todo o mundo chora?

— Ah! senhorita — respondeu o jornalista. — A nossa razão de viver está em acontecimentos semelhantes! Esse bom commandante Dietz acaba de proporcionar-me um dos mais bellos artigos da minha carreira. E agora escreva:

E não se ouviu mais nada além da voz clara e breve de Scipião Roch acompanhada pelo tic-tac da machina de escrever.

UMA TEMPESTADE NO CAES D'ORSAY

O Ministerio está em perigo senhores... Felizmente a Camara está em férias. Do contrario já teriamos sido queimados como Judas de palha. A indignação publica chegou ao auge e recebi dos membros do Parlamento cartas de uma violencia assombrosa. Eis ao que estamos reduzidos: hontem, se não fosse o sangue frio do chefe de policia teria havido um comicio popular em frente ao Ministerio da Marinha. Deveis comprehender que isso é demasiado, não é possivel governar nessas condições.

E o senhor Fabre, presidente do Conselho e ministro das Relações Estrangeiras, deu um formidavel murro sobre a mesa. Estavam no palacio do caes d'Orsay, no vasto gabinete de trabalho do andar terreo. O presidente do Conselho, sentado na grande poltrona do seu bureau, deante de um telephone de multiplas ligações, olhou febrilmente em volta. Como todos se conservassem calados, elle continuou:

— Deveis comprehender que não posso assumir a responsabilidade do ataque ao "Normandie" e ao "Queen Mary". Sei aguentar as consequencias quando é necessario, mas tudo tem limites.

O ministro da Agricultura, senhor Maurin, homem conciliador e que não estava particularmente interessado na questão, tomou a palavra:

— Vamos, meu caro presidente, não exaggeremos, ha realmente no Parlamento um momento de emoção, mas os deputados e os senadores estão em férias e temos algum tempo deante de nós. Ah! se a Camara se reunisse amanhã, não duvidaria nada mas... Recebesteis alguma interpellação?

— Quatorze — respondeu seccamente o presidente do Conselho.

— E emanam?...

— De todos os grupos: da direita, do centro, da esquerda e da extrema esquerda, dos nossos amigos politicos mais seguros. Gostaria bem de vos ler o que escrevem... Mas é preferivel que continueis a ignorar.

— A verdade é — disse o senhor Vedel, ministro dos Correios e Telegraphos — que ha uma certa agitação no publico por outro lado, a imprensa não nos poupa.

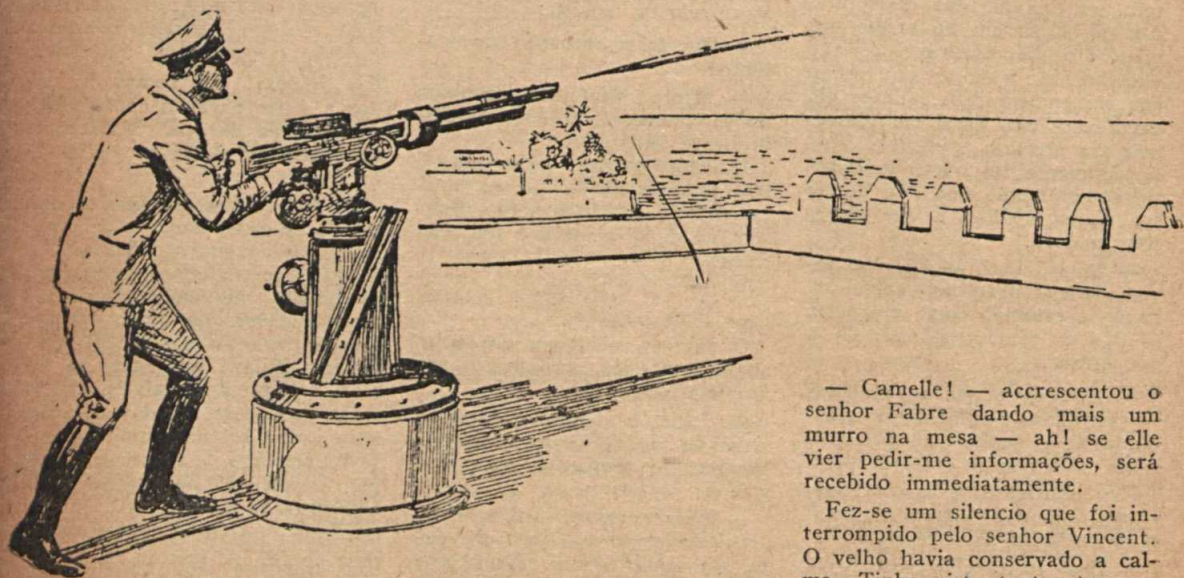
— Não nos poupa absolutamente! — continuou o presidente. — Haveis lido o artigo de Scipião Roch, redactor chefe do **Mondial?** Uma pagina inteira, cinco grandes columnas com photographias.

E voltando para o sub-secretario de Estado da Marinha mercante, senhor Bosc:

— Peço-vos, senhor ministro, para telegraphar o meu descontentamento ao commandante do "Normandie". Se elle não conseguiu impedir que o senhor Roch publicasse esse artigo, tão desagradavel quanto venenoso, poderia pelo menos haver impedido que tirasse photographias.

O senhor Bosc, um gordo commerciante de La Rochelle declarou placidamente que já havia se preoccupado com essas photographias e que fôra o pirata allemão quem autorizara ao jornalista francez que as mandasse tirar.

— Valha-nos Deus — resmungou Fabres — Roch sabe fazer a sua reclame gratuita em toda a parte, mesmo entre os nossos inimigos. Mas, haveis visto o artigo em questão? Limito-me a vos ler as ultimas linhas:

— Quando dois paquetes dessa importancia disputam um match maritimo, a mais elementar prudencia requer que sejam comboiados discretamente, quando mais não fosse para os auxiliar em caso de accidente. Ha nos portos inglezes e francezes destroyers que não fazem nada e essa pequena travessia não teria sido sinão proveitosa ao Estado maior e á sua equipagem. Não felicitamos nem Sua Senhoria o primeiro lord do Almirantado britannico, nem o nosso ministro da Marinha, senhor Vincent. Prefiro, pois isso seria demasiado duro, não ser obrigado a quilificar as suas... incapacidades.

— Camelle! — accrescentou o senhor Fabre dando mais um murro na mesa — ah! se elle vier pedir-me informações, será recebido immediatamente.

Fez-se um silencio que foi interrompido pelo senhor Vincent. O velho havia conservado a calma. Tinha visto tantas tempestades e furacões durante a sua

vida parlamentar que nada mais o impressionava.

— Parece-me, senhor presidente, que não deviamos perder o sangue frio em face de tão graves incidentes.

O senhor Fabre respondeu vivamente que era muito facil de dizer que não se devia perder o sangue frio mas que... e enumerou as personalidades importantes que tinham sido saqueadas pelos bandidos: dois generaes, tres membros do Instituto, um almirante, notabilidades do mundo social, das altas finanças e da diplomacia. — Sabeis — continuou elle no auge do desespero — que só por um milagre o rei de Valecarlie não embarcou no "Normandie"? Só não foi porque caiu doente no ultimo momento. Imaginae o rei de uma potencia amiga assaltado e despojado em um navio francez! Que reclame para a nossa marinha mercant! Meu caro secretario geral — disse voltando-se para o senhor Bosc — felicitae em meu nome o vosso pessoal.

O senhor Bosc repetiu que o pessoal da marinha mercante estava innocente como um cordeirinho. Que poderiam ter feito contra esse acto de banditismo? Fabre procurou uma victima e, pensando te-la encontrado no senhor Vincent, voltou-se para elle e estourou:

— Sim, eu sei, trabalha-se muito na Escola Superior da Marinha, trabalhava-se muito nas vossas dependencias, expedem-se informações sobre informações, escrevem-se cartas sobre cartas. Um pouco menos de papelada e um pouco mais de actividade, é o que devia haver, sobretudo senhor ministro — sem faltar com o respeito devido a um homem da vossa idade — isto é mais para o vosso Estado Maior do que para vós: um pouco mais de precaução.

O senhor Vincent tossiu e respondeu com um tom muito calmo:

— Senhor presidente, podereis procurar a prova estenographada da sessão do Conselho de Ministros que se realizou a 14 de maio?

— Por que? — interrogou o senhor Fabre.

— Porque ahi podereis ver que chamei a atenção do Conselho e a vossa principalmente, senhor presidente, para os Piratas da Hanse. Declarei que a minha opinião era que as suas actividades tinham sido apenas interrompidas e que elles não tardariam a voltar á scena e pedi a autorização do Conselho e a vossa para entrar em entendimentos com os meus collegas do Almirantado britannico. Vós, senhor presidente, estaveis demasiado occupado com as vossas altas funcções e não prestateis uma atenção sufficiente ás minhas palavras e não recebi resposta alguma. Exactamente seis dias depois voltei á carga e pedi autorização para tomar medidas que o meu Estado Maior acreditava necessarias para descobrir a ilha Z e para liquidar definitivamente esses bandidos. Esse pedido que foi feito de uma forma muito confidencial tambem não obteve resposta.

Alguns sorrisos maliciosos apesar da gravidade da situação afloraram aos labios dos ministros.

— E' bem possivel — respondeu o senhor Fabre — Para que occultar? Naquella occasião eu estava demasiado preoccupado com as negociações com a Italia — sabeis perfeitamente quaes eram — para pensar em outra coisa. "Aquelle de vós que nunca peccou que me atire a primeira pedra". Mas, senhores isso é o passado e por mais que discutamos ou briguemos não arranjaremos nada — disse o presidente mais conciliador e voltando-se para o senhor Vincent:

— O importante, meu caro ministro, é que tenhamos feito qualquer coisa antes da reabertura da Camara. E por outro lado precisamos desarmar a opinião publica até que tenhamos tempo de agir vigorosamente.

— Sim — opinou o senhor Bosc — lançaremos uma nota clara e decidida declarando que em breve tudo estará mudado e, poderiamos mesmo dizer que o nosso pessoal já está na pista desses bandidos. Sei perfeitamente que isto não é verdade, mas servirá para acalmar o povo. Que pensa disto meu caro senhor Vincent?

— Pode-se dizer, se quizerem, isso não prejudicará ninguem. Mas entre o sonho e a realidade que abismo!

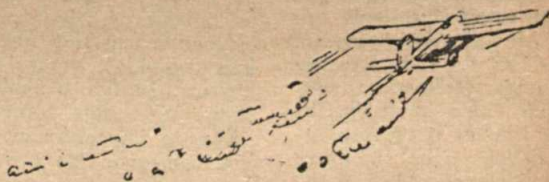
— Vamos, Vincent — continuou o Presidente do Conselho conciliante e intimo. — O seu pessoal não tem nenhuma idéa do lugar em que se encontra a ilha Z? Esta manhã encontrei com o seu chefe de Estado Maior, o almirante le Mirouel e elle declarou-me que havia situado com muita aproximação a celebre ilha.

— Elle tem sorte — interrompeu o senhor Vincent.

O presidente do Conselho proseguiu:

— Sim, é certamente uma dessas innumeras ilhas do Pacifico quasi desconhecidas e inhabitadas, ou que talvez não tenha sido descoberta ainda. E' esta a opinião do Almirantado inglez e é tambem a opinião desse jovem official, Luiz Renard, que já nos prestou um tão grande serviço e que penso ireis empregar novamente.

— Ah! é a opinião de Renard? perguntou o ministro admirado e como o soube senhor Presidente?

— De um modo muito simples: hontem de tarde telephonei para Toulon e conversei largamente com o almirante Coedic, de quem sou muito amigo, e elle disse-me que Luiz Renard ha varios dias faz parte do seu Estado Maior. Logo após o ataque

ao "Normandie" o almirante interrogou esse jovem official que é um dos dois homens do nosso mundo que sem a menor duvida estão mais bem informados sobre os bandidos e soube que elle pensa como o grande publico, que se deve procurar a ilha Z no meio do Pacifico. Nesse caso, meu caro ministro, não sómente vos autorizo, como vos peço, com a autorização do Conselho, para vos communicardes com o Almirantado britannico e para tomardes todas as medidas necessarias para fazer explorar a fundo todos os lugares onde se suppõe esteja situada a ilha Z. Teremos despesas excepcionaes, mas inevitaveis e espero que o nosso collega das Finanças não se opponha a isso.

O senhor Barthez, ministro das Finanças lançou um grunhido que o senhor Fabre resolveu interpretar como uma approvação.

O senhor Vincent pediu a palavra:

— Estamos aqui meus caros colegas em um conselho de mi-

nistros do qual nenhuma fuga é possivel e peço-vos senhor Presidente para solicitardes dos nossos collegas as suas palavras de honra de como não repetirão absolutamente nada do que irão ouvir.

Todos olharam assombrados para o ministro da Marinha e com a approvação do Presidente, elle continuou:

— Contrariando a opinião do meu chefe de Estado Maior, contrariando a opinião do Conselho Superior da Marinha e do jovem official de merito no qual acabaes de falar. Contrariando emfim, a opinião de todo o mundo, não organizarei nenhuma operação no Pacifico. Mas não sorride assim, senhor Ministro das Finanças porque pretendo organizar outras em outros pontos. Não, meus senhores, estou certo de que a ilha Z não se encontra no Pacifico.

Os membros do Conselho olharam estupefactos para o Ministro da Marinha e o Presidente disse:

— Tendes alguma informação secreta, alguma certeza?

— Nenhuma, senhor Presidente, mas tambem eu tenho bom senso e logica. Como quer que essa gente esteja installada em uma ilha do Pacifico? Seriam descobertos ao cabo de tres semanas. Vamos, senhores, vamos, raciocinemos como gente intelligente: Os Piratas da Hanse estão refugiados onde ninguem imagina e não onde todo o mundo suppõe. A terra é vasta e os mares innumeraveis. Ha cincoenta lugares onde esses bandidos poderiam refugiar-se: Na Terra do Fogo, ao sol da America ou nos canaes do Pacifico, por exemplo. E creio que elles chamaram o seu refugio de ilha Z exactamente porque não se encontra em uma ilha. E' preciso pois procurar em outros lados.

— E com o que contaes para descobrir, meu caro Ministro? — perguntou Fabre.

— Conto, senhor Presidente, com um minimo de intelligencia, com um minimo de actividade e com o que o grande Frederico chamava: "Sua Magestade sagrada, o Destino".

A FESTA DO VERÃO

Ha vinte dias que Luiz Renard e sua senhora achavam-se em Toulon. — Elle fôra designado para servir junto ao almirante Coedic, depois de haver terminado a primeira parte do curso da Escola Superior da Marinha.

O almirante, embora longe de ser um mau homem, era summamente desagradavel. Incapaz de uma baixeza ou injustiça e possuidor de um respeitavel valor technico e moral, era, no entretanto, um chefe insupportavel. Intratavel durante o serviço, exigente, irritavel, mas não passava de um fogo de palha, pois costumava arrepender-se uma hora depois, dos seus furores, famosos na Marinha.

O supremo pavor do almirante Coedic era o mundo social. Pertencendo por nascimento a um meio muito aristocratico e elegante, talvez por reacção natural, ou talvez porque tivesse observado durante a sua infancia quantas pessoas de valor real são sacrificadas ás vaidades mundanas, detestava esse meio. Quando dizia de algum official. — E' um homem de mundo — este estava condemnado definitivamente.

Ora, o destino fez com que o almirante casasse com uma mulher encantadora que, embora de um rectidão absoluta, era a creatura mais mundana do planeta. A senhora Coedic não sonhava senão com bailes, reuniões, fantazias, surpresas de toda a ordem. Alta e loura como as espigas de trigo, vira soar o cincoentenario sem que isso a impressionasse, graças á cultura physica. Emfim, o almirante e a almiranta Coedic formavam um contraste impressionante. E era esse contraste que servia de assumpto nesse dia entre Renard e sua jovem esposa, na linda villa que acabavam de alugar do lado de Mourillon.

Era verdadeiramente deliciosa essa villa. O jovem casal era incrivelmente rico e o soldo do capitão de fragata não significava nada no orçamento de sua mulher, uma perdularia como são todas as norte-americanas, tendo sempre os olhos fechados e as mãos largamente abertas.

E' verdade que as pessoas perdularias são muito mais interessantes do que as avaras e entre as despezas incalculaveis da senhora Renard contavam-se um sem numero de obras de caridade.

Era uma e meia da tarde, o maitre de hotel acabava de servir e o café fumeagava nas taças de porcelana chineza. Do terraço italiano percebia-se o porto onde brilhavam ao sol os pesados encouraçados e os leves torpedeiros.

— Em summa — disse Margaret — o seu chefe interroga-o duas vezes por dias sobre as aventuras da Enseada do Paraizo?

— Sim — respondeu Luiz sorrindo — e eu respondo sempre a mesma coisa.

— Mas o peior é que a historia recomeça. Espero que você não se lançará em novas aventuras.

— Tratarei de evita-las. Você sabe bem que não tenho o menor desejo de a deixar, sobretudo nesse momento.

A jovem senhora estendida sobre uma chaise longue, esperava brevemente um bebê.

— Mas — accrescentou o jovem official pensativamente — quem sabe o rumo que tomarão as coisas? E depois, minha cara amiga, ha no almirantado de Londres o nosso pobre John Hopen que continua a esperar a noiva. Parece-me que a nossa felicidade não poderá ser completa emquanto a sua não estiver assegurada.

Depois de um curto silencio, a jovem senhora, vendo o marido pensativo e comprehendendo que elle tinha serios motivos de preoccupação, resolveu passar para um assumpto mais alegre.

— Você sabe — disse ella — que se commemora esta noite a entrada do verão em Nice?

Era uma innovação do casino recentemente inaugurado. Outrora Nice era exclusivamente uma cidade de inverno com um carnaval celebre, mas actualmente os veranistas são tão numerosos quanto os invernistas. Os jogos ao ar livre e os sports nauticos attrahem tanta gente para a Costa Azul em Agosto, quanto em Janeiro.

O novo director do casino tivera a idéa de commemorar a entrada do verão com um grande baile á fantasia nos terraços, ao qual todos deviam comparecer com vestidos das mesmas cores. A Festa do Verão, que seria ao mesmo tempo a festa vermelho e ouro, pois essas eram as cores exigidas, marcaria um acontecimento social inesquecivel.

— O comité de festas — continuiu Margaret — enviou um convite ao almirante.

— Bonita recepção devem ter tido! — disse Renard — O almirante é sem a menor duvida um homem de valor, mas um porco espinho!

— Consta que esse terrivel monstro marinho treme deante de sua mulher, a bella Yvonne, como vocês a chamam ás escondidas. Estou certa de que a senhora almiranta está morrendo

de desejo de ir á Festa do Verão. Tanto como você, aliás.

Renard protestou com todas as suas forças. Não iria deixar a sua mulherzinha sobre um divan para assistir uma festa, que afinal de contas seria como todas as outras, com a unica vantagem de ser em terraços perfumados de flores e com o magnifico ar de uma noite de verão, em vez do ar viciado dos salões calafetados.

Mas a jovem insistiu para que elle fosse, dizendo que em primeiro lugar desejava ve-lo descançar um pouco do trabalho excessivo dos ultimos mezes com alguns divertimentos, que bastante lhe agradavam, apesar das gentis negativas que, em segundo lugar, queria saber as novidades do baile por seu intermedio.

Finalmente depois de uma fraca resistencia o official cedeu declarando que o fazia apenas para obedece-la.

E como não houvesse tempo de preparar uma phantasia, ficou resolvido que elle se apresentaria em smoking e com o rosto descoberto.

Luiz pediu á sua mulher que mandasse retirar a condecoração da Legião de Honra, da lapella de seu smoking, pois não julgava um baile á phantasia como um lugar bastante digno para uma ordem de cavallaria.

Depois de tudo combinado, Margaret fitou o marido com expressão sonhadora e disse:

— Luiz é preciso pensar na sua promoção.

— Na minha promoção? Não acha sufficiente que eu seja capitão de fragata com a minha idade? Que ambiciosa!

— Sei o que estou dizendo. Você tomará o auto e, como não terá serviço esta tarde por ser semana ingleza, vá á casa de Coedic e offereça-se á almiranta para acompanha-la ao baile. Está autorizado a fazer-lhe a corte.

— Mutio obrigado, cincoenta annos passados! Prefiro fazer a côrte á minha mulher.

— Luiz lembre-se da sua promoção. Ouvi dizer que o almirante pensa dos seus officiaes exactamente como sua mulher.

— Não, absolutamente, não, minha querida, jamais deverei as minhas promoções a manobras semelhantes. Se Coedic tivesse me pedido para acompanhar a sua senhora, fa-lo-ia com grande satisfação, mas nessas condições, absolutamente não farei. E agora querida, peço-lhe autorização para dar uma volta e encont ar alguns camaradas.

E, beijando a mulher, Renard dirigiu-se rapidamente para a garage onde o esperava seu automovel...

* * *

Maravilhosa essa festa: Todas as phantasias interessantes e os trajes typicos do Oriente e do Occidente, estavam ali nos tons vermelhos e ouro. Ao lado das phantasias alguns homens em casaca ou smoking. Mulheres que já haviam retirado as mascaras e se mostravam em todo o seu encanto ao lado de outras que continuavam a intrigar com as physionomias encobertas. Vestidos sumptuosos, joias caras, uma sociedade muitissimo elegante, embora bastante misturada. Mulheres do mundo, atrizes, grandes damas e algumas lindas mulheres de um meio indefinido. confundiam-se na belleza e na alegria da noite.

Luiz Renard tinha a intenção de se divertir muito e fugia tanto quanto possivel dos seus velhos camaradas e de algumas personalidades da Côte d'Azur" avidos para ouvirem o relato de suas aventuras. Sua maior preoccupação era contemplar minuciosamente os lindos vestidos para fazer uma detalhada descripção delles a Margaret que, como uma bôa filha da Luisiania, era elegantissima. Em certo momento o senhor Baudy, rico horticultor da Costa, que conhecia intimamente Renard, tomou-o por um braço:

— Meu caro amigo, repare essa jovem senhora, envolta nesse vestido vermelho escuro com écharpe dourada. Oh! E' impossivel reconhece-la, está muito cuidadosamente mascarada. Mas repare nessas attitudes que indicam uma mulher que embora já não seja muito moça, está muitissimo conservada, essa nuvem de cabellos louros... Tudo isso não lhe diz nada, meu caro? Pois eu daria a cabeça a cortar de como é madame Coedic, a senhora do seu almirante. E' extraordinario não acha? Com semelhante marido! Mas ouvi dizer que o almirante apesar da sua apparencia de bicho papão é dominado pela mulher. Sabe o que faria em lugar de Renard? Pois não perdera a occasião de render-lhe homenagens. Renald lembrou-se que sua mulher lhe havia dado exactamente o mesmo conselho e aproximou-se da senhora mascarada com a familiaridade permittida por um baile á phantasia, embora guardando o respeito devido por um jovem official á senhora do seu almirante. A bella mascarada respondeu amavelmente com uma voz que se notava estar disfarçada e, em pouco tempo a conversa banal transformou-se em um flirt encantador e respeitoso. Renard conhecia mal madame Coedic, não a encontrara mais de duas vezes.

Em certo momento a illustre senhora disse-lhe:

— Então, senhor Renard, ei-lo em Toulon no estado maior do almirante Coedic. Que especie de homem é elle?

— Encantador minha senhora. De uma amabilidade incalculavel no serviço. Além disso, um marinheiro de grande valor, cujo unico defeito é ser demasiado bom e demasiado indulgente com os seus subordinados.

A dama desconhecida não fez um unico gesto. Acceitou o braço do jovem official e percorreram os terraços. Seguindo o habito, Renard convidou-a para ceiar com elle.

Ella acceitou sem difficuldade.

— E onde jantaremos? — perguntou.

O official pensou que não seria correcto levar a senhora do almirante para cear em um cabaret de moda e respondeu:

— Aqui se lhe agrada, minha senhora.

Um restaurant ao ar livre mostrava varios terraços superpostos.

A senhora accrescentou com alguma hesitação:

— Sim, mas eu não queria ser reconhecida.

— Não se preoccupe por isso. Estou vendo lá em baixo, ao canto do terraço uma mesa livre. Sentar-se-á de frente para o mar e eu de frente para a senhora. Verei os terraços e as salas e alguem verá senão as suas costas. De mais a mais estaremos protegidos pela penumbra.

Renard chamou o maitre d'hotel e ordenou uma mesa em um lugar discreto. O maitre d'hotel approvou com um sorrsio e alguns minutos depois o casal estava sentado em um canto retirado. Madame Coedic podia, conforme o seu desejo, encobrir a sua personalidade.

— Espero, minha senhora, — disse Renard, — que me dará a honra de retirar a mascara.

A bella senhora respondeu:

— Não tem medo de causar ciume á sua senhora creando commigo?

— Foi devido á sua insistencia que vim a essa festa.

— A bella Margaret possue um espirito adeantado.

Renard respondeu na altura, aproveitando a liberdade que offerecem os bailes de mascaras:

— Será menos adeantado o espirito da bella Yvonne. Vamos minha senhora, por favor não me deixe ignorar por mais tempo esse rosto que advinho encantador.

— Pois seja — respondeu a dama — mas lembre-se que foi o senhor quem o quiz.

E fez cair a mascara de velludo. Renard contemplou-a em silencio e depois disse com uma estupefacção irritada:

— A condessa Elsa! Mas que faz aqui minha senhora?

— O mesmo que o senhor, capitão: divirto-me em um baile de mascaras.

— Mas, sabe que a senhora e os seus estão sendo procurados por todas as policias do mundo e que se a reconhecessem?...

— Não me reconhecerão. Tomei todas as precauções necessarias. O senhor mesmo procurou-mesmo esta mesa da qual não posso ser avistada... a não ser que me denuncie.

— Oh! Minha senhora — respondeu seccamente Renard — sou um homem de honra. Denuncia-la! A senhora que tanto fez por nós. Não é para mim uma inimiga, mas uma alliada, ou quasi.

E começaram a cear. Mais tarde Renard disse á sua mulher que não se lembrava absolutamente do que haviam comido.

E, lentamente, em voz baixa elles evocaram todo um universo de recordações: as terriveis aventuras nas quaes estiveram envoltos, o passado e o presente. Duas ou tres vezes a senhora Prittwitz chamou o seu companheiro de Muller, como costumava faze-lo na enseada do Paraiso. Elle, por sua vez, falou muito em allemão tratando-a por Vossa Graça. Ella fe-lo recordar que antes de encontrar Margaret, costumava corteja-la e elle respondeu-lhe que era um velho costume do seu paiz, um francez que se preza jamais encontra uma senhora, seja onde fôr, sem lhe fazer a corte, e accrescentou que além disso nunca tinha sido realmente indifferente á bella condessa. Terminou dizendo com uma voz calma e grave que tudo aquillo devia terminar, que ella e seu marido tinham obrigações para com a humanidade. Seria possivel que um homem de genio como o conde Prittwitz dedicasse toda a sua vida a inventar maravilhas para um grupo de piratas, não teria elle o dever de inventar para o repouso e para a felicidade da humanidade? Dizendo isso enthusaismou-se pouco a pouco, tornando-se eloquente, ardente, persuasivo.

— Ah! — disse a condessa com ar cansado. — Mas que é preciso fazer?

— Minha senhora, peço-lhe pouca coisa. Apenas a liberdade de Miss Helena Smith.

— Não, não tenho poder para lhe conceder isso. Fale com o conde Dietz. — Oh! Mas que idéa! Sabe bem que quando o commandante Dietz e eu nos encontrarmos será para trocarmos amabilidades a tiros de canhão. Não tenho nada que pedir ao vosso Dietz.

— E então?...

— Quero apenas saber onde é o vosso ultimo refugio. Quero saber onde fica a ilha Z e a senhora não deixará esta festa sem me dizer. Não a estou ameaçando, quando quizer partir serei o primeiro a ajuda-la para que o faça em paz, mas espero isso da sua bondade e da condescendencia.

Nesse momento aproximou-se um maitre d'hotel:

— Senhor ha ahi alguem que lhe deseja falar.

Renard levantou a cabeça e avistou o inspector Servel, chefe da Segurança franceza em Toulon.

— Que diabo quererá elle? — murmurou entre dentes.

Desde que estava em Toulon havia visto o Servel varias vezes por causa do serviço de informações. O inspector era conhecido como um homem que conhecia muito bem a sua profissão.

— Com a sua licença condessa, voltarei immediatamente. — A conversação com Servel foi rapida:

— Meu caro capitão — disse o inspector — com o senhor não farei mysterios. Estamos na pista da condessa Elsa Prittwitz. Ella foi identificada ante-hontem em Paris, mas conseguiu escapar da Segurança parisiense e fugiu em um automovel. Foi seguida pelos agentes que julgaram encontra-la em Nice, mas ahi foram mais uma vez ludibriados. Eu gostaria bastante de mostrar a esses senhores de Paris que aqui sabemos trabalhar melhor que elles. Tenho todos os signaes da princeza e a sua photographia.

— Deve imaginar — respondeu Renard ironicamente — que ella não se arriscará em um baile como este.

— Qual nada! Essa gente é de uma audacia sem limites. Bem, vou explorar as salas de baixo. Depois subirei ao terraço. Nada de suspeito aqui?

— Não, não vi nada. Estou ceiando com Madame Coedic, a senhora do meu superior, almirante. — Disse Renard designando com o dedo a condessa Elsa que se achava de costas.

E' verdade — disse o policial. — Tenho visto varias vezes em Toulon a senhora Coedic e é ella mesma.

— O senhor sabe que o seu marido é uma especie de selvagem. Minha senhora não podia me acompanhar e a seu pedido do almirante trouxe madame Coedic, mas o senhor deve comprehender que ella faz questão de não ser vista. A senhora de um almirante não póde tomar as mesmas liberdades que a senhora de um simples capitão... o senhor comprehende...

O policial sorriu com ar entendido.

O official olhou o relogio:

— Meu chauffeur deve estar em baixo com o auto.

— Até á vista meu caro capitão.

— Até á vista senhor inspector. Faço votos para que consiga prender essa perigosa aventureira. Será uma prisão sensacional.

Voltando para junto da condessa Elsa, Renard, impassivel, chamou o maitre d'hotel, pagou a conta, pediu a capa e disse á condessa:

— Encantadora e bella senhora, mascare-se cuidadosamente e envolva-se o mais possivel na sua capa de baile porque está em serio perigo, a menor manobra falsa pode perde-la.

A condessa perguntou-lhe bruscamente: — Tem um lapis?

— Sim senhora.

— E um pedaço de papel?

— Meu cartão de visita.

— Dê-mo.

E ella escreveu rapidamente algumas palavras e algumas cifras.

— Tome, mas não leia antes de eu ter desapparecido.

— Que ha ahi?

— Tudo o que quer saber. Mas tome cuidado, a batalha será dura e o castello do mar não se deixará dominar facilmente. Apenas dessa vez é preciso que meu

marido, miss Helena e eu consigamos abandonar o conde Dietz e seus companheiros o mais cedo possivel. Mas como faze-lo, como?

— Poderei ajuda-la minha senhora?

— Não, não se meta nisso.

E, bruscamente:

— Luiz — disse familiarmente — é tempo de nos retirarmos.

— Desçamos. Dê-me o seu braço e, aconteça o que acontecer, não perca a calma.

Desceram a grande escada. Quando chegaram ao hall encontraram varias pessoas esperando.

— Imagine o senhor — disse o maitre d'hotel — que o inspector Servel está ahi com os seus homens. Não sei se foi commettido algum crime ou roubo, mas estão tirando as mascaras de todas as senhoras que são obrigadas a entrar para uma sala e não ha protesto que sirva. A metade da policia está ahi e cerca o casino.

Nesse momento appareceu Servel:

— O capitão Renard — disse dirigindo-se a seus homens. — Deixem-no passar, conheço essa senhora. — E, deante da senhora mascarada, para deixar bem definido que a conhecia curvou-se muito e disse a meia voz:

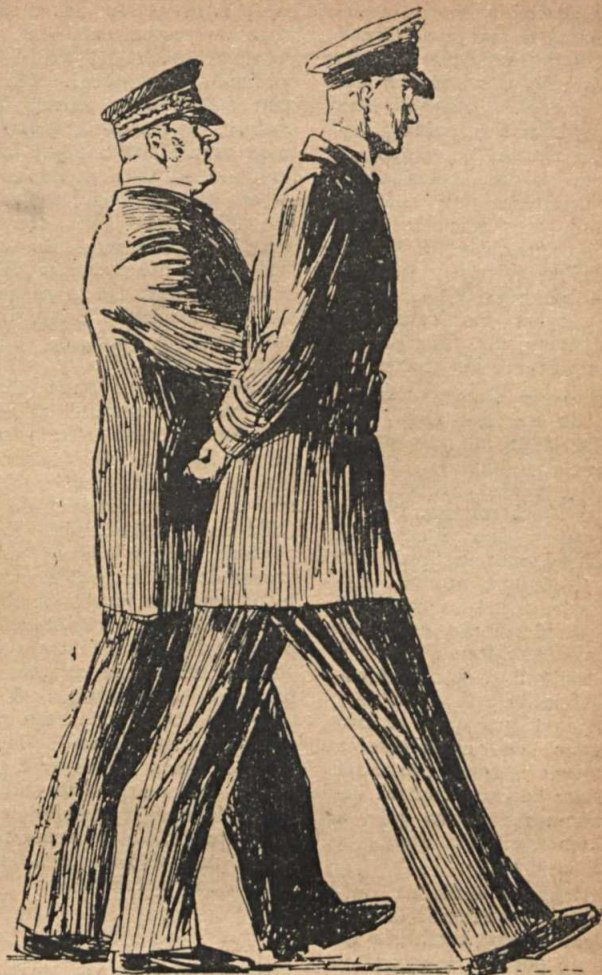
— Madame, tenha a bondade de apresentar meus respeitos ao almirante Servel e levou a sua condescendencia até ao ponto de acompanhar o jovem official e a condessa até o automovel.

No momento de partir Renard disse-lhe:

— Muito obrigado, senhor Servel. Mas não correremos perigo daqui a Toulon? O senhor comprehende que seria muito desagradavel se prendessem a senhora do almirante.

Servel chamou um dos seus homens e ordenou-lhe que subisse ao lado do chauffeur e que se houvesse algum impecilho no caminho, evitasse terminantemente, sob a sua responsabilidade que a respeitavel senhora fosse revistada.

O auto partiu e o inspector dirigiu-se para onde estavam os seus homens e disse no ouvido de um delles:

— E' o capitão Renard do qual tanto se tem falado. Estava acompanhado da senhora do seu almirante que ainda é uma linda mulher. Pretende ter vindo a pedido, mas entre nós creio que o pirata estava mentindo e que a penitencia é doce.

O dia cobrira o horizonte de purpura e ouro. O sol resplandecia no porto de Toulon.

Renard, ainda em smoking e com o rosto transfigurado, abriu inteiramente a grande janella do seu gabinete de trabalho.

Uma nuvem de luz innundou a sala. Luz encantada da costa azul, luz do mais profundo meio dia.

Renard tomou de sobre a mesa um binoculo maritimo e collocou-o na direcção de um ponto do porto onde atracam os grandes navios mercantes que fazem escala em Toulon. Um suspiro longo saiu do peito do official... Elle reflectiu um instante, largou o binoculo e retirou do bolso o cartão de visita. Leu e releu longamente algumas palavras que estavam ali e murmurou:

— Terá ella se divertido a minha custa? Commetti uma gaffe!...

Conservou-se absorto durante alguns minutos e, bruscamente, dirigiu-se á bibliotheca e retirou um grande atlas.

O CASTELLO DO MAR

Lá muito ao longe, ao sul desse paraizo encantado que são as ilhas Canarias, alonga-se sobre a costa occidental da Africa uma terra desolada. Uma barreira sempre espumante de arrecifes perigosos torna a margem inhospita em uma distancia de cerca de oitocentos kilometros. Entre os postos francezes do sul de Marrocos e as primeiras feitorias da Mauritania, estende-se essa margem onde nenhum navio se atreve a tocar e por cima da qual os aviões evitam de passar com medo de serem obrigados a aterrissar e serem capturados pelas tribus mouras que percorrem constantemente o litoral varrido por resacas eternas. Quando os mouros surprehendem um avião, immediatamente massacram a tripulação e os passageiros, a não ser que desejem guarda-los como refens para só os entregarem em troca de muito dinheiro.

Essa costa inhospita é chamada de "Rio de Oro". O paiz estende-se mais ou menos duzentos kilometros pela profundeza da

terra. O deserto começa assim que se deixa a margem. Ora é um deserto de areia com as suas dunas movediças, ora é um deserto de rochedos com as suas planicies calcarias corroidas outrora pelas aguas. No tempo em que chovia porque actualmente isso só acontece por milagre. Mas quando isso acontece é tal a furia das aguas que, desgraçadas das tribus selvagens que forem surprehendidas por ellas no curso de algum rio resequido, que se transforma immediatamente em torrente impetuosa.

O tropico de Cancer corta o territorio do Rio do Oro pelo meio e faz delle um dos paizes mais quentes do mundo. Não é raro que no verão o thermometro suba a 50° á sombra. No inverno os dias são igualmente muito quentes, mas as noites são glaciaes. Nenhuma arvore, nenhum arbusto fóra dos oasis. E' um paiz de desolação esse Rio do Oro, mas ao mesmo tempo é o ultimo refugio para os selvagens da Africa. De lá ainda partem algumas tribus que tentam surprehender os colonizadores que infatigavelmente procuram dar caça aos ultimos mouros insubordinados; por outro lado, a aviação tem facilitado muito a vigilancia do deserto.

A difficuldade está na impossibilidade de perseguir os selvagens dentro do territorio do Rio do Oro, porque esse territorio pertence á Hespanha que, muito conscia dos seus deveres de honra, só com muita difficuldade permitte a entrada ali dos milicianos francezes.

A verdade é que isso é apenas um ponto de honra porque a republica hespanhola liga muito pouca importancia a esse territorio e não se encontra ali um unico soldado hespanhol.

Entretanto, isso se explica facilmente: Que iriam elles fazer lá? Todo o Rio do Oro não vale os ossos de um unico soldado andaluz. O ouro que existe lá não passa de uma lenda como qualquer outra. O governo hespanhol toma cuidado com alguns pontos da costa como Villa Cisneros e Ini, onde a principio tiveram a idéa de fazer colonias correccionaes. De longe em longe existem alguns postos perdidos na costa que são encarregados de proteger os aviões que se dirigem ao Senegal ou á America do Sul.

Ha um ponto do Rio do Oro particularmente sinistro. Um ribeiro sem nome, transformado em torrente uma vez por anno, com um magro fio de agua durante algumas semanas e secco o resto do tempo, abre-se acima do nivel do oceano que é muito profundo nesse local. Na margem esquerda do ribeiro, ou se prefere, na margem sul, levanta-se uma silhueta sombria: Kilid-Bahr, — O Castello do Mar — em turco. Uma lenda conta que Kilid-Bahr foi construido pelos piratas turcos do seculo XIV e que até o seculo XIX foi o ninho delles. De lá partiam os barcos poteagudos e ligeiros que assolavam o oceano. Para lá eram transportados os prisioneiros christãos que eram devolvidos mediante resgate ou vendidos como escravos. Tudo isso teve um fim em 1820 quando uma grande esquadra ingleza foi tomar a antiga fortaleza do mar. Kilid-Bah defendeu-se fazendo pontaria para o oceano com o grosso de sua artilharia, emquanto os espessos muros da fortaleza desafiava as peças ligeiras dos navios. Mas o almirante inglez poz em terra uma companhia de fuzileiros. A guarnição do castello era pouco numerosa e, não podendo resistir a um assalto, foi passada pelas armas sem julgamento. Os marinheiros britannicos rodearam o castello de barris de polvora e tentaram faze-lo saltar, mas não conseguiram senão o desmantelar.

* * *

Passou-se mais de um seculo. Kilid-Bahr mudou de nome e chama-se actualmente ilha Z. Os piratas da Hanse ali estabeleceram o seu ultimo refugio depois de perderem a Enseada do Paraizo. O commandante Dietz, seus officiaes e sua equipagem, o conde Prittwitz, a bella condessa Elsa, emfim todos os sobreviventes da formidavel aventura, depois de haver despistado os agentes da Segurança Franceza e os da Intelligence Service, fretaram um navio hollandez que os conduziu a essa costa desolada na qual já possuiam um estabelecimento.

Como o castello era construido directamente sobre o oceano, muito profundo nesse lugar, Prittwitz construiu uma especie de caes submarino com gigantescas portas de bronze que o isolavam do mar. Foi lá que peça por peça foi construido o "Tubarão de aço".

O castello fôra transformado. Parecia-se ao mesmo tempo com uma caserna e uma usina. Apparelhos refrigerantes tornavam a temperatura agradavel. Turbinas iam procurar agua fresca e pura a trezentos metros de profundidade e trazia para derrama-la em jorros sobre os terraços.

Fôra construido um grande jardim suspenso e a condessa Elsa e suas amigas, as senhoras dos officiaes, divertiam-se a reconstiuir ali o jardim wagneriano, o jardim diabolico de Klingsor.

Era lá que os piratas, depois da terrivel catasrophe que os privou do Vindex e, emquanto forjavam as proprias armas, em um trabalho forçado, vinham repousar.

A condessa Elsa perguntou ao conde no dia em que elle, sempre galante, lhe mostrou as installações:

— Não pensaes que estamos correndo algum perigo?

— Não creio — respondeu o conde Dietz — em todo o caso é um assumpto que desejo discutir com Vossa Graça. O golpe que nos desfecharam foi demasiado rude, não só pelo subtil material que sabeis, mas tambem porque na Allemanha a vigilancia diminuiu. Sua excellencia o chanceller não parece se lembrar mais de certas promessas e o nosso serviço de informações está muito incompleto. Perdemos na Enseada do Paraizo gente de primeira ordem que não substituirei com facilidade e, no entretano, é preciso que eu saiba... é preciso que eu seja informado.

— Pois bem, — respondeu a condessa — enviou emissarios á Europa. A' Londres, á Paris.

— Tenho pensado nisso cara amiga, mas um tal emissario não é facil de encontrar.

— Como, entre as pessoas que vos cercam não encontraes ninguem?...

— Oh! sim, sei bem quem deveria ir informar-se. Seria preciso um agente intelligente, devotado, corajoso...

— Isso se encontra.

— Sim, sem a menor duvida, mas se esse agente pudesse...

— Pudesse o que?

— Encantadora condessa, estive sonhando: enviariamos como agente na Europa... uma grande dama. Ella iria a Londres, a Paris, frequentaria a alta sociedade e entre dois sorrisos descobriria tudo o que desejo saber.

— Sabeis que já desempenhei missões semelhantes — disse friamente a condessa — porque vos atrapalhaes com todos esses rodeios? Quando querem que eu parta?

— Oh! cara condessa, não representaes para nós apenas a

graça e a belleza, sois tambem a nossa Providencia.

Um brilho estranho passou pelos olhos da condessa, que baixou os longos cilios como se quizesse escondel-os. O official de marinha proseguiu:

— Sem vós onde estariamos? Sem o vosso marido que seriamos? Pois bem, seja. Vou mandar pôr um avião á disposição de Vossa Graça e amanhã de manhã, com a aurora... Primeira e unica etapa, Larache onde temos o serviço de informações que conheceis. Tereis todos os passaportes necessarios, nossos falsarios são de uma habilidade extraordinaria. De Larache vos dirigireis ás possessões francezas de Marrocos e de lá, liberdade de manobras. Remetter-vos-ei esta noite uma pequena nota, tres ou quatro paginas que lereis e destruireis depois. Creio ter resumido nella toda a vossa missão. Para o resto confio em vós.

A noite cahiu emquanto o commandante Dietz, debruçado sobre o seu escriptorio, escrevia a nota sobre a qual falara. A senhora Prittwitz subira na torre mais alta de Kilid-Bahr: Dir-se-ia que era uma princeza sarracena envolta na sua ampla capa branca e prestes a evocar o demonio da noite.

COLLOQUIO SOB AS LARANGEIRAS

— Então a senhora fez uma agradavel viagem?

— Muito agradavel, miss Helena — respondeu a condessa Elsa — verdadeiramente muito agradavel. O clou foi essa Festa do Verão realizada em um dos novos casinos da Costa Azul.

— Gostaria immenso de acharme no seu logar — suspirou a joven.

— A senhora esquece miss Helena em primeiro logar que é nossa hospede aqui...

— Sua hospede! minha senhora... sua prisioneira!

A condessa Elsa levantou os hombros e respondeu com um tom prazenteiro que em Kilid-Bahr não havia prisioneiros, nas hospedes, amigos convidados a passar uma temporada sobre as margens do oceano resplandecente, em um castello mysterioso, é certo, mas de uma attração singular.

— Em summa — disse a allemã — que falta á senhora e aos seus companheiros, não estão bem alojados?

— Certamente, em um palacio, ou quasi.

— Muita gente gostaria de estar em seu logar, sob um céo sempre clemente, onde a temperatura quasi torrida durante o dia é minorada pelos nossos apparelhos refrigeradores. Por outro lado essa temporada, pelo menos para os seus companheiros, termina quando elles desejam.

— Sim, quando pagam o resgate.

— Diga, quando pagam a nota do hotel. Uma nota um pouco elevada é certo, mas emfim...

— Sim, — declarou a joven australiana, — é como se estivessemos passando uma temporada em casa de Ali-Baba e onde um dos quarenta ladrões redigisse a conta. Uma palavra minha senhora: para mim, esta clausula que julga um lenitivo não tem nenhum valor, pois apesar das continuas offertas do meu pae, continuam a reter-me prisioneira.

— Isto quer dizer que a chave de ouro não abre todas as portas. Mas descanse senhorita, tudo isto terá um fim. E mais proximo do que imagina.

— Em todo o caso, pode contar com o meu reconhecimento. Não esquecerei que graças á senhora essa temporada demasiado monotona tornou-se agradavel. Sim, monotona: entre os seus hospedes, para empregar a sua propria expressão, ha nesse momento tres senhoras que passam o tempo fazendo tapeçarias ou discutindo sobre as suas vidas passadas e oito homens dos quaes nenhum é interessante e cuja unica distracção é jogar bridge, um jogo que não conheço e detesto. Mas voltemos ao baile de mascaras.

— Um baile de mascaras — objectou madame Prittwitz, — não é logar para uma moça solteira, mesmo que ella seja australiana.

Helena Smith possuia cabellos castanho dourado, elegante na sua estatura media, acostumada aos exercicios sportivos, sentia-se que seus musculos eram solidos. Muito simples, muito recta, muito positiva, mas com esse tom de enthusiasmo que possuem por vezes os inglezes, principalmente quando descendem de irlandezes por parte de mãe, como era o seu caso.

Muitos simplesmente, nos momentos de abandono faziam confidencias e falava no noivo, seu amigo de infancia, seu amigo de sempre. Falava á condessa Elsa do seu amor, não em termos romanticos como as heroinas do começo do seculo XIX, entre lagrimas e suspiros, mas á maneira moderna do anno da graça de 1936, que é mais directa, mais brutal talvez, mas mais franca.

Por vezes no meio de uma confidencia, ella se calava bruscamente com os olhos semi-cerrados, como se um mundo interior apaixonado e encantador se apossasse da sua alma.

A enorme fortuna de seus paes não lhe tinha transtornado a cabeça. Estava firmemente decidida a tornar-se a mulher de um simples official de marinha. Talvez no fundo de si mesma, em algum recanto secreto do seu cerebro pensasse que embora os seus fossem fabulosamente ricos, o dinheiro não era tudo nesse mundo mesquinho. Seu avô era um homem simples, sahido não se sabe de onde e que um bello dia fôra ganhar a vida na Australia, como tantos outros. A familia de sua mãe, originaria de Ulster, tinha fugido da Irlanda porque morria de fome. Tudo isso podia ser muito honoravel mas não era muito digno diante do que os inglezes chamam de "cant". Emquanto que, o seu noivo servia na armada real o que, aos olhos dos inglezes, vale mais do que qualquer outra coisa.

Nos jornaes que haviam posto á disposição dos prisioneiros, miss Helena lera que John Hopen acabava de receber a Victoria Cross, o que o tornava nobre. Quando ella fosse "Lady Hopen", teria o direito de ser convidada ao baile da corte e seria apresentada a Sua Majestade.

O sol descia no horizonte, a sombra das larangeiras reflectia-se no terraço. As duas mulheres caminhavam a pequenos passos ao longo da balaustrada de um dos jardins suspensos. Calaram-se durante alguns instantes e não ouviram mais do que o ruido do mar e o canto choroso do alcyon.

Miss Helene recomeçou a conversação que tinha deixado cahir:

— Mas por favor fale-me desse baile.

— Um baile de mascaras como são todos os bailes de mascaras. Toda a sua originalidade estava em que era realizado no verão, sobre os terraços, entre as emoções de uma noite quente e perfumada. Vi explendidos vestidos e mulheres muito lindas. Estava elegante, divertido, mas com esse não sei que de chocante, de demasiado democratico que estraga tudo na França. Ah! Se tivesse visto os bailes da Corte, outrora, em Potsdam!

E, esquecendo que essas recordações não a rejuvenesciam, ella evocou a sumptuosidade das mulheres berlinenses e dos Junkers nos seus deslumbrantes uniformes de officiaes da Guarda. Depois continuou com um tom mais baixo:

— Entretanto, nesse baile tive uma surpresa. Encontrei um amigo, um velho amigo... um amigo de meu marido. Reconheci-o mais facilmente ainda porque fôra sem mascara. Depois de havel-o intrigado durante alguns momentos, tirei a mascara. Repare cara senhorita, que eu estava muito receiosa, pois se tivesse sido reconhecida pela policia estaria a esta hora na prisão e, provavelmente, um pouco menos bem tratada do que a senhora aqui.

— E será indiscreção perguntar-lhe o que lhe disse esse amigo?

— Oh! coisas que naturalmente não a interessa. Outras, no entretanto, que não deixam de ser picantes. Posso assegurar-lhe que é um amigo muito caro que me fez outrora uma corte discreta. Disse que desejava muito rever-me e perguntou qual era o meu endereço actualmente...

— E a senhora contou-lhe?

— Está doida, Helena? O commandante Dietz apesar de assegurar-me constantemente que é um dos meus mais ardentes admiradores, não titubearia em mandar fuzilar-me se eu commettesse uma tal indiscreção! A disciplina allemã é impiedosa, não o esqueça...

Mas que suppõe a senhorita?

E a condessa estalou em um riso nervoso.

— Disse-lhe por acaso que esse amigo não era allemão?

— Não senhora.

— Disse-lhe por accaso que elle é official de marinha e serve a um paiz com o qual tivemos outrora algumas difficuldades, como dizem os diplomatas?

— Não entendo... — disse a joven.

— Mas vae entender: supponha que em um instante de abandono — as festas são propicias a essa especie de coisas — tive a imprudencia de deslizar no ouvido desse bello official algumas cifras, dois grupos de duas cifras cada um...

— Não comprehendo...

— Vae comprehender immediatamente: Primeiro grupo: x x' x". Segundo grupo: y y' y". Um capitão de fragata não precisa mais do que entrar em sua casa, abrir um mappa sobre a mesa e traçar uma cruz onde as longitudes e lattitudes se encontram.

— Comprehendo — disse Helena tornando-se muito attenta.

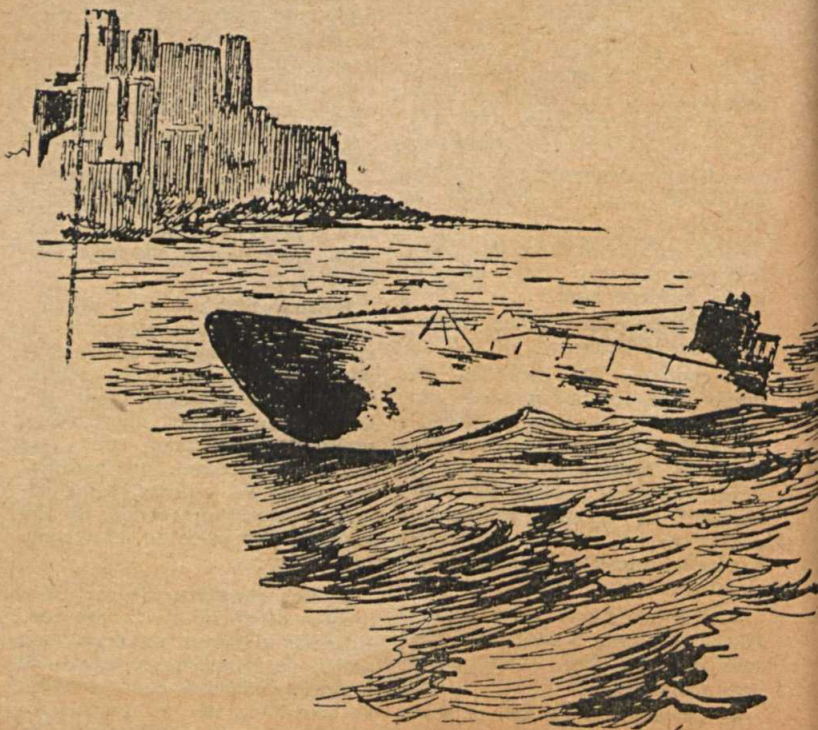
— E agora, supponha que eu esqueça que já passei o que se chama a idade canonica e que esse bello apaixonado tenha a fantasia de vir procurar-me aqui. Que em um momento de loucura ou de fantasia, como preferir, resolva levar-me daqui... Além de eu já ter passado a idade de Julieta e elle apenas ter attingido a de Romeu, não estamos em Verona: uma escada de seda cahindo de uma sacada de ferro forjado não é absolutamente sufficiente. Repare bem minha cara amiga, repare... emquanto o sol se põe, contemple essas muralhas que dominam o mar em mais de sessenta metros de altura. Cada uma dellas tem quinze metros de espessura e foram reforçadas por cantos de beton. Essas aberturas profundas se communicam com casematas blindadas e, em poucos segundos, formidaveis canhões electricos inventados por meu marido mostrarão as suas guelas. Ha ainda o "Tubarão de aço" que está lá ao abrigo do seu porto submarino e, finalmente, todo um formidavel arsenal, cujos segredos conheço muito pouco. E a senhora pretende que para chegar até a mim esse bravo amigo... Em primeiro logar, respeito profundamente o meu marido e sempre me portei impeccavelmente, apesar de adorar a vida mundana. A verdade é que esse homem amarrado á sua cadeira de enfermo, fascina-me pelo seu genio, elle é sem a menor duvida uma das mais bellas intelligencias do nosso seculo. Por outro lado, se eu não tivesse sufficiente juizo, seria obrigada a collocar-me no meu logar pela mecha de cabellos brancos que você está vendo em minha fronte. Mas você Helena, é muito bonita, muito joven, muito seductora e conheço um joven official de Sua Majestade britannica, cavalleiro da Victoria Cross, por consequencia acostumado aos actos de bravura, que pensa em você. Se, porventura, uma senhora, por capricho, por imprudencia ou talvez, por dever, lhe dissesse onde se encontra Kilid-Bahr, causar-me-ia enorme surpresa se esse bello cavalleiro não se mettesse na mais perigosa das aventuras para conquistal-a.

A condessa Elsa interrompeu-se por um minuto e depois continuou:

— Está na hora do jantar, vou procurar meu marido. Helena não esqueça esta conversa e não fale sobre ella a uma viva alma.

— Prometto-lhe minha senhora — disse a moça intrigada.

— Sim, e a partir deste instante esteja prompta para qualquer

(Continua na pagina 85)

Pum!

Vamos, tire este colar do pescoço, isto iria chamar attenção do publico sobre você!

A PISTA DE OLEO

POR H. RICHARD SELLER

— Que diabo! Ha um anno que estabelecimentos commerciaes diversos vêm sendo assaltados em condições identicas de mysterio. Roubos de mantimentos enlatados, tintas, velas para arvores de natal, objectos de ornamentação, machinismos, o diabo! E nem um indicio dos assaltantes, nunca. E nunca se encontrou nenhum objecto roubado que houvesse sido revendido. Estranho!

O detective capitão Marshall Scrafford, de Seattle, E. U., releu, preoccupado, o relatorio que acabara de receber:

Attenção detectives:

Lumber Supply Company,
535 Eliot Av., W.
Garfield 0690.
Informação: porta arrombada, casa inteiramente varejada durante a noite. Tintas, vernizes, e instrumentos carregados. Prezos avaliados em $750.

* * *

Scrafford foi visitar em pessoa o estabelecimento roubado. A fechadura tivera a lingueta afastada por meio de uma lamina de aço flexivel, ou talvez mesmo de celluloide. Os technicos tentaram ver as impressões digitaes mas não encontraram nada: os assaltantes haviam agido de luvas.

— Serviço limpo, — murmurou Scrafford com um sorriso amarello.

Isso se passava no dia 27 de Novembro de 1934. Assaltos do mesmo genero continuaram acontecendo. No dia 9 de julho de 1935 a Savage Lumber Company, 2315 Western Avenue, foi victima do "gang" phantasma.

O detective Scrafford ficou rubro ao receber o relatorio dando a informação.

Aos esforços do inspector Walter Dench e do Chefe de Policia Walter B. Kirtley deve-se a captura do bando de criminosos

— Ah, agora eu pego esses diabos...

Mas no local em que se verificára o assalto os seus esforços sommados aos de varios auxiliares não conseguiram obter sequer um indicio.

— Parece que estamos lidando com homens que sabem o que fazer para annullar qualquer vestigio que possa vir a constituir uma pista, — murmurou o detective tenente A. T. Greathouse, a seu lado.

— Talvez, talvez... A que horas foi descoberto o roubo?

— A's tres da madrugada, chefe.

— Pelo guarda de plantão, hein?

— Não, — replicou Greathouse apressadamente. — Parece que era a noite de folga do guarda.

O olhar de Scrafford se esbugalhou, mas elle não fez nenhum commentario. Com um rugido, apenas, dirigiu-se para o automovel.

— Para a Chefatura, — ordenou ao chauffeur.

* * *

Poucos minutos depois o detective capitão se achava numa dependencia da Policia Central, folheando archivos e colligindo notas. Interessava-se apenas pelas fichas referentes aos roubos mysteriosos do "gang" que não deixava rastro.

Foi um trabalho fatigante. — Horas se passaram. Dali, sem perder tempo para satisfazer o

Um dos membros da quadrilha no momento da confissão

A quadrilha aprisionada pelo chefe Kirkley enfrenta a lei

estomago que reclamava, correu ao gabinete do chefe de policia, Walter B. Kirtley.

— Scrafford: A que devo a sua visita?

— A coisas bem feias.

E gastou meia hora para informar o chefe do motivo da sua presença.

— Parece, chefe, — terminou — que os roubos sempre se deram nas noites de folga dos guardas.

O olhar agudo do chefe de policia mergulhou no olhar afflicto do detective.

— Sabe o que está dizendo, Scrafford?

— Só hoje foi que tive o primeiro indicio, chefe. O guarda dessa ultima companhia assaltada estava de folga. Lembrei-me de que o mesmo occorrera ha seis mezes... Corri todo o archivo. E confirmei as minhas suspeitas!

— Sabe os nomes desses guardas? — indagou Kirtley.

Scrafford entregou-lhe uma lista que já havia feito.

O promotor Warren C. Magnussen, que se occupou do intricado caso.

Kirtley examinou-a rapidamente, e depois disse:

— Espero que seja apenas uma coincidencia. Parece impossivel que o pessoal que trabalha comnosco seja capaz de informar criminosos dos dias de folga dos plantões.

Nesse dia o chefe de policia interrogou pessoalmente varias patrulhas.

— Alguem perguntou qual era o seu dia de folga?

— Não... Mas minha mulher sabia...

E quando não era a mulher era um irmão, um tio ou outro parente qualquer, um amigo.

No dia 22 de julho occorreu

um incidente curioso. O patrulha G. V. Barnett passava por um trecho pouco illuminado da 1ª Avenida e de subito parou, sentindo um frio na bocca do estomago.

A porta da Belltown Forniture Company estava escancarada. De mão na coronha do revolver, o guarda foi se approximando lentamente da soleira. Dentro tres vultos appareceram, agachados, ao clarão repentino da lanterna.

— Venham para fóra, ou atiro!

— Salve, Barnett, — disse um dos vultos.

Barnett deixou cahir a mão que empunhava o revolver, com um suspiro de allivio.

— Oh, Sid. Que foi, algum assalto?

— Não sei ainda, replicou o patrulha Sid Odell. — Mas parece. Ia passando e vi a porta aberta. A dos fundos tambem está aberta. Devem ter fugido por lá...

— Bem, acho que não posso ser de grande auxilio. O caso está em boas mãos.

No dia seguinte tanto Barnett como Odell entregaram os seus relatorios na Chefatura. O chefe Kirkley leu ambos cuidadosamente.

— Parece que Sid Odell quasi pilhou o "gang" mysterioso em plena acção, — observou o inspector Walter Dench, a seu lado.

O chefe não replicou immediatamente.

Objectos diversos encontrados no deposito do bando de ladrões phantasmas.

— Era a noite de folga de Odell, — disse depois de algum tempo de meditação.

* * *

Provavelmente ia passando... — suggeriu o inspector.

— Ainda teremos que esperar, — declarou o chefe.

Esperaram até 4 de outubro, dia em que a Lumber Supply Company foi novamente assaltada pelos ladrões phantasmas. O chefe Kirkley e o inspector Dench foram examinar pessoalmente o local do roubo. Os ladrões, apparentemente socegados, confiantes de não serem interrompidos, haviam tido a calma de ir buscar no pateo uma escada para esvaziar uma prateleira mais alta. A limpeza havia sido completa.

O chefe ficou pallido ao saber que não havia vestigios de marcas digitaes.

— Imagino, — disse, — que o guarda da zona estivesse na sua noite de folga.

— Justiamente, chefe.

— Vamos, Dench! — exclamou Kirkley. — Voltemos para a Chefatura, quero interrogar esse guarda.

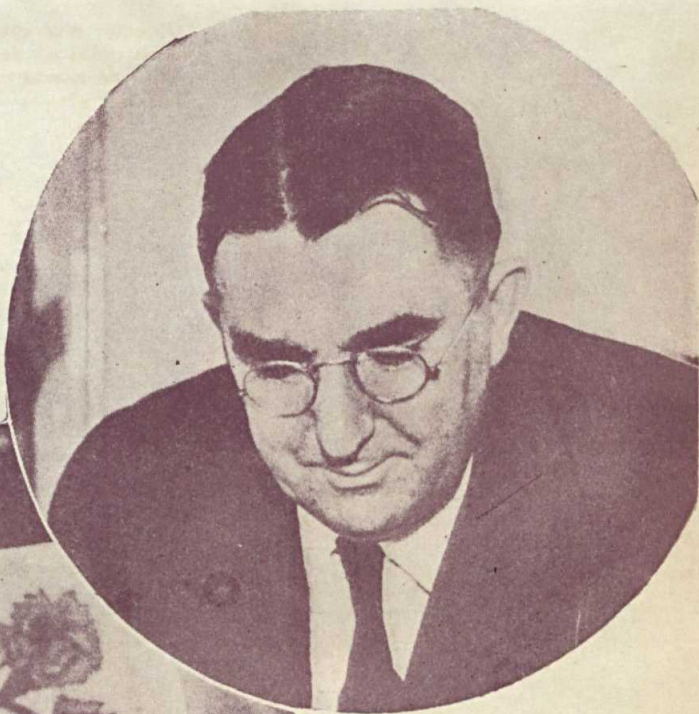
— Acho que minha mulher sabia, — declarou o guarda. — E ficou bem aborrecida, pois não era a minha noite regulamentar. Mas eu a tive que trocar porque o guarda mais proximo queria ter folga na sexta-feira, que seria a minha noite, e quando um de nós tem folga o outro não pode ter, já que accumulamos o serviço quando um de nós está fóra. Por isso, trocámos.

* * *

O chefe encarou o guarda até que o homem se sentiu nervoso. Era de mais, que a quadrilha soubesse até de uma troca inesperada como aquella! Ou seria um dos dois guardas culpado?

— Alguem sabia dessa troca, além dos senhores dois interessados, aqui dentro da corporação?

— Não, com excepção de George Adams. Elle sempre sabe.

George Adams, um funccionario joven e sympathico, ficava encarregado do quadro de plan-

O detective Marshall Scrafford, o primeiro a suspeitar dos verdadeiros criminosos.

A esposa de um dos guardas, sendo transportada da sala do julgamento, em plena crise de nervos

tões e do radio durante a noite. Mas Adams parecia acima de qualquer suspeita.

— Quer falar a George? — perguntou Dench a Kirkley.

— Não, acho que será preferivel que o capitão Haag lhe faça uma pergunta, como por accaso... Não quero despertar as suspeitas de toda a corporação.

Horas depois o capitão Haag informava ao chefe:

— Falei a Adams. Elle disse que ás vezes os outros funccionarios telephonam, perguntando se um plantão está coberto ou não. Não se lembra quem telephonou. Tenho a impressão de que não está dizendo toda a verdade.

Talvez Adams fosse um innocente peão naquella complicada partida de xadrez. Talvez desconfiasse de alguem, mas sem ter certeza e por lealdade para com os companheiros não quizesse dizer o que sabia.

— Gostaria que Adams fosse substituido por umas duas noites, capitão Haag, sem que isso chamasse a attenção de ninguem.

— Muito bem, chefe.

— Não sei se isso adeantará muita coisa, — informou o substituto de Adams, — mas por volta de meia-noite alguem me telephonou: "Allô, George". Resmunguei entre dentes uma resposta qualquer. E o sujeito disse: "Aqui é Bill". Eu respondi: "Sim". E então elle perguntou se havia alguem de serviço, entre Stewart e Virginia. Disse-lhe que não e elle: "Obrigado, depois nos veremos".

Ora, nesse trecho da 1ª Avenida ficava a Bucker Weatherby Company, um deposito de ma-

(Continúa no fim da Revista)

A MORTE DE MARY MAHAR

— Deve estar bom isso ahi... Não querem um cigarro?

Ouvindo a voz masculina, as duas moças, que se divertiam banhando-se num recanto de rio a vinte milhas ao norte de Van Buren, Arkansas, mergulharam ainda mais na agua os corpos adolescentes e quasi despidos, para se furtarem ao olhar indiscreto do rapaz.

— Quero! — disse Mary Mahar, de quatorze annos apenas. — Jogue um, por favor.

O rapaz atirou o cigarro, que foi prestamente apanhado no ar. A menina sorriu-lhe.

— Que adeanta um cigarro sem phosphoros? — perguntou.

— Venha buscar fogo. — desafiou-a o rapaz.

A' direita, Mary Mahar, a bella e infeliz garota de 14 annos, victima do desvario erotico do assassino. Em baixo, Dorothy Karps, companheira da assassinada no malfadado banho de rio

POR VIRGIL S. BECK

— Não posso, estou só de calça e **soutien.** Não tinhamos roupas de banho... e não esperavamos homens por aqui.

— Não tem importancia... — e a voz do rapaz estava tremula. — Não reparo, se está pouco vestida.

Os hombros da menina, brancos e roliços, sahindo da agua, em meio á verdura das folhas, produziam-lhe uma verdadeira intoxicação.

— Pois bem: se você não repara, eu vou.

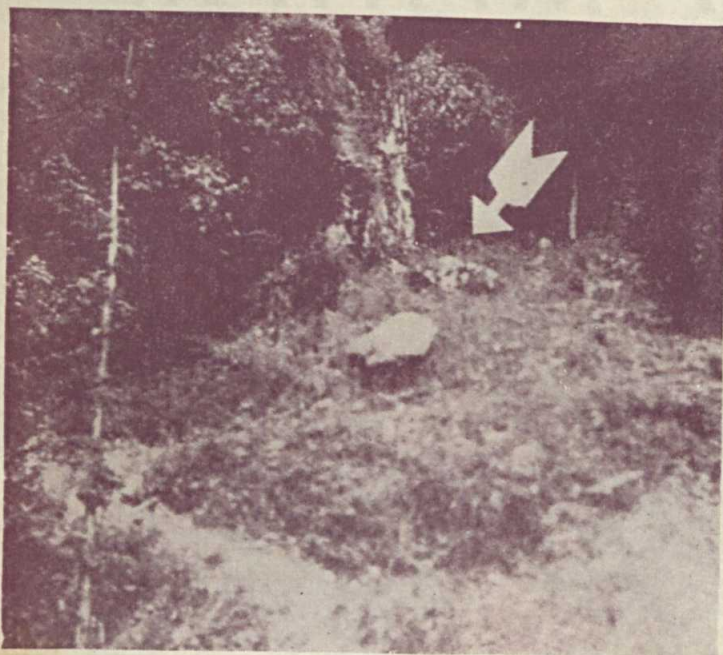
E ousadamente Mary sahiu do rio, avançando sorrindo, com a sua quasi nudez ingenuamente provocante, para o rapaz que a fitava perturbado.

* * *

Dorothy Karps, a outra jovem, com dezeseis annos de idade, contou mais tarde que o rapaz tentara abraçar Mary e esta escapara para a matta, gritando:

— Antes eu nunca houvesse vindo!...

O rapaz seguiu-a, correndo tambem, e ambos não tardaram a desapparecer.

A's seis horas da tarde do dia 4 de julho de 1936 o sheriff Long, de Van Buren, era informado telephonicamente de que uma moça perecera afogada em Big Clear Creek.

Ao alto, o local em que as duas meninas deixaram as roupas. Ao lado, o ponto do rio onde Mary e Dorothy se banhavam

Pensando que se tratasse de morte accidental, deixou para procurar o corpo no dia seguinte.

* * *

Mrs. Hattie Brady e seu marido H. A. Brady, appareceram horas depois no local, abatidissimos com o que acontecera á sua filha e enteada.

Só no dia 6, um sabbado, foi que uma mulher, percorrendo uma grande distancia a pé com dois filhos menores, encontrou o corpo da inditosa Mary, sobre umas pedras que sobresahiam da superficie do rio.

O exame pericial provou que Mary fôra violada, tinha uma vertebra quebrada á altura do pescoço e os pulmões vazios de agua.

* * *

Mary e Dorothy haviam partido na madrugada do dia 4, de Forth Smith, onde residiam, com um grupo constituido por alguns casaes jovens e moças e rapazes, para passar o feriado no Grotto Country Club, quasi á margem de Big Clear Creek. Faziam parte do grupo Mont e Clyde Trammell, dois irmãos, o primeiro noivo de Mary e o segundo "flirt" de Dorothy.

Miss Karps, inquirida, declarou que depois da fuga de sua amiguinha, perseguida pelo rapaz, esperara-a ainda meia hora no mesmo local e depois fôra para o club, deixando a roupa de Mary onde esta a havia posto.

— Quando estava a caminho ouvi a voz de Clyde, do outro lado do rio, informando-me de que Mary ficara mais para o alto do rio e que já devia estar de volta para apanhar a roupa. Muito tempo depois de chegar ao club Mary continuava desapparecida. Imaginei que houvesse preferido ficar com Clyde. Duas horas depois appareceu Clyde, perguntando se não sabiamos de Mary. Mont estava ausente do club. Clyde disse a mim e aos nossos companheiros que andara em idyllio com Mary pelos bosques, mas que não queria que se dissesse nada ao irmão, pois elle poderia ficar enciumado. Voltámos a procurar Mary, mas só encontrámos a sua roupa, no mesmo logar. Clyde affirmou que a deixara banhandose no rio e manifestou o receio de que houvesse se afogado, tratando então de avisar a policia.

Interrogado pelas autoridades, Clyde Trammell declarou que Mary era como uma sua irmã, que haviam passeado pela flores-

ta e depois ella tornara a se metter no rio.

Todos estavam de accordo em que Dorothy não mencionara ter deixado Mary no rio, de volta ao club, e que parecera muito nervosa quando a ausencia da amiga começára a se prolongar.

* * *

— Emquanto procuravamos Mary, Dorothy dizia todo o tempo que queria ir para casa, — affirmaram varios componentes do grupo.

Clyde, ao contrario, dissera á namorada que desejava ficar até ser descoberto o paradeiro de Mary.

Miss Karps partira no primeiro carro com destino a Fort Smith.

Dorothy e Clyde haviam sido as ultimas pessoas a ver Mary com vida.

Em cima, as pedras onde appareceu o cadaver da moça. A' esquerda, a setta indica a direcção tomada por Mary ao fugir

Que teria acontecido depois que Clyde corera em perseguição de Mary?

Por que não se referira Dorothy ao incidente do rio, de volta ao club?

Teria se sentido a tal ponto enciumada que, voltando Mary ao ponto em que deixara a roupa, a houvesse estrangulada sob o impulso do seu odio?

De qualquer maneira, suspeitas muito fortes envolviam Dorothy Karps e Clyde Trammell.

Mrs. Hattie Brady, mãe de Mary, declarou que sua filha não sabia nadar e que portanto não se arriscaria a mergulhar. Isso bastava para provar que a asserção dos peritos, de que Mary não tivera o pescoço quebrado ao mergulhar, mas sim por ter batido de encontro a alguma coisa ou recebido uma pancada, era verdadeira.

* * *

— Dorothy, você gostava de Clyde Trammell, não é exacto? — perguntou o sheriff Long no seu segundo interrogatorio á companheira do ultimo banho de Mary Mahar.

A moça não respondeu.

— Sei que não disse toda a verdade, — proseguiu a autoridade. — Você ou sabe o que aconteceu a Mary ou a matou numa exaltação colerica. Qual das duas hypotheses é a acertada?

— Oh! — exclamou Dorothy. — Eu não seria capaz de matar Mary! Estava com medo de dizer a verdade, mas já que me accusam, contarei tudo.

E sem dar tempo a que a interrompessem:

— Clyde Trammell foi quem matou Mary. Não vi, mas sei. Quando Clyde conseguiu que Mary fosse para perto delle, na margem, ouvi o que lhe disse:

(Continúa no fim da Revista)

UM CRIME A

O Battery Park Hotel, em Ashville, na Carolina do Norte, Estados Unidos, na noite de 15 de julho de 1936, tinha todas as janellas fechadas para se proteger da furia da tempestade que se desencadeara repentinamente. Era uma hora da madrugada.

E. B. Pittman, do apartamento 220, ouviu um grito impressionante. Correu para a porta, abriu-a e deu com um vulto que não distinguia bem na meia luz do corredor, em frente á porta do 224.

— Ouviu?... Um grito...

Um segundo de silencio. E depois o vulto replicou:

— Tambem ouvi... Estava pensando o que poderia ser...

Pittman entrou para seu quarto, sem desconfiar de que havia falado ao assassino de um barbaro crime que vinha de ser perpetrado.

* * *

Daniel Gaddy, de vinte e oito annos, era o detective do hotel. A telephonista lhe transmittiu que o hospede do 123 dizia ter ouvido um grito.

Daniel Gaddy percorreu todos os andares do hotel, investigando, mas não descobriu nada.

No dia seguinte o professor William F. Clevenger bateu ás oito horas na porta do apartamento 224, para chamar sua sobrinha, Helen Clevenger, de 18 annos. Costumam fazer em commum a primeira refeição.

Helen não respondeu. O professor Clevenger experimentou a fechadura, viu que estava aberta, empurrou a porta.

E immediatamente deparou com um quadro tragico.

Helen estava cahida ao chão do pequeno vestibulo, entre a

O "coroner" G. F. Baier examina a bala extrahida do corpo da joven

MEIA NOITE

por **C. R. SUMNER**

abertura do quarto e a porta do banheiro. Cahida sobre os joelhos dobrados, os pés sob o corpo. Detalhe impressionante: o lado esquerdo de seu rosto estava coberto de ferimentos e echymoses.

* * *

O sheriff Brown foi avisado e compareceu ao hotel. Suas investigações no interior do apartamento da moça assassinada o levaram ás seguintes deduções:

Mary, que havia chegado ás dez horas de uma visita feita em companhia do tio a uma familia conhecida, tinha fechado a por-

O casaco do pyjama de Helen Clevenger, manchado de sangue.

As autoridades policiaes encarregadas do inquerito examinam o tapete manchado de sangue do quarto da victima, á procura de indicios.

ta do quarto e se despido, pendurando o vestido num cabide do armario e levando a roupa de baixo para lavar no banheiro. Lavára as peças de seda e renda que constituiam os seus "dessous" e as pendurára nos cabides do interior da porta do banheiro. Depois tomára um banho e vestira um pyjama de seda verde, o mesmo com o qual fôra encontrada morta. Sentara-se então deante da escrevaninha e descrevera os acontecimentos do dia no seu diario (esse diario continha a narrativa das viagens que vinha fazendo pelo interior do paiz com o tio, como recom-

As janellas dos quartos do hotel mencionadas na narrativa, e no circulo, o homem que acabou confessando

O homem na photographia abaixo indica o local exacto por onde escapou um vulto na noite do crime.

pensa pelos seus esforços durante o primeiro periodo universitario do anno). Nesse diario não se lia nada que pudesse fazer duvidar de alguma complicação na vida da moça, que além de linda parecera tambem ter sido em vida intelligente, sadia e equilibrada. Fechado o livro, ella devia ter se sentado na cama, ao lado da qual se via, numa cadeira, um relojinho pulseira e um magazine que a moça devia ter folheado. Só então entrára no quarto o assassino e Helen se erguera da cama ao seu encontro.

Inquerido pelo sheriff Brown, depois de fazer a primeira refeição do dia, o tio de Helen declarou que não sabia de nenhum homem na vida de sua sobrinha, simples "flirt" que fosse. O professor Clevenger estava muito pallido e referiu-se a Helen em termos commovidos: havia sido sempre uma excellente creança, intelligente e carinhosa.

* * *

O medico legista attestou como "causa mortis" perfuração do pulmão esquerdo, logo acima do coração, por bala de calibre *32*. Depois de atirar o assassino havia, como um louco, desferido golpes com a coronha do revolver no rosto da moça, pretendendo talvez impedil-a de gritar.

se encontrava á uma hora da madrugada, quando o crime havia sido commettido.

O chefe de policia, W. J. Everett, que se manteve sempre activo durante a elucidação do crime, destacou cinco homens para se occuparem das investigações.

Só dois dias depois do crime se descobriu um facto alarmante: Gaddy, o detective do hotel, marcara nas diversas rondas a sua passagem por todos os relogios de fiscalização dos diversos andares, começando ás dez horas, mas na ronda de uma hora saltara justamente o andar do apartamento 224 — no momento, portanto, em que o crime foi commettido.

— Por que não puxou a alavanca do relogio do segundo andar a uma hora, Gaddy? — perguntou-lhe Brown.

— Mas puxei...

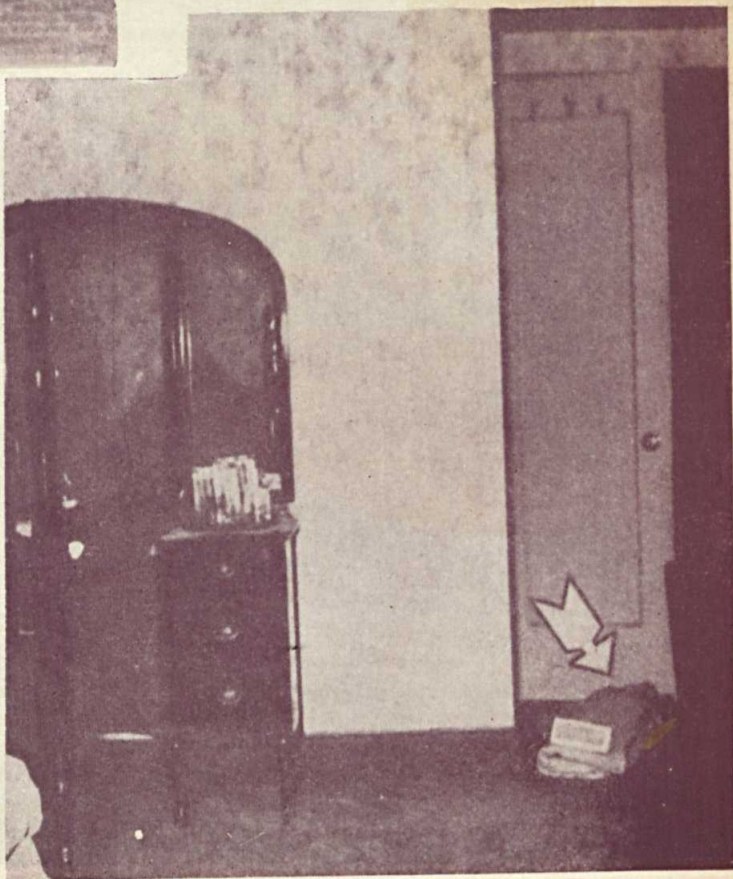
— Não, não puxou.

O rapaz parecia nervoso e a autoridade, que não o julgava ca-

O quarto de Helen Clevenger. O cobertor dobrado marca o logar em que foi encontrado o cadaver da moça.

O pae de Helen, J. F. Clevenger, transportou-se assim que recebeu a tragica noticia para o local do crime, disposto a incentivar as pesquisas para a descoberta do criminoso. Na noite em que sua filha fôra assassinada tivera um tremendo pesadello do qual ella era a figura central, coisa que o deixara impressionado até o momento em que o telegramma de seu irmão o informára do fim barbaro de Helen.

Joe Urey, um negro empregado no hotel, foi o primeiro a ser detido pela policia como suspeito. Já estivera uma vez envolvido num caso de mulher e ao ser apanhado tinha a camisa manchada de sangue.

Mas Urey declarou ter deixado o hotel ás 12.30, tendo tomado um taxi e ido para casa, onde

paz de commetter o assassinato, desconfiou, no emtanto, de que soubesse alguma coisa que por um motivo qualquer não quizesse dizer. O que elle parecia, de facto, era apavorado.

Chegou ao conhecimento da policia que o violinista Mark Wollner, residente em frente ao Battery Park, dissera a um amigo, ás dez horas da noite do crime, que iria ao hotel encontrar-se com uma pequena que havia conhecido poucos dias antes.

Arranjou-se um confronto de Pittman com Wollner, para se ver se o primeiro reconheceria no segundo o vulto que vira, depois do grito, em frente ao 224, ou se reconheceria a sua voz. Pittman não poude responder satisfatoriamente — mas disse, comtudo, que o homem não lhe parecia o mesmo.

— Não tenho nenhuma declaração a fazer, — disse Wolner, — excepto que não tenho nada a ver com esse caso.

— Que caso? — perguntou o sheriff Brown. — Ainda não o accusamos de nada.

— Então não sabe nada a respeito do crime? — indagou um reporter.

— Ha mezes que não me approximo do hotel, — affirmou o violinista.

Miss Mildred Ward, que prestou depoimento em defesa de Wollner

Wollner, o violinista, sobre quem recahiram as suspeitas neste crime tenebroso

— Que hotel? — perguntou pela segunda vez o sheriff Brown. — Ninguem ainda lhe falou em nenhum hotel.

— E nem sei por que me trouxeram para aqui, — queixou-se Wollner. — Já não precisam mais de mim?

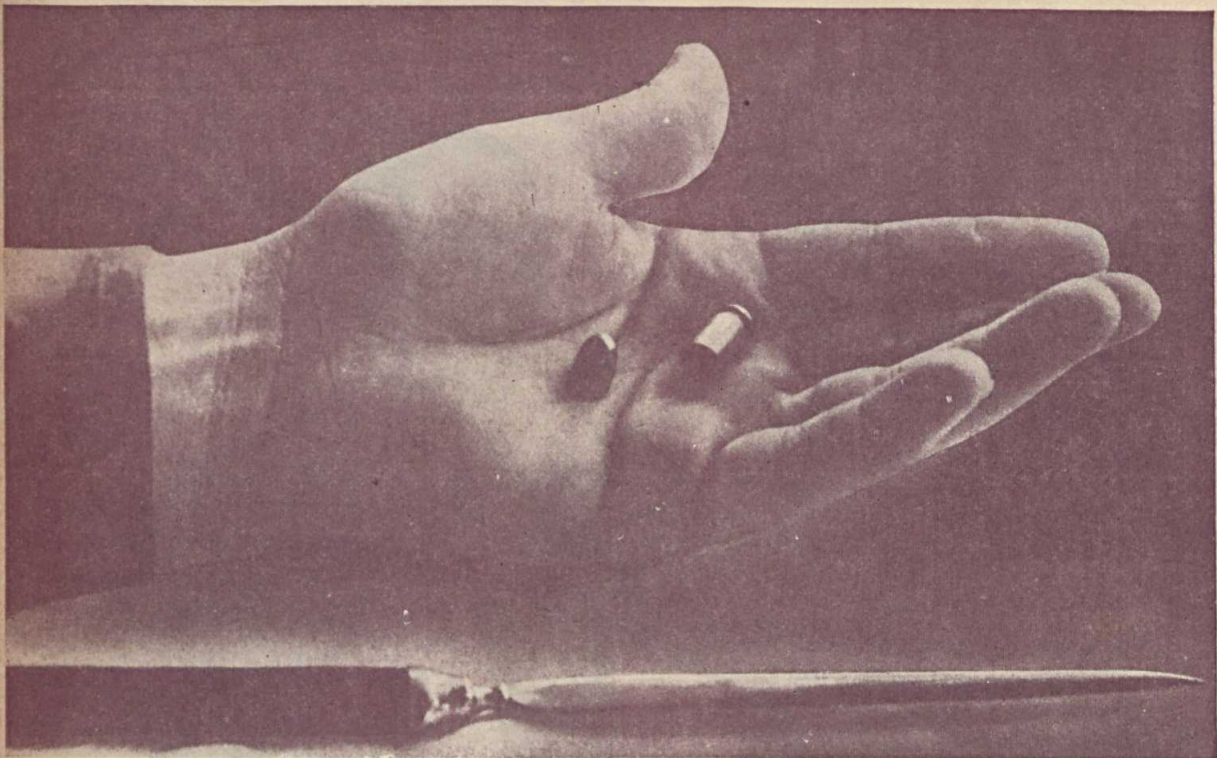
— Sinto muito, mas terá que passar a noite comnosco, — disse Brown.

O musico recebeu philosophicamente a noticia e prestou-se a posar para os photographos antes de ser recolhido á sua cella.

Miss Mildred Ward, filha da proprietaria da pensão em que Wollner se hospedava, foi entrevistada pela policia.

— Pouco antes de ser preso Mr. Wollner me perguntou se eu me lembrava do que elle fizera na noite em que se deu o crime, — disse ella.

Accrescentou que na citada noite elle chegara á pensão ás 9.30, recolhera-se ás 11 horas e sahira do quarto no dia seguinte ás 8 em ponto.

Diversas pessoas de responsabilidade, porém, testemunharam ter visto o violinista em diversos logares, na mesma noite. Miss Ward, sem duvida, mentia para salvar Wollner. E Wollner de-

As capsula deflagrada que serviu para identificar a arma do criminoso

via ter os seus motivos para não dizer nada além do que dissera.

Miss Ward foi tambem detida. Mas depois de varios interrogatorios que não levaram a nenhuma conclusão obteve a liberdade, por terem as autoridades tomado em consideração o seu estado de fraqueza, subsequente a uma tuberculose recentemente vencida.

E foi então que Pittman, o homem que falara ao assassino logo depois da execução do crime, voltou á policia com uma declaração importantissima: pensára muito e estava convencido de que o criminoso lhe falara com o sotaque caracteristico dos negros.

E com isso as investigações mudaram inteiramente de rumo.

L. D. Roddey, Banks Taylor, Joe Ruey e Martins Taylor, todos negros e empregados no Battery Park Hotel foram conduzidos á Policia Central e interrogados. Nenhum delles, entretanto, ficou compromettido com o interrogatorio.

Foram encarcerados e permaneceram varias horas na prisão sem que se adeantasse nada para a solução do problema. Afinal, metralhado de perguntas pelo sheriff Brown, um delles, Taylor, contou que Martin Moore tinha um revolver.

* * *

O resto foi facil. Moore, convenientemente tratado, não tardou a confessar!

Depois das horas de serviço occultara-se numa dependencia do hotel, de onde só sahira muito depois de meia-noite. Arranjara uma chave falsa, dessas que podem fazer cahir qualquer chave que haja pelo lado de dentro da porta. Seu objectivo era o roubo.

Mettera a chave na fechadura da porta do apartamento 224. Entrára.

Helen Clevenger, com o seu pyjama verde, estava sentada no leito, folheando um magazine. Erguera o olhar, assustada, levantara-se e o interpellara.

— Que quer?

Moore avançara, de revolver em punho. A moça o ameaçára de gritar. O grito e o tiro haviam sido quasi simultaneos. Enlouquecido, apavorado, temendo ser descoberto, o negro martellára o rosto de sua victima com a coronha do revolver.

Depois de ver a moça cahida e inerte, tratára de fugir, sem pensar mais em roubar. Fóra, no corredor, fôra interpellado pelo hospede do 220, respondendo com extraordinaria presença de espirito.

* * *

No dia 22 de agosto ultimo, o brutal assassino da linda e infeliz Helen Clevenger foi executado na cadeira electrica.

A ILHA Z

(Continuação da pagina 66)

eventualidade. Para qualquer coisa, entende? Você é muito sportiva... não me disse que sabia pilotar um avião?

— Sim, tirei um brevet em Sidney e aperfeiçoei-me em Adelaide e em Melbourne.

— Isto é muito bom. Sabe em que estou pensando Helena?

— Como quer que o saiba?

— Que os homens são tolos ou imbecis, á sua escolha. Quando encontrar o seu noivo, dê-lhe de minha parte um conselho: que não deixe jámais a sua mulher, mesmo a mais seria das mulheres, ir sozinha a um baile de mascaras. Ah! esquecia-me de dizer que o amigo que encontrei na Festa do Verão, é justamente um amigo de seu noivo. Até logo.

E dessa vez, Helena, a energica Helena, Helena a resoluta, ficou entontecida.

O TUBARÃO DE AÇO

— Foi genial a sua idéa, commandante, de sempre chamar "Ilha Z" ao Castello do Mar.

— E' muita indulgencia, capitão Kraut, interrompeu o conde Dietz, a idéa é simples. Falando na "ilha Z", dou a entender que nos refugiamos numa ilha, e todas as buscas são feitas nessa base.

Esta conversa tinha logar no Aço", posto circular sobre muposto central do "Tubarão de ros metallicos, uma serie de apparelhagem, apparelhos de cobre com punhos de porcelana, de nickel, com punhos de vidro. A equipagem completa do posto de commando dum submarino, com muito de novo e imprevisto. Em pé diante da mesa do periscopio estava o capitão Dietz, a seu lado um joven capitão de fragata, chegado a pouco da Allemanha e grande especialista em questões submarinas.

— Não impede, disse o commandante Dietz preoccupado, que tenhamos novidade. Veja Kraut, é indiscutivel que de uns dias para cá, as paragens do Rio do Ouro estão sendo vigiadas. Já por duas vezes enviei nosso avião de reconhecimento, e por duas vezes elle constatou ao largo a presença de um navio de guerra.

— Presença puramente fortuita, commandante, é apenas casualidade...

Dietz sacode a cabeça.

— Não, não é casualidade, creia na minha velha experiencia... Que viu nosso observador? varios navios de guerra, a primeira vez sete, a segunda quatro. Elle os identificou: francezes, inglezes e um italiano navegando todos juntos sob o mesmo commando, obedecendo aos mesmos signaes, por conseguinte esquadra internacional. Tinham um navio almirante reconhecivel pea sua bandeira, ao qual todos o obedeciam.

— Foi identificada a nacionalidade do navio almirante? — interrogou Kraut.

— Inglez, naturalmente — respondeu Dietz. — São sempre elles os commandantes quando se acham no mar.

— No emtanto não ha nada de novo, que eu saiba, na Europa ou na America? Viu a condessa Elsa?

— Vi-a, respondeu Dietz, ella esteve na Inglaterra, na Allemanha e na França, lá, entre parenthesis, quasi se deixou prender, aqui entre nós, bem estupidamente segundo o que ella me contou, numa festa mundana em Nice. Mas que loucura a destas exbonitas mulheres... perdoe-me: estas bonitas mulheres, quero dizer, são duma imprudencia...

— E como conseguiu voltar? Perguntou Kraut.

— Perseguida pela policia conseguiu embarcar em Toulon num barco hespanhol que faz o trafico de laranjas entre a Côte d'Azur e Valencia.

— E' admiravel que não tenha sido presa num porto de guerra como Toulon. Isso provanos que os serviços de informações dos nossos amigos francezes deixa muito a desejar.

— De lá veiu a Larrache pelas vias ordinarias e enviou-nos um telegramma em codigo. Nosso avião foi buscal-a em logar combinado.

Todos os recursos da colonia (era assim que elle chamava o Castello do Mar), foram empregados na construcção do Tubarão de Aço. O engenheiro Prittwitz não poude fazer senão um avião, pois carecia de recursos para construir uma serie. Era preciso conseguir esses recursos de qualquer maneira. A prisão dos dois grandes navios "Normandie" e "Queen Mary" tinha sido de grande lucro, mas não se tratava de acumular thesouros era preciso negocial-os.

— Como V. sabe, disse Dietz, os nossos intermediarios estão em Amsterdam, mas já está em poder da policia de todo o mundo a descripção minuciosa das principaes joias capturadas por nós. Além de tudo não tenho nenhuma confiança em nossos agentes de Amsterdam, elles são capazes de jogar com faca de duas gumes, principalmente o veneravel Abraham Hugo, apesar da sua barba patriarcal, póde perfeitamente convidar um dos meus agentes para jantar no Carlton e avisar pelo telephone a policia de Sua Majestade a Rainha Guilhermina.

O commandante Dietz calou-se, passado alguns momentos o capitão Kraut perguntou.

— Permitte-me que lhe interrogue commandante?

— Perfeitamente.

— Quaes são as suas intenções?

— Minhas intenções? Fazer-me de morto por emquanto, este cruzeiro será o ultimo. Nosso avião não sahirá mais, o Tubarão de Aço repousará tranquillamente. Nada de passeios pelas dunas, nada absolutamente nada. Passadas algumas semanas, quando eu estiver certo que a nossa presença nas costas do Rio do Ouro não foi descoberta, voltaremos ás expedições, mas nunca antes disso. Quem sabe se não precisaremos nos transportar para outro logar, mas para aonde e como? Ah! Veja Kraut, a minha responsabilidade é terrivel, obedecer não é nada, mas commandar! Sinto que estamos ameaçados.

— Mas, — interroga Kraut, — além desta esquadra internacional, que reconheço é bastante perigosa, tem algum outro indicio, commandante?

O conde Dietz respondeu que sim. A principio por varias vezes, aviões que não tinham nada de commum com os que fazem o correio entre Marrocos e o Senegal, foram vistos passar, eram sem a menor duvida aviões militares, por conseguinte aviões francezes. Era tambem indiscutivel que os postos hespanhoes da Villa Cisneiros mostravam depois de alguns dias uma actividade inacostumada.

Tornava-se visivel que as grandes nações tinham suspeitas, mas no que se basceariam estas suspeitas? Teria sido commettida alguma imprudencia? O commandante Dietz perdia-se em conjecturas, em resumo o que restava a fazer era ficar quieto por algum tempo, como elle já havia dito. Esta era a sua ultima ronda a bordo do Tubarão de Aço, se encontrasse a esquadra internacional, talvez pela sua formação ou seu aspecto comprehenderia qual a sua intenção. Se não a encontrasse seria um bom signal.

— Se encontrarmos os navios inimigos vamos atacal-os? — interrogou o capitão Kraut.

— Que esperança, você está louco meu caro? pelo prazer de bombardear um inglez ou um francez nos comprometteriamos irremediavelmente. Nada de asneiras, teremos mais juizo do que os santos, como dizem os francezes.

E o Tubarão de Aço continuou a sua marcha a vinte ou trinta metros de profundidade approximadamente. Era uma maravilha de architectura naval, seu genial constructor, o conde Prittwitz, tinha superado na sua construcção submarina, como já se tinha superado na navegação fluctuante com a construcção do "Vindex". Teria elle transformado a arte das construcções navaes? Certamente não. Mas a bordo deste possante submarino havia integrado, synthetizado de algum modo, as ultimas invenções da época. Tudo ali estava exacta tudo era perfeito. Emfim, substituira os motores termicos que permittiam que os submarinos se movessem á tona dagua e os acumuladores que os faziam mover-se submersos, por um unico motor electrico movido por pilhas.

Depois da descoberta da electricidade, varios engenheiros, uma multidão de inventores, entre os quaes havia verdadeiros genios, quizeram inventar uma pilha electrica duma força enorme, com um peso e volume reduzidos. Tudo foi experimentado, pilhas humidas, pilhas seccas, pilhas metallicas e pilhas a gaz, nesta ordem de idéas inventaram-se uma serie de accumuladores. Innumeros nomes illustres encheram os catalogos de procuras scientificas relativos á electricidade. Antigamente, nos fins do seculo XIX, cada dois annos corria o boato que Edison, o magico da electricidade, tinha emfim descoberto a pilha ou accumulador que iria dar ao motor electrico uma força prodigiosa. No fim de tudo tratava-se simplesmente de um aperfeiçoamento. Ha alguns annos correu a noticia que um modesto religioso hespanhol, um humilde frade da doutrina christã tinha descoberto o mysterioso segredo. Desta vez ainda, tratava-se só de um aperfeiçoamento, dum accumulador de tintura de iodo, por certo nada desprezivel, mas que não resolvia de maneira nenhuma o problema.

Um unico homem até aqui resolvera o problema; não era um engenheiro, mas sim um romancista de genio, ou se se preferem, um poeta: Julio Verne. Nas suas Vinte Mil-leguas Submarinas e em Robson, o Conquistador, o capitão Nemo encontrou o meio. Julio Verne não nos diz de que maneira, de obter uma força prodigiosa com uma simples pilha de Bunzen. O engenheiro Robinson inventou um accumulador do qual as placas e o liquido existente são um segredo... naturalmente.

O conde Prittwitz teria conseguido realizar os sonhos do grande escriptor francez? Parece que sim. Suas pilhas electricas eram de um tamanho regular, seu peso não era excessivo ellas não desprendiam nenhum gaz perigoso. Sua força motriz e sua durabilidade eram consideraveis. Sem duvida nenhuma, o problema já estava resolvido.

Que substancia entrava na composição destas pilhas? Im-

possivel saber. Trabalhando em sua cadeira de doente, fazendo-se transportar por dois tripulantes, tendo como ajudantes simples marinheiros, Prittwitz tinha pessoalmente construido as suas pilhas, não querendo como collaboradores senão os marinheiros mais ignorantes.

Inutilmente o capitão Dietz tinha offerecido ao seu genial amigo de por á sua disposição homens de responsabilidade, principalmente o joven capitão Kraut que era tido, com muita razão, como um physico de primeira ordem. Prittwitz limitou-se a responder que depois do incidente da Enseada do Paraizo e das terriveis aventuras que se seguiram, elle não queria como ajudantes senão simples mãos de obra. Fizeram-lhe a vontade. No dia das primeiras experiencias, os officiaes de marinha ficaram maravilhados. O capitão Elbig que, apesar de não ser um notavel electricista, possuia vastos conhecimentos scientificos, depois de ter examinado as novas pilhas e os novos dynamos de Prittwitz, poz-se a gritar levantando os braços para o céo:

— Ah! senhor engenheiro, ah! meu caro conde, sois decididamente um homem de genio!

Os motores electricos davam ao tubarão de aço uma leveza extraordinaria. Elle navegava sobre a agua, submergia-se e evoluia com uma rapidez jámais alcançada por nenhum submarino. Corria mais do que qualquer navio. Cincoenta nós sobre a agua e vinte e cinco, a vinte ou trinta metros de profundidade.

Seus motores eram extremamente silenciosos. A' direita e á esquerda do seu bojo pequenos grupos de helices, seis de cada lado, faziam-no deslizar mansamente na agua e de algum modo conservavam inertes os apparelhos mais sensiveis, desses que são commumente usados nos encouraçados para prevenir a approximação dos submarinos.

Solidamente equipado, o "Tubarão de aço" podia descer até duzentos metros de profundidade. Um systema especial permittia aos seus homens sahirem e entrarem a bordo munidos de escaphandros sem nenhuma difficuldade.

O periscopio era uma verdadeira obra prima. Quasi invisivel, deixava um insignificantissimo sulco sobre as ondas. Emfim o ultimo aperfeiçoamento eram os enormes torpedos que levavam uma carga de trezentos kilos de ar liquido, segundo a formula de Claude. Mas ainda ahi o engenheiro polonez aperfeiçoára o explosivo do genial inventor francez pois, electricos, esses torpedos não deixavam nenhum signal sobre a agua. Qualquer pessoa por muito ignorante que seja dos coisas do mar, sabe que a Batalha da Jutlandia foi perdido pelos allemães porque quando elles lançaram 120 torpedos sobre a "Great fleet", o almirante Jellicoe viu o sulco branco que ficou sobre a agua e que indicava não só a marcha dos torpedos como o logar de onde tinham sahido e ordenou a manobra que salvou os encouraçados.

Se os allemães estivessem armados dos torpedos do conde Pritttwitz a maioria dos grandes navios de Jellicoe teria sido destruida e a guerra perdida pelos alliados. Os antigos torpedos, assignalando o logar de onde tinham sido lançados, facilitavam enormemente a victoria aos inimigos, pois bastava para enviar o submarino ao fundo formar circulos concentricos ao redor da linha designada por elles e bombardear, com bombas preparadas para estourar em varias profundidades.

Esses torpedos de agora explicavam alguns factos sensacionaes como o de um cruzador russo attingido a bombordo por um torpedo quando atravessava o estreito de Gibraltar em um dia de mar calmo. Não foi descoberto nenhum periscopio nem nenhum traço suspeito. Falaram de uma explosão interna e nomearam uma commissão e varias subcommissões para estudar o caso. Finalmente a historia acabou como o famoso caso do torpedeamento do "Maine", na Havana que provocou a guerra entre os Estados Unidos e a Hespanha. Não chegaram a nenhuma conclusão... porque não sabiam nem comprehendiam nada...

Cahia a noite, o submarino navegava a quatro metros de profundidade. O tenente de serviço perto da mesa do periscopio gritou em voz alta: — Navio por tribordo adeante. — E apertou um botão electrico. Uma campainha retiniu na cabine do commandante Dietz que accorreu immediatamente e, examinando o periscopio:

— Sim, vejo perfeitamente. Tem o livro de silhuetas?

— Eil-o commandante.

— Identifique-o.

Nesse momento appareceu o capitão Kraut.

— Venho das machinas, — disse elle, — acabo de saber...

O commandante Dietz não respondeu. Murmurou entre dentes:

— Está só. Onde estará o resto da esquadra?... Pois bem — disse alto para o joven official — esta identificação?

O joven official um pouco hesitante, como era natural dada a sua inexperiencia, lançou um olhar supplicante para o capitão Kraut. Este olhou o carnet e examinou a mesa onde se perfilava a silhueta do navio cada vez mais proximo. Dietz enervado afastou com a mão os dois officiaes.

— Vamos — disse — não o reconheceram? E' italiano. E' o "Dante Alighieri". Meus rapazes, se vocês tivessem servido como eu sob as ordens do almirante Hiper, aquelle que se cobriu de gloria na Jutlandia estariam já sob a prisão de rigor. O almirante dava-nos um ou dois minutos para identificar o navio... Agora vamos atacal-o.

E debruçando-se sobre um porta-voz:

— Façam parar o tubo de tribordo.

Quasi instantaneamente uma voz respondeu:

— O tubo está parado commandante.

Dietz tomou os apparelhos de visão e disse a Kraut:

— Conserve a direcção. E' inutil mudar a róta ou modificar a profundidade e a velocidade; vou torpedeal-o pessoalmente. — e accrescecentou um pouco orgulhosamente:

— Jovens officiaes, permitti que o vosso commandante dê uma lição de tiro.

O commandante na sua mocidade passara por ser o melhor artilheiro da marinha allemã, mas Kraut interveiu:

— Commandante se permitte, farei uma pequena observação.

— Faça, mas apresse-se.

— Lembro-me de o ter ouvido dizer que não deveriamos atacar os navios.

— Pois bem! — respondeu Dietz, cujas faces se tingiram de purpura. — Eu disse uma tolice, eis tudo. Você nunca diz tolices Kraut? Sim, não é verdade?... E depois esse navio está só e vae ser tão bem torpedeado que não haverá um unico sobrevivente. Além disso é um italiano e não posso esquecer que essa gente nos trahiu em 1915. Nada de piedade, vou envial-o ao fundo.

O programma foi cumprido á risca. Dois torpedos foram sufficientes para destruir completamente o "Dante Alighieri" sem que o seu commandante tivesse ao menos tempo de pedir soccorro.

Quando cahiu a noite já não havia sobre o mar nem sombra desse rapido drama e ninguem saberia dizer o que fôra feito de um dos mais possantes encouraçados da marinha italiana.

Entretanto essa justiça immanente da qual falava Gambetta e que se chama vulgarmente de Providencia colloca-se ás vezes entre os planos melhor concebidos. Ao longe, no horizonte, sobre o céo que a noite escurecia, um ponto movediço tinha apparecido e depois se desvanecera. Qualquer coisa semelhante a um passaro de longas azas, um albatroz, uma fragata... ou um avião de guerra.

CONSELHO DE GUERRA

Esperam-vos, senhores — disse em inglez o mestre fazendo continencia. Chovia torrencialmente, como sabe chover na costa marroquina.

O porto de Casablanca desapparecia nas brumas. Distinguiamse vagamente as altas casas brancas da cidade nova, o longo quebra mar de cento e sessenta metros, construido pelo marechal Lyautey apparecia confusamente através das vagas violentas como metralhas. No porto estava a esquadra internacional: pela Italia, o Leonardo da Vinci e o Vittorio Veneto, pela França, o Richelieu, o Suffren, o Colbert e o Louvois. Pela Inglaterra, o Bahram, o Malaya, o Nelson, o Rodney, o Inflexible, o Indefatigable e o Renove e emfim pela Hespanha o Conquistador.

Em torno dos grandes navios, uma multidão de destroyers. Decididamente a pilhagem do Queen Mary e do Normandie tinha revolucionado os almirantados. Um acontecimento de extrema gravidade acabava de levar a emoção ao ultimo gráo: o mais bello dos encouraçados italianos, o Dante Alighieri tinha desapparecido completamente, mas, emquanto o navio afundava em pleno dia, um avião francez tinha avistado o mesmo submarino que saqueara os dois grandes paquetes pertencentes ás marinhas mercantes da Inglaterra e da França. O submarino estava sobre o mar e as suas metralhadoras exterminavam os pobres marinheiros italianos que procuravam se salvar a nado.

Os dois aviadores francezes não puderam intervir porque, segundo o regulamento dos tempos de paz, não traziam bombas a bordo e tinham como unico armamento duas carabinas, mas se se tratasse de um avião militar os dois officiaes que o tripulavam teriam cumprido hydrographica. O aviador tomara nota cuidadosamente sobre o mappa do logar onde desapparecera o navio italiano: cinco milhas ao largo da costa do Rio de Oro e a vinte minutos abaixo da latitude de Villa Cisneros.

Era preciso acabar. O governo francez declarou que todas as bases estavam á disposição da esquadra internacional que queria destruir os piratas da Hanse. Mas desta vez definitivamente. A Sociedade das Nações intercedeu na questão e nomeou commissões e sub-commissões. Naturalmente não lhes faltou bôa vontade, mas como sempre acontece entre juristas, não chegavam a nenhuma conclusão sobre o essencial.

Em compensação os almirantados inglez e francez deram provas de uma decisão extraordinaria: resolveram que uma esquadra franco-ingleza se concentraria em Casablanca. Todas as nações que desejassem concorrer á expedição foram convocadas para a reunião ali. Os americanos e os japonezes responderam ao appello immediatamente, mas as suas esquadras estavam demasiado longe e até esse momento nenhum navio de qualquer dessas nacionalidades tinha se apresentado em campo ainda. Os italianos, desejosos de vingar a perda do Dante Alighieri, haviam enviado soberbas unidades.

A esquadra internacional ficou sob as ordens do almirante Marckett que dirigia o Bahram. A esquadra franceza estava commandada pelo almirante Jullien, um velho lobo do mar que se sente enfermo cada vez que se vê em terra. Esse homem pequeno e grosso como uma barrica, sempre blasphemando, resmungando e movimentando-se, com as mãos eternamente nos bolsos formava um vivo contraste com lord Marckett, alto, magro, frio, extremamente elegante, conservando sempre as distancias, um desses inglezes que consideram que os negros começam em Calais. As más linguas pretendem que em Dardanellos, sir John Marckett, então commandante de torre a bordo do Queen Elizabeth e o almirante Jullien que nessa época era capitão de fragata e occupan-

do as mesmas funcções a bordo do Gaulois haviam tido occasião de mostrar as respectivas capacidades de commando. Marckett havia atirado com os pés, segundo os commentarios irreverentes dos marinheiros, emquanto que Jullien disparava com uma regularidade automatica. No fundo ambos eram muito bons marinheiro e p-rfeitos conhecedores da sua profissão, mas o francez para cumprir perfeitamente os seus deveres não desdenhou de baixar aos menores detalhes profissionaes emquanto que Sua Senhoria o inglez, semelhante a Neptuno, julgava do alto as questões do mar sem se misturar com a plebe. .

Chovia torrencialmente quando os dois capitães de fragata sempre inseparaveis, John Hopen e Louis Renard apresentaram-se na ponte de commando do Bahram. Estavam reunidos ali em conferencia, sob a presidencia de lord Marckett, os almirantes, os chefes de Estado Maior e os commandantes dos navios. Os dois jovens, depois de haverem retirados os bonets, foram introduzidos no salão dos fundos.

Lá, ao redor de uma grande mesa, estava sentado por ordem de categoria e de idade esse areopago maritimo. Esses homens de aspecto severo, dos quaes alguns estavam no limiar da velhice, constituiam uma assembléa de aspecto assás rebarbativo. E não foi sem alguma emoção que os dois jovens esperaram, depois de saudar militarmente.

— Sentem-se senhores — disse lord Marckett em inglez pois Sua Senhoria não podia imaginar que a sua lingua não fosse comprehendida pelo globo terrestre inteiro, incluindo os selvagens.

— Sentem-se por favor — e o nobre lord fez uma careta que queria ser um sorriso.

O interrogatorio foi breve: lord Marckett em algumas palavras elogiosas lembrou aos que o rodeavam, como esses dois officiaes tão moços ainda tinham prestado um eminente serviço á humanidade. Fez algumas perguntas a Hopen e este respondeu que evidentemente o submarino era uma nova invenção do conde Prittwitz. O almirante tornou a perguntar ao joven capitão o que pensava sobre o submarino. Hopen respondeu que era demasiado joven e demasiado inexperiente para ousar um julgamento, mas lord Marckett insistiu:

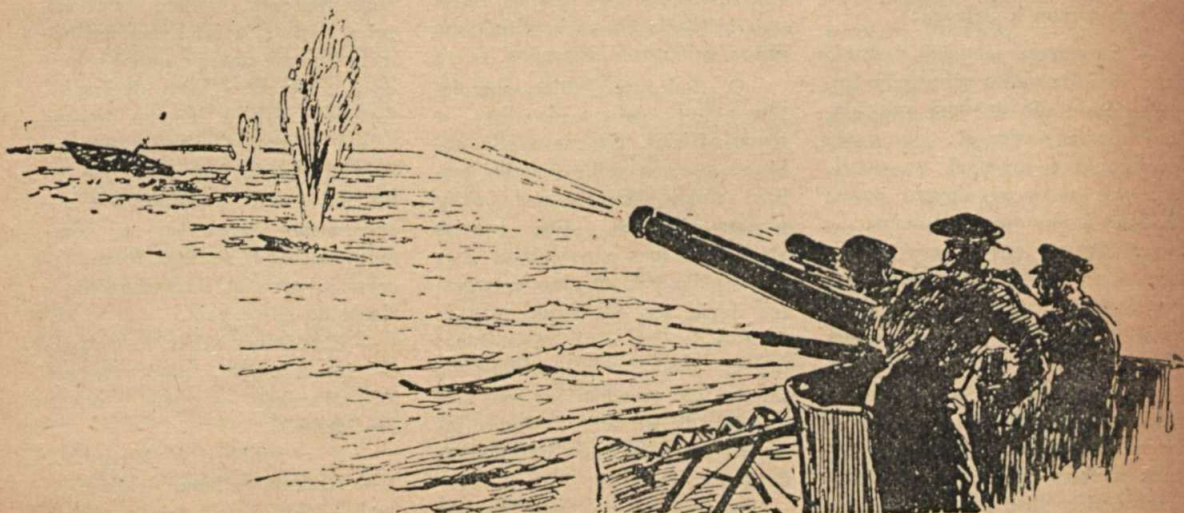
— Não sou da sua opinião. Um bom conselho, uma bôa idéa tanto pode sahir de uma cabeça joven como a sua, como de um craneo de cabellos brancos de um velho como eu. Emfim, os aviadores francezes que assistiram invisiveis do alto das nuvens e, desgraçadamente impotentes, ao drama que fez desapparecer o Dante Alighieri, declaram a mesma coisa: o navio foi torpedeado e não foi visto nenhum signal de torpedo. Todos os que se viram deante desse submarino maldito constataram igual phenomeno. Elle não emprega pois torpedos de ar comprimido.

Estabeleceu-se uma curta discussão. O ajudante de ordens do almirante Jullien, um joven capitão de corveta emittiu a opinião de que os torpedos pudessem ser emudecidos por uma machina que usasse gazes que se dissolvessem ao contacto da agua. Tinham sido feitas experiencias nesse sentido.

— Meu caro Martin — disse o almirante Jullien — com a autorização de Sua Senhoria, vou fazer-lhe uma pergunta: Crê que no estado actual da sciencia seja possivel construir um torpedo electrico?

E, voltando-se para o almiralissimo inglez, continuou:

— Meu caro lord, se vos peço autorização para interrogar o meu chefe de Estado Maior, é porque elle é considerado entre nós e merecidamente como um official torpedeiro de grande merito. Nada do que se refere a torpedos lhe é estranho.

O senhor Martin, convidado a falar por um gesto amavel do lord, respondeu que no estado actual da sciencia não era possivel construir torpedos electricos e apresentou razões technicas que foram approvadas pelo immediato do Bahram, o capitão Turner

que na Inglaterra tinha fama de grande torpedeiro. Hopen murmurou no ouvido de Renard:

— Não ouso pedir a palavra, todos esses velhos importantes me impressionam.

— Ora essa, peça de uma vez — respondeu Renard que não primava pela timidez.

— Hopen levantou timidamente o dedo:

— Mylord, Vossa Graça permitte que dê a minha opinião?

— Mas fale, senhor, fale — respondeu o almirante Marckett ajustando o monoculo.

— Senhores — disse Hopen. — Esquecemos nesse momento que os piratas têm á sua disposição o genio do conde Prittwitz. Acabo de ouvir o commandante Turner e o commandante Martins, dois illustres officiaes torpedeiros, dois mestres deante dos quaes minha opinião vale bem pouco, nos dizerem que no estado actual dos conhecimentos electricos não se pode fazer mover um torpedo com a ajuda de pilhas ou de acumuladores... Sem duvida senhores, mas com a ajuda das pilhas e dos acumuladores que conhecemos, que estão á nossa disposição. Quem vos affirma que o conde Prittwitz não tenha descoberto novas pilhas e novos acumuladores?

A discussão animou-se e tornou-se confusa. Finalmente o almirante presidente agitou a campainha com dignidade, todo o mundo calou-se e o almirante Jullien tomou a palavra:

— Senhores, conclui de tudo isso aqui 1°: que o submarino inimigo é dotado de uma velocidade extraordinario. 2°: que o seu periscopio é invisivel, ou quasi. 3°: que se move dentro dagua de um modo quasi silencioso e pode escapar aos nossos melhores microphones. 4°: que usa torpedos de uma potencia infinita e que não deixam nenhum signal sobre o mar. Por consequencia, qualquer que seja a perfeição dos nossos navios, se encontrarmos esses piratas teremos avarias gravissimas e, talvez, navios postos a pique como o Dante Alighieri. E não percebo como poderemos vencer esse submarino. Talvez com a aviação, mas podem estar certos, os piratas saberão escolher o seu dia e a sua hora. Sabeis tão bem quanto eu que nos dias sombrios tambem a aviação é impotente para perceber a presença de um submarino. Pois bem senhores, vou até o fim do meu pensamento: não sei o que pensa o meu collega britannico, mas confesso que hesito em arriscar as mais bellas unidades da marinha franceza em uma luta tão desigual.

— Tendes algum plano? — perguntou lord Marckett enervado apesar da sua fleugma habitual.

— Não tenho nenhum plano — respondeu, o almirante Jullien — mas vos peço para interrogardes o senhor Louiz Renard, pois devemos essa nossa reunião aqui ao Serviço de Informações francez, que mais uma vez soube despistar os piratas. Vamos capitão Renard, fale e, com a autorização do almiralissimo, conte-nos o que sabe.

Renard respondeu que possuia um documento pessoal, um cartão de visita, o seu cartão de visita, em que uma pessoa desconhecida, da qual não lhe convinha falar, havia traçado algumas palavras em allemão e passou a traduzil-as: — Castello barbaro possantemente fortificado refugio do submarino pirata, muito difficil de atacar. Desconfiae das novas invenções — Depois havia uma lattitude e uma longitude em gráos, minutos e segundos.

O almirante Jullien completou o que acabava de dizer o joven official. Graças a elle, sabia-se que um velho castello barbaro tinha sido occupado pelos piratas allemães. Era preciso atacar por mar e por terra, isso era o principal. O ataque terrestre devia ser conduzido através do Rio do Oro e ali havia dunas que os melhores automoveis do sahara não transporiam sem tremendas difficuldades. Como fazer para transportar os canhões de grosso calibre?

Um ataque pelo mar parecia mais facil. Quando o castello se visse atacado de surpresa pelos terriveis canhões dos grandes navios francezes e inglezes, não poderia resistir durante muito tempo. Mas havia os torpedos, os terriveis torpedos e ainda essas novas invenções sobre as quaes acabava de falar Louiz Renard.

Lord Marckett tomou a palavra e dirigiu-se a Renard depois de elogial-o e de declarar em que alta estima o tinha:

— Podereis saber de onde lhe vem esse documento? Não que desconfie do senhor nem do Serviço de Informações francez, como bem póde suppor, mas desejo saber qual é a fonte das suas informações e se podemos ter absoluta confiança nellas. Até aqui tudo parece confirmar a exactidão dessas informações. Não ha a menor duvida de que a costa do Rio do Oro é a séde das actividades dos piratas allemães, mas, queira responder em nome do interesse da nossa grande missão, o senhor não poderia nos esclarecer completamente?

Renard respondeu calmamente:

— Almirante, tentei dizer tudo ao meu superior hierarchico, o prefeito maritimo de Toulon, mas elle recusou ouvir-me e, comprehendendo que havia qualquer coisa de mysterioso no modo pelo qual essas informações chegaram a mim, não quiz participar do meu segredo. Entretanto eu não queria ser o unico depositario de uma coisa tão grave e, com o consentimento do meu superior, fui a Paris e lá falei com um homem que me ouviu e que é o unico a conhecer a fonte dessas informações. Esse homem deu-me a sua palavra de honra de que não divulgaria jámais o que eu lhe havia dito, a menos que resolvessemos divulgal-o de commum accordo, se isso fosse necessario para os interesses superiores do nosso paiz.

— E podemos saber, meu rapaz — interrompeu paternalmente lord Marckett — quem é o seu confidente?

— E' o ministro da Marinha.

— Ah! muito bem, — disse o lord — Sua excellencia o senhor

Vincent. Conheço-o mas elle não me honra com a sua amizade. — Mas o nobre inglez disse isso com expressão de quem está convencido de que o honrado com semelhante amizade seria o ministro.

— Mas qual é a conclusão que o senhor tira disso tudo?

— Concluo, almirante — respondeu o joven official — que embora muito inexperiente para tomar a palavra deante de uma assembléa como esta, obedeço ao pedido do meu chefe o almirante Jullien e declaro que se não tomarmos muita precaução, perderemos muitos navios sem conseguir nada.

— Tudo isso está muito bem — disse o almirante Jullien, no entretanto é preciso que se faça alguma coisa meus caros senhores.

— Renard que estava em pé apoiado na mesa, interrogou com o olhar o seu chefe para pedirlhe autorização para falar.

— Pois bem senhores — disse elle — porque temos tanta pressa de atacar esse castello, porque não esperamos algumas semanas? O porto de Casablanca é seguro e podemos esperar escondidos sob toldos especiaes.

— As ordens já foram dadas. — Respondeu lord Marckett sorrindo.

E o seu sorriso parecia dizer que um velho marinheiro como elle tinha demasiada experiencia para não ter pensado já ha muito tempo no que suggeria esse joven capitão de fragata.

— Muito bem, está resolvido, trataremos de nos esconder mas ficaremos aqui uma semana, duas, tres, quatro... E quem nos diz que durante todo esse tempo os piratas não darão signal de vida?

— Creio que mais vale esperar — respondeu o capitão de fragata.

— Vamos — disse o almirante Jullien. — Já que você nos aconselha a esperar é porque tem alguma idéa. Não é verdade?

— Sim almirante, tenho uma idéa.

— Qual?

— E'-me impossivel confial-a almirante, pois se trata de um segredo que não me pertence. Qualquer que seja a gravidade das circumstancias, a minha consciencia prohibe-me de falar e mesmo que chegasse um telegramma do ministro da Marinha ordenando-me que desvendasse os segredos que lhe relatei, a minha resposta seria: não. A disciplina militar a que estamos submettidos não pode obrigar homem algum a proceder contra a sua consciencai. Deixae-me dizer simplesmente que dentro de duas ou tres semanas terão acontecido muitas coisas que farão com que um ataque ao Castello do Mar, não só deixe de parecer impossivel, mas que, se torne realmente facil...

Fez-se um silencio que foi interrompido pelo almirante Marckett que perguntou a John Hopen se tinha alguma coisa para dizer.

— Nada a não ser que deposito inteira confiança no meu camarada Louiz Renard, ao lado do qual passei horas verdadeiramente tragicas, — respondeu o official inglez.

O almirante Jullien pediu a palavra:

— Meus senhores, o tempo nesse momento está detestavel. Ou o meu faro de velho marinheiro me engana, ou ficaremos immobilizados no porto durante tres ou quatro dias, ou mesmo uma semana talvez. Não ha pois razão para que não prolonguemos a nossa estada aqui. Quanto tempo pede Renard?

— Não peço nada almirante. Infelizmente não sei nada de concreto. Digo apenas que tudo me faz esperar que daqui... seja, daqui a quinze dias, a situação será bem melhor para nós.

Mas o almirante Marckett tinha tomado a sua resolução.

— Pois bem, senhores, está resolvido. Todos nós temos absoluta confiança na perspicacia do nosso joven camarada francez e esperaremos.

E consultando o relogio:

— A sessão está encerrada. São oito horas meus senhores e tenho a honra de convidal-os para jantarem todos a bordo do Bahram.

Acceitam?

NOITE DE TEMPESTADE

Noite de tempestade, noite sombria, noite pesada. O Castello do Mar está silencioso, as ultimas luzes foram extinctas. Os hospedes, isto é, os prisioneiros, depois de jogarem a ultima partida de bridge, já se retiraram para os seus quartos refrescados por refrigeradores electricos. Os marinheiros dormem nos seus catres. Apenas dois grupos de vigias se quarteavam de duas em duas horas. Um grupo vigiava a terra e outro o mar. A terra está sombria e o mar mais sombrio ainda. Pesadas nuvens negras correm no céo onde não se vê nenhuma estrella. Faz o calor abafado e inconstante da costa africana. Ao longe, os trovões estalam pesadamente, momento a momento os relampagos illuminam o céo.

Sobre um dos terraços dos jardins suspensos, "os jardins de Klingsor o Encantador" como são chamados pelos allemães, duas sombras conversam em voz baixa. São o conde Prittwitz estendido na sua cadeira de enfermo e sua mulher, a condessa Elza:

— Então — disse Prittwitz — você fez isso?... Que loucura! Então elles sabem...

— Sabem tudo — respondeu madame Prittwitz em voz baixa. — Ha varias semanas que Renard deve ter informado o seu almirantado. Oh! as poucas palavras que escrevi eram rapidas, mas para um agente do serviço secreto, sufficientemente explicitas.

— E você indicou-lhes a nossa posição?

— Exactamente, em gráos, minutos e segundos.

— Mas, você se tornou muito sabia. Diga-me cara amiga, como conseguiu revelar a posição do Castello do Mar? Saberá por accaso manejar os apparelhos re-

guladores das distancias e fazer os calculos necessarios?

Já nada me surprehende em uma mulher de elite!

Apesar da gravidade das circumstancias a condessa Elsa não poude deixar de rir.

— Foi esse imbecil que appareceu ultimamente, esse capitão Kraut, que se poz a fazer-me a corte...

— Como todos — murmurou o conde Prittwitz habituado aos successos de sua mulher dos quaes se sentia muito orgulhoso — como todos minha cara Elsa... E então você lhe arrancou o segredo. Está fazendo-me recordar Dalila...

— Não lhe arranquei nenhum segredo, apenas perguntei-lhe a longitude e a latitude do Castello do Mar sob o pretexto de que estou escrevendo as minhas memorias e preciso muito dessas cifras.

— O que sei, Elsa, é que se eu fosse algum dia commandante de uma esquadra ou de um exercito, prohibiria os meus officiaes a frequentarem o eterno feminino... Mas você sabe que commetteu um crime? Porque naturalmente os francezes prevenidos, avisaram a Sociedade das Nações e Dietz não se engana quando diz que uma esquadra internacional vigia essas paragens. Daqui a alguns dias, ou talvez daqui a algumas horas o Castello será atacado.

— Pelo menos é o que eu espero — respondeu madame Prittwitz.

— Como, é o que você espera?

— Sim, lembra-se da sua resolução e depois da nossa irresolução lá na Enseada do Paraizo? Não está farto dessa existencia? Não está farto dessa vida de sangue? Quantos navios postos a piques, quantos passageiros mortos, quanta gente presa, e tudo isso porque? Para satisfazer o que? A' vingança! E depois de tudo que culpa temos nós de que o nosso Estado Maior tenha perdido a guerra? Você que é o maior dos inventores allemães...

— Polonez, minha cara, polonez, não se esqueça.

— Mais uma razão. Que a principio nos tenhamos enthusiasmado com os projectos do conde Dietz e do comité de vingança, é ainda desculpavel. Mas para onde vamos, que fazemos? Não somos ao menos encorajados pelos allemães conscienciosos. Eu que frequento nas minhas viagens os meios elevados de Berlim, sei melhor do que ninguem o que pensam de nós. Somos condemnados por todo o mundo e não temos mais quem nos encorage. Em conclusão que somos nós? Criminosos de direito commum e nada mais.

E durante uma hora mais ou menos a condessa Elsa falou sobre esse thema. Falava com uma voz baixa, profunda e apaixonada. Concluiu dizendo:

— Emfim, precisamos fugir, fugir daqui.

— Como — perguntou o conde.

— Já pensei nisso. Temos um avião, um só. Esse que você construiu. Sabe dirigil-o?

Prittwitz respondeu que com effeito conhecia todos os pormenores do avião e sabia dirigil-o, mas que, mesmo que alguem o collocasse a' bordo, elle seria incapaz de supportar o commando do apparelho, poderia quando muito movimentar o motor electrico. Sua mulher perguntou-lhe se depois do motor electrico ter sido posto em movimento o avião não poderia ser pilotado como todos os aviões do mundo. Prittwitz respondeu que sim e que qualquer aviador, o mais commum dos pilotos não encontraria nenhuma difficuldade no manejo do apparelho. A unica differença entre esse avião e os outros, era que o seu motor era mais leve e completamente silencioso por ser electrico.

— E' o que eu pensava — disse a condessa Elsa. Então é apenas preciso encontrar alguem que fuja comnosco pilotando o avião.

Prittwitz respondeu que infelizmente não podia contar com ninguem, todos os pilotos do Castello eram devotados de corpo e alma a Dietz.

A condessa lembrou-lhe que a sua joven amiga Helena Smith, noiva de John Hopen, tinha um brevet de piloto tirado na Australia. Essa moça havia declarado á condessa Elsa que se atrevia a pilotar um avião desconhecido para ella, pois considerava os aviões como os automoveis. Do mesmo modo que um bom chauffeur, póde sentar-se na direcção de qualquer automovel e guial-o sem difficuldade, um bom piloto pode tomar o commando de um avião desconhecido e levantar vôo sem nenhuma apprehensão.

— Não resta senão uma difficuldade — terminou a condessa Elsa — é sermos obrigados a abandonar aqui os outros prisioneiros. Mas contra isso que poderemos fazer? A Providencia terá piedade delles.

— E nós ajudaremos a Providencia — atalhou o seu marido.

Se a noite não estivesse tão escura ter-se-ia podido distinguir o seu sorriso.

— E a que horas vocês querem partir? — continuou elle.

— Ao amanhecer, não podemos pedir a Helena para pilotar o avião durante a noite.

— Está bem. Entretanto desejo que Miss Helena e você transportem para o avião uma caixa que ha no meu laboratorio. Ella pesa ao redor de cincoenta kilos. Vocês duas terão a força sufficiente para carregal-a?

— Sim, — respondeu a condessa que era uma allemã muito robusta. Respondo pelas minhas forças, quanto á Helena, é uma pequena sportiva. Mas porque você não pede isso ao seu creado de quarto?

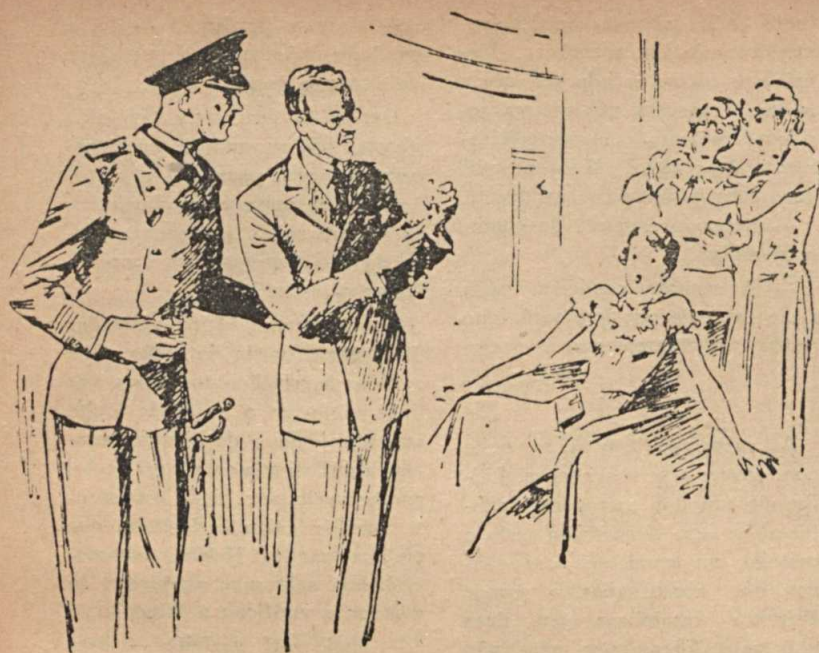
— E' preferivel não metter mais ninguem nesse assumpto — retrucou o conde.

— Você faz muita questão dessa caixa?

— Muita.

— Ella contem os seus archivos, os seus planos?

— Isso, ou outra coisa qual-

quer. — Respondeu Prittwitz num resmungo.

— Oh! — murmurou a condessa Elsa — infelizmente as coisas não terminarão com a nossa fuga. Graças ao seu prodigioso submarino, graças aos canhões que você acaba de equipar electricamente, não sei como, pois não entendo nada disso, o Castello poderá defender-se durante muito tempo e sem duvida morrerá muita gente antes que elle se renda.

— Quem sabe — disse sentenciosamente Prittwitz — se dentro de poucos dias esse castello de pedras não cahirá como um castello de cartas?

Continuaram conversando durante algum tempo ainda. Tudo ficou resolvido para a fuga, havia apenas uma difficuldade, mas essa bem grande: o avião estava no seu hangar. Não havia a menor difficuldade para retiral-o dali, bastava fazer girar as portas electricas e collocar o motor em movimento. Feito isso, o avião sahiria sozinho, um longo terraço especialmente preparado, permittia-lhe levantar vôo em qualquer direcção. Ninguem ignora que os aviadores gostam de partir contra o vento. Mas, havia na porta do hangar um esquadrão de sentinellas.

— Quando os marinheiros o virem, — disse a condessa Elsa — não se preoccuparão com o que fizer e obedecel-o-ão sem discutir.

— Não sei. Você se lembra que na Enseada do Paraizo, foi graças á minha intervenção que os dois officiaes francezes conseguiram fugir na vedetta, pois o sub-official de guarda e os marinheiros haviam se opposto á partida delles. Mais tarde, durante a catastrophe e depois della, o sub-official falou e fui interrogado por Dietz. Fiz-me de tolo e respondi que acreditar ater agido muito bem impedindo um sub-official de dar ordens a dois officiaes que, eu acreditava serem fieis. Emfim, que pensei ter agido no interesse superior da disciplina. Dietz acreditou-me, pelo menos quero crer que me acreditou. Mas desde esse dia tenho a impressão de que me faz vigiar, embora com muita discreção. Hans, o meu creado de quarto de confiança morreu de uma forma inexplicavel e immediatamente Dietz poz á minha disposição o actual.

— Mas Heinrich, o seu novo creado de quarto, é perfeito. Serviu outrora em um grande hotel de Berlim e foi enfermeiro em um hospital de p.imeira ordem. Era exactamente do que você precisava e elle o cobre de attenções...

— Certamente, tem mesmo para commigo attenções exaggeradas: quando não estou presente remexe nos meus papeis e quasi todos os dias vae fazer um fiel relatorio a Dietz. Esse bravo Heinrich é o que se chama em linguagem vulgar, um espião.

Cahiu um pesado silencio que durou alguns minutos e foi interrompido pela condessa Elsa:

— Vou chamar Heinrich para conduzil-o ao seu apartamento. Não se preoccupe com a guarda, eu me occuparei disso.

Grandes gottas dagua começaram a cahir no terraço. Relampagos cada vez mais numerosos illuminavam o céo e a chuva cahia cada vez com mais força... O fiel Heinrich empurrava cuidadosamente a cadeira do seu patrão.

— Vamos, tenha cuidado meu amigo — disse Prittwitz.

— Sentis alguma coisa senhor conde? — perguntou affectuosamente o creado de quarto.

A condessa Elsa entrou no seu quarto e chamou a sua camareira.

Gretchen — disse ella — amanhã receberei algumas pessoas. Temos ainda vinho do Rheno no armario?

— Sim, senhora condessa, ha oito garrafas.

— Muito bem, abra-as para que eu não tenha esse trabalho amanhã e deixe-as no cesto.

— Sim senhora condessa.

— Traga-me o sacco de viagem.

Gretchen, uma mulher pequena e redonda, voltou pouco depois com o sacco pedido.

— Muito bem. Agora vá á sala de jantar abrir as garrafas e depois pode retirar-se. Não precisa se levantar amanhã cedo, penso dormir até muito tarde. Estou um pouco fatigada.

A creada de quarto retirou-se. Alguns momentos mais tarde, madame Prittwitz ouviu os pas-

sos de Gretchen que subia a escada central do castello e entrava no seu quarto situado no alto. Então dirigiu-se para a sala de jantar com um vidrinho na mão, abriu um armario dentro do qual havia oito garrafas de vinho enfileiradas em um cesto. Cuidadosamente, distribuiu o conteudo do vidrinho entre as oito garrafas de vinho do Rheno, sacudiu-as bem e, com mão vigorosa, levantou o cesto, transpoz a escada central e alcançou o pateo central, subiu duas escadas e encontrou-se sobre um immenso terraço no fundo do qual espalhava-se o hangar do avião. Um grito guttural fel-a parar:

— Alto! Quem vem lá?

Ella ouviu o barulho do aço de um fuzil de guerra.

— Sou eu, a condessa Prittwitz. Chame o sub-offical.

Abriu-se uma porta no posto dos sentinellas e appareceu um sub-official louro, facilmente reconhecivel, pois estava illuminado pelo jacto de luz que sahia do posto. O official inferior fez uma continencia ao avistar a condessa:

— A's suas ordens senhora condessa.

— Ah! E' você Hermann?

— Sim, senhora condessa.

— Sabe por accaso que o hoje é o dia de anniversario do conde Prittwitz?

— Não, senhora condessa. Eu ignorava.

— Pois bem, o conde resolveu associar á commemoração do seu anniversario, os nossos bravos marinheiros e enviou-lhes algumas cestas de vinho. Quando procurei Gretchen para que trouxesse esta para a guarda, não houve meio de encontral-a. Deve estar lá em cima em algum dos jardins em estado de pensar que é flôr. Ajustaremos contas amanhã. Mas não quiz que ficassem sem o excellente vinho de Rheno que o conde enviou para os seus camaradas...

— Senhora condessa — respondeu o sub-official commovido — estamos profundamente encantados, não sabemos verdadeiramente como vos agradecer. Haveis vos incommodado por nossa causa. Trazerdes vós mesma senhora condessa, é verdadeiramente demasiado! Não sabemos como vos poderemos agradecer...

— Bebendo á saude do conde, meu amigo.

— A senhora condessa póde ficar certa de que isso será feito muito conscientemente...

As primeiras brumas na noite começavam a se desvanecer. Utilizando um dos corredores subterraneos que percorriam todo o castello em pendentes ora suaves, ora accentuadas, o conde Prittwitz caminhava com duas muletas esforçando-se para não fazer barulho e sustido á direita e á esquerda por sua mulher e por Helena. No fim do caminho elle apoiou-se contra uma balaustrada e a condessa Elsa approximou-se do corpo da guarda e escutou attentamente:

— Todos roncam de um modo incrivel. Decididamente esse pharmaceutico de Wilhelmstrasse não me enganou: o narcotico é infallivel.

— Mas não será perigoso? — interrogou Helena.

— Oh! nem me lembrei disso. — exclamou a sensivel condessa Elsa.

— Minha caixa está no logar? — interrogou Prittwitz.

— Sim, — respondeu sua mulher — ha uma hora que a collocamos no logar. E isso não foi facil absolutamente! Tive a impressão, meu querido, de que você vae transportar a artilharia...

A senhora Prittwitz entrou no corpo da guarda, tomou uma chave e abriu a fechadura da grande porta de aço que encerrava o hangar.

— Fechadura de combinação — disse ella. — Isso tambem me foi revelado pelo capitão Kraut. Em recompensa dei-lhe a mão a beijar.

— Foi pouco — disse Prittwitz sem galanteria.

— Cale-se insolente! — E a condessa máo grado a gravidade da situação desatou a rir.

Depois da fechadura ter sido aberta, bastou que se encostassem na porta para que o motor invisivel se puzesse em movimento e, sem ruido, a immensa porta de aço desapparecesse no interior da muralha.

Foi bastante difficil installar Prittwitz a bordo do avião. Elle soffria horrivelmente. Mas as duas mulheres a custo de muita engenhosidade e de energia, conseguiram finalmente collocal-o confortavelmente. Elle estendeu-se sobre a caixa e declarou que podiam partir. Helena, commovidissima sentou-se no logar do aviador e verificou a direcção:

— Tudo está perfeito — disse em inglez pois preferia empregar a lingua materna nos momentos difficeis. — Faça o favor de pôr o motor em movimento, senhor conde.

— Nada mais simples senhorita, segure essa maçaneta de cobre que está á sua direita e empurre-a até o fundo. Vê esse botão de marfim bem em frente da senhora? Aperte-o, elle dá a partida e esse outro ao lado regula a velocidade.

Ouviu-se um leve ruido, as duas grandes helices tornaram-se invisiveis, tão rapido era o seu movimento de rotação, e o avião sahiu lentamente para o terraço.

Levantou-se uma voz: o conde Dietz appareceu em uma pesada sacada de estylo morisco que dominava a plataforma de partida e gritou completamente estupefacto:

— Mas o que aconteceu, onde vão?

E, emquanto o avião levantava vôo, a condessa Elsa respondeu:

Vou encontrar um dos meus apaixonados, meu caro conde, até á vista e seja feliz...

Passou-se cerca de um minuto... como pode ser longo ou curto um minuto...

Ouviram-se tiros. Dietz jogara-se sobre uma metralhadora anti-aerea. Uma enorme metra-

lhadora de calibre automatico de vinte millimetros, com a qual era facil attingir o avião de vôo mais rapido.

Com a mão firme Dietz fez a pontaria e poz a metralhadora em funccionamento. Um diluvio de balas foi lançado deixando atraz de si uma longa cauda de fumaça... o que permittiria saber de onde sahia o tiro...

Ao longe, atraz de uma collina rochosa, o avião desappareceu.

GOLPE THEATRAL

Louis Renard saltou sobre o seu automovel e disse ao tenente de guarda no campo de aviação que o olhava estupefacto:

— Acabam de telephonar de uma granja aqui perto dizendo que um avião em panne acabava de aterrisar. O proprietario da granja, um certo senhor Vixt, grande agricultor que conheço vagamente, mandou pedir-me para ir immediatamente acudir o avião. Insiste que seja eu. Quer vir tambem, Hopen?

O official inglez que nesse dia andava de passeio por Casablanca, titubeou um momento:

— Mas é que, não sei se posso... não sei se devo... você vae a pedido...

— Mas já que eu lhe digo que venha... — interrompeu Renard nervosamente. — Você não é por accaso nosso alliado? E tenho um presentimento que me diz que devo leval-o commigo.

O auto partiu emquanto o tenente de guarda murmurava:

— Está acontecendo alguma coisa de extraordinario... Mas, emfim elle é meu superior e deve saber o que faz...

Realmente a cerca de cincoenta kilometros de Casablanca, perto de uma vasta exploração agricola estava um avião crivado de balas. Coisa aliás verdadeiramente estranha nesse momento em que Marrocos se acha pacificado e que, a menos que se arriscassem até algum distante ponto insubmisso... Emfim, talvez fosse de lá que viesse o avião.

Um avião em panne é uma coisa normal; porque se teria Renard apressado dessa maneira? fôra de tal modo formal? Mas eis que chega o automovel militar a toda velocidade e pára. Renard desce, o proprietario da granja accorre immediatamente e toma-o pelo braço com familiaridade e diz-lhe algo no ouvido.

O official de marinha tem um momento de estupefacção que é interrompido por um grito de Hopen. Uma joven corre para o official inglez com essa simplicidade anglo-saxã a priori incorrecta mas que é talvez de uma correcção suprema, cahe em seus braços.

Entretanto, Renard, completamente confuso, procura reagir. O official francez sempre tão energico, empallidece e fica a ponto de desmaiar.

INTERROGATORIO

Eram tres horas da tarde, o almirante Jullien, na sua elegante cabine de Louvois, elegancia essa que, aqui entre nós, sentava-lhe como pedrada em olho torto, fazia calmamente a sesta esperando os acontecimentos. Aos sessenta annos depois de ter atravessado em todos os sentidos, todos os mares e oceanos do globo, embora tivesse um certo scepticismo, conservava a fé ardente de um tenente ou de um aspirante. O traço caracteristico do velho maninheiro era o seu amor pela mocidade. Tinha confiança no seu joven corpo de officiaes e por isso aceitára as propostas de Renard e as patrocinára junto de lord Marckett. E isso não lhe fôra facil, pois soffreu grande opposição antes e depois do conselho de guerra. Na marinha ha sempre um sem numero de rivalidades e um capitão de fragata chegára a murmurar entre dentes.

— Não nos faltava mais nada, agora é um rapazinho promovido, outro dia quem commanda a esquadra internacional? Só nos resta pedir demissão!

O almirante Jullien fingira não ouvir, pois embora tivesse um ouvido muito fino passava por ser um pouco surdo, o que lhe servira de muito durante toda a sua carreira. Em todos os casos difficeis dava-se ao luxo de obrigar o seu interlocutor a repetir varias vezes a pergunta emquanto procurava a resposta.

O almirante cochilava quando foi despertado pelo timbre telephonico. Segurou o phone do apparelho que estava á sua cabeceira: era um chamado de Casablanca:

— Allô! Sim... você diz... sim, é o almirante... Ah é você Renard? Você está no Almirantado?

O almirante quando telephonava tinha o habito de monologar em voz alta:

— Que é que você está contando?... Um avião aterrissou em panne... trazendo a bordo... Repita... o conde Prittwitz, o inventor do serviço dos piratas... Sim... sim... sim... estou ouvindo... Sua mulher a condessa Elsa... quem mais?... a noiva do seu camarada John Hopen?.... Essa é uma personagem sem importancia...

E a valente moça que pilotára o avião, foi cavalheirescamente tratada desse modo.

— Que é preciso fazer? Mas em primeiro logar onde estão elles?... No campo de aviação?... Vamos... vamos... mas o chefe de armas sabe muito bem que até nova ordem e emquanto a esquadra estiver no porto, sou unicamente eu quem commanda aqui na terra e no mar... Que?... Vamos, repita... Que deve fazer?... Conduzil-os ao hospital... ao hospital... Sim... sim, está resolvido... com todas as considerações que você quizer... Como, que está dizendo?... Mas você é idiota meu amigo... Ao hotel!... Para que elles escapem essa noite mesmo!... Vieram entregar-se, diz você... Conheço isso muito bem... Você sabe latim Renard? Lembra-se alguma coisa de Virgilio?... **Timeo Danaos**... Quanto á moça, a noiva do seu amigo... Que historia é essa?... Na prisão da

mesma forma... Quem me garante que ella não é cumplice delles?... Estarei em Casablanca dentro de meia hora e tratarei de avisar. Espere minha baleeira no fundo do porto militar.

O almirante desligou o phone e, felizmente, não ouviu Renard que do outro lado da linha murmurava entre dentes:

— Que animal!...

Entretanto o almirante, depois de haver chamado o seu maitre d'hotel, vestiu-se ás pressas. Sobre a ponte soou um apito e um piloto gritou:

— Preparar a balleeira do almirante!

Tres horas depois o almirante, seguido do seu chefe de Estado Maior e do capitão inglez Turner, atravessava o corredor do hospital militar de Casablanca conversando com Renard.

— Vejamos almirante — dizia o joven official — acabaram-se as suas prevenções?

— Até um certo ponto, meu caro, até um certo ponto apenas. Vejo nos seus olhos, que você está me achando difficil. E' que, meu caro Renard, apesar do seu nome, perto de um velho experiente como eu, você não passa de um aprendiz. Sou macaco velho e não hei de aprender a fazer caretas com um joven sagui como você. Desconfio sempre. Que essa gente veiu se entregar não se discute, desde que o procuraram. O engenheiro está deitado lá em cima quasi morto de cansaço, as duas mulheres estão incommunicaveis, mas todos estão muito bem tratados, ha de convir. Telephonei ao Residente geral, senhor Dubois e elle disse-me que me deixava a direcção deste assumpto, recommendando-se apenas prudencia. Ao mesmo tempo avisou pelo telegrapho o presidente do Conselho e o ministro das Colonias. A resposta foi quasi instantanea: "Liberdade de acção para o almirante Jullien". Como isso é commodo! Liberdade de manobras, mas liberdade de gaffes tambem! E' preciso entretanto que preste contas ao almirante Marckett...

E voltando-se para o capitão Turner:

—Não esqueço capitão que o seu almirante é o nosso commandante em chefe.

— Oh! almirante, — respondeu o official inglez em um francez muito britannizado, embora correcto — o commando de Sua Senhoria é estrictamente limitado á acção naval. Por outro lado o lord almirante deixa-vos completa liberdade neste assumpto. O avião aterrissou em protectorado francez, a esquadra internacional nada tem a ver com isso.

— A proposito — perguntou o almirante — examinaram o conteudo dessa caixa da qual o conde allemão não se queria separar?

— Ainda não — respondeu Renard. Ainda não tivemos tempo almirante, mas a caixa está aqui. Mandei transportal-a para o hospital afim de que o conde pudesse tel-a á mão, caso V. Excia. determinasse. Emquanto isso, mandei sellal-a.

Um medico com gallões no kepi alto, entrou e cumprimentou militarmente dizendo:

— Almirante, se desejardes interrogar o prisioneiro, elle está agora em estado de vos ouvir.

O chefe do Estado Maior do almirante que estivera calado até aquelle momento perguntou:

— Tendes necessidade de mim, almirante?

— Não, fico com os dois capitães apenas.

— Posso voltar para bordo?

— Sim, mas antes passe pelo "Bahram" e preste contas pessoalmente ao almirante Marckett de tudo o que se passou aqui. E' mais correcto.

O interrogatorio foi longo.

— Em resumo meu senhor — disse o almirante Jullien — graças aos seus conhecimentos da nossa lingua, o que aliás não me admira em um polonez, comprehendemo-nos perfeitamente, não é verdade?

Fez-se um silencio. O conde Prittwitz estendido sobre um leito de hospital com a cabeça um pouco levantada por dois travesseiros, olhava com olhos intelligentes para os quatro homens que o rodeavam: o almirante Jullien que, em pé na frente do leito, com as mãos cruzadas sobre as costas, olhava fixamente para elle, Louis Renard, muito commovido pela presença desse homem que conhecera outrora na Enseada do Paraizo em tão tragicas circumstancias, o capitão Turner que, impassivel com um bloco de notas na mão, tomava notas para o seu almirante e o medico de quatro gallões que se havia retirado por discreção para o fundo da peça.

— Poderia — disse elle — ver minha mulher?

— Dentro de um instante, senhor, dentro de um instante — disse o almirante attenuando o tom de sua voz geralmente rude. — A condessa Prittwitz está aqui em um quarto ao lado. Mas o meu dever é interrogal-os separadamente. No meu logar o senhor faria o mesmo... Bateram na porta.

— Entre — disse o almirante.

O capitão John Hopen mostrou a sua alta estatura fazendo continencia.

— A's vossas ordens — disse elle.

— Agora, senhores, — declarou o almirante — encaremos claramente a questão. Em poucas palavras resumirei a nossa conversação senhor conde: O senhor e sua senhora resolveram entregar-se porque estavam cançados da vida que levavam esses piratas, empreguemos a palavra verdadeira, esses bandidos, e não mais queriam fazer causa commum com elles. Quando esses bandidos forem presos serão enforcados sem julgamento pelos inglezes e fuzilados pelos francezes, pois cada povo tem a sua maneira de matar. Normalmente eu deveria immediatamente mandar passal-os pelas armas sem mesmo ouvil-os, entretanto como vieram apresentar-se voluntariamente temos isso em seu favor.

Serão apresentados a um conselho de guerra ou talvez a um tribunal maritimo. Evidentemente, o facto de se haverem apresentado expontaneamente é uma circumstancia attenuante, embora muito fraca.

— Ainda não terminei almirante — disse o conde Prittwitz — Poderá conceder-me mais alguns momentos?

— Escuto-o, meu senhor.

— O senhor está muito bem informado sobre o Castello do Mar, sei perfeitamente e não ignoro quem forneceu as informações ao capitão Renard.

— Ah! pois eu ignoro — respondeu o almirante.

Prittwitz continuou com uma voz breve:

— O capitão Louis Renard encontrou certo dia em Nice, em um baile de mascaras, uma senhora da alta sociedade allemã. Entreteve com ella uma conversação banal e galante, como é o costume nessa especie de reuniões. Pois bem, foi essa senhora quem lhe disse tudo acerca do Castello do Mar.

— Ah! pequeno mysterioso... — disse o almirante Jullien segurando brincalhonamente a ponta da orelha de Renard — então foi cortejando uma linda senhora em um baile de mascaras que você descobriu... e era por isso que você tomava ares importantes deante de mim e falava de mysterios, de consciencia... Comprehendo tudo agora! Você não quer que a senhora Renard descubra esta escapula! Pois bem, calar-me-ei, a sua senhora não saberá nada.

— Foi minha mulher, almirante — disse Renard placidamente — quem insistiu para que eu fosse a esse baile de mascaras.

— Não desviemos a questão — almirante — disse o conde Prittwitz — a senhora que encontrou o capitão Renard no baile de mascaras era a condessa Elsa Prittwitz, minha esposa, que o conhecera nas tragicas circumstancias que todos sabem e que, estando como eu, farta da vida de crimes que levavamos e decidida a terminar com ella, resolveu relatar tudo ao joven capitão deixando ao seu encargo o trabalho de informar os almirantados.

O almirante estava estupefacto.

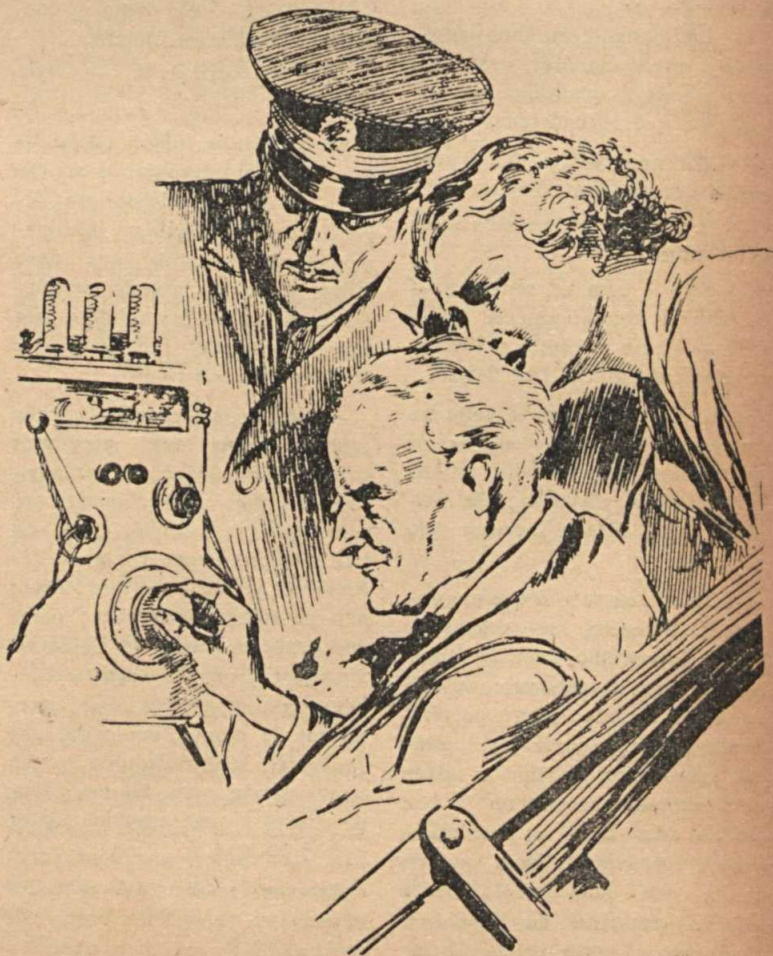
Renard accrescentou:

— Rigorosamente exacto.

— Isso muda tudo, senhor — disse o almirante com o tom cada vez mais doce. Desde que fosteis vós quem por intermedio de vossa senhora, haveis nos informado sobre o esconderijo dos piratas, a indulgencia do tribunal maritimo será certamente um facto indiscutivel. Estou certo de que o capitão Renard deporá em vosso favor e o almirante presidente foi meu colega de turma e, se costuma ser inflexivel no que se refere aos pontos de honra e de regulamento, tambem não ignora o que se chama a piedade humana.

— Isso ainda não é tudo — accrescentou o conde Prittwitz — o Castello do Mar está em condições de defender-se e ha ainda o **Tubarão de Aço** que é um submarino electrico construido por mim e que está adeantado vinte annos de todas as descobertas modernas. Possue torpedos automaticos que não deixam nenhum signal sobre a agua e é dos dotado de uma velocidade de evolução prodigiosa.

A' medida que ia falando o conde Prittwitz exaltava-se como acontece a todo o inventor que fala da sua obra.

— Meu submarino — continuou elle — é capaz de enviar ao fundo todos os vossos navios antes de que possaes causar-lhe qualquer avaria. Por outro lado, ha no Castello do Mar canhões electricos de trinta centimetros que enviam projectis de ar liquido, de um ar liquido que tornei estavel aperfeiçoando a invenção do vosso genial Claude, a uma distancia de cincoenta kilometros.

— E então? — interrompeu o almirante.

— Então, quero dizer senhor — accrescentou seccamente Prittwitz — que os senhores não entrarão no Castello do Mar como na casa da sogra. Perderão nessa empresa varios navios e, se o atacarem por terra, cuidado com os meus canhões electricos, a menos que... a menos que, graças a uma invenção maravilhosa, sim maravilhosa, isso não é fatuidade mas apenas orgulho meus senhores, a um apparelho que todo o mundo procura ha vinte annos e que eu, Prittwitz, encontrei sozinho.

— E esse apparelho existe? — perguntou vivamente o almirante.

— Existe e funcciona — respondeu o conde.

— Onde estáú

— Em uma caixa que havia a bordo do avião.

— Em resumo... — disse o almirante.

— Em resumo, eu lhes entrego o Castello do Mar, o submarino e toda a quadrilha. Depois façam o que entenderem.

O almirante Jullien ficou pensativo durante um momento:

— E nós que poderiamos fazer pelo senhor?

— Isso é com os senhores — respondeu orgulhosamente Prittwitz — Estou doente e prisioneiro, por conseguinte sem defesa.

O almirante deu uma volta no quarto, caminhando com passos pequenos e gesticulando muito. Depois disse tratando pela primeira vez o illustre inventor pelo seu titulo:

— Conde, se tudo o que me dissesteis é exacto, se graças ao vosso apparelho conseguirmos immobilizar o submarino e os canhões, se, em uma palavra, conseguirmos segurar esses piratas sem muito trabalho e talvez sem nenhum accidente grave, podeis estar certo de que saberemos ser gratos. Nem que eu tenha que falar pessoalmente com o presidente da Republica, nem que eu tenha de atravessar o canal e pedir uma audiencia privada a Sua Magestade Eduardo VIII, prometto-vos que nem vós nem a condessa Elsa sereis incommodados e que, assim que o Castello for tomado, ambos serão postos em liberdade e que o silencio cairá sobre vós.

O ULTIMO ASSALTO

Por um favor especial o almirante Jullien obteve que a experiencia do conde Prittwitz tivesse logar no Louvois e não no Bahram. O conde e sua mulher occupavam o kiosque que ficava no meio do tombadilho central, elle estendido sobre uma chaise-longue, ella em pé ao seu lado. Solidamente sustido por pés metallicos, levantava-se deante de Prittwitz o apparelho mysterioso

Os officiaes electricistas mais sabios, haviam estudado inutilmente o estranho engenho. Era uma tal complicação de bobinas que elles não entenderam nada. Prittwitz pedira que ligassem ao seu apparelho uma pequena corrente de 120 volts apenas.

— E' o sufficiente — havia dito.

Ao almirante Jullien que o tinha querido interrogar e ao capitão Dussol, especialista em electricidade, trabalhador infatigavel, eterno estudioso, que dava voltas e voltas fazendo perguntas de todos os tamanhos e, por vezes, bastante indiscretas, o conde respondeu rindo:

— Não comprehenderá nada capitão. Pelas suas perguntas comprehendo que é um verdadeiro sabio. Não sou certamente tão sabio quanto o senhor, mas sou um inventor, o que é algo differente. O senhor sabe que Edison não possuia a millesima parte dos conhecimentos de Poincaré, apenas Edison era capaz de inventar os apparelhos mais engenhosos do mundo, emquanto que Poincaré apesar de toda a sua sciencia, não seria mesmo capaz de inventar uma machina para cortar batatas.

Estavam no mar. A esquadra alinhava-se disciplinarmente: Na frente o Bahram, mais atraz o Louvois seguido do Malaya. E assim todos os navios alternando conforme as nacionalidades.

Na frente os destroyers, como fieis cães de guarda, exploravam o mar. A bordo de todos os navios alliados, por meio dos microphones, procuravam descobrir algum rumor submarino indicando o "Tubarão de Aço".

Eram sete hora da manhã. O almirante Jullien apparece uno tombadilho e todos os officiaes se immobilizaram fazendo continencia.

— Bom dia senhores — disse o almirante que parecia estar de muito bom humor, o que lhe acontecia uma vez por semana.

E, percebendo a presença da condessa Elsa:

— Embarquei uma senhora a bordo e isso é contra o regulamento. Não temo uma admoestação do ministro da marinha porque o senhor Vincent é um homem capaz de comprehender essas coisas, mas na rua Royale ha alguns velhos pontifices rebarbativos que franzirão os sobrolhos gritando a favor do regulamento.

O commandante do navio, um official muito elegante e muito cuidadoso, objectou que a condessa Prittwitz estava a bordo devido ás razões do serviço. No Bahram, onde se encontrava miss Helena, passava-se o mesmo, pois o almirante Marckett havia pensado que a pequena lhes poderia ser muito util devido a ter vivido tão longo tempo no Castello do Mar.

O almirante Jullien observou que os inglezes são muito mais amplos nesse sentido e que consentem que os officiaes que são destacados para as colonias levem suas esposas a bordo.

— Entre elles isso é completamente admissivel — terminou o almirante — entre nós haveria mil e um impedimentos. Ah! senhores, que maravilhosa idéa tive de não me casar! No dia em que entrei na Escola Naval, fiz como os Doges de Veneza, esposei o mar. Mas voltemos ao assumpto: — e dirigindo-se ao of-

ficial de navegação: — Onde estamos?

— Aqui, almirante — respondeu o capitão de corveta desenrolando uma grande carta de navegação e assignalando um ponto.

— E o Castello do Mar está a?...

— Sessenta milhas mais ou menos por bombordo.

— Que determinou lord Marckett?

— Que conservassemos a mesma posição e o seguissemos.

— Está muito bem — resmungou o almirante — Seguil-o-emos já que não temos outro remedio — e accrescentou como para si proprio: — Elle bem poderia dizer-me quaes são as suas intenções tacticas.

— Supponde que as tenha — murmurou no ouvido de seu chefe o capitão de corveta Bertin — e estariamos mais socegados.

—E' uma pena que não seja o senhor o commandante em chefe, estariamos assim mais socegados. O almirante Marckett, apesar de todo o respeito que tenho por elle, é mais um elegante homem de sociedade do que um marinheiro.

— Você exaggera — concedeu o almirante Jullien bonacheironamente — Evidentemente, Marckett não viajou tanto quanto eu, não se pode viajar pelos mares do sul e ao mesmo tempo ser ajudante de campo de Sua Magestade. Elle viu mais garden-parties do que tempestades, mas emfim, tem conhecimentos profissionaes indiscutiveis.

Nesse momento o Bahrma fez uma evolução e o Louvois seguiu-o fielmente:

Foi então que se produziu o acontecimento: ouviu-se uma detonação surda. Uma formidavel columna dagua levantou-se na frente do Louvois que pendeu para bombordo. O almirante continuou calmo, com os braços cruzados emquanto o commandante do navio ordenou com voz forte:

— Silencio! Marinheiros ao posto de manobra!

Um tenente completamente molhado appareceu no tombadilho fazendo continencia:

— Commandante?...

— Que aconteceu? — perguntou este.

— Um torpedo. Mas nenhum accidente grave.

— Nenhum accidente pessoal?

— Dois homens foram feridos levemente.

— E' sem importancia.

Mas Prittwitz chamava:

— Almirante!

O DRAMA SUBMARINO

— O que aconteceu? — interrogou Krautz em pé no kiosque de navegação do "Tubarão de Aço".

O official estava nervoso e um tanto inquieto. Appareceu um tenente com a physionomia alterada.

— Tudo está perdido commandante.

— Como perdido?

— Sim, deu-se um curto circuito geral, ou qualquer coisa pelo estylo. As pilhas não funccionam mais. Os accumuladores a mesma coisa. Repare. Todos os voltometros e todos os amperimetros estão em zero.

— Mas — gritou Kraut — é uma loucura! Ha um minuto apenas tudo funccionava perfeitamente. Que azar! Logo desta vez que o commandante Dietz ficou em terra!...

Entrctanto Kraut conseguiu refazer-se e, com voz calma, interrogou pelo porta voz.

Tudo estava paralyzado, nada funccionava.

— Que irá acontecer commandante? — perguntou o tenente aterrorizado.

Kraut conteve um juramento:

— Vae acontecer que teremos que subir. Você sabe bem que não conseguimos ficar submersos senão graças ás nossas machinas. Vamos apparecer bem perto da esquadra aliada e, como não poderemos fugir, pode bem imaginar o que elles farão comnosco

E cruzou os braços impassivel.

CONSEQUENCIAS

Voltemos á ponte do Louvois. Prittwitz disse ao almirante Jullien, em tom sereno:

— Quer assistir aos ultimos momentos do Tubarão de Aço? E' chegada a sua hora fatal. Ignoro onde se encontra exactamente, mas não pode estar a mais de tres ou quatro kilomemetros, tinha interesse em me approximar para torpedeal-o. Pois bem, vamos desembaraçal-o de tão perigoso inimigo.

O inventor puxou uma alavanca, empurrou outra e bateu os dedos sobre uma especie de teclado de marfim — clarões esverdeados se soltaram do instrumento, e foi tudo.

— E agora? — perguntou o almirante.

— Agora, — replicou o conde Prittwitz, — as machinas electricas do submarino se acham paralyzadas, e como elle só se mantem debaixo dagua graças aos seus planos inclinados e por um systema especial de helices que eu proprio inventei... já inventei tanta coisa!... como não possue, em uma palavra, "water-ballast, pois supprimi esse meio pueril e barbaro, o "Tubarão de Aço" subirá á tona. Mas não tema nada, os seus canhões tambem funccionam electricamente e portanto não poderão atirar. Teremos apenas o trabalho de captural-o. O que inventei ultimamente, almirante, foi o apparelho emissor de ondas, que tantos sabios procuram realizar ha dez annos... talvez mesmo mais.

O almirante Jullien passou a mão pela testa e disse ao commandante:

— Capturál-o, não, pois iria parar nas mãos dos inglezes. Assim, mal suba á superficie, trataremos immediatamente de fazel-o naufragar, sejam quaes forem as ordens do almirante Marckett, pois de outro modo os inglezes ficarão senhores do seu segredo, que jámais nos revelarão. Transmittiu o que acaba e dizer o conde Prittwitz?

— Sim, almirante, — informou o official de quarto. — O almi-

rante Marckett respondeu: "Entendido, obrigado."

No mesmo instante, novas bandeiras foram içadas nas cordas do Bahram e o official traduziu:

— O almirante transmitte: "Mal o inimigo appareça á tona capturemol-o sem damnifical-o.

— Mas eu já dei as minhas ordens: ao fundo, mal appareça.

— Muito bem, almirante.

No mesmo instante, chegou o aviso telephonico da gavea:

— Submarino inimigo á vista, a duas milhas de bombordo.

— Vamos, Mervedick, — ordenou o almirante ao official artilheiro.

E os poderosos canhões do Louvois rugiram. A tão pequena distancia, o tiro era de uma facilidade elementar: em poucos segundos o submarino naufragava.

— Que nenhum dos miseraveis escape! — exclamou o almirante. — Continuem atirando! Ah, mas o que vamos ouvir do almirante Marckett! Quem estava de quarto?

— Eu, almirante, — replicou um joven tenente.

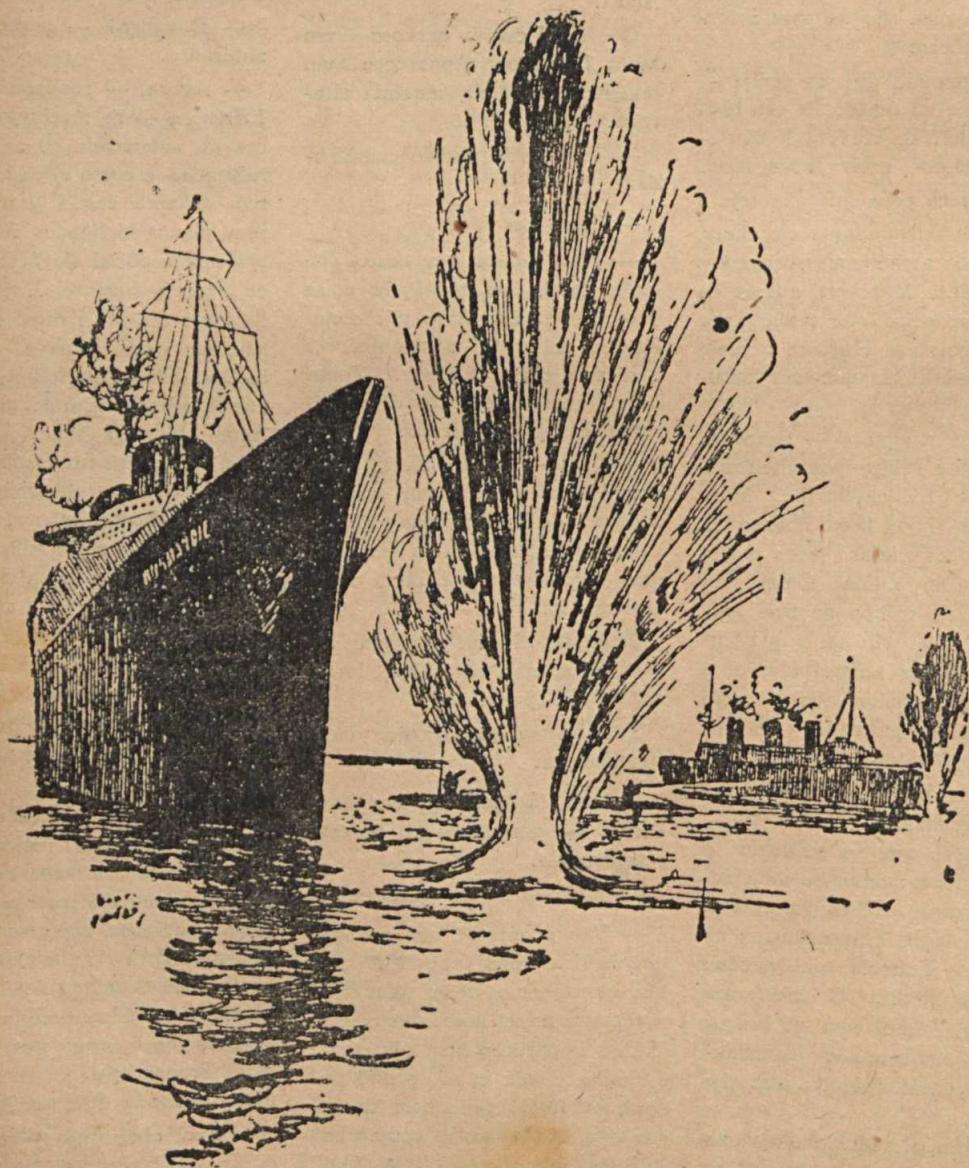
— Approxime-se: vou punil-o por trinta dias, por ter interpretado mal os signaes do almirante Marckett. Sim, por sua causa abri fogo, que era justamente o que o honrado almirante não queria. E' provavel que o ministro da Guerra estique a prisão por mais trinta dias, mas o certo, meu caro, é que antes do fim do anno será promovido. Silencio sobre o que se passou, senhores.

E, entrando na casa das cartas maritimas:

— Se comprehendeu alguma coisa do que se acaba de passar, conde, e se tambem a condessa...

Prittwitz interrompeu-o:

— Almirante, nem minha mulher nem eu vimos ou comprehendemos nada. Quanto ao meu submarino, não se tratará mais delle, só quero trabalhar de hoje em deante para o bem da humanidade...

(Continúa no fim da Revista)

MODA

CORRESPONDENCIA PARISIENSE

APONTAMENTOS PARA A ELEGANTE

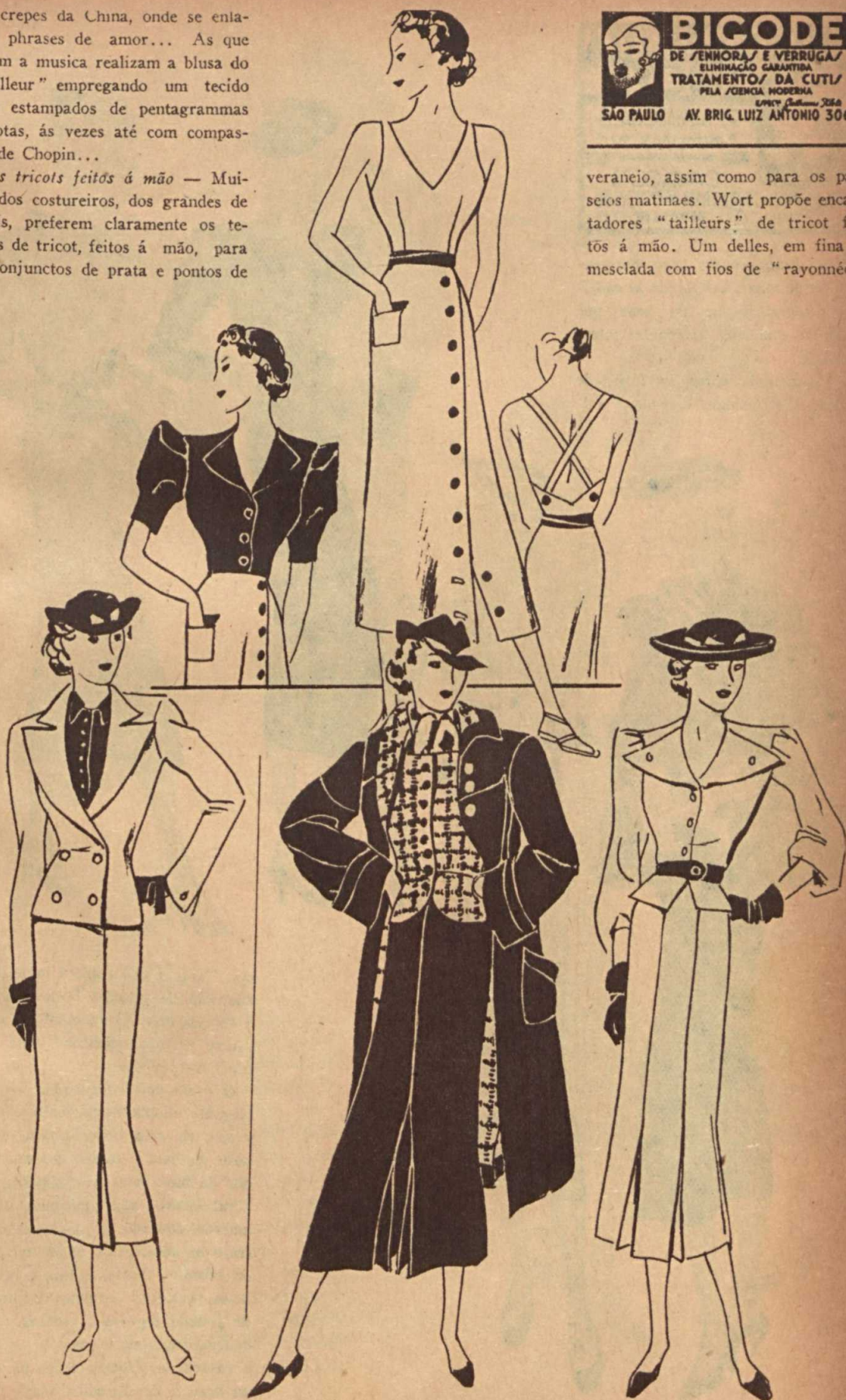
Os novos estampados — Tem annos já a importancia do "imprimée" na moda. Arte decorativa... Costureiros e fabricantes trabalham mais e mais e é um verdadeiro intercambio de gostos e idéas, de projectos e possibilidades.

E o desejo constante da novidade traz reflexos novos, cores lindas ás sedas e até ás lãs. O "rayonne", por exemplo, realiza trabalhos

admiraveis. Ao lado das sedas, admiram-se verdadeiras maravilhas nas lãs quadriculadas e escocezas, semeadas de flores multicores e singelas, de margaridas, de rosas, rodeadas de sua folhagem, de flores campestres, de *edelweiss*. Quasi todos os conjunctos de viagem são alegrados por essas fantasias.

Nas sedas, os estampados soffreram notavel evolução, parecendo que chegaram ao extremo da fantasia. Vemos grandes lyrios entrelaçados, grandes folhas dos tropicos, flores de tamanho além do natural, que cobrem o fundo de modo espaçado. Mas não só as flores dão thema a esses tecidos — ha motivos imprevistos. Até se poderia dizer que, escolhendo um vestido, se revela uma profissão de fé... Calcombet apresenta formo-

sos crepes da China, onde se enlaçam phrases de amor... As que amam a musica realizam a blusa do "tailleur" empregando um tecido com estampados de pentagrammas e notas, ás vezes até com compassos de Chopin...

Os tricots feitos á mão — Muitos dos costureiros, dos grandes de Paris, preferem claramente os tecidos de tricot, feitos á mão, para os conjunctos de prata e pontos de veraneio, assim como para os passeios matinaes. Wort propõe encantadores "tailleurs" de tricot feitos á mão. Um delles, em fina lã mesclada com fios de "rayonnée"

de um branco muito puro, acompanha-se de uma saia cingida ás cadeiras e alargada em sua base por meio de compridos triangulos intercalados.

O casaquinho curto, em forma de bolero, com mangas amplas e sol-

tas. Tanto a saia como a jaqueta se adornam de grandes bolsos tecidos e sobrepostos. Completanto o conjuncto — uma deliciosa blusa de surah vermelho.

O gosto pelas opposições — A elegante adopta neste verão o conjuncto em seda branca matte, composto de saia e casaco, acompanhados de blusa em tom opposto, em geral escuro, azul marinho, preto, marron dourado... Completam o trajo os accessorios do mesmo tom da blusa — luvas, chapéo, cinto, bolsa, calçado. Alguns conjunctos de Jadelle seguem a mesma tendencia, como neste modelo — saia e casaco em espesso crépe da China branco, de superficie matte, sen-

do a saia completamente lisa, com excepção da frente, que leva um fino pregueado no centro, pespontado até uns 20 centimetros da base. O casaquinho, com amplas abas, cortado em forma, é levado sobre uma blusa em musselina marron, pregueada a fogo, de corte singelo. A golla nesta blusa termina por franzidos em grupo e onde passa uma estreita fita de gros-grain.

As curtas jaquetas, em lindo estampado de fundos escuros, como o preto, o azul marinho, o marron "téte-négre", com bellos desenhos de grandes flores, em branco, que

Os novos tecidos "cloqués" estampados, reversiveis, permittem tambem combinações varias e de bello effeito.

Os casaquinhos brancos sobre trajos escuros são geralmente realizados em "shantung" branco, com golla dentada do tecido do trajo, confirmando a tendencia pela opposição.

formam um notavel contraste, são levadas sobre saia da côr do fundo, sendo do mesmo tom as luvas, a bolsa, o chapéo, os sapatos.

A MODA NAS AREIAS DOURADAS

A moda tece suas novidades, incansavel como sempre, mesmo para os momentos alegres e sadios so-

bre as areias douradas da luz.

Os conjunctos da praia fazem-se differentes este anno, differentes de outros verões.

Em primeiro logar nota-se uma grande variedade de modelos — vestidos e vestidos, calças, casacos, etc. Já não se permanece na malha, a não ser para os instantes do banho e para a natação.

Por sua vez, as novas malhas trazem originalidade e belleza nova. São obras de especialistas, e são cortadas como faixas que modelam o corpo, de tecidos elasticos, que não temem a agua do mar. Amplamente decotados, tanto na frente como atrás, esses modelos seguem a moda dos vestidos para a noite. E para conceder um "moreno" perfeito, para que os raios so-

Senhora !!!
Trate de suas molestias intimas com
TANICOL
Tanicol é um poderoso antiseptico, bactericida curativo e preventivo. Não é irritante nem toxico. Delicadamente perfumado.

lares tenham uma acção parelha, as hombreiras são ajustaveis de modos diversos.

Todas as malhas são curtas, for-

mando corpinho separado ou de uma só peça.

Ao sair da agua é necessario um abrigo, que proteja contra o exces-

so de sol. Se se leva "short", tão commodo para o exercicio e certos "sports" da praia, se escolherá um abrigo que desça até os joelhos. Tambem se pode combinar o

"short" com um vestido de seda harmonizante, de corte "chemisier", absolutamente simples, abotoado de cima a baixo, pratico e commodo. A saia será muito curta, ampla, pregueada ou em "forma". O corpete liso terminará em uma golla ou pequenas mangas. O vestido "short" é outro achado bonito ás horas da praia, mais agradavel de levar que as calças e o "chemisier" separados, para todos os exercicios.

Algumas mulheres dão preferencia a uma nova forma de "banho de sol" e "short" em uma só peça. E' uma combinação que recorda as acrobatas em suas vestimentas de ensaio. E' commodo e

Seis interessantes modellos para verão, vemos nesta pagina, proprios para os nossos dias quentes e que vae muito bem nas jovens

cae bem. Confecciona-se, geralmente, em "jersey", tecido que não deforma. Tambem pode ser realizada em "shantung". Essa nova prenda substitue a malha de banho (desde que se esclareceu que esta é propria apenas para a natação) e

é um conjuncto ideal para o repouso ou exercicios na praia.

Está claro que essa "combinação" deve ser relativamente solta e elastica, permittindo todos os movimentos. Uma silhueta bem nova nas areias é a obtida com abrigos cortados tão compridos como os vestidos de noite.

Os tecidos escolhidos são graciosos, ás vezes quasi transparentes, em musselina engommada, com effeitos de vidro, e noutras com raios de coloridos vivos. Todos estes tecidos, algodões estampados, etc., representam um grande esforço na arte textil.

Para o campo, com o mesmo fim de um banho de sol, levam-se vestidos "chemisier", fechados na

o grenat e certos castanhos calidos e dourados.

Para os trajos de banho vem a novidade de substituir a inicial por numero. Assim, em vez de A-1, em vez de C-3... Em materia de adorno, é uma innovação.

Os chapéos de praia são bellos e estranhos, como uma recordação qualquer — mexicanos com abas vi-

As sandalias de tirinhas estreitas não são muito bonitas. As melhores são as que possuem uma presilha larga que reuna os dedos e com as tiras dispostas de maneira a manter a sola apertada ao pé.

Uma lista collocada ao comprido das costuras lateraes afina a silhueta de modo notavel.

Este anno a moda na praia "veste" mais... Ha casacos de creton estampados que caem até os pés e levam como ornamento um cinto drapeado de tons vivos.

As malhas para a natação são preferidas mais escuras que nunca este verão. As melhores cores são — o preto, o classico azul marinho,

frente por fileiras de botões e da extensão normal. Assim é possivel tomar sol, quer seja num jardim, quer seja na praia. E para caminhar não se esqueça a saia commoda, dividida, em lã, algodão ou linho.

Apesar de seu nome "short", o "short" não deve ser curto demais.

O que ha é incomprehensão. Dixie Dunhar, estrella de Hollywood, comprehendeu bem a diversidade das creações quando affirmou, ha

radas e copa ponteaguda. Chapéos "tenkinés", chato, levando uma fita ajustada atrás.

O PONTO DE VISTA DE HOLLYWOOD

Já dissemos uma vez que a moda contempla com seus favores todos os typos. Não ha esquecimentos...

pouco, que a mulher pequena não póde sempre levar os vestidos que desejaria.

Parece que na actualidade tudo se creou apenas para a mulher alta e esbelta. Mas, em verdade, fica naquelle "parece", porque não é assim como se commenta. Ha grande variedade de desenhos adequados a todas as estaturas. O que se vê, porém, é o mesmo costume que não morre (falamos de incomprehensão) : a mulher sente a seducção, justamente, pelo vestido que... favorece a outra. A mulher pequena, por delgada que seja, não comprehende, a maioria das vezes, que de-

ve ter tanto cuidado na selecção do córte, do tecido, da cor, mesmo como a mulher de estatura regular.

Dixie Dunhar é uma actriz pequena e observa isto, sentindo tudo o que significa á sua condição de "estrella", escolher com acerto as coisas que vão vestir o seu typo "mignon".

Gwen Wakeling é a creadora dos vestidos da elegante artista, acompanhando-a ás compras para as discussões, confrontos, para os accordos nos pontos principaes.

(Continúa no fim da Revista)

PSITAMANIA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7)

Não poderemos falar de outra coisa?

— Oh, homem! Vou lhe explicar: quero que alguem roube o papagaio de Tia Sara, para que não tenha mais que me amollar com elle. — Seus labios tremeram. — Não sabe o inferno em que tenho vivido por causa desse papagaio.

Theodore não poderia ter resistido.

— Roubarei o papagaio de Tia Sara se isso a fizer feliz, — declarou.

Laurie sorriu como uma alvorada.

— Você é bem o que eu imaginava.

Fitou-o especulativamente.

— E Tia Sara, não poderia roubal-a, tambem?

— Palavra, acho que seria difficil!

— Nem um rapaz de pescoço duro, chamado Phelps?

— *Não!*

O rosto de Laurie se tornou sombrio.

— Então acho que terei que me casar com elle. Elle quer, e Tia Sara tambem quer. — Fez um esforço e sorriu corajosamente. — Mas a eliminação do papagaio já me fará menos infeliz.

— Disse que o tal...

— Sujeito, — adeantou Laurie.

— ... o tal sujeito quer que se case com elle contra a sua vontade, e que sua tia o obrigará a tanto?

— Justamente. O dinheiro é todo della e não sei como poderia ganhar a vida por estes tempos, mesmo que soubesse fazer alguma coisa.

— Pois então roubarei o rapaz tambem.

Mas Theodore disse isso e deu logo um passo atrás:

— As leis contra o rapto são muito severas actualmente, não? Elle é um sujeito reforçado?

— Qual! Regular. Você é muito mais forte.

E Laurie correu o olhar com admiração da cabeça aos pés de Theodore, que correu pela segunda vez.

— Que poderia fazer com elle?

— Ahi é que está. Nos contos de dectetive sempre se lê que o difficil é fazer desapparecer o cadaver.

— O cadaver? — perguntou Theodore, em tom rouco.

— Ora, não é bem que o mate o que desejo, nem mesmo que o rapte. Deve haver outro meio... Já sei! Você rouba o papagaio e faz Tia Sara acreditar que foi elle. Assim mataremos dois coelhos de uma só cajadada... embora um seja um papagaio e outro um cretino.

— Optima idéa.

Uma suspeita, porém, passou pelo cerebro de Theodore:

— Não está pretendendo se ver livre do tal sujeito para se casar com outro, não é?

— Oh, não, — replicou Laurie virtuosamente. — Desconfio que nunca me casarei.

— Por que? — com ansiedade.

— Ora... — e ella fez um gesto aereo com uma das mãos. — Os homens não valem nada, hoje em dia. Naturalmente, é possivel que mude de maneira de pensar, se encontrar um homem capaz de tudo para me fazer feliz.

— Muito bem. Então, vejamos a melhor maneira de surrupiar o papagaio. Talvez seja melhor que esta noite mesmo...

— Fico-lhe muito grata pela solicitude, mas acho que poderemos esperar. Vá amanhã tomar chá commigo, ás quatro e meia. Phalps estará lá em casa... elle anda entupindo a casa, ultimamente. Até lá, poderá imaginar um bom plano.

Levantou-se.

— E já é tarde. Quer me chamar um taxi emquanto visto a minha roupa?

Theodore apresentou-se pontualmente ás quatro e meia do dia seguinte na casa de Laurie, na Rua Este 75. Um mordomo muito triste abriu-lhe a porta e levou-o para uma sala lugubre, cheia de reposteiros escuros e de tantas mesas e cadeiras pesadissimas que uma viagem através da peça parecia emprehendimento mais perigoso do que uma corrida de obstaculos.

— Direi a Miss Laurie que o senhor a espera, — disse o mordomo em tom lamuriento, desapparecendo logo.

Theodore olhou em torno com medo. E de subito uma voz gritou, rouquenha:

— *Dê o fóra!*

— Perdão... — começou Theodore.

Mas logo descobriu o papagaio num polleiro dourado, situado a um canto do salão.

— Ah, é você.

Foi até á porta e examinou as cercanias. Depois voltou e avançou cautelosamente para o papagaio. Emquanto o fazia, reparou pela primeira vez que os papagaios têm um bico um tanto ameaçador. Quando resolvia qual seria o melhor logar por onde segurar o bicho, ouviu uma voz vinda da porta:

— Oh, meu querido!

Theodore virou-se e viu uma mulher de aspecto desagradavel que se encaminhava para elle.

— Então o filhinho pensou que eu o esqueceria? Pensou que se esconderia de Sara? Que pirata!

Theodore encarava-a com espanto.

— Eu não... Eu nunca...

— Quem é o senhor, jovem? — perguntou a mulher.

— Theodore Kent. Estou esperando Laurie... Miss Rogers. — Pigarreou. — E emquanto esperava, estava apreciando este bello papagaio.

Um sorriso, ou coisa parecida, passou pelos labios da senhora.

— Então, gosta de Edgar?

— Um maravilhoso especimen de zygodactylo, especie a que pertencem tambem as araras, os periquitos, as caturritas, etc.

— Sente-se, jovem. O senhor me parece entendido em papagaios. Vamos, venha para o hombro de Sara... Edgar, naturalmente.

Depois de um segundo de surpresa facilmente concebivel, emquanto ella fazia o convite, Theodore sentou-se numa poltrona que fi-

cava bem em frente áquella que Tia Sara escolhera.

— Sim, gosto muito de papagaios. Aves intelligentissimas.

— Edgar tem mais entendimento numa pena do que muitos homens juntos. Gosta do rapaz, Edgard?

O papagaio inclinou-se para Theodore:

— *Dê o fóra!*

Theodore olhou-o, nervoso. Havia no olhar do bicho qualquer coisa que parecia dizer que elle conhecia perfeitamente as torpes intenções do visitante.

— Optimo, — interpetrou Sara. — Se você gosta, eu tambem gosto. Edgar é um excellente juiz de caracteres. Gosta muito, por exemplo, de Phelps Dennige, um amigo que vrá hoje aqui. Não é, querido? E gosta de Sara, tambem?

Edgar fez a Sara uma esplendida ovação em fórma de omissões gutturaes.

— Edgar não se engana nunca, — disse ainda Tia Sara.

* * *

Theodore começava a se sentir mal quando Laurie chegou.

— Esteve entretendo Mr. Kent, Tia Sara? — perguntou a moça, inclinando-se para roçar a bochecha da velha com o beijo regulamentar... Como está Edgar hoje?

— Diz que está bem, obrigado, — traduziu a senhora, depois que Edgar se manifestou ruidosamente. — Phelps já deveria estar aqui.

Como se esperasse a sua deixa numa peça, o citado Phelps appareceu, surgido dos refolhos de um reposteiro.

Theodore odiou-o. Não só o odiou, mas considerou-o um exemplo acabado de sordidez humana, causando-lhe verdadeira nausea a maneira obsequiosa pela qual o recem-chegado cumprimentou Tia Sara e se referiu amorosamente a Edgar. Quanto a Laurie, o Pretendente a tratou como se fosse propriedade sua.

Como poderia se arranjar para roubar o papagaio e fazer com que a culpa recaisse sobre Phelps?

Uma phrase do sordido individuo deu-lhe a idéa.

— Sempre fui louco por papagaios, — dizia o sujeito, — mas de todos o que mais me agradaria possuir seria Edgar.

— Ah, sim? — perguntou Theodore com ar descuidado. — Edgar é um especimen destinado a fazer nascer o desejo de posse no coração de qualquer apreciador de papagaios. — E, fugindo de encontrar Phelps, reconhecendo naquelle outro apreciador de papagaios um possivel rival, tentou um ultimo grande esforço:

— Sim, Mr. Kent, confesso que chego a ficar horas pensando em Edgar.
sido servido.

— Hum, comprehendo... — affirmou Theodore. — Hum...
o olhar de Laurie: — Gostaria realmente de possuir Edgar, Mr. Dennige?

— Pode me acreditar, se lhe digo que nenhum outro papagaio me daria tanto prazer quanto Edgar.

Tia Sara sorria emquanto tal conversa ia tendo logar. Laurie fitava com grande interesse um sandwich de pepino — o chá já havia

— Quasi uma obcessão, hein? — indagou Theodore, com uma risadinha divertida.

— Quasi, — repetiu Phelps, imitando a risada do rival. — Miss Rogers lhe poderá dizer que venho frequentemente a esta casa visitar Edgar, admiral-o e...

— Sim, sim, — fez Theodore, abanando a cabeça, — exactamente o que eu estava imaginando.

— Como? — perguntou Phelps, com um vislumbre de suspeita.

— Nada, nada... — desculpou-se o outro. — Gosta tambem de outros animaes, Mr. Denninge?

— Não, — respondeu Phelps, pensando escapar galhardamente da armadilha. — Só de papagaios, — accrescentou com fervor.

— Só de papagaios, hein? E de Edgard particularmente?

Phelps já estava visivelmente fatigado do tom vibrante e do enthusiasmo que vinha mantendo, mas reuniiu todas as energias para uma ultima e eloquente tirada:

— Francamente, — disse sorrindo para Tia Sara, — nunca me senti de tal maneira attrahido por nenhum outro animal como por Edgard. Possuil-o seria para mim a maior felicidade deste mundo.

— Hum!

Theodore hesitou, mas depois voltou-se para Tia Sara:

— Talvez lhe seja agradavel saber que o seu papagaio lhe é invejado. Elle está... no seguro?

— Meu Deus, não... Pois deveria estar?

— Oh, eu só estava pensando que essa onda de roubos de papagaios que invadiu ultimamente a cidade poderia tel-a alarmado.

— Que onda de roubos de papagaios? — inquiriu Tia Sara, indignada.

— Talvez não devesse ter falado...

— Oh, não, mas faça o favor de dizer tudo...

— Sim, por favor, — corroborou Laurie ardorosamente.

— Bem, se insistem... E' que eu tenho um amigo altamente collocado na policia. E na semana passada, justamente, elle me tocou no assumpto. Não deixam os jornaes mencionar os roubos, para ver se assim é mais facil pilhar o ladrão de papagaios em flagrante. O rapaz...

— E' um rapaz? — perguntou Tia Sara, acariciando protectoramente as pennas de Edgar.

* * *

— Tem-se quasi certeza de quem seja, — confidenciou Theodore, com ar grave, atirando um rapido olhar na direcção de Phelps. Pobre infeliz, elle merece mais compaixão do que qualquer outra coisa, pois eu estou certo de que soffre de *psittamania*.

— Que é isso? — indagou Laurie, de olhar brilhante.

Theodore fitou-a com assombro:

— Então não sabe? Sua tia, que tanto se interessa por papagaios, não ignora o que seja, estou certo.

— Não sei de que está falando, rapaz, — garantiu a tia. — *Psitta...* o que?

— *Psittamania*. Ou, em termos mais simples, o impulso irrefreavel de roubar papagaios. Alguns estudiosos acreditam que seja um mal hereditario, mas ha uma escola de pensamento que...

— Uma coisa como kleptomania, por exemplo? — indagou Tia Sara, remexendo-se interessada na sua poltrona.

— Justamente, — affirmou Theodore.

— A senhora não vae acreditar numa coisa dessas, não é mesma, Miss Rogers? — perguntou Phelps com superioridade.

— Mr. Kent é uma autoridade em coisas de papagaios, Phelps, — repiclou Tia Sara seccamente.

* * *

Numa tarde em que Tia Sara saiu para um passeio a pé pela praça, como costumava fazer, Theodore, com a cumplicidade de Laurie, foi se postar numa janella do terceiro andar da residencia das Rogers, munido de um possante binoculo.

Quando viu a figura volumosa de Tia Sara apontar numa esquina distante, discou apressadamente no telephone que tinha ao lado o numero do salão em que Laurie e Phelps conversavam.

Laurie attendeu, e depois de desligar, voltou-se aborrecida para Phelps.

— Tia Sara está fazendo compras na confeitaria da esquina e quer que eu lhe leve Edgar para escolher *pessoalmente* alguns doces. Vou depressa, pois ella deteste esperar. Mas estou com uma dôr de cabeça!...

— Oh, não, não vá. Irei eu, — offereceu-se o rapaz, grato pela opportunidade de se mostrar solicito a Tia Sara. — Tome um comprimido, eu volto já.

— Obrigada, — disse Laurie, entregando-lhe a gaiola com Edgar dentro. — Mas corra, por favor, já perdemos tempo falando e Tia Sara não gosta de esperar...

* * *

Tia Sara parou e olhou admirada o rapaz que corria com a gaiola na mão. E deu logo o alarme:

— Pare! Soccorro! Policia!

Phelps, que ia fincado á confeitaria, parou e fitou-a.

— Seu miseravel psittamaniaco! — denunciou-o Tia Sara, apontando-o para um grupo de transeuntes divertidissimos com o espectaculo. — Nunca pensei que o filho de Nelly Filmore fosse capaz de me fazer isso! Só não o entrego á policia em consideração a ella! Mas dê-me de uma vez o meu Edgar!

Phelps estava engasgado de surpresa. Mas pouco depois conseguia defender-se:

— Ia levar Edgar á confeitaria, ao seu encontro...

— Boa desculpa!

* * *

Theodore descera ao encontro de Laurie no salão e observava com ella a scena da janella.

— Bem, — disse, — livrei-a de Phelps. Agora restam só o papagaio e Tia Sara.

— Você foi admiravel!

— E', mas já pensei que talvez seja difficil fazer desapparecer o papagaio e Tia Sara.

— Realmente...

— Não lhe parece que seria mais simples livrar o papagaio e Tia Sara da sua presença?

— Eu?

— Por exemplo, imaginemos que se casasse e deixasse Tia Sara sozinha com Edgar. Não seria uma solução?

— Hum...

Theodore esperou um segundo. E depois:

— Que me diz?

— Querido! — replicou Laurie.

A Desconhecida

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 9)

— E assim que me designarem, casar-nos-emos.

— Se meu pae estiver disposto a me dar uma pensão, pois não poderemos viver só do que você vae ganhar.

— E porque não ha de estar disposto? — perguntou Bill Duell consternado.

— Ainda não o informei do meu noivado. Depois que mamãe morreu tudo ficou tão atrapalhado...

— Mas na nossa noite de Antibes tudo parecia tão simples... Pensei que você tivesse fortuna. — E, com um sobresalto: — Não que isso...

— Sei. Uma americana zangar-se-ia, provavelmente, se você lhe falasse em dinheiro. Eu, porém, tenho sido sempre como as francezas, e encaro a vida de uma maneira muito pratica. Mas é justamente o lado pratico da nossa união que não me agrada: eu seria a mulher ideal para você,

que vae ingressar na carreira diplomatica, pois conheço a Europa, falo diversas linguas etc.; e você, se não é exactamente tudo quanto mamãe desejaria para mim, é pelo menos o que eu poderia esperar de melhor. Sim, porque um diplomata francez ou inglez exigiria que eu tivesse mais alguma coisa...

— E que tem tudo isso a ver com a maneira por que nos amamos? — perguntou Bill Duell irritado.

Ella sorriu, um pouco ausente.

— Nós calculámos tudo tão bem. Você estudou direito, mas não pensava em advogar. Pensava em ensinar. A carreira diplomatica, porém, seria a unica que tornaria possivel o nosso casamento, e você então se decidiu por ella. Assim, ficavamos dignos um do outro... e só assim.

— Não diga tolices, Denise! Se nos queremos tanto...

— Você nunca amou antes? A maioria dos jovens se casa porque o casamento lhes parece conveniente. Preferem esse ou aquelle porque alguma coisa torna o casamento com esse ou aquelle mais aconselhavel. Por exemplo, que adeantaria a minha educação para você, se você fosse obrigado a ir passar o resto da sua vida em Plumtown? Chegaria você a me pedir que o acompanhasse? Ou diriamos ambos: "Seria tão bom, mas, já que é impossivel..."

Elle a fitou, achando-a linda e elegantissima. Não, seria impossivel mesmo imagina-la indo fazer compras em Main Street, Plumtown, ou frequentando aos domingos a igreja da Congregação.

— Mas é que não é exactamente assim: nós nos amamos, sem duvida, mas estamos tambem no direito de tentar moldar a vida da maneira mais agradavel...

— Se meu pae acceder em nos dar tres mil dollares por anno.

— Ora, mas se você é a sua unica filha... Assim mesmo, tres mil dollares por anno é muita coisa.

* * *

Por que motivo haveria Walton Woodhole de contribuir com tres mil dollares annuaes para o bem estar domestico de Bill Duell? A coisa parecera plausivel do outro lado do Atlantico, onde todos viviam do dinheiro ganho por alguma outra pessoa, mas na America...

— Sim, é muito dinheiro, — concordou Denise. — E elle forneceu todo esse dinheiro, durante quinze annos, a alguem que nem conhece... Por isso é que me sinto endividado para com elle. E elle deve se sentir muito só. Talvez eu possa faze-lo mais feliz...

— Tudo isso para dizer que você não quer mais casar commigo?

Denise deu de hombros.

— Acho que quero. Mas não gosto de pensar que devo casar com você porque não estou preparada para outra coisa na vida... Desculpe-me, querido. Meus nervos estão terriveis, esta manhã. Talvez, quando conhecer meu pae, quando me sentir mais americanisada...

— Ha de ser difficil, você ficar americanisada aqui! — exclamou Bill com raiva, fitando os arranha-céos de Manhattan.

— Nova York não é uma cidade americana? Pois a mim parece. De qualquer maneira, você vae passar o verão aqui, preparando-se para o concurso.

— Não me será possivel. Acabou-se o meu dinheiro, terei que ir para Plumtown, arranjar um emprego qualquer. Talvez até como trabalhador numa fazenda, se não encontrar nada melhor...

— Trabalhador numa fazenda? — surprehendeu-se ella. — Você? Trabalhar para um camponez?

— Tenho que trabalhar para alguem, se não quizer morrer de fome. E depois que você aprender bem a lingua, não chamará mais os nossos fazendeiros de camponezes.

Mas Bill começava a duvidar de que ella falasse algum dia razoavelmente o inglez. Não que isso tivesse muita importancia no serviço diplomatico...

* * *

Pela primeira vez em muitos annos Walton Woodhole havia passado seis horas seguidas em companhia de uma mulher.

Habitualmente, quando tirava um dia de folga, ia jogar golf no club. Mas dessa vez levara Denise para almoçar num restaurante elegante em frente a Central Park, depois fizera-a passear pelo Park num velho carro puxado por dois solennes cavallos, depois levara-a para tomar um refresco noutro estabelecimento, tambem aberto para o Park — de maneira que Denise acabou dizendo que sabia que ia gostar dos Estados Unidos, por ser um paiz tão parecido com a França. Talvez fosse ironia, mas elle ainda não a conhecia o sufficiente para fazer a devida distincção.

Agora, á hora em que costumava ir para o club jogar um pouco de bridge, estava ali á espera na saleta do appartamento do hotel, esperando que uma mulher estranha se preparasse para ir fazer a vida nocturna elegante da cidade. Uma mulher absolutamente desconhecida, que o fitara com desillusão ao descer a escada do transatlantico (elle não podia saber que a desillusão se devia a não ter elle oito pés de altura, como Denise imaginara). Depois de um beijo absurdo a desconhecida lhe dissera, apresentando um rapaz alto e de expressão grave que a seguia:

— Papae, este é Bill Duell, que terminou o curso de Oxford. Se não tem outros planos, gostaria de convida-lo para jantar comnosco.

Mr. Woodhole concordara, até com uma certa sensação de allivio. Sim, Bill Duell bem poderia

ser uma solução para aquelle impasse.

Denise atravessou nesse momento a porta da saleta: uma bella mulher morena, de cabellos escuros, vestida de setim negro, perigosa... como sua mãe, naquella idade, ou talvez ainda mais perigosa; uma mulher da qual deveriam fugir os homens que amassem a paz de espirito.

— Onde vamos jantar hoje? — perguntou ella. — No Rainbow Room? Que bom! Já ouvi falar...

— Provavelmente já ouviu falar em tudo que viu hoje. Mas Nova York é apenas um pedacinho dos Estados Unidos. No proximo mez tirarei férias e iremos a Yellowstone, ao Grand Canon, á California. Será bom que você conheça o paiz, se é que tem que viver aqui.

— Mas não seria uma despeza muito grande, papae? Já lhe tenho sahido tão cara...

— Não sou rico, mas sempre fiz alguma coisa este anno. Muita gente que ha muito não podia fazer despesas por causa das crises reformou o interior de suas casas ultimamente, comprando moveis novos, o que deu grande impulso á firma:

— Mas... Será preciso vivermos neste hotel? Um appartamento não seria mais economico?

— Não temos pressa de mudar, Denise... Não gosto de me metter nos seus segredos, mas... o jovem Duell: de onde é elle?

— De Plumtown, Illinois. Conhece a cidade?

— Sim, passei por accaso uma hora lá, entre dois horarios de trem. E' um tanto excessivo chamar Plumtown de cidade.

— Elle diz que é uma cidade pequena. Talvez como Arles, ou Avignon?

— Não acerto com as palavras que pudessem mostrar a você a differença que existe entre Plumtown e Arles ou Avignon. Que faz elle em Plumtown?

— Oh, nada. Vae entrar para a carreira diplomatica.

Uma carreira confortavel, de futuro, pensou Woodhole. No emtanto...

— Nesse caso, tem dinheiro?

— Não tem. Mas nós... nós pensámos que já que você me sustentou até agora...

— Poderia tambem passar o resto da vida sustentando a mulher dos outros? Oh, com todos os diabos, duzentas mil vezes não.

E foi assim que Woodhole, num momento de indignação, destruiu todo o seu trabalho de paciencia daquelle longo dia.

— E' melhor que você saia só com elle, — accrescentou. — Vou jogar bridge no club.

* * *

Denise e Bill não jantaram no Rainbow Room, mas num restaurante mais modesto, ao alcance da bolsa do rapaz.

Dansaram, mas Denise parecia absorta, remota. Afinal, disse:

— Bill! Falei a papae no dinheiro, antes de sahir. Não queria, mas fallei. Elle não é rico. Imagino que muitas vezes lhe tenha sido difficil mandar a mamãe e a mim a mezada. Acho que não me dará mais nada, se eu casar.

— Não tem importancia, — disse Bill inesperadamente. — Eu mesmo pensei nisto hoje, e me envergonhei de ter por algum tempo admittido que um homem da idade delle me ajudasse a viver, sustentando minha mulher.

— Ah, sim? — Com um erguer de sobrancelhas. — E quem a sustentaria, então?

— Eu mesmo. Aquella idéa da carreira diplomatica me pareceu boa por ser o unico meio que eu via de nos casarmos... Mas aqui nesta terra tudo é differente. Uma firma de advocacia offere-

ceu-me um logar de socio...

— Mas se você sempre disse que não gostaria de advogar!

— Sim, em Nova York ou em Chicago não gostaria, realmente. Mas a offerta veio de Plumtown. Lá, poderei até me candidatar a uma cadeira no Congresso e ser eleito...

— O que significa que você está desfazendo o nosso noivado, — disse ella serenamente.

— Não! Quero lhe pedir que vá commigo para Plumtown!

— Que poderia fazer eu lá? E' um meio que desconheço.

— Você se habituará. Um professor que tive num pequeno collegio de Illinois casou-se com uma franceza, durante a guerra. Conheci-a quinze annos mais tarde, e ninguem diria que ella não estava acclimatada...

— Não sou planta, Bill, e para mim Plumtown talvez seja peor que a China.

— Mas você é bem americana... — protestou elle. — E' verdade que o seu sotaque...

Parou, imaginando o effeito que o inglez europeu de Denise faria entre a gente de Plumtown.

— Vê? Eu nem sequer falo a mesma lingua que elles. A sua lingua, Bill.

— Se você me ama bastante...

— Quem é você, para que eu o ame bastante? O homem que amei em Antibes era do meu meio, um egual. Aqui você falla em ir trabalhar para um fazendeiro, em advogar, em se candidatar ao Congresso... Vamos dansar? De dansar com você eu gosto, lá isso é verdade.

Mas Bill não quiz mais dansar. Levou tentando convence-la, até que ella lhe pediu que a levasse para casa — se é que poderia chamar assim a um appartamento de hotel.

* * *

Um mez depois Walton Woodhole e filha achavam-se hospedados num hotel de Yellostone Park. Denise não chegara nem a duzentas milhas de Plumtown, mas ao atravessar Illinois o pae lhe mostrara da janella do trem uma cidadezinha semelhante áquella em que havia nascido Bill Duell. E Denise bem comprehendera que lhe seria impossivel viver num logar assim.

A estação movimentada de Yellostone chegava ao seu fim. O hotel estava quasi vasio e não havia rapazes para dansar com Denise. A gerente do hotel organisava todas as noites um bridge para distrahir Woodhole e Denise frequentemente formava como um dos ptrceiros. Jogava bem, mas uma moça necessita de companhia de gente jovem, não de velhos.

— Quer mais café? — perguntou a copeira do hotel a Woodhole.

Elle olhou para cima e approvou a sua belleza loura e estatuesca de escandinava.

— Não, obrigado, Miss Ivarsen. Espero que minha filha ainda chegue antes de fecharem as portas... o que talvez pareça simples a moças como a senhora, que se accordam para o trabalho ás sete da manhã.

— Não precisamos de dormir mais que isso. A chefe do dormitorio nos obriga a irmos para a cama ás onze, todas as noites, a não ser nas noites de Formação, naturalmente... uma festa que temos uma vez por semana, — explicou, — para todos os selvagens. Quero dizer, para os empregados do Park.

— Não precisa traduzir para mim. Já estive estudando o dialecto local... Vocês se divertem bem por aqui, não?

— Oh, sim, depois das horas de serviço... Bom dia, Miss Woodhole.

Denise havia chegado e fazia uma ligeira inclinação com a cabeça para seu pae, outra para a moça.

— Miss Ivarsen recommenda a truta, — disse Woodhole amavelmente.

— Laranjada e café, por favor.

E depois que a copeira sahiu:

— Não acha que está dando demasiada confiança á copeira, papae?

Nos olhos della havia a mesma expressão que elle costumava ver annos antes nos olhos de sua mãe. (Terei que passar por tudo aquillo, de novo?" pensou Woodhole).

— Denise! Precisamos chegar a um entendimento: fica estabelecido que temos idade sufficiente para fazermos cada um o que bem nos appeteça! Interesso-me muito pelos differentes typos humanos. Tenho conversado muito com essa moça...

— Aqui na America as creadas são tratadas como iguaes?

— Os empregados do Park são exactamente nossos iguaes, em sua maioria estudantes de universidades que ganham assim a vida durante as férias. Uma Universidade da California, por exemplo, tem preferencia para as collocações de lavadores de pratos... Kay Iversen, a copeirinha que nos serviu, estuda direito na Universidade de Montana. Talvez essas coisas não aconteçam na Europa, mas aqui acontecem.

— Na Europa tambem ha muita gente que trabalha. No theatro, em lojas de modas, até mesmo como secretarios ou secretarias particulares ou de estabelecimentos commerciaes... em mesma o poderia fazer. Mas acceitar gorgetas! Bill Duell fallou em trabalhar como camponez numa fazenda, este verão. (Era a primeira vez que mencionava Bill, depois de um mez que o deixara de ver.) Mas até mesmo isso não é tão horrivel como o trabalho subalterno de uma copeira ou um porteiro...

— Os jovens hoje em dia ganham a vida como podem. Aqui o clima é excellente e depois das horas de trabalho os estudantes se reunem e se divertem...

— Confesso que não tenho nenhuma sympathia por copeiras ou creados de hotel.

Insensivelmente, Denise dissera em francez essa phrase.

— Se quer continuar fallando francez, previno-a que não entendo uma palavra. Mas Miss Ivarsen poderá manter com você uma conversação nessa lingua.

E depois de uma pausa:

— Vae sahir a cavallo?

— Acho que sim. Não ha mais nada que se possa fazer aqui.

— Poderemos partir amanhã, se você quizer. Talvez na California se divirta mais.

Denise, porém, tinha pouco o ar de acreditar em tal possibilidade.

* * *

A' noite, depois do jantar, Woodhole foi fumar na varanda. Passaram-se alguns minutos, e o salão começou a se encher.

— Quanta gente, esta noite...

— observou elle á gerente do hotel, quando essa se approximou.

— E' a noite da Formação... — replicou ella rindo.

Quando desceu do quarto, Denise tambem notou o movimento desusado:

— Parece que ha festa hoje. Vou voltar para mudar de vestido.

A orchestra começou a tocar. "Parece uma festa de universidade", pensou Woodhole. Denise appareceu novamente, vestida de negro, muito bella.

— Dois rapazes que não conheço me fizeram parar e me convidaram para dansar... Não sei se aqui devo?... Mas, que é?

As luzes haviam sido apagadas, com excepção de um reflector que se projectava sobre a escadaria. A orchestra atacou um novo numero, ruidosamente.

Depois baixou de tom e o chefe da orchestra tomou de um portavoz e annunciou:

— Temos o prazer de annunciar a chegada do jovem casal, Mr. e Mrs. William Duell, de Plumtown, Illinois.

E a orchestra iniciou a marcha nupcial. No clarão luminoso que batia sobre a escada surgiu um par risonho — Bill Duell, tendo pelo braço uma moça alta, de cabellos muito louros, admiravelmente estatuesca, os hombros tão brancos quanto o setim do vestido.

— Ora, mas parece... E é! — exclamou Denise. — A nossa copeira!

Era — e era tambem sem duvida uma maravilha, assim vestida, pensou Walton Woodhole. Olhou rapidamente para Denise, para ver qual seria a sua reacção:: ella ardia, finalmente, sem duvida nenhuma.

— Não posso comprehender, — dizia ella. — Onde foi que elle arranjou o dinheiro para o casamento? E ella estava servindo o jantar, ainda esta noite. Quando foi que elle chegou?

— Deve ter estado aqui todo o tempo, Denise. Trabalhando no Park, de alguma maneira, fóra do hotel.

A expressão de Denise se tornou impenetravel.

Acho que devemos ir cumprimenta-los, — disse ella.

Mr. Woodhole detestava as situações embaraçosas, mas achou melhor acompanhar a filha.

— Meus cumprimentos, Bill! — disse Denise rindo, apparecendo de subito deante do jovem par. — E a Mrs. Duell, tambem!

— Mas... não sou! — protestou a moça loura. — E' apenas um gracejo! Todas as semanas fazem isso com um dos casaes que costumam passear pelo Park ao luar...

— Então foram prematuras as minhas felicitações? — indagou Denise. — Mas assim mesmo quero cumprimenta-los...

— E' que... — começou Bill, olhando desesperadamente de uma para outra moça.

Woodhole comprehendeu-o perfeitamente: não sabia a qual das duas se desculpar .Com elle proprio acontecera a mesma coisa, quinze annos antes...

Mas Kay Iversen, depois de fitar por algum tempo Bill, disse:

— Talvez Miss Woodhole queira dansar com você, Bill. Eu preferiria sentar um pouco e fumar, depois da emoção da nossa entrada sensacional.

Walton Woodhole acompanhou-a até um banco na varanda e accendeu-lhe o cigarro.

— Uma coincidencia curiosa, — disse nervosamente. — Conhecemos Bill Duell em Nova York...

— Comprehendi logo. Miss Woodhole não deve levar muito a serio os gracejos de Yellostone... o que chamamos "yellowstonitis"... um simples flirt de verão, nada mais, — explicou. — A's vezes, naturalmente, transformam-se casos assim em coisa mais seria, mas não é o que acontece com Bill e eu... Deixei um noivo em Montana. Tenho até o seu alfinete universitario. Não o estou usando hoje para não furar o meu melhor vestido...

Woodhole sentiu que ella estava sendo valente.

— Talvez a senhora tambem leve outras coisas muito a serio.

Estaria sendo desleal para com Denise, mas não importava; aquella moça merecia um sacrificio.

Kay Ivarsen deu de hombros.

— Vi como elle a olhou...

Um rapagão louro se approximou e perguntou ancioso:

— Não quer dansar commigo, Kay?

E com um sorriso para Woodhole, ella se afastou nos braços do rapagão.

* * *

Bill e Denise olhavam pela janella de uma saleta em que estavam sós, para fóra, para os pinheiros banhados de luar.

— Então você mudou de maneira de pensar? Seria capaz de ir commigo para Plumtown?

— Irei com você para onde você quizer me levar, Bill... Por exemplo: agora, lá para fóra, ao luar...

* * *

Mr. Walton Woodhole, novamente installado no club, conversava num salão do mesmo com seu amigo Mr. Joseph Spaulding:

— Gostaria de retirar este mez mais mil dollares, Spaulding... Para mandar a uma moça que conheço.

— Sua filha?

— Oh, não. Denise diz que não precisa de nada, por mais espantoso que pareça. Continua gostando de andar de avental, tratando de sua pequena casa em Plumtown. Parece que Bill ainda não a desecpcionou. Não querem acceitar dinheiro meu, e eu vou todos os mezes augmentando uma conta para elles no banco, secretamente. Os mil dol-

lares são para uma moça que se casou a semana passada em Montana. Como talvez ella não os acceitasse, combinei com o director da Associação de Premios Academicos que os entregue como sendo um premio qualquer.

— E elle terá um bom pretexto para offerece-lo?

— Oh, sim. A pequena é polyglota. Ensinou duas novas linguas a Denise, que já conhecia tres.

— Sim? Denise falava o francez, o italiano, o inglez...

— E'. Mas Kay Ivarsen ensinou-lhe além dessas o americano e uma outra...

A GATA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 13)

chou os olhos. Seu somno leve casou-se ao somno pesado do ruminante.

* * *

Um nevoeiro denso nasceu do mar, pela madrugada, e invadiu o caes. Com o nevoeiro approximou-se um gato estriado como um tigre, de cara branca e orelhas roidas das lutas que tivera que sustentar com outros machos; tocou Gata experimentalmente.

Ella tivera perfeita consciencia da sua approximação e chegara a sonhar, por influencia da presença do bichano, com o ultimo gato que amara, um no Rio de Janeiro. Mas o contacto galvanizou-a. Ergueu-se arrepiada, arreganhou os bigodes e miou zangada, avançando a pata para marcar a cara do intruso.

Mas o gato malandro não se assustava com tão pouco: saltou ousadamente para o lombo do bode, que teve o seu pesado somno interrompido. Gata viu o resto do bichano rindo perto do seu.

Os dentes do macho se enterraram no pescoço da femea, que estremeceu todinha. Mas o bode baliu com força e os dois felinos fugiram, em direcções differentes, desenhando no nevoeiro, com os rabos, duas grandes interrogações que ficaram sem ponto.

Gata passeou pelo caes, observando com interesse o vae-e-vem do carregamento de diversos navios. Afinal, o sol despontou no horizonte como um disco afogueado que fosse subindo, subindo.

Gata approximou-se de um navio de passageiros, que se destinava á India. Jamais viajara em navio de passageiros. Detestava aquelle mundo estranho e o perfume adocicado das mulheres.

Mas um empregado da cozinha de bordo attrahiu-a com uma coxa de gallinha. Gata achou o petisco delicioso, nunca havia provado coisa igual.

Deu novamente uma volta pelo caes, e depois voltou para bordo do navio de passageiros.

Sentia-se como estrangeira naquelle meio, mas a curiosidade fez com que parasse nas portas dos camarotes, observasse, cheirasse. Quasi sempre havia mulheres dentro dos camarotes, misturando o seu perfume enjoativo ao perfume tambem desagradavel de braçadas de flores.

Numa cabine, porém, viu um casaco de homem e um gorro sobre o unico leito. Entrou.

Gregg, o instructor de natação, foi encontra-la ali, depois da partida do navio. O rapaz que lhe dera o pedaço de gallinha viu-a tambem e explicou:

— E' Gata. Nunca ouviu falar em Gata? Pois póde se gabar de estar com sorte, senhor! Qualquer marinheiro se orgulharia de compartilhar com ella do mesmo leito!

A Gregg, comtudo, não agradava te-la como possivel companheira de somno, mesmo depois de ficar sabendo de toda a sua chronica. Estava um pouco bebado, pois era um rapaz sympathico, e muita gente fizera questão de trata-lo a bons **drinks**, desde que haviam largado ferros até áquella hora. Ia puxa-la brutalmente para fóra da cama, quando ella o presentiu e immediatamente agiu.

Agiu da mesma maneira que sempre. Saltou-lhe ao pescoço, como as sombras creadas pelo que rodeou com as patinhas macias, inclinando a cabeça de lado, com a lingua de fóra, como se estivesse sorrindo, fitando-o bem nos olhos.

Elle se admirou da sua expressão humana.

— Que mulherzinha! — murmurou.

E cedeu ao seu encanto, deixando que ella ficasse.

* * *

A manhã do dia seguinte encontrou-os abraçados sob as co-

bertas. Gregg pediu ao copeiro que lhe levasse uma tigella de leite junto com o café, para Gata.

Depois, carregou-a para a piscina. E Gata se habituou a acompanha-lo todos os dias, ficando á beira d'agua, apreciando o movimento.

Um dia, porém, ella desappareceu por muitas horas e depois foi procura-lo, muito mais fina, elegante.

— Ah, então já aconteceu... — disse-lhe o rapaz. — Só espero que não tenha sido na minha cama.

Não, não havia sido na cama, mas dentro do armario, onde Gregg foi encontrar quatro pimpolhos, miando ás cegas, não côr de cerveja, como habitualmente, mas com o pello igual ao do cavalheiro que travara conhecimento com Gata no Rio de Janeiro.

O instructor arranjou uma caixa bem grande onde coubesse uma almofada e alojou dentro della a ninhada, que em breve captivou as attenções da maioria dos passageiros. Gata, no emtanto, dava muito mais de seu carinho a Gregg que aos gatinhos. Todas as noites esperava-o acordada no camarote, amammentando os bichanos.

Mas uma noite elle não appareceu. Ella esperou, esperou, e elle não appareceu. Afinal, ella abandonou bruscamente os gatinhos, que se desprenderam a contra-gosto de suas tetas, e foi procura-lo.

A sala de fumar estava vasia, o salão tambem, igualmente o tombadilho, a não ser pelo vulto de uniforme que o percorria lentamente. Gata só encontrou Gregg na pôpa, de pé junto a um barco salva-vidas. Silenciosa luar, ella se approximou. Pulou para dentro do barco, de onde ficou olhando a physionomia de seu amigo.

Naquella noite Gregg se sentia só — perdido. Apezar do luar, das estrellas, da phosphorescencia do mar, o mundo estava negro para elle. A vida naquelle transatlantico de luxo, em meio áquella gente rica e ôca, suffocava-o; tinha a impressão de que não podia respirar. Recordou o passado vasio, pensou no futuro com desespero. Sim, seria melhor acabar com todas as suas ancias insatisfeitas.

Gata espiava-o com anciedade e viu quando elle se approximou da amurada. Se elle fosse uma possivel presa, ella não o observaria com mais meticulosa concentração. Quando elle passou uma perna para o lado do mar, ella saltou em seu peito, com um miado que arrepiou os passageiros dos camarotes mais proximos. Não só soltou o espantoso miado, mas enterrou com toda a força as garras na carne de Gregg. Transformou-se num diabo eriçado e negro...

— Não sei que lhe aconteceu, — informou Gregg ao official que se approximou correndo. — E' mais "temperamental" que uma primadonna.

E suas mãos tremiam ao acaricia-la.

Nessa noite, Gata dormiu em seu peito nu, emquanto elle, acordado, olhava com surpresa para as gottas de sangue que se coagulavam nos arranhões que ella fizera...

* * *

De volta a Liverpool, Gregg vinha curado. Gata o havia salvo no momento do perigo e elle agora encarava a vida com novo animo, como se houvesse renascido.

Mas Gata não deixou que o seu destino fosse mudado por elle. Estava farta do luxo e da molleza do transatlantico, enjoada do cheiro das passageiras e das flores.

Passou uma noite vagando pelo caes e pela madrugada encontrou o gato malandro com as orelhas roidas das refregas em que se batera. Não o afastou dessa vez.

E um dia depois partia num cargueiro com cheio de pixe e suor de marinheiros rudes, os homens que mais amava...

A HERDEIRA

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 15)

sou a ter vida de verdade depois que elle appareceu por aqui!

— E' a melhor prosa que já encontrei e tem um faro extraordinario para descobrir os logares mais divertidos do mundo para se ir! — contribuiu ainda Margaret.

— Pois Kay não deve achal-o grande coisa, — observou Tommy Blaine.

— Porque Kay é muito... muito rigida, — affirmou Thereza. — E Dick é um amor!

— Sim, o Maurice Chevalier que já deu confiança a vocês.

— Kay deve ser difficil como a mãe della, — continuou Margaret. — Pois nem se importou com o escandalo e com o choque que a mãe pudesse levar!

— Kay não soube comprehender Dick, — declarou Thereza encerrando o assumpto.

Mrs. Brady, essa o comprehendia. Sim, sabia onde estava um *gentleman* quando encontrava.

— Um *gentleman de verdade,* — informou aos seus vizinhos de casa de commodos, da janella que dava para o pateo, emquanto tomava caldo numa chicara. — Que camisas! E eu me conheço nessas coisas, pois já trabalhei em muitas casas decentes. Tudo de seda. Não era desses que fazem fita só por fóra. E bom. Um dia me disse: "Deve ser horrivel passar a ferro com este calor! Afinal, a senhora é humana como todos nós."

— Que boas gorgetas dava! — murmuravam os garçons.

— Um arrufo de amorosos, sem duvida, — diagnosticavam muitos.

Mr. John Seton-Priestley, no escriptorio da firma Seton-Priestley & Bros, fornecedora de artigos para homens de cinco gerações da 5ª Avenida, examinava a lista de camisas e pyjamas tão gabados por Mrs. Grady.

O socio mais novo, Mr. Alfred, ergueu a cabeça grisalha do jornal que lia.

— Alfred, — disse Mr. John, — sustentámos esse rapaz durante quatorze mezes... e que me diz você agora de tudo que aconteceu? Não acha que elle está socialmente acabado?

— De qualquer maneira, valou a pena... Dick Lockridge renovou a nossa freguezia, que era só de velhos e poderia deixar de existir, de um momento para outro.

Muitos outros dignos commerciantes se alarmaram. O joalheiro, por exemplo, ao qual o noivo comprara as joias riquisismas com que presenteara a noiva — com a condição de pagal-as depois que entrasse na posse do dote.

Richard Lockridge, pessoalmente,

disse apenas aos reporters que o procuraram em Paris:

— Senhores, tudo quanto tenho a dizer é que meus sentimentos não se modificaram em relação a Mrs. Lockridge.

Ella, a herdeira, pensou o piloto do aeroplano que a levava de volta á patria, era bem differente do que imaginara... Calada, de poucos gestos, menos formosa que s retratos dos jornaes illustrados, porém muito mais humana, com olhos de creança assustada.

Quem a visse de perto como elle, logo comprehenderia que ella devia ter um bom motivo para voar assim em direcção a Reno, em busca de um divorcio.

Ninguem saberia jamais, pensava Kay olhando para o céo sereno. Ninguem. Morreria com aquelle segredo. Esqueceria o que acontecera.

"Não, não esquecerás", — dizia-lhe uma voz intima.

Havia um nó em sua garganta. Lembrou-se da mãe, tão receiosa de escandalos. Mas ella teria que comprehender. O pae a auxiliaria, estava certa, sempre a amparara em tudo.

E tudo quanto acontecera lhe voltou á memoria, com tal nitidez que

parecia estar acontecendo de novo...

O mar, o braço de Richard em sua cintura, a felicidade funda como um poço... O silencio da noite entre céo e agua...

Retirara-se sozinha para o camarote, sentara-se deante do espelho — e vira o seu rosto illuminado de felicidade entre flores, muitas flores. De subito, antes de se preparar para a noite, tivera o impulso sentimental de ir mais uma vez olhar a immensidade, despedir-se do seu tempo de solteira. Um impulso que se acanharia de confessar.

Estranho destino. Debruçara-se, serena, sobre a amurada.

* * *

Não saberia dizer se ouvira ou vira em primeiro logar. Fôra tão brusco o desmoronar de seu mundo.

— Não vira antes, naturalmente. Vira no tombadilho inferior um homem e uma mulher. Dick e uma mulher. Muito proximos. A mulher, uma russa que embarcara ao lado della e de Dick, sorrindo de maneira estranha, um sorriso que não parecia destinado a ninguem em particular...

E de subito a voz de Richard, que beijava as mãos da mulher:

— Não, querida, não vão ser algemas, as allianças de platina e brilhantes que me unem á minha esposa...

E o *seu* riso... o riso de Dick!

Não quizera ouvir mais nada. Só pensara em fugir, fugir!

E fugira.

"Felizmente!" — pensou, fitando o céo. — "Escapei da armadilha fatal. Estou salva! Poderei recomeçar de novo."

E ergueu bem alta a sua pobre cabecinha de herdeiro de milhões.

O primeiro balão Militar

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 23)

Mas de subito o rosto pallido se alterou. Por um instante Beauchamp poude ver a imagem intima e real daquelle grande homem, um homem angustiado, torturado.

— Idiota! — exclamou Saint Just. — Será uma creança? O commissario da Segurança Publica entrega diversas ordens de prisão a um soldado, para que as faça chegar ao seu destino. Preoccupa-se Antoine Saint Just, accaso, com o fim que Jean de Beauchamp dê a essas ordens? Damnação! Então não tem um pouco de intelligencia?

E partiu bruscamente para onde se achava o general Jourdan Beauchamp permaneceu immovel, sem poder voltar a si da surpreza: o commissario cumprira o seu dever; se a victoria chegasse, aquelles homens e aquella mulher poderiam ser avisados e salvos; se viesse a derrota, nada importaria.

* * * f

— Antoine!

Com esse grito estrangulado Beauchamp se poz de pé. Mas um homem se approximava correndo:

— Cidadão Beauchamp, L'Homond foi ferido. Venha substitui-lo.

* * * f

A luta proseguiu. Em dado momento, Beauchamp rasgou uma ponta de um dos documentos de Saint Just, para transmittir ao general a informação de Coutelle:

"As columnas austriacas preparam-se para entrar em Charleroi."

Foi essa informação que decidiu a victoria. Jourdan creou animo novo, naturalmente. Não importava que a sua ala direita houvesse sido destruida, que as suas perdas fossem numerosas: o inimigo não sabia que Charleroi estava em poder dos francezes e se approximava descuidado!

Nessa mesma noite Saint Just partiu para Paris, levando em pessoa a noticia da victoria — e para morrer na guilhotina, com Robespierre. Deante de uma fogueira do acampamento, Beauchamp alimentava as chammas com varias ordens escriptas. No alto, via-se o vulto, meio tragado pela noite, do **Entrepenant.**

Annos mais tarde Napoleão debandou as companhias de aviação e vendeu o **Entrepenant** a um aeronauta particular, de nome Robertson.

Fleurus foi esquecida, mas as companhias de aviação reviveriam um dia.

O TERREMOTO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 32)

Levantou penosamente a mulher, tomou-a nos braços possantes e permittiu ao garoto que se agarrasse com força ás calças da farda. E sob esse duplo peso continuou a sua trajectoria em demanda do porto.

Immediatamente arrependeu-se da sua decisão. Perdera um tempo precioso. Offegante sob o peso desusado, não sentia no emtanto nenhuma amargura contra aquelles que havia salvo e que

ignoravam completamente os seus propositos. Os gemidos constantes da mulher o obrigavam a andar ainda mais devagar, com maior cautela. Peter teve o presentimento de que chegaria tarde ao porto. Conhecia de sobra os seus companheiros para saber que não o esperariam.

Afinal encontrou-se com um grupo de fugitivos, notou com inquietude que se achava entre os atrazados. Sua angustia cresceu, seu sangue se congelou ao pensar que todos os seus esforços haviam sido inuteis. Inutil ter preparado a fuga, inutil ter assassinado o guarda, inutil ter libertado os companheiros furiosos, inutil a corrida louca para o porto, para o navio salvador que o levaria até á liberdade.

Deteve-se. Bruscamente, depoz a sua carga no chão. A mulher sahiu da meia-inconsciencia e olhou com espanto o desconhecido. O menino se poz a chorar. Peter ficou indeciso. O abandono em que deixava aquelles infelizes lhe fazia mal.

— Vou buscar soccorro, — disse, doente, com o olhar da mulher. — Fica quieto! — rugiu para o pequeno, mais grosseiramente do que tencionara.

— Papae... — repetiu o menino com horor e duvida, olhando ancioso para a mãe.

A mulher fechara de novo os olhos. E sempre aquelle gemido, intoleravelmente evocador.

Apressado, Peter arrancou-se á obsessão daquelle gemido. Como se experimentasse mais uma vez odio por essas mulheres que gemem. Aquillo nunca havia sido presagio bom para elle.

— Volto já, — disse subitamente.

E quiz partir. Revistou os bolsos da farda e encontrou um frasco, tirou a tampa e despejou algumas gottas na bocca da mulher.

Immediatamente viu que seus olhos se cravavam nelle com estupor e medo. Ella se apoderou do frasco como se não o quizesse devolver mais. Um tremor sacudiu todo o seu corpo. Peter imaginou que se tratasse de um arrepio. Uns cem metros apenas o separavam do caes. Deante do panico da população, a sua farda parecia um disfarce desnecessario. Como invadido por um violento desejo de resgate, tirou a farda e cobriu com ella a mulher e a creança. A mulher tocou o casaco e logo se poz a gritar, tendo comprehendido tudo:

— Lukas, meu marido!

Peter tambem comprehendeu logo. Abaixou a cabeça, adivinhando o encadeamento fatal. A mulher olhou-o duramente, querendo penetra-lo com o olhar. A attitude de abatimento e desespero do homem confirmou as suas terriveis suspeitas.

— E' guarda da prisão, — murmurou.

Peter sacudiu a cabeça.

— Morreu, — disse.

E ficou immovel. A mulher recomeçou a gemer.

Os ultimos fugitivos se apressavam, deixando-o para traz. Uma colera violenta invadiu Peter quando os viu se afastarem. Havia sido um estupido de soccorrer aquella mulher, perdendo um tempo precioso, o tempo que unicamente lhe poderia dar a possibilidade de evasão.

Tirou o gorro do guarda e jogou-o para a mulher, dizendo:

— Tambem isso lhe pertencia.

A mulher gritou, rodeando-lhe as pernas com os braços. Elle a empurrou brutalmente. O menino choramingava de medo.

— Assassino! — gritou a mulher. — Assassino!

E então Peter, como perseguido, fugiu.

O caes estava cheio de seres desesperados que se cerravam em grupos compactos, aterradas, como inconscientes do que os rodeava. O ruido de um motor arrancou Peter, que corria desesperadamente, da colera fria e impotente em que o haviam mergulhado os seus pensamentos. Via afastar-se o navio levando os foragidos para uma liberdade ainda incerta. Não o haviam esperado. Sentiu-se perdido. Lentamente, abriu caminho atravez dos grupos de gente abatida. Atemorisados, todos o deixavam passar. Elle pensava na mulher, nos seus gritos que o perseguiam, confundindo-se em seu espirito com outro grito que ha dez annos echoava dentro delle.

Estacou, como amargura. Haviam sido sempre os gritos, os gemidos das mulheres que se tinham collocado entre elle e a liberdade, entre elle e a vida. Um homem trabalhava, soffria, e sempre as mulheres gritavam, mas nunca os gritos eram pelo mesmo homem, e sim por um outro ao qual elle tinha que sacrificar a vida e a liberdade. Mercedes, antes, e aquella, agora. Não sabiam nada do homem, da sua liberdade, do seu valor, da sua dignidade.

Por traz delle se extendia a praia. Uma vibração, um ruido no ar advertiram-no da chegada dos primeiros aviões transportando viveres e medicamentos.

No horizonte do vasto mar, notou as primeiras columnas de fumaça da frota de guerra apressadamente enviada. Os soldados chegariam, a ordem seria restabelecida, mandariam construir uma nova prisão. Novos guardas fariam o serviço, novos prisioneiros caminhariam para uma morte solitaria atravez de annos de trabalhos inuteis e estupidos. A terra havia tremido e quando os mortos estivessem enterrados, as casas destruidas reconstruidas e ainda mais bellas, tudo voltaria a ser como antes, inexoravelmente, inevitavelmente... Era preciso que se conformasse. Deitou-se na areia. Fechou os olhos e esperou que o fossem prender.

HOLLYWOOD

(CONCLUSÃO DA PAGINA 40)

minha secretaria ensinou-me, tendo em dez minutos. Se um escriptor escreve bons dialogos, não tem mais com o que se incommodar. O resto é com os outros. Em todo caso não seria desinteressante aprender a "technica" da confecção do film: camera, angulos, córtes, etc. Se houvesse um curso para isso eu o teria feito com prazer. Mas não havia. Em todo caso sempre achei agradavel tomar parte e sentir a vida interior dos studios, exercer o espirito de critica como não fazia desde meus tempos de estudante. "Isto não vale nada" — disse alguem de manhã — "Isto é maravilha" — disse outro á tarde .E não vão insinceridade nestas affirmações. Tudo deve ser explorado de modos differentes, tudo é apreciado de varias maneiras.

Assim foi que encantei-me por Hollywood, pela sua gente e faço firme intenção de voltar lá por estes dias.

Uma cidade que é uma vitrine... uma montra sempre exposta á curiosidade do mundo; muitas vezes voltado para ella, bisbilhoteiro, malicioso, mas... admirando e copiando.

Cine-Magazine

(CONCLUSÃO DA PAGINA 42)

uma quarta parte da maioria dos films, sendo que nos de genero "western" são o elemento mais importante.

O Sul da California possue um sortimento inexgotavel dos mais diversos panoramas. Os productores inglezes teriam que ir ao Egypto para poder encontrar um panorama identico aos da India; as companhias francezas precisariam se transportar á Agelia para filmar scenas no deserto; e quanto ás scenas de inverno ou verão, os productores europeus aguardariam as suas respectivas estações. E' neste particular que Hollywood se destaca como a terra ideal para o cinema.

Os nossos leitores por certo se recordam das bellissimas paisagens de "Lanceiros da India", não é verdade? Pois bem, quando a Paramount resolveu produzir esse film, enviou á India um operador cinematographico, munido de uma equipagem completa, afim de tirar alguns milhares de metros de pellicula contendo vistas locaes. Porém quando "Lanceiros da India" ficou prompto, verificou-se que não se havia usado nem um só metro do negativo trazido pelo operador, pois as montanhas dos arredores da terra do cinema offereceram panoramas tão verdadeiros quanto os da propria India.

Sem percorrer grandes distancias, os estudios de Hollywood encontram paisagens semelhantes ás da China, Egypto, Biarritz, etc., e quanto ás cidades, preferem os productores reproduzi-las de accordo com as necessidades.

Ainda agora, num dos "sets" da Paramount, vê-se uma copia perfeita da estação ferroviaria de Vienna, scenario este que serviu para a filmagem de "A Valsa da Champagne", uma superproducção da Paramount, com Gladys Swarthout e Fred Mac Murray, que vae ser exhibida simultaneamente em todas as grandes capitaes do mundo, por occasião do Jubileu de Prata de Adolph Zukor.

E quando o publico vir o film acima mencionado, reconhecerá o quanto é prodigioso o trabalho dos technicos de Hollywood.

Como se faz um Film de "2 Milhões"

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 50)

A parte d'"O JARDIM DE ALLAH" filmada no deserto se refere sobretudo ao desenvolvimento dos amores da bella Domina, interpretada por Marlene Dietrich, e o mysterioso Boris, caracterisado por Charles Boyer.

A primeira chispa desse amor nasce quando os dois se encontram num quasi fantastico oasis de Beni-Mora, para cuja creação Robert Hichens se inspirou na Lagôa Negra, situada nas cercanias de Biskra.

Esse scenario foi montado nas onduladas dunas em pleno deserto. A agua para o poço foi transportada em caminhões-tanques, partindo das bombas de um canal de irrigação, a doze kilometros de distancia.

Para outra scena se construiu um acampamento na planicie de uma duna immensa. A tenda dos noivos, na qual foram empregados mais de 500 metros quadrados de lona, era toda ricamente adornada de tapeçarias orientaes; um corredor de tabiques de lona a dividia em duas partes, com entradas de cortinas transparentes e suggestivas. No fim do corredor havia um arco de seda que emoldurava a belleza agreste do deserto.

Já uma situação e uma construcção completamente diversas foram necessarias para o scenario de Sidi-Zerzour, um oasis de maiores proporções onde os dois jovens amantes conhecem pela primeira vez o conde Anteoni, o sabio e estranho philosopho do deserto, typo interpretado por Basil Rathbone. Tambem apparece ahi o astucioso guia Mustafá, personificado por Adrian Rosely. Joseph Schildkraut, no pa-

pel de Batouch, figura igualmente em scenas importantes desse episodio.

O lugar escolhido ficava a 16 kilometros da estrada de ferro, entre as represas de Bard e La Laguna, quasi na fronteira do Arizona com a California. Os caminhos de rodagem são cheios de buracos e pedras, quasi intransitaveis. Foi um grande esforço conseguir levar até lá tudo quanto era indispensavel.

Considerado pelos naturaes da região como o sitio de palmeiras de tamaras mais antigo dos Estados Unidos, fica á margem do deserto, no limite dos canaes de irrigação.

Foi necessario "compôr" a paisagem numa extensão de tres hectares, modificando o leito do canal para lhe dar o aspecto de um riacho que vertesse as suas aguas numa pequena lagoa.

O edificio principal do oasis era uma casa com o pateo coberto de lousas grandes e irregulares. Em qualquer outro logar a sua construcção não apresentaria a menor difficuldade, mas ali tornou-se um grave problema, devido á pouca commodidade do transporte de materiaes.

Por traz do scenario principal foi levantada uma série de pequenas construcções onde ficaram os camarins, as salas de maquillage e o guarda-roupa. Quarenta homens trabalharam na construcção de tudo isso, durante tres semanas, anteriormente á chegada da companhia.

O scenario mais prodigioso de todos que foram montados no deserto foi o que representa um bairro de uma cidade da Argelia. Para chegar ao local escolhido tiveram que construir a estrada de taboas já mencionada muitas linhas atraz. Fica no valle de Ramunculos, perto de Gray's Wells, na California, tem a fórma de um prato e é inteiramente circumdado de montanhas de areia.

Na parte inferior do valle foram construidos os curraes para os cavallos, os camellos, os burros, os cães, as cabras, as ovelhas e as gallinhas, com as cabanas respectivas para os homens encarregados do seu cuidado.

Por traz do scenario se ergueram as barracas dos artistas e demais membros da expedição. Havia camarins, uma escola para as creanças que trabalhavam no "JARDIM DE ALLAH", guarda-roupa, salões de maquillage, armazens e um deposito de camaras e pelliculas.

O scenario consistia numa praça para a qual davam as ruelas de Beni-Mora, com as suas casas amarelladas e altas sacadas de tom pardacento. No rez-do-chão appareciam os bazares com o colorido variado de suas mercadorias. Exactamente como na Beni-Mora da romantica obra de Robert Richens, mal se podia dar um passo sem tropeçar com artigos de joalheria arabe, porcelanas, objectos de latão e cobre feitos a mão, tecidos e tapetes da Persia e de Belukistan. Todos esses artigos foram importados directamente para o film.

Foi ahi que o director Boleslawski filmou as scenas da caravana dos amantes desafiando bravamente uma tempestade de areia e vento; a areia açoitava impiedosamente as cobertas de seda dos palanquins; ao redor montava guarda um destacamento de arabes em briosos corceis; ao fundo, uma interminavel fileira de camellos serpenteava inquieta aos embates da tempestade.

O quinto scenaroi foi a imponente torre de Mogador, erigida na crista de uma enorme duna. A' sombra dessa torre teve logar o dramatico episodio no qual uma patrulha extraviada, mandada por Alan Marshal, chega de subito ao acampamento no qual Marlene Dietrich e Charles Boyer estão passando a lua de mel.

No dia 7 de Maio, terminado o programma de filmagem de scenas dentro do prazo fixado apesar dos innumeros obstaculos a que teve que fazer frente, Boleslawski voltou com a companhia para os studios da Selznick International, em Hollywood. Foram carregadas oitenta toneladas de areia do deserto para os scenarios do studio. Tão severa é a camara technicolor que se a areia fosse de tonalidade differente já todo o effeito seria prejudicado. Foi essa mais uma das difficuldades que teve que resolver Lansing C. Holden, director dos effeitos technicolor.

Emquanto a companhia trabalhava no deserto, o director artistico Carne havia estado occupado na construcção dos scenarios para os episodios que deviam ser filmados nos studios e nos arredores de Hollywood.

Depois de um descanço de vinte e quatro horas a companhia reiniciou os trabalhos, num dos mais pittorescos scenarios da pellicula, construido a meio kilometro do studio. Era o jardim da fazenda do conde Anteoni em Beni-Mora, o centro de acção da historia. Para construi-lo se levantou uma planta da famosa Ville Landrin, de Biska, na Argelia.

O edificio e o jardim que apparecem n'"O JARDIM DE ALLAH" occupam uma extensão de 110 metros por 200, sendo a sua entrada um arco mourisco, ao lado do minarete de uma mesquita. No centro havia um tanque cheio de lyrios circulado por um largo canteiro de areia. Os muros do jardim eram cobertos por arbustos.

Uma parte da grande praça, de Beni-Mora foi tambem construida dentro do studio. O scenario principal dessa praça foi montado no deserto, mas o sector construido dentro dos muros do studio é um dos maiores e mais imponentes scenarios já construidos em Hollywood.

O director Boleslawsky escolheu um trecho da estrada de ferro do Pacifico como o lugar mais apropriado para erguer a estação de El-Akbara, á entrada do deserto. Antes de começar as obras teve que obter a permissão

dos directores da estrada de ferro e dos chefes do Comité de Commercio Interestadual, e da Junta de Segurança.

Um trem de passageiros completo, de estylo francez, foi mandado construir pela Selznick International, desde a locomotiva até o ultimo vagão. Pintado de branco, como os trens expressos do Sahara, causou verdadeira sensação áquelles que o viram em sua viagem pelo sul da California.

O unico scenario de importancia que se construiu dentro do studio foi o do café argelino onde Tilly Loach encarna Irene, a ardente dansarina arabe. Tilly gastou seis semanas para ensaiar a dansa que apresenta no film. Oito raparigas da tribu de Ouled-Nails a acompanham nessa admiravel creação coreographica.

As ricas joias que enfeitam as dansarinas são propriedade de Jamiel Hasson, fornecedor technico d'"O JARDIM DE ALLAH". Foram adquiridas as mulheres da tribu Ouled-Nails, ha varios annos, quando Hasson esteve na Argelia em visita á antiga residencia dos seus paes. Hasson pertence a uma das familias de grande linhagem arabe da Africa.

Os figurantes que tomaram parte no film receberam mais de 50.000 dollares pelos seus trabalhos. Pela engrenagem das cameras correram approximadamente uns 175.000 metros de pellicula negativa technicolor. Levando em conta que no processo technicolor são impressionados tres negativos ao mesmo tempo, um para cada cor primaria, a metragem filmada equivale a um total de cerca de 70.000 metros de pellicula em branco e preto. Uma vez cortada e editada a pellicula, sua exhibição levará cerca de 2 horas, e terá trez mil e quinhentos metros de comprimento.

No proximo outomno é que se poderá saber o resultado dessa portentosa façanha cinematographica, mas desde já a industria em peso vê em David O. Selznick o iniciador de uma magestosa era da setima arte.

O mesmo productor que com "DAVID COPPERFIELD" restaurou a fé do paiz em Hollywood, numa época em que as campanhas das diversas ligas de censura ameaçavam boycottar os films, o homem que deu ao mundo obras taes como "O PEQUENO LORD", "HISTORIA DE DUAS CIDADES", "ANNA KARENINA", "JANTAR A'S OITO" e "VIVA VILLA", parece que está predestinado a ser o porta-estandarte da cinematophia colorida.

"O JARDIM DE ALLAH" é o primeiro film colorido realizado na mesma escala dos mais portentosos films em branco e preto. E' o primeiro a estabelecer um record de dois milhões de dollares de custo. E' a primeira obra cinematica em cores sobre a vida moderna. E é tambem a primeira a apresentar dois grandes astros no campo technicolor.

Não se póde prever o acolhimento que merecerá, mas de sua importancia Hollywood e o mundo não têm a menor duvida.

A Pista de Oleo

(CONCLUSÃO DA PTGINA 74)

chinas que foi assaltado na noite da substituição de Adams.

— Adams ou Bill, um dos dois é o nosso homem, — murmurou o chefe.

* * *

No dia seguinte, emquanto Adams descansava em casa para o serviço da noite, Kirkley se encarregou pessoalmente de uma diligencia.

Acompanhado por Dench, levou o carro de Adams para a garage. Mandou que o tanque fosse inteiramente cheio e ordenou que um furo fosse feito no deposito de oleo, de maneira que assim que o motor começasse a funccionar o oleo fosse pingando.

Depois entrou com Dench no carro e fez o percurso da garage até perto da casa de Adams.

De volta á garage, mandou verificar quanto havia gasto de oleo e encher novamente o deposito.

* * *

Essa manobra de Kirkley desvendaria o mysterio. Da primeira vez que Adams usou o carro ao deixar o serviço, o chefe ordenou que se verificasse quando o carro voltasse á garage o oleo que havia gasto. Adams perdera muito mais oleo do que seria necessario para ir sómente até sua casa.

E da proxima vez um auto da policia seguiu com grande intervallo a pista de oleo com que ficava assignalada a passagem do carro de Adams. Essa pista parava num ponto afastado da cidade, que passou a ser vigiado por elementos de absoluta confiança.

* * *

Partindo desse ponto foi facil identificar varios dos membros da quadrilha e por elles chegar aos restantes. O trabalho da policia foi coroado de extio completo, não escapando nenhum bandido. O que havia de alarmante é que todos os elementos activos do bando pertenciam á propria policia, tinham varios annos de serviço e agiam sempre fardados, de modo a poder apresentar uma desculpa facil de acceitar em caso de serem apanhados.

O chefe Kirkley imaginara que ou Adams ou Bill, um dos dois estaria compromettido. Enganara-se, ambos pertenciam ao "gang", sendo "Bill" o sargento Bill Voltz. E além delles Sid Odell, que apanhado em flagrante dissera ter descoberto no momento o assalto, Carl Bailey, Benny Nelson, Richard Mac Wade, Lee Buchanan, todos veteranos, com excepção de George Adams.

Actualmente acham-se todos elles presos por sentença á penitenciaria de Walla Walla, de onde só sahirão quando a idade não mais lhes permittir que se entreguem ás suas perigosas actividades.

A Morte de Mary Mahar

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 77)

queria que ella fosse para a floresta com elle e se submettesse aos seus desejos. Mary recusou-se, e começou a chorar. Clyde agarrou-a por um braço. "Antes eu nunca houvesse vindo", queixou-se Mary. E logo depois escapou-se delle e correu para a matta.

"Esperei cerca de meia hora e como elles não voltassem resolvi me vestir e ir para o club. Ia subindo a encosta da collina quando ouvi que alguem caminhava pelo outro lado do rio. Era Clyde, e estava só.

"Tinha a camisa rasgada no peito o qual estava sujo. Toda a sua roupa estava suja e amarrotada e o cabello completamente despenteado. Parecia um selvagem. Tive medo.

"— Venha aqui, quero lhe falar, — chamou-me elle.

"Respondi-lhe que não podia e elle me advertiu:

"— Se se referir ao que aconteceu, matou-a.

"Disse ainda que Mary já se approximava, mas agora sei que então ella já estava morta. Clyde matou-a na floresta, ella não morreu afogada."

* * *

Seria verdade o que dizia a moça? Apresentei a Clyde as accusações que lhe eram feitas.

— "E' mentira! — enraiveceu-se o joven Trammell. — Se a morte de Mary não foi obra do accaso, então é Dorothy a criminosa. Ficou damnada com Mary porque eu lhe prestei attenção e depois disse ás amigas que estava contente de que ella houvesse morrido, por me ter desviado.

— A que amigas fez tal declaração?

Trammell não respondeu.

— E por que ameaçou Dorothy Karps de morte? — indagou o sheriff Long a queima-roupa, fitando inflexivelmente o rapaz.

— Não a ameacei de coisa nenhuma. Só lhe disse que não falasse no que acontecera, pois receiava que meu irmão se aborrecesse pelas attenções que sua noiva me dispensara.

"Tenho horror a confessal-o, por causa de meu irmão, mas a verdade é que Mary e eu fomos muito intimos na floresta... e ella se submetteu voluntariamente. Quando a deixei, ella disse que ia tomar outro banho de rio. Provavelmente afogou-se."

Mas a autoridade ficou convencida de que Clyde mentia: se Mary se houvesse submettido voluntariamente, elle não a teria assassinado. Era elle, sem duvida, o assassino.

* * *

Mas, sendo Clyde o criminoso, o que teria succedido ao cadaver de Mary Mahar no periodo de tempo que fôra do attentado á sua descoberta? O medico legista affirmava que o corpo estaria em estado muito mais avançado de decomposição, no momento em que foi encontrado, se não houvesse ficado todo o tempo dentro dagua.

* * *

Dorothy Karps era uma menina de antecedentes irreprehensiveis.

Clyde Trammell considerava-se um Bello Brummell e frequentemente se envolvia em escandalos com mulheres.

Os indicios contra elle eram sufficientes para se proceder ao seu julgamento, ao qual Dorothy Karps compareceu como testemunha de accusação. Durante os trabalhos o promotor reconstituiu sensacionalmente as actividades de Clyde nas duas horas em que havia permanecido afastado do club: elle transportara o corpo de Mary Mahar para uma anfractuosidade das rochas que se accumulavam na margem do rio, levando-o dois dias depois para onde havia sido descoberto.

A promotoria affirmava que Clyde Trammell ou ferira deliberadamente Mary Mahar com uma pedra, ou outro objecto pesado, ou a fizera quebrar o pescoço numa quéda forçada.

O jury condemnou Clyde Trammell a sete annos de prisão.

witz, temendo uma complicação tremenda.

Havia sido apesar de suas ordens que a bandeira branca se vira içada. Alguns officiaes se tinham suicidado antes de serem capturados, outros esperando impassiveis que chegasse a sua hora: e entre os ultimos figurava Dietz.

Elle se apresentou ao inglez com a insolencia caracteristica dos officiaes allemães:

— Venho protestar pela maneira pela qual nos vimos empilhados nos barcos para sermos trazidos ao seu navio. Em todas as partes do mundo os officiaes têm direito a alguma consideração.

— Tem razão, — affirmou o almirante Marckett. — Peço-lhe que nos desculpe.

E, voltando-se para um dos seus officiaes:

— Mande enforcar esses bandidos. O conde Dietz e os officiaes serão enforcados mais alto que os outros, o conde no mastro grande. E' tudo que posso fazer por elle.

A' mesma hora, a bordo do Louvois, Prittwitz atirava o seu apparelho ao mar, em presença do almirante Jullien. E disse:

— Antes de deixar o Castello, almirante, destrui todos os meus archivos, de maneira que as minhas invenções mortiferas não serão reproduzidas...

Quarenta e oito horas se passaram. O Castello foi virado do avesso e depois minado. A explosão não deixou pedra sobre pedra.

A esquadra internacional se subdividiu. O almirante Marckett acceitou as desculpas do almirante Jullien, a respeito da destruição do Tubarão de Aço. Os navios italianos se apressaram a alcançar Spezzia. Depois de tudo isso, o capitão Renard foi procurar o almirante Julien.

— Ah, Renard, que é que ha? Estou redigindo o relatorio para o ministro...

— Almirante, — perguntou Louis Renard, — quer passar os olhos sobre o relatorio que o almirante Marckett enviou ao seu ministro? Eis aqui uma copia.

A ILHA Z

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 100)

No dia seguinte, ao romper do dia, a esquadra internacional appareceu ao largo do Castello dos Mares. O prodigioso apparelho do conde Prittwitz entrou em acção, os canhões do castello se viram paralyzados e a artilharia naval franceza e ingleza passou a bombardear a fortaleza.

Sobre o torreão mais alto do Castello não tardou a apparecer uma bandeira branca. Duas horas mais tarde os prisioneiros eram postos em liberdade, achando-se todos em boa saude.

Restavam os piratas. O almirante inglez reclamou-os.

— Palavra, — declarou o almirante Jullien, — combater é uma coisa... mas fuzilar gente, mesmo que sejam bandidos, deante dos prisioneiros, é outra coisa muito differente. Que o almirante inglez se desempenhe.

Os piratas foram levados para bordo dos navios inglezes. E lá o conde Dietz pediu para falar ao almirante Marckett. Por um acaso singular, o conde Dietz havia enviado para o largo o Tubarão de Aço commandado pelo capitão Kraut e ficara no Castello, preoccupado com a fuga de Pritt-

— E como conseguiu esta copia, Renard?

— Almirante, sou o chefe do seu Serviço de Informações e tenho o dever de informal-o sobre tudo quanto possa interessal-o, mas não de desvendar as minhas fontes de informação.

O almirante sorriu.

— O ultimo paragrapho o interessará sobretudo, almirante...

E Renard mostrou ao almirante Julien o topico no qual o almirante Marckett se lamentava da destruição do Tubarão de Aço, que desejaria levar para Portsmouth, "apesar dos seus signaes", tudo devido ao descuido de um officialzinho, que fôra no emtanto rudemente castigado pelos superiores. Os francezes, terminava o inglez, são cortezes e bons alliados, mas sempre muito levianos...

— Deixal-os falar... — murmurou o almirante Julien, terminando a leitura, com uma boa risada.

EPILOGO

O conde Prittwitz e sua mulher, desembarcados em Casablanca, protectorado francez, instalaram-se depois em Paris, passando a viver sob a vigilancia discreta da Sureté. Foram inscriptos no registro de estrangeiros da Prefeitura como M. e Mme. Honorius.

Mme. Honorius envelheceu bruscamente, residindo num apartamento modesto com seu marido. Frequenta habitualmente os salões de concertos, sendo apreciadora ardente da musica, mas ninguem reconheceria na espectadora de um certo "chic", sem duvida, porém modesta, a temivel condessa Elza.

Quanto a M. Honorius, foi addido ao Bureau de Invenções do Ministerio do Interior, distinguindo-se immediatamente por diversos inventos agricolas de emprego utilissimo.

Louis Renard foi recebido pela sua mulherzinha em Toulon. Nascera um garotinho para augmentar a felicidade de ambos.

John Hopen casou-se com a sua riquissima noiva. Sua felicidade é uma dessas felicidades sem nuvens, de que não se tem nada a dizer. Os dramas do passado e o aborrecimento da vida da côrte muito influiram para que Hopen deixasse o serviço e se retirasse como agricultor para Sidney. Mas o casal marcou com Louis Renard e esposa um encontro em Paris, no anno de 1937, por occasião da Exposição. O encontro se dará sem duvida, pois M. Vincent, continuando na pasta da Marinha, chamou Renard para o seu estado maior.

O almirante Marckett passou por um sabão tremendo, se assim nos podemos exprimir, do primeiro lord do Almirantado:

1º — Por ter deixado o conde Prittwitz entre as mãos dos francezes.

2º — Por não se ter apossado do Tubarão de Aço e o conduzido a Portsmouth.

O almirante contou pela quinquagesima vez que a culpa havia sido de um imbecil de um official francez que não havia comprehendido os seus signaes.

Mas assim mesmo foi reformado administrativamente. E' muito rico e passa todos os annos dois ou tres mezes em Londres. Na boa estação vae na Escossia, e é frequente ouvil-o entre dois tiros de espingarda:

— Sim, foi um cretino de um officialzinho francez que me cortou a carreira.

O primeiro lord do Almirantado, sir Mac Irving, não é da mesma opinião. E disse ha pouco tempo:

— Conheço muito bem o almirante Jullien, que não tem nada de innocente. E depois, o meu serviço de informações descobriu que o officialzinho de que se queixa Marckett, depois de cumprir a pena que todos sabemos, acaba de ter uma promoção antes de tempo. Imbecil, de facto, é o nosso almirante.

Tal foi a oração funebre — figuradamente — do antigo chefe da Armada Internacional.

MODA

(CONCLUSÃO DA PAGINA 115)

A mulher baixa deve evitar os estampados com grandes desenhos, com motivos grandiosos de flores. Tambem neste momento, tão cheio de casacos tres-quartos, de capas de differentes comprimentos e amplitude, a mulher tem que concordar com o que o seu typo acceita. Esses casacos e capas annullam a silhueta, salvo quando levam um córte habil, irreprehensivel para cada typo.

A primeira discussão que se fez entre Dixie Dunhar e sua modista surgiu na demonstração de um casaco de mangas muito amplas. Dixie encantava-se com a belleza do córte das mangas, dizendo que a favorecia, para, afinal, ceder ante o espelho que lhe mostrava uma figura ainda menor, mas onde os hombros se avolumavam, num disparate de proporções.

E 'certo que as mangas de hombros saidas se usam, mas tambem é verdade que se levam mangas com amplitude elevada. E' a desse córte que a mulher baixa deve escolher.

O "tailleur" bem cortado vae naturalmente bem a todos os typos.

Assim recordamos a escolha feliz da artista (em um dos seus ultimos trabalhos): castanho e "beije", o casaco com uma aba atrás.

Referindo-se aos vestidos de baile, Gwen Wakeling assegura que a amplitude da saia assenta maravilhosamente, mas se parte de uma linha das cadeiras e não da cintura. Tambem não aconselha babados muitos em redor dos hombros.

Entre as coisas favorecedoras estão os vestidos com boleros, bastante em moda no momento. Colletes com listas finas, com quadriculados, alegram esses trajos.

Tambem as saias finamente pregueadas dão uma impressão de maior estatura.

Para terminar, colhamos ainda esses conselhos sensatos que se endereçam á mulher de cabellos castanhos, de olhos pardos e pequenas dimensões. Ellas têm a mesma origem de Hollywood. Com aquelles traços a mulher deve escolher o verde vivo, o grenat, assim como o castanho e o "beije". E para a noite sua escolha deve começar pelo branco e pelo amarello.

Sem dizer "amen", registramos os conselhos. Contra os saltos muito altos e contra as copas exaggeradamente elevadas. Hollywood tem um "não" emphatico que a mulher pequena, intelligentemente, não deve desattender, tanto é desastrosa para a elegancia a desproporção.

O Perigo dos "Icebergs"

F. A. Zeusler

O Atlantico Norte é uma das regiões mais temiveis do globo, pois se encontra continuamente á mercê dos furacões ou envolta em nevoeiros espessos, quasi solidos.

Comtudo, constitue a rota maritima mais frequentada do globo, e nos grandes bancos de Newfoundland, onde a corrente fria do Lavrador, que provem do polo, se encontra com a corrente quente do Golfo, está estabelecida uma das mais famosas pescarias.

Os capitães dos vapores de pesca e de passageiros, enfrentam ali os perigos de um oceano constantemente mal humorados.

Até ha poucos annos, corriam tambem o risco de tropeçar de repente, na noite ou na cerração, com a mole gigantesca de um "iceberg", ou montanha de gelo, coberta de neve ou de nevoeiro, ou batida pela tempestade. A's vezes, só algumas centenas de metros separavam a embarcação da montanha fluctuante, quando se chegava a discernir o espectro.

Nessa perigosa zona se deu o maior desastre que recorda a historia da navegação maritima: o naufragio do "Titanic", na noite de 14 de abril de 1912, devido ao choque com um "iceberg", perecendo mais de 1.500 pessoas.

A catastrophe do "Titanic" commoveu o mundo inteiro, e a voz publica exigiu que futuramente se patrulhasse com cuidado a zona gelada A marinha norte-americana destacou logo dois cruzadores, para ficarem de guarda até que desapparecessem as ultimas montanhas de gelo, em começos do verão.

Como na primavera de 1913 não haviamai s navios de guerra disponiveis, foram encarregados desse serviço dois "cutters" aduaneiros.

No outomno do mesmo anno, reuniu-se em Londres a Conferencia Internacional para a Segurança da Vida no Mar, afim de organizar esse patrulhamento sobre uma base internacional, visto que taes serviços eram indispensaveis aos navios de todos os paizes. Representantes das principaes nações maritimas do mundo assignaram um accordo, em 20 de janeiro de 1914, creando o Serviço Internacional de Destruição de Restos de Naufragios e Observação e Patrulha de Gelos.

Os Estados Unidos foram convidados a prestar os seus serviços, e mandaram dois barcos para patrulhar a zona perigosa durante a estação dos "icebergs". Cada uma das partes contractantes paga parte das despesas, na proporção da sua tonelagem maritima.

Os "icebergs" foram sempre o terror dos que cruzam o Atlantico. Movem-se de um lado para outro. Não annunciam a sua presença com nenhum signal. São impellidos ora pelas correntes oceanicas, ora pelas marés, ora pelos ventos e pelas vagas. O nevoeiro é o seu companheiro constante.

Um navio que viaja de noite ou em meio do nevoeiro numa zona semeada de gelos movediços, arrisca-se á sorte. Até mesmo em noites de luar, as montanhas andantes não

podem ser vistas a mais de meio kilometro. Se o marinheiro conhece a posição do gelo, pode afastar logo o perigo, mudando de rumo e evitando a ameaça.

O gelo desce todos os annos, e assim tem sido ha seculos; mas agora, cada montanha fluctuante que segue pelo lado Este dos grandes bancos até chegar á rota dos vapores, é vigiada pela Patrulha Internacional de Gelos. Este serviço satisfaz a angustiosa pergunta dos navegantes: "Onde está o gelo?"

Desde que se inaugurou o patrulhamento, ha vinte annos, não se perdeu ainda um só navio por se chocar com um "iceberg".

As montanhas geladas da Groenlandia são a origem dos "icebergs", que percorrem 1.800 milhas até chegar á rota dos vapores, onde se transformam em "espectros brancos".

O manto de gelo move-se pelo barranco abaixo, em direcção ao mar, em grandes glaciaes, abrindo caminho através dos valles. Quando o gelo chega ao oceano, penetra na agua, na qual permanece submerso até que o seu menor peso especifico torna a trazel-o á superficie, e nesse momento a frente do glaciar rompe-se no seu ponto mais fraco.

Ha um estrepito infernal, e com a oscillação das vagas os fragmentos cáem á agua, afundando-se quasi por completo. A agua torna-se toda espuma quando a montanha recem nascida torna a emergir, retomando o equilibrio, e se accommoda confortavelmente para uma longa viagem para o sul. Move-se com majestade, indifferente ao facto de navegar com rumo ao esquecimento.

Ha oito glaciares principaes, productores de "icebergs" na Groenlandia As montanhas andantes descem em grande numero dos *fiords.* Mas nem todos os "icebergs" vão para o sul de Newfoundland. Muitos são demasiado pequenos para chegar até lá. Outros encalham nas costas do Lavrador. Alguns derretem-se logo na Corrente do Golfo.

Só os maiores e mais bem dotados sobrevivem aos azares do mar e são levados para o sul pela corrente do Lavrador, ao longo da costa oriental dos bancos até chegarem á Corrente do Golfo, que os dissolve. Emquanto não se reduzem ao tamanho de uma pequena mesa, são capazes de perfurar o casco de um navio.

A corrente do Lavrador, embora perigosa, é de certa utilidade. Abunda em toda a especie de sêres marinhos, fornecendo rica alimentação aos peixes de que nos servimos depois na nossa mesa. Além disso, não corre todo o anno. Como um rio, embora por outras razões, flui sobretudo na primavera. Começando em fevereiro, cresce em volume e intensidade, chegando ao maximo em fins de abril, quando tem já força bastante para imprimir aos "icebergs" uma velocidade de mais de tres kilometros á hora.

Dois "cutters", o "Tampa" e o "Modoc", fazem a patrulha, com um terceiro "cutter", de reserva, o "Seneca". Eu fui oceanographo do Serviço de Gelos, e como o "Tampa" era o primeiro que devia chegar aos bancos, embarquei em Boston em começos de fevereiro. De duas em duas semanas, um "cutter" rendia o outro; mas quando o "Tampa" se dirigia para Halifax, nossa base de abastecimento, os meus dois ajudantes e eu passavamos para o "Modoc". E quando o "Modoc" emprehendia a viagem de regresso, voltavamos ao "Tampa".

O oceanographo é o official de navegação. Deve conhecer a todo o instante do dia e da noite a posição do barco, e a de todos os outros que evolucionam em redor num raio de seiscentos kilometros. Isto vem a ser, mais ou menos, como contar um rebanho de ovelhas a saltar uma cerca. Conta todos os pedaços de gelo que fluctuam na rota dos vapores, assignalando-os; manda informações pelo radio sobre a temperatura, os destroços e os "icebergs"; prepara cartas atmosphericas; responde ás perguntas que lhe fazem dos outros barcos, e é responsavel por todas as experiencias.

Duas destas, realizadas na ultima temporada, foram de extraordinario interesse. Ambas foram feitas com o proposito de suprimir ou re-

duzir em parte o perigo dos "icebergs".

Tentamos applicar as sondagens ao problema de localizar as montanhas fluctuantes, e embora as nossas tentativas não dessem grande resultado, facilitaram o caminho para outras experiencias de localização a realizarem-se com ondas de radio, em vez de ondas sonoras

O nosso segundo proposito era destruir os "icebergs" com poderosos explosivos. A theoria de que os espectros do Atlantico Norte se podem fraccionar, foi sustentada durante muito tempo pelos homens de sciencia. Logo, devia-se tentar despedaçal-os.

A jornada de trabalho de um oceanographo começa antes da aurora, pois deve tomar a posição das estrellas, para o caso de sobrevir um nevoeiro. A's seis horas da manhã, envia-se pelo radio a primeira informação: "Navio patrulha perto dos "bergs". Latitude 42° 30'á longitude 48° 30'; deriva 180° e cinco decimos por hora. Mar enevoado e calmo."

Os outros barcos começam depois a fazer perguntas.

"Onde está o gelo mais meridional?" — interroga o "Toscana".

"Temos gelo a noroeste?" — quer saber o "America".

"Ha gelo na latitude 47°?" — perguntam do "Adriano".

"Estamos num forte nevoeiro, latitude 47° 10', longitude 49° 35'; que rumo devemos seguir para evitar os gelos?" — indaga o vapor "Emmanuel Stavirondis".

"Quaes são as ultimas condições atmosphericas?" — pergunta o "George Washington".

Emquanto estuda a temperatura da agua, o oceanographo observa, por exemplo, que a julgar pelas ultimas informações do "Megantic" e do "Kurdistan", as suas rotas podem leval-os perto de uns "icebergs" perigosos. Manda-se-lhes um aviso pelo radio, immediatamente, e aquelles navios alteram o seu itinerario para evitar os gelos.

Pelas grandes linhas de vapores que vão da Europa aos Estados Unidos e vice-vesra, passam continuamente transatlanticos, navios de passageiros e barcos de carga. São "ruas" maritimas, de trafego tão intenso como o da Quinta Avenida ou Rue de la Paix. Pela rota que se dirige para Oeste navegam os vapores procedentes da Eurropa e pela de Este, cem milhas mais ao sul, os que procedem dos Estados Unidos.

Os navios que se desviam das rotas são punidos, por violação dos regulamentos. Um barco fora da rota é tão perigoso como um "iceberg".

O navio patrulha é o inspector de trafego desta avenida do oceano. Se o gelo ameaça bloquear o caminho, o "cutter" dá o signal de "parar" e faz derivar o trafego para uma rua lateral, mais ao sul.

Como bom policia de trafego, o "cutter" responde a todas as perguntas acerca das condições do caminho, e ajuda o barco que se encontra em difficuldade. Só num dia recebemos mensagens de trinta e oito navios, sem contar os que passam sem responder aos nossos radiogrammas.

As informações que chegam todos os dias acerca da posição, direcção e velocidade dos navios e a temperatura da agua, são estudadas pelo oceanographo para localizar

os barcos e ver se correm perigo. A temperatura da agua é muito importante, pois com as mil ou mil e trezentas mensagens que recebemos no espaço de quinze dias, pode demarcar-se a "parede fria", a linha de separação entre a Corrente do Golfo, quente, e a corrente fria do Lavrador.

E' esta a linha de perigo, que separa a zona arriscada da zona livre de obstaculos, pois os "icebergs" raras vezes a atravessam. O "iceberg" que atravessa a linha commette um verdadeiro suicidio. Na corrente quente, o gelo derrete-se depressa. Os "icebergs" mais componentes desapparecem sete dias depois de terem atravessado a linha. Esta é tambem o limite dos nevoeiros, o que dá á sua demarcação dupla importancia.

A linha desce até fins de abril; depois retrocede para o norte, empurrada pela Corrente do Golfo

Só numa manhã atravessamos duas vezes a linha, que é muito facil de reconhecer. A norte, o oceano é de um lindo verde-oliva; ao sul a agua é azul-indigo. A maior riqueza da fauna marinha microscopica dá á corrente do Lavrador o seu tom oliveo.

Houve um momento em que a

prôa do nosso "cutter" estava na agua verde a 40 gráos Fahrenheit, e a pôpa na cálida agua azul que accusava 60 gráos.

Como o dia era sereno, o capitão deteve o barco e permittiu que a tripulação se banhasse no mar. Os marinheiros atiravam-se pela pôpa a uma agua de temperatura tropical, emquanto que ao norte, a meio kilometro, apenas, fluctuava um gigantesco "iceberg", e na prôa a agua fazia tiritar de frio.

A meio da tarde, avistamos um "iceberg" que até então não tinhamos visto. Approximamo-nos para photographal-o e fazer um croquis de ambos os lados. Fizemos tambem observações para determinar o seu tamanho: cumprimento, largura e altura acima do nivel do mar. Esses dados permittiram-nos calcular a sua massa, pois sabe-se que um "iceberg" está sempre submerso sete oitavas partes da sua altura total.

Depois tomamos a temperatura na superficie e a cinco profundidades differentes, e recolhemos amostras da agua que o rodeava, para apurar a sua salinidade. O resultado disso permittir-no-ia saber em que direcção se moveria o "iceberg". Estabelecemos tambem a deriva e a direcção do movimento, transmittindo as informações convenientes aos outros navios.

Como precisavamos de gelo para os nossos refrigeradores, o capitão ordenou que descessem um escaler para se dirigir ao "iceberg". O gelo dos "icebergs" é puro e fresco.

Quando o escaler se approximava da ilha de gelo, os homens que nelle iam perceberam um ruido sibilante, que era causado por pequenos fragmentos da montanha de gelo, caindo ao mar. Ao contrario do gelo commum, estes fragmentos produzem efervescencia. E' uma peculiaridade do gelo glaciario, devido ao facto de conter neve.

No dia 13 de abril, tivemos a sorte extraordinaria de penetrar numa zona de gelos, em que eram visiveis quatorze grandes "icebergs" ao mesmo tempo.

Ha dois typos de "icebergs", facilmente reconheciveis: o sólido e o "dique de carena". A differença é consideravel, e distinguem-se perfeitamente por suas caracteristicas.

O sólido é um bloco que tem a symetria do marmore branco. Está geralmente muito submerso As suas faces apresentam-se arredondadas pela agua, á força de se inclinarem ora para um lado, ora para outro.

Apesar da opinião geral, os "icebergs" nunca se voltam completamente. Inclinam-se 90 gráos num dia, e no dia seguinte 80 gráos em sentido contrario, mas raras vezes giram por completo sobre o seu eixo.

Os "icebergs" têm costumes estranhos. Encontramos alguns que possuiam um movimento oscillatorio regular. Inclinavam-se para um lado por um periodo de oito minutos, e depois tornavam a endireitar-se. Isto continuava durante sete horas. Depois o "iceberg" dava meia volta com um ruido tremendo, expondo a parte que até então estivera debaixo de agua.

Os "icebergs" solidos tomam a forma de cães ou leões adormecidos. Ás vezes parecem Tut-Ank-Amon no seu tumulo, pois adquirem perfis perfeitamente humanos.

Os "diques de carena", ao contrario, semelham castellos de ameia e altos picos. O typo "dique de carena consiste, como o nome o indica, em duas partes lateraes elevadas, com uma passagem entre ellas. A's vezes essa passagem fica á flor da agua. Estas montanhas fluctuantes não se voltam, nem oscillam: navegam majestosamente, como um navio com bom lastro. Os picos são sempre agudos, como talhados por um machado gigantesco.

Os "diques de carena" deterioram-se especialmente pela neve que deslisa nos lados inclinados e pela corrente quente que derrete a linha de agua, de modo que o "iceberg", alliaviado em seu peso, apresenta uma serie de linhas de agua superpostas e quasi carcomidas.

Os "icebergs" do typo "dique de carena" deram-nos muito que fazer no anno passado, pois são tão pesados que o mar não pode atacal-os com a mesma facilidade com que ataca os outros.

O nosso navio patrulha iniciou as experiencias para destruir os "icebergs" com poderosos explosivos. Fizemos a primeira tentativa com um "iceberg" que emergia tres metros acima do nivel da agua e tinha quinze metros de comprimento.

Um official e oito tripulantes collocaram quarenta e quatro kilos de nitroglicerina numa cavidade do "iceberg". Depois afastaram-se até uma prudente distancia, desenrolando um fio electrico. O official deu volta a um comutador, e uma formidavel explosão fez estremecer o ar e a agua. Desmoronou-se um dos extremos do "iceberg", e o mar encheu-se de fragmentos de gelo. Pelos nossos calculos, tinhamos tirado dois dias de vida á montanha fluctuante.

Succedeu, porém, coisa differente, quando experimentavamos a nitroglicerina numa das grandes mas-

sas de gelo solido que atravessam o oceano. Tinha noventa metros de comprimento e quarenta e cinco de altura De um dos lados emergia uma perigosa lingua de gelo, mergulhando na agua uns tres metros. Collocamos as minas e fizemol-os explodir.

A montanha estremeceu, uma chuva de gelo solto rolou pelos declives exteriores, um "geyser" (ou antes, um redemoinho(de agua e uma columna de fumo negro se elevaram a uma altura de trinta metros. Pouco depois, a calma da natureza restabeleceu-se. O "iceberg" não soffrera nenhum damno.

Depois, passamos uma linha na extremidade aguda do "iceberg". Prendemos o cartucho numa ponta, descendo-o a vinte e cinco metros debaixo de agua, e equilibramos o peso com uma bola de ferro na outra extremidade. A explosão sacudiu a montanha com mais força, mas não houve damno visivel, apesar dessa quantidade de nitroglicerina ser sufficiente para despedaçar o mais solido navio.

Mas não é de todo exacto que o explosivo não causasse mal algum. Um dos marinheiros que subiram ao "iceberg" para collocar os arames teve a idéa de se internar na montanha de gelo, emquanto os companheiros concluiam a sua tarefa. Sem notar-lhe a ausencia — eram nove homens, e a falta de um não lhes chamou logo a attenção — os outros tornaram a embarcar no escaler.

Só depois da explosão é que viram que Jack Edwards não estava entre elles. Dahi a algumas horas, vimos boiar na agua uma coisa exquisita: era uma parte do seu corpo destroçado.

As nossas tentativas para minar e destruir um terceiro "iceberg" tinham uma especial importancia e cercavam-se de grande interesse, porque se tratava da montanha maior que apparecera esse anno nas rotas maritimas, e porque lhe seguimos os passos até á sepultura, desde quando era um gigante de um milhão e meio de toneladas até que desappareceu por completo.

Avistamol-o a 26 de maio, e chamamos-lhe o "N.º 14".

Todos os "icebergs" perigosos são numerados.

O numero 14 partiu para o sul, dos Grandes Bancos, com a modesta velocidade de 25 milhas por dia. Depois de constatar que só havia outro "iceberg" ao norte, seguimos viagem rumo ao sul e tornamos a encontral-o a 2 de junho.

Reconhecemol-o a trinta kilometros de distancia, por uma linha branca que se reflectia nas nuvens.

A montanha tinha oitenta metros de altura e cento e cincoenta metros de comprimento.

Um dos tripulantes alvitrou que a rebocassemos para Boston ou Nova York, e a vendessemos a uma fabrica de gelo!

O seu milhão e meio de toneladas teria abastecido Nova York durante dez semanas.

A VOZ DO FERIDO

Marie Le Foyer

Corria o anno de 1914, quando Pedro e Maria Deronsin tiveram que se separar pela primeira vez, depois de cinco annos de casados; seria uma separação curta, não indo além de dois ou tres mezes.

O notavel cirurgião aceitara um convite de seus collegas americanos para estudar certas technicas operatorias, assim como para visitar os laboratorios e clinicas dos Estados Unidos

Quando resolveu partir, quiz o professor levar a esposa. Seria uma especie de viagem de nupcias, porque o cirurgião, sempre occupado com a sua cathedra, suas conferencias e doentes, não pudera ainda prestar toda a attenção a Maria nem satisfazel-a levando-a ás reuniões mundanas.

Apesar da grande differença de idade, toda gente via que aquelle casal se adorava e era feliz. Os olhos claros, quasi frios, do operador, tinham algo de attraente e seductor. Dizia-lhe Maria, varias vezes, em ar de brincadeira: "Teus olhos ardem e se congelam como o ar liquido!" Esse casal, emfim, fei-

to de elementos tão desiguaes, era harmonioso e feliz.

Tiveram assim de soffrer uma grande contrariedade: Maria não podia acompanhar o marido. Uma grippe de certa gravidade retinha-a no leito, impedindo-a de se expôr a uma longa travessia maritima.

Alem disso, Deronsin não ia ficar sempre em Nova York; teria de percorrer varios estabelecimentos cirurgicos de muitas outras cidades, emprehendendo viagens constantes, não podendo a esposa acompanhal-o a toda parte que elle fosse. Deante da evidencia cruel dos factos, tiveram os esposos de se resignar a uma separação inevitavel.

Mas seria mesmo uma separação? Para entes como elles nunca se daria uma separação completa. Apenas os corpos se apartariam; mas o espirito, a alma, estariam sempre juntos...

Maria deixaria tambem Paris, indo passar a convalescença na casa de uma velha parenta de seu esposo, na Normandia... deante do mar...

Uma hora antes da partida, Deronsin entrava no transatlantico "Champagne", que o levaria á America, deixando a esposa na cidade das rochas: não quiz que a mulher ficasse no caes, vendo o navio pôr-se em movimento. Seria emoção demasiado forte para ella... Despediram-se no quarto onde ella ia passar a temporada em que o marido estivesse ausente; uma habitação singela e rustica, propicia ao descanso e ao sonho.

Deronsin viu as cortinas de musselina que Maria faria correr para deixar que o sol penetrasse no quarto. Preparara com a esposa a folha de papel em que ella escreveria a primeira carta...

Deronsin pensava em tudo isto quando subiu para bordo. Depois da saudação e dos cumprimentos feitos ao capitão e ao medico do navio, metteu-se no camarote, pondo em cima de uma mesa o retrato de Maria.

O navio poz-se immediatamente em movimento. Em pleno mar recebeu Deronsin um radiogramma. Era de Maria E naquelles olhos quasi frios e insensiveis, despontaram duas lagrimas commovidas...

A estadia de Pedro Deronsin chegava ao seu termo quando se deu o attentado de Serajevo, espalhando-se os boatos do proximo conflicto europeu. Receando o medico qualquer contratempo, tratou logo de voltar para a patria. Ao desejo de rever Maria juntava-se a preoccupação de deixal-a só em caso de alguma perturbação da ordem, proveniente das primeiras occurrencias que antecederam a grande guerra.

No meio da agitação daquelles dias, voltou Maria para Paris na companhia do esposo. Na ausencia de Pedro morrera a velha parenta. A jovem esposa, preoccupada com os successos do momento, não deu ao marido maiores esclarecimentos sobre a vida que levara durante a ausencia do cirurgião.

Os acontecimentos iam se precipitando... A 2 de agosto, um pequeno edital branco appareceu pregado nas paredes dos principaes monumentos publicos, avisando que a mobzilização geral era um facto consumado e que cada cidadão devia tomar o seu posto na defesa da patria...

Deronsin — cujos 48 annos o eximiam do serviço activo — pediu que lhe dessem qualquer incumbencia em que pudesse ser util. Sabia que a pericia de um cirurgião seria muito aproveitada numa occasião dessas.

Assim, a seu pedido, mandaram-no dirigir um posto de saude a uns dez kilometros do theatro da guerra.

Não teve necessidade de pedir a Maria que o acompanhasse: ella mesma manifestara o desejo de se-

guir ao lado do esposo. Elle por sua vez não podia esperar melhor collaboradora. Maria era filha de um medico militar e desde muito jovem se acostumara a auxiliar o pai: era, emfim, uma enfermeira diligente e cuidadosa, habilissima, conhecendo todos os segredos da antisepsia. A guerra de 1914 encontrava-a apta para o trabalho, de posse de todos os seus diplomas officiaes.

Durante os annos terriveis de 1915 e 1916 Maria andou de ambulancia em ambulancia, acompanhando todas as peripecias da guerra.

Deronsin negara-se obstinadamente a occupar na retaguarda a direcção de uma clinica modelo, a que seus titulos lhe davam direito.

O professor e a esposa trabalhavam noitete e dia, sem descanso. A belleza de Maria tinha adquirido um tom mais grave e severo, talvez mais attrahente. Pedro descobriu nos olhos da esposa uma expressão que não conhecia. Admirava-se de que o sacrificio pudesse tornal-a assim tão seductora e algo mysteriosa.

Vezes sem numero, sob a metralha do inimigo, tiveram de mudar de posição. Maria ajudava a collocar os feridos nas padiolas e só abandonava os logares visados pela fuzilaria quando se tinha ido o ultimo dos feridos.

A adoração de Deronsin augmentava cada vez mais. O seu amor parecia ter-se espiritualizado. Ella mesmo dizia:

— Não temos direito de ser felizes, neste momento...

Seus beijos eram raros e curtos: as circumstancias, a vida em commum, não apresentavam ambiente proprio para as expansões de amor.

Pedro soffria com isso. Maria, no emtanto, parecia ter-se conformado, com essa capacidade de adaptação que caracteriza as mulheres, com a agilidade que as faz encontrar-se á vontade nos ambientes mais oppostos, nas situações mais imprevistas.

Durante esses mezes e annos tragicos, sob os bombardeios, deante do soffrimento e da morte, os esposos viviam insensiveis á magnitude dos esforços, confiantes um no outro.

* * *

Numa tarde de junho, Maria entrava no quarto para repousar um pouco, quando o marido a chamou.

— Não tires a blusa, Maria — disse. — Ainda não terminamos os nossos trabalhos hoje. Acabam de me avisar que vae chegar um trem de feridos. Já partiram para a estação as ambulancias...

— Vaes operar de noite?

— Vou. Tens pressa de jantar?

— Sabes muito bem que a hora do jantar não tem importancia para mim. A hora do jantar como todas as demais horas... Oxalá possamos abreviar o calvario desses infelizes...

— Valentes e corajosos como verdadeiros heroes...

— Oh! Como elles poderiam servir á patria sem necessidade da guerra!... Tu és que precisavas descansar... Deves estar muito fatigado, de corpo e de espirito... Tens o systema nervoso abalado, o organismo esgotado...

— Mas isto tudo tem que acabar um dia. Voltaremos então para Paris, para a nossa casinha, onde tornaremos a ser felizes...

Maria, sem responder, ajustou na cintura o cinto da blusa. Depois, marido e mulher ficaram á janella, calados, pensativos, á espera das ambulancias.

Deronsin pensava que todo o trabalho que tinha ficava muito além do thesouro que possuia, o affecto e o carinho de Maria, cujo coração estava perto delle, que podia ouvir o seu bater ansioso...

E pensava que o corpo perfeito daquella mulher era a alegria, a embriaguez, o bem absoluto de seu espirito e de seu proprio corpo.

Quando assim pensava ouviu um barulho ensurdecedor. Eram as primeiras ambulancias que chegavam... E logo depois viu as padiolas transportarem os feridos...

E na propria ambulancia, mal illuminada para não attrair a attenção dos aviões, começou o cirurgião o seu trabalho. Os ajudantes, sua esposa, os enfermeiros, desfaziam, limpavam, refaziam os curativos e as ataduras, desinfectavam as feridas... Tudo era feito em movimentos regulares, rapidamente, falando-se pouco, apenas as palavras necessarias para pedir pinças, mechas, chloroformio, ataduras...

Bastava um simples gesto de Deronsin para que o entendessem os seus auxiliares... Applicados os primeiros soccorros, ficaram as operações mais importantes para serem feitas á luz do dia.

Sobre a mesa estenderam um ferido livido, immovel, os olhos cerrados e as mãos crispadas. Na tunica esfarrapada, bem sobre o ventre, viam-se ataduras endurecidas pelo sangue... O medico examinou o pulso, que mal se percebia.

— E' preciso operar rapidamente. Trata-se de uma hemorrhagia interna: a cabeça exangue, as extremidades frias, todos os symptomas de uma hemorrhagia interna... Preparem tudo, immediatamente. Não convem perder um minuto. Tu — disse á mulher — dá-lhe o chloroformio e fica a observal-o bem... Parece-me que não resistirá, o coração está muito fraco...

O medico, inclinado sobre o ferido, iniciou a operação, sem ver Maria que, de pé ao seu lado, tinha o rosto mergulhado na sombra do aposento.

Sob a luz forte da sala de operações, Maria olhava para o retangulo da mesa onde se achava estendido o corpo inanimado do soldado; e... nelle reconheceu... João!

Todo o seu ser estremeceu em face do seu grande amor: João! O amante idolatrado a quem se entregara apaixonadamente durante os mezes de soledade, na Normandia,

na casa poetica em que elle morava perto do pharol, entre o céo e o mar...

Teria forças para resistir? Mas era preciso dominar-se. Só ella sabia anesthesiar para o marido operar. Tinha-se habituado a ella. Se entregasse a outro a tarefa de applicar o anethesico, o marido talvez não conseguisse trabalhar direito.

Ah! Comprehendia agora porque elle nunca mais lhe escrevera, apesar della ir procurar as cartas, sob a metralha, dos mais perigosos sitios da guerra... Nada! Nada mais, depois daquelle medalhão de prata em que elle mandara gravar um nome de ternura e de intimidade: Mariette...

* * *

Tudo prompto. Iniciou-se a operação. Maria ia pingando o chloroformio, gota a gota, cuidadosamente... O homem não tardou a adormecer... Agitou-se... entrava no periodo da agitação... Começou a balbuciar palavras inintelligiveis; depois, começou a perceber-se as suas palavras; e de subito ouviu-se claramente: "Mariette!".

Deronsin ergueu os olhos imperceptivelmente... Aquelles olhos de aço frio... Mas as suas mãos continuaram firmes.

O ferido, anhelante, agitado, continuou a falar:

— Meu amor! Ainda te lembras da nossa casinha entre o céo e o mar? Que bonita era!... Vinhas toda de branco pelo caminho longo... em teus cabellos trazias o sol...

Maria, mais livida que o agonizante, segurava a mascara do anesthesico com as mãos tremulas. Não via mais o ferido... Notava apenas a seu lado o esposo, o cirurgião perito, que, operando maravilhosamente, como um phantasma poderoso, arrancava palavras de enthusiasmo e de admiração a todos os ajudantes que assistiam á melindrosa intervenção cirurgica. Naquella operação Deronsin mostrava-se mais do que nunca extraordinario, trabalhando com uma decisão, uma audacia nunca vistas...

A voz! Outra vez a voz!...

— E as nossas noites? Mariette! Estás escutando o vento do oeste? Estás ouvindo o vôo das gaivotas?

Deronsin interrompeu a operação:

— Afasta o apparelho... Bota o chloroformio com mais suavidade. Não deve haver precipitação.

Maria obedeceu automaticamente, como uma hypnotizada. O doente continuou a delirar:

— Guardas ainda o medalhão? Teu nome é toda a riqueza que possuo, Mariette...

O cirurgião levantou um pouco a cabeça.

A joia estava pendurada ao pescoço de Maria, sobre os cabellos do ferido.

Das mãos geladas de Maria, o chloroformio escorria, rapido, irregular, num silencio de tragedia...

Deronsin interrompeu de novo a operação:

— Vamos, querida... Um pouco mais de cuidado... Um pouco de ar... Tira a mascara... E' preciso terminar antes que elle acorde...

E, no meio de um silencio de tumulo, acabou a operação. Foi feita a ligadura; a hemorrhagia cessara e a incisão poude ser cosida sem incidentes. Deronsin afastou-se então da mesa de operações.

Em seu rosto pallido, cansado, os olhos amortecidos, pareciam nada ver. A sua voz firme não denotava a menor inquietação; com naturalidade e segurança, disse á mulher:

— Minha querida... não deixarei mais que appliques o chloroformio... E' trabalho muito delicado e estafante... Começas a perder o sangue frio tão necessario nestes trabalhos... Vou arranjar outra pessoa para applicar o chloroformio nas minhas operações...

Maria, tremula, ansiosa, percebeu que se salvara... E depois de lançar um ultimo olhar ao corpo inerte do ferido, refugiou-se num canto para desafogar o peito asphyxiado pelas lagrimas, que lhe arrebentaram dos olhos, abundantes e sentidas...

A ATROZ VINGANÇA

George G. Magnus

— Querem, pois que eu lhes conte como se me puzeram brancos os cabellos em uma só noite? Bem; approximem suas cadeiras do fogão... Esse whisky é sufficiente, amigo; pouca soda.

Não me agrada falar desse assumpto, mas vou contar o que se passou commigo porque estou notando em vocês, desde ha algum tempo, um desapego crescente pelas brincadeiras pesadas.

Esse terrivel successo foi motivado por uma brincadeira pesada.

Isso aconteceu quando eu estava empregado como aprendiz em uma conhecida casa constructora; e ainda que passem quarenta annos, poderei recordar todos os detalhes com tanta claridade, como se o facto houvesse succedido hontem.

Eramos tres: Jenkins, Thompson e eu. De vez em quando faziamos uma brincadeira pesada. A ultima tinha sido a que haviamos feito com um joven engenheiro chamado Logan, que, por causa de sua insupportavel arrogancia, era cordialmente detestado por todos.

Uma das coisas que dizia frequentemente, era que ninguem jámais havia conseguido assustal-o. Meus companheiros e eu resolvemos que já era occasião de alguem fazel-o; de modo que uma noite depois delle estar deitado, envolvemo-nos em lençóes, untamos de phosphoro a cara e as mãos e entramos silenciosamente em seu dormitorio. Accordamol-o com uns gemidos fantasticos, sobrenaturaes; e quando o homem se encontrou com nossas caras reluzentes e nossas roupagens brancas, poz-se a tremer e a gritar desesperadamente. Seus gritos eram na verdade tão fortes que tivemos que nos apressar em revelar-lhe nossa identidade para acalmal-o.

Jurou então, com um juramento barbaro, que tomaria sua vingança, como effectivamente o fez.

Mas nessa occasião fizemos pouco caso de suas ameaças; e como as consequencias da nossa visita á meia noite, se divulgaram por toda a parte, Logan acabou por se encontrar incommodado entre nós e teve que nos deixar.

Seis mezes depois desta partida, Jenkins, Thompson e eu, fomos passar a noite em um café-concerto das immediações.

Regressavamos dali um tanto "chumbados" pouco depois das onze horas, quando fomos atacados por um bando de homens que nos derrubaram e chloroformizaram. Ao recobrar os sentidos, encontrei-me atado a uma cadeira, em um sotão pequeno e máo cheiroso, illuminado apenas por um cabo de vela posto sobre um pequeno barril. Meus companheiros estavam amarrados como eu, um de cada lado, mas notei que suas cadeiras eram mais pesadas que a minha. Eu lia o mais completo estupor nos olhos delles, e elles deviam estar lendo o mesmo nos meus. Onde estavamos? Quem seria o nosso carcereiro? Quaes os seus intuitos? Estas perguntas eu fazia a mim mesmo continuamente, porque, como estavamos amordaçados, não podiamos communicar mutuamente os nossos pensamentos.

Em seguida, o silencio mortal foi interrompido por um rumor de passos sobre nossas cabeças. Os passos se approximavam cada vez mais; abriu-se a porta e alguem começou a descer furtivamente pela escada.

Era Logan.

— Parece que estão surprehendidos em me ver aqui — disse mostrando-nos os dentes. — Talvez acreditassem que eu já me havia esquecido de vocês, hein? Não. Não me esqueci de vocês, nem da minha promettida vingança. Vocês não imaginam, certamente o que lhes espera. Preparei tudo com tanto cuidado!...

E o bandido riu, zombeteiramente, emquanto que nós, estremecemos sob o desalmado inflexo do seu olhar de fogo.

— Ah! agora é a minha vez! — proseguiu Logan com sua voz sarcastica. — Vocês tres parecem contentes. Mas não podem ter uma idéa exacta do meu pequeno plano. Permittam-me que lhes explique a coisa. Trata-se de pôr em prova os seus valores. Vêm esta vela? — perguntou-nos, apontando em direcção ao barril que estava no meio do sotão. — Bem; de que crêm vocês que está cheio? Não podem advinhar? Pois bem; vou fazer-lhes ver.

O bandido se approximou do barril e, com grandes precauções tirou delle, da superficie, usando um pedaço de papel á guiza de colher, um pouco da substancia reluzente que continha, espalhou essa substancia no chão, deante de nós, formando um montezinho, e poz-lhe perto a chamma de um phosphoro acceso. Vimos uma fulguração brilhante e uma nuvem de fumo.

Era polvora!

— Percebem, agora? — disse com um sorriso de maldade. — Quando a vela se consumir de todo, e o pavio acceso cahir sobre a polvora... Mas... não se assustem dessa fórma... a vela não se consumiu ainda. Durará uns bons trinta minutos; um pouco mais talvez.

Supponho que não vão começar a tremer antes da explosão. Bem; creio que vão ter muito em que pensar durante essa meia hora e será melhor que eu os deixe.

Ao fechar a porta, uma corrente de ar agitou a chamma da vela e em toda minha vida não me esquecerei da terrivel tortura que soffri emquanto via a lingua de fogo inclinar-se ora para um lado, ora para outro.

Como podem suppor, não demorei muito tempo em pôr á prova a resistencia das minhas ligaduras; mas tive que reconhecer que estava muito bem amarrado e que era impossivel mover-me uma pollegada. Comtudo, depois de um violento esforço, consegui desembaraçar um tanto as pernas, e apoiando os pés sobre o chão, consegui virar a cadeira e cahi de costas.

Com grande alegria, vi que podia arrastar-me sobre os joelhos, com a cadeira em cima de mim, como um caracol com a sua concha; e desta maneira, comecei a andar em direcção á vela. Cheguei emfim a uns dois pés do barril e, endireitando-me e estirando-me o mais que pude, olhei para dentro delle. Restavam ainda umas tres pollegadas da vela.

Tres pollegadas de sebo entre nós e a eternidade! Immediatamente uma idéa atravessou o meu cerebro e comecei a me arrastar o mais depressa que as ligaduras me permittiam.

Ao chegar onde queria, ao cabo de dois annos de viagem, segundo me pareceu, puz-me a bater com a testa na torneira da bica e com immenso jubilo vi que sahia della um jorro dagua. Fiz girar a chave o mais que pude e o volume do jorro tornava-se cada vez maior. Em poucos momentos o solo ficou inundado. Então dirigi um olhar aos meus companheiros e vi um raio de esperança em seus olhos injectados de sangue.

A agua ia subindo lentamente pollegada por pollegada e a vela se consumia linha por linha. A carreira estava emparelhada e esta circumstancia fazia mais terrivel ainda a coisa; mas, pouco a pouco, foi-se-nos impondo o convencimento de que iamos perder. A' agua ainda faltavam umas quinze pollegadas e da vela não restava mais do que uma meia pollegada. Estas distancias relativas iam-se encurtando cada vez mais. Eu poderia perceber o tic-tac do meu coração, que dominava o rumor da agua. Suava literalmente a jorros por todos os póros. Vi que os olhos de Thompson se fechavam e que a cabeça lhe cahia para a frente. Jenkins não tirava um momento os seus olhos da chamma, completamente fascinado. Haviamos abandonado já toda a esperança, e esperavamos...

A chamma começou a vacillar. Vivi um seculo nos momentos que se seguiram a isto. Perguntava a mim mesmo se se chegaria a saber quem haviamos sido, pelos restos dispersos e chamuscados que encontrariam dos nossos corpos e como os jornaes explicariam a catastrophe. Curiosos pensamentos para um homem no limiar de eternidade!

De repente, uma explosão deslumbrante dominou tudo...

.. ..

Ao recobrar o conhecimento, notei que as cordas haviam sido cortadas e que a mordaça nãc me tapava mais a bocca. Lançando um olhar offuscado em redor de mim, notei um homem que se approximava, com uma vela na mão.

— O que significa isto? — perguntou-me. — De onde vêm vocês? Se a fumaça que sahia pelas frestas não tivesse chamado a attenção, teriam morrido afogados.

— Onde estou? — perguntei por minha vez, com voz rouca.

— No sotão da casa da sra. Joanna que aluga quartos a cavalheiros. Encontrei a pobre mulher atada a uma cadeira e amordaçada como vocês. O que significa isto?

Com voz cansada, contei tudo o que sabia.

— E vocês acreditavam que iam voar em pedaços, não é? — exclamou o homem dando uma gargalhada. — Criam que este barril estava cheio de polvora?

Que peça colossal! Venha ver um pouco.

O homem me ajudou a levantar-me, e, tremendo dos pés á cabeça, fui com passo cambaleante para perto do barril. Observei que a tampa estava negra de polvora queimada e que pouco abaixo havia uma segunda tampa de metal...

Por algum tempo, o silencio reinou no sotão, e interrompeu-o, por fim, uma horrivel garga-

lhada. Voltamo-nos, os dois instantaneamente. Detraz de nós com os olhos delatadoos e fixos no barril, estava Jinkins.

— Louco! — sussurrou o nosso salvador.

.. ..

Não; nunca mais tornei a ver Logan, que desappareceu da casa da senhora Joanna desde essa mesma noite. Mas, dois annos depois, o pobre Thompson deu com o rastro delle e... matou-o.

O Cachalote

CHARLES LE GOFFIC

No domingo, 1 de Agosto de 1912, sob este titulo sensacional: "Great attraction — Um cetaceo em Pulfank", a "Vigia pulfanqueza", orgão bi-hebdomadario do syndicato de iniciativa da região pulfanqueza, publicava um suelto annunciando o encalhe de um enorme monstro marinho, na bahia das Areias Finas.

"A hora tardia que nos foi communicada esta importante nova, dizia terminando o redactor não nos permittiu precisar as dimensões, o sexo, e o genero do cetaceo que teve a feliz inspiração de vir dar os seus ultimos passeios em nossas praias. Será, como estamos dispostos a crer, uma baleia franca? O que até agora está averiguado e o que resulta peremptoriamente dos depoimentos dos pescadores que o encontraram, quando já noite fechada, sem poderem delle se approximar, é que o cetaceo, hontem ainda cheio de vida, e que fazia ouvir os seus bramidos por toda a bahia, de cujas narinas sahiam verdadeiras trombas dagua, encalhou nesta zona maritima pertencente ao territorio de Pulfank. E' pois, "nosso" sem contestação possivel. Já numerosos em Pulfank, cuja praia reune as attracções de ordem mais diversa, os parisienses e os estrangeiros não poderão deixar de accorrer a nossos muros, afim de desfrutarem esse espectaculo incomparavel, póde-se dizer, unico, Pulfank é, neste momento, a unica estação balnearia que possue um cetaceo. Lamentamos immensamente Pulbreign, que não perde occasião para nos atacar e proclamar a sua superioridade sobre Pulfank. A todas as suas perfidas insinuações, teremos doravante uma resposta engatilhada: "Mostrem-nos o seu cetaceo!"

Ora, nesse mesmo domingo 1° de agosto, á mesma hora e sob uma rubrica diversa: — "Great event — Um cetaceo em Pulbreign", o "Pharol pulbreignez", orgão bi-hebdomadario do syndicato de iniciativa da região pulbreigneza, publicava um suelto que repetia, quasi "ipsis verbis" a noticia publicada pela "Vigia pulfkanqueza", salvo o encalhe do cetaceo que se dava não em Pulfank, mas em Pulbreign, e que em logar de uma baleia franca, tratava-se de uma baleia commum.

"Desta vez, dizia o artigo concluindo, esperamos que se acabem as murmurações de Pulfank. A superioridade da nossa deliciosa praia de Pulbreign, se affirma peremptoriamente com a escolha que fez o intelligente cetaceo, para aqui terminar a sua aventurosa vida. Um tal suffragio equivale a uma consagração. Não ha mais contestação possivel; os factos ahi estão. Quando Pulfank possuir um cetaceo como Pulbreign, então poderemos recomeçar a discussão; tudo nos leva a crer que isto não se dará tão cedo".

O leitor menos ao par desses pequenos mysterios da vida das praias, conhece a longa rivalidade que põe periodicamente em luta, na abertura de cada "estação", as duas grandes estações balnearias de Pulfank e Pulbreign.

A bahia das Areias Finas, uma das mais vastas e mais pittorescas da costa bretã, descreve nesse ponto, um magnifico arco de circulo, cortado diametralmente pelo Dorluz que serve de fronteira ás duas communas.

Ha trinta annos atraz, Pulbreign e Pulfank pequenas povoações de pescadores, construidas uma em frente á outra, nas duas extremidades desse hemicyclo, viviam na mais perfeita harmonia. A rivalidade começou, no dia em que especuladores estrangeiros determinaram transformar em estações mundanas esses logarejos miseraveis. Villas, hoteis, alastraram-se como cogumellos, em redor da bahia.

Dez annos mais tarde as duas aldeias estavam completamente transformadas. O peor é que estavam lado a lado; sem o Dorluz ellas ter-se-hiam mesmo fundido e ninguem seria capaz de dizer onde começava Pulfank e onde terminava Pulbreign.

Todo o mal provinha desse Dorluz e de um traçado administrativo que não correspondia mais ás exigencias da situação.

Constituidas em estações rivaes, Pulfank e Pulbreign, em logar de se estenderem as mãos e de unirem os esforços em vista de um interesse commum, encetaram uma guerra surda que por varias vezes quasi lhes foi fatal. Intrigas anonymas libellos e cartazes sem o nome do im-

pressor, e mesmo editaes, em que Pulfank e Pulbreign se accusavam reciprocamente de ignorarem os mais rudimentares preceitos de hygiene, e de receberem subsidios de estrangeiros, para trabalharem pela despopulação da França, estabelecendo fócos permanentes de dysenteria e de febre typhoide, foram essas as armas envenenadas que empregaram uma contra a outra. Ora Pulfank monopolizava os sortimentos de generos alimenticios, guardava-os durante toda a estação, reduzindo assim Pulbreign á fome ou a obrigando a se vir alimentar em Pulfank; ora Pulbreign fazia o "trust" dos carros de praça, que nas horas de trem, não podiam tomar passageiros com destino a Pulfank...

Deixo de mencionar incidentes peores. Essa guerra de Pelles-Vermelhas estava no auge, quando surgiu o incidente do cetaceo. Mal a novidade chegara aos hoteis e villas, e já Pulfank e Pulbreign estivaes corream em peso para a praia a procurar o cetaceo no logar indicado. Nem aqui e nem lá se via vestigio de algum monstro marinho. A maré, se retirando, tel-o-ia levado? Ou esse cetaceo não passava de uma pêta? Na branca extensão das areias, no prolongamento do Dorluz, não apparecia, como de costume, senão o penedo da Rocha-Delgada, uma ilhota granitica que servia de refugio a um velho pescador e ao orphão que elle havia recolhido. Os animos já se exaltavam. Nisto, um banhista fez notar que o cetaceo podia bem estar alojado atraz dessa Rocha-Delgada e mesmo olhando-se detidamente, parecia que se divizava seu costado cinzento acima do penedo.

A multidão respirou.

Mas uma inquietude se lia nos olhos dos praianos, que de ambos os lados do riacho, se dirigiam para o monstro. O sitio onde elle estava encalhado, dependeria do territorio de Pulfank ou do territorio de Pulbreign? O cetaceo repousaria

para cá ou para lá do Dorluz? Quem havia dito a verdade, a "Vigia pulfanqueza" ou o "Pharol pulbreignez?"

Tableau! Barrando o leito do Dorluz, que o envolvia em seus braços como a uma ilha, o gracioso cetaceo, qual uma immensa barra de chumbo, repousava a meio sobre Pulbreign e sobre Pulfank!

— E' nosso! E eu provarei, gritou de uma das margens brandindo seu jornal, o redactor da "Vigia pulfanqueza". Basta tirar uma linha recta do Dorlux, ao mar, para ver que toda a sua cauda e metade pelo menos de seu corpo, jazem na zona do dominio maritimo concedido á communa de Pulfank pela administração.

— E eu affirmo que elle está no territorio de Pulbreign! — retrucou o redactor do "Pharol". Quem tem a cabeça, tem o animal, diz um velho adagio juridico, e a cabeça está inquestionavelmente em nossa zona, com o antecorpo e as barbatanas.

Neste momento uma voz pareceu descer do céo. Pelo menos ella vinha de muito alto e pertencia a um ser bizarro, com um gorro de orelheiras, enormes botas de pelle de phóca e cujo resto da vestimenta não mostraria mais rigidez se fosse feita de zinco.

Encarapitado no dorso do monstro esse fanfarrão brincava com um arpão.

— Perdão, queiram me desculpar, meus bons senhores. Na minha opinião está aqui o que vae resolver tudo; é um pedaço de arpão que encontrei no couro deste bicho e que não veiu se plantar sozinho...

— Ora vamos! — gritaram ao mesmo tempo o redactor da "Vigia" e o do "Pharol", não nos vae contar que foi você quem capturou esta baleia! Basta de graças; qual é o seu nome?

— Goulven l'Helgouach, para vos servir, antigo patrão de embarcação da marinha mercante americana, arpoador brevetado a bordo do navio de tres mastros, "Rebecca" de New Bedford (Massachussetts), no qual tive a honra de dirigir umas palavras, pelas alturas de 1886, a esse bichinho em questão que não é uma baleia mas sim um cachalote pois que possue dentes e não barbas.

— Sim, sim, é verdade! — exclamaram neste momento alguns pescadores que se tinham reunido aos basbaques. O tio Goulven deu caça aos cachalote, ha tempos. Elle não mente...

— Mentir! Mas olhae antes; no arpão ainda estão minhas iniciaes: G. L. H. gravadas á ponta de faca... O animal apenas ficou ferido: meu arpão ficou preso á sua banha... isto não impede que seja uma historia bem singular de se reencontrar assim frente a frente, após vinte annos!...

E a historia era tão extraordinaria, que ninguem, á excepção dos pescadores, nella queria dar fé, e a alfandega ainda menos que ninguem.

Com a refinada polidez que distingue esse corpo de funccionarios, um "vigilante" explicava aos assistentes, que a lei é formal, que um bem eventual — e nesse caso, o cetaceo não tendo sido capturado por ninguem, até prova em contrario, devia ser considerado como bem eventual — e da propriedade da caixa dos invalidos da Marinha, que é a unica a ter o direito delle dis-

pôr; entretanto, seria permittido ao publico se apresentar como comprador, mas sómente quando em hasta publica. Daqui até lá — concluiu elle, se dirigindo a L'Helgouach e o convidando, com um aceno, a descer dessa montaria — será prohibido tocar no animal, salvo aos delegados do Museu, que serão prevenidos pelo telegrapho pelo senhor administrador da Marinha...

Este sequestro inesperado do monstro, não entrava nos calculos dos dois jornalistas, ainda menos de seus respectivos syndicatos e das duas municipalidades inimigas de Pulfank e Pulbreign, que rapidamente postas ao corrente, tinham se reunido com urgencia e decidido enviar uma delegação ao ministro, para serem consideradas, compradoras do cetaceo, ou então proprietarias.

Ainda era preciso que o ministro se resolvesse entre Pulfank e Pulbreign. Ora, em que se basear para decidir se a féra, tocava a uma das duas communas mais que á outra?

Foram nomeados praticos, procedeu-se á triangulação da superficie occupada: os direitos das duas communas eram estrictamente iguaes.

Entrementes, a imprensa de Paris e a imprensa regional, cuidadosamente instigadas pelas duas municipalidades interessadas, e fazendo éco á imprensa local, publicavam longas descripções do cachalote; a sua photographia apparecia em todas as revistas. E, conforme os jornaes estavam alliados a um ou a outro dos dois campos, o monstro era denominado pela imprensa: ora, "o cetaceo de Pulfank", ora, "o cetaceo de Pulbreign".

Era, sem duvida, um magnifico exemplar da fauna oceanica: trinta metros de comprimento sobre sete ou oito de altura! De toda parte acorria gente para o ver. Os hoteis regorgitavam; foi preciso crear um regulamento para automoveis; por sua vez a Companhia d'Oeste organizou trens de passeio. Entretanto, o ministro continuava prudentemente retardando a decisão, até a proxima maré, que poderia operar um deslocamento do monstro e pôr um termo á pendencia das duas cidades.

A ansiedade era viva em Pulfank e em Pulbreign, tão viva, que uma tarde — a tarde mesma da grande maré — protegidas por uma noite particularmente brumosa, tres solidas chalupas de pesca se destacaram clandestinamente de uma enseada vizinha, onde não tinham a temer a vigilancia da alfandega, e se dirigiram para o cachalote.

Os remos, envoltos com trapos de lã, fendiam a agua sem ruido; os homens se conservavam calados; os mastros tinham sido cortados. Máo grado o regulamento, as barcas não levavam as lanternas accesas. Chegados á altura do monstro pararam; na escuridão, sua massa cinzenta e brilhante erguia-se como uma montanha de borracha. Oscillava imperceptivelmente seguindo a ondulação do mar. O chefe da expedição concluiu que elle flucutava, e em voz baixa dirigiu uma ordem a dois homens, que passaram sob a cauda, tres cabos novos e de resistencia comprovada. Depois os remadores dos tres barcos empregaram toda a sua força afim de arrastar, ou pelo menos, deslocar ligeiramente em direcção a Pulfank, o monstruoso cadaver. De facto o animal pareceu obedecer ao impulso dos rebocadores. Mas logo depois, soffreu um receio, como se fosse puxado em sentido contrario... Todavia, um novo esforço dos rebocadores o fez esboçar um leve movimento de avanço, seguido de um segundo recuo. A manobra se repetiu um certo numero de vezes. Os homens molhados de suor não conseguiam comprehender.

— Diabo de cachalote! Não vae?! Será possivel que seja de borracha, ou que esteja amarrado a algum peso morto? — exclamou o chefe da expedição.

— Ou que o estejam puxando de cá para lá, disse um dos homens da equipagem.

— Você está maluco! Quem é que estaria fazendo isto?

— Ora essa, rapazes de Pulbreign, pagos para fazerem o mesmo serviço que nós.

— Mais uma vez ainda, rapazes. Vamos ver...

O que se "viu" é que uma equipe rival, aproveitando-se das trévas dessa mesma noite da grande cheia, executava na outra extremidade do animal, a mesma manobra que a turma de Pulfank.

De manhã, quando as duas turmas fatigadas por um esforço inutil, retiraram-se para as suas respectivas angras, o cachalote se conservava no mesmo logar.

Não havia remedio senão ahi o deixar.

Mas então a luta attingiu proporções epicas.

Influencia pelo contagio, os banhistas das duas praias se dividiram em dois campos; injuriava-se e ameaçava-se de uma á outra margem do Dorlux; os dois jornalistas do "Pharol" e da "Vigia" se desafiaram em duello. As testemunhas não ten-

do podido entrar em accordo, e um terceiro arbitro escolhido não sendo bem succedido para apurar as responsabilidades, o caso não teve seguimento. Mas a luta continuou pelas gazetas, nos terraços dos cafés, na praia, e mesmo no mar, onde os banhistas se pegaram pelos cabellos.

Mais do que nunca Pulfank, reivindicava o cetaceo, que Pulbreign, não menos obstinadamente, reclamava em totalidade para si. Sómente a adjudicação do montro poderia acabar com os debates; mas a administracçção da Marinha, atirada em sentido contrarios não se apressava em fixar a data do leilão que, pelos termos da lei só se effectuaria, um anno e um dia após o sequestro do bem eventual, afim de permittir aos interessados, proprietarios ou inventores- fazerem valer os seus direitos nesse interregno.

Simples ficção administrativa! A reclamação do unico interessado, Goulven L'Helgouach, não fôra tomada em consideração; forçaram mesmo o bravo marinheiro a restituir o pedaço do arpão descoberto no cadaver do monstro, e um processo verbal lhe foi dirigido nessa occasião pela alfandega.

— Está bem! — disse o velho baleeiro ao grumetezinho que compartilhava a sua vida, na Rocha Delgada. Pagar-se-á a multa. Rirá melhor quem rir por ultimo.

Todas as manhãs, recostado á soleira de sua cabana que dava para o mar, como todas as casas de pescadores, enrolava um cigarro deante do monstro cercado por uma quadupla fileira de curiosos, na direcção dos quaes escarrava desdenhosamente.

Uma pequena chamma ironica faiscava sob a matta de seus supercilios. Os pescadores dos dois pontos, que haviam tomado primeiramente seu partido, agora se riam do bom homem. Chamavam-no tio Jonas, porque elle pretendia que a violenta rabanada do cachalote despedaçára sua chalupa após o arremesso do arpão, e o havia feito cahir sobre o dorso do monstro, onde ficou montado cerca de uma hora, preso á corda do arpão. A formidavel montaria o fizera assim percorrer um numero inverosimel de milhas antes que se decidisse a se sumir no fundo do abysmo.

— Conte-nos tio Jonas, chasqueavam os pescadores, passeando em seus barcos os papalvos, a discussãozinha que você teve com sua cavalgadura emquanto cabriolava em seu dorso. Como se chama elle mesmo?

— Eu lhes direi nestes quinze dias, idiotas, respondia fleugmaticamente o velho marujo.

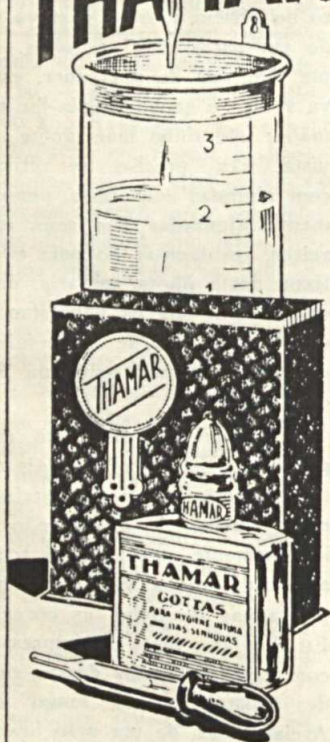
Mas, a seu grumetezinho, elle explicava:

— Este é um "gray-headed", um "cabeça cinzento", como é a minha, pequeno. Os americanos, em cujos navios naveguei, distinguem estes velhos cachalotes solitarios dos conductores de rebanhos, que elles chamam os "school-masters", os "mestre-escola" porque, com seus saltos acrobaticos dão a impressão que estão ensinando gymnastica ao seu bando... Mais tarde, quando ficam velhos e imprestaveis de todo, abandonam a sociedade e se vão sós, ao accaso, pelos mares, como selvagens... São talvez philosophos.

Cuspinhava, e, sonhador, olhos no vacuo recebia em um mutismo do qual o fazia sahir uma ou outra pergunta do garoto. As viagens por todos os oceanos não o enriqueceram; ganhava-se muito no officio, mas se gastava tudo em patuscadas e folias. E um dia, sem se aperceber, estava velho; o arpão tremia-lhe nas mãos; não tinha mais golpe de vista. Era preciso se retirar: com algumas economias, penosamente ajuntadas nos seus cruzeiros, recolheu-se ao paiz e se fixou nesta ilhota solitaria, donde qualquer dia os banhistas o enxotariam: não se tinha falado em construir um Casino na Rocha Delgada?

— Talvez você verá isso, meu garoto... Eu vi coisas mais extraordinarias... ou mais tristes, como queira. E afinal, não é impunemente que passei trinta annos de minha vida cruzando por aguas de todas as cores... Eu dou ás vezes a impressão, com essas porcarias dessas cidades construidas ao longo das Areias-Finas, de um urso branco transportado em uma jaula... Eu enlangueço como dizem os Mokos... tenho a nostalgia das geleiras...

—Que doença é esta, vovô Goulven? — perguntou o menino.

— Isso não se póde definir...

E' como que ver um mar sem ondas e sem baleias a fluctuarem. Então, você comprehende, quando ha oito dias, eu vi na praia, ao virar a esquina de nossa tóca, o velhaco desse cachalote, que veiu de proposito encalhar nas minhas ventas, senti um golpe no estomago, que até pensei ter engulido meu cachimbo... Essa é bôa! Ouvi, á noite, um sagrado estrondo de combate que conheço muito bem. "Chega! tu sonhas, meu pobre Goulven, diria para commigo mesmo; não existem cachalotes nas Areias Finas". Oh! mas não posso explicar o que senti, quando descendo com você, até á praia, reconheci o mesmo bicho que feri nas Falklands, e que me fez dansar gratis em seu dorso, cerca de umas trinta milhas.

— Mas você está bem certo que é elle, vôvô?

— Tão certo como estou lhe vendo. E de que serve ter sido eu baleeiro de primeira categoria? E além disso, o arpão está lá, quero crer... Aquelles insolentes terão que mo devolver ou me dirão porque... Já não basta que tenham confiscado minha presa? Um animal pertence ao caçador que o feriu, quando póde provar que foi elle bem entendido... Não ha justiça, meu petiz; sem o que nós seriamos ambos uns Cresos. E se você visse como esquartejo um cachalote... Só o espermacete rende umas cem piastras, que fazem em nossa moeda, quinhentos francos... E não lhe falo dos barris de oleo, do marfim e de uma certa coisa, muito mais preciosa, que tem um cheiro delicioso... mas que só se encontra no estomago de poucos exemplares.

— O que é?

— E' o ambar, meu pequeno, o ambar cinzento... que vale seu peso em ouro.

— E ha muito.

— Isso depende... Nem todos os cachalotes levam no seu estomago barras de ambar como aquella que o rei de Tydor comprou por cincoenta mil escudos á Companhia hollandeza, e que pesava cento e oitenta e duas libras...

No meu tempo, egualmente, em Galapagos o "Antartic" e o "Franklin", que pescavam juntos, encontraram numa pescaria, um pedaço de ambar que pesava cento e sete libras e que revenderam por quarenta mil dollares, uma fortuna!

— Se se encontrasse sómente a metade de um desses no ventre deste!

— Quem sabe!... E' de você, meu pequeno, que tenho pena... Esperava que o patife de seu velho tio lhe deixasse alguma coisa... Mas qual! eu não era casado... não tinha filhos... e, nesse tempo, seu pobre pae João Luiz andava occupado com seus negocios... Se eu soubesse! Afinal, paciencia! Elles pensaram me pregar uma boa peça me roubando o cachalote... não quizeram que eu lhe cortasse o couro... Isso correrá bem nos primeiros tempos; recusa-se gente nos hoteis, não se encontra uma barca ou uma conducção livres, nem em Pulfank nem em Pulbreign... Espere que volte o calor... dentro de oito dias elles me darão noticias de seu cachalote... Repare! você já não percebe um cheirinho?!

Suas narinas de velha phóca aspiravam a brisa, onde começava a se espalhar um leve cheiro ammoniacal, cheiro este "sui-generis", mais forte que o do sal e de todo e que impregna toda a atmosphera nas vizinhanças dos grandes depositos de carne salgada, do Pacifico... Elle fechava os olhos e respirava com voluptuosidade.

— Conheço-o muito bem... Olhe lá em cima os passaros rondando! Mais um pouco e eu acreditarei estar nas Falkland ou em New-Bedford...

No dia seguinte, ao abrirem suas portas, os habitantes de Pulbreign foram acolhidos por uma exhalação de vapores infectos que lhes "travaram" na garganta.

O vento estava de noroeste.

— Eh! Euh! Brum! Puah! exclamou em saraivada o redactor do "Pharol pulbreignez" que acabava precisamente de publicar nessa mesma manhã, um fulminante artigo contra as pretensões da localidade vizinha, na reivindicação do cachalote litigioso. Será que esses marotos desses Pulfanquezes nos enviaram suas aguas de esgoto?

Uma pergunta analoga foi feita, á tarde, aos habitantes de Pulfank que, tendo o vento passado para oeste suspeitaram que os esgotos de Pulbreign tinham refluido até Pulfank.

A' noite o vento amainou; mas tanto em Pulfank como em Pulbreign foi preciso conservar as janellas fechadas: um máo cheiro insupportavel, onde predominava um acre odôr de amoniaco, estendera-se pelas duas localidades e ficava estagnado no ar immovel.

De manhã elle não se tinha dissipado.

O sol se erguia em um céo sem nuvens: o dia annunciava-se radioso; o thermometro, desde as oito horas, marcava 23 gráos á sombra. E no emtanto, quer em Pulfank como em Pulbeign, os raros turistas que, solicitados pelo encanto dessa explendida manhã de agosto, se arriscavam a dar alguns passos pela praia, se apressaram em entrar, tapando o nariz; lá fóra, o ar viciado pelos mais fétidos vapores estava irrespiravel. No emtanto não rebentára nenhuma canalização, tanto em Pulfank como em Pulbreign. Aqui e lá foram consultados os serviços competentes; e o redactor do "Pharol" e do "Vigia" fizeram uma devassa. Nas duas partes ella chegou a uma terrivel constatação: era do cachalote que emanavam esses vapores!

O monstro se decompunha. Das profundezas do horizonte, apontou uma nuvem de petreis, guinchos e gaivotas, que se abateu sobre o dorso do animal e ahi se entregou a immundos festins; em seu ventre formigavam myriades de carangueijos, calmares e lagostins; pinças e bicos, trabalhando conjuntamente, tinham dado passagem aos gazes de fermentação. O calor fizera o resto. Da antiga ferida aberta nos flancos do monstro, pelo arpão do Goulven, sahia em borbotões um liquido pardo avermelhado. O animal todo nadava num immenso charco de sanie. Já no dia seguinte não se podia chegar perto; duas caravanas de turistas, que desembarcaram na gare commum a Pulfank e a Pulbreign, arripiaram caminho; a clientela dos hoteis começou a demonstrar signaes de inquietação; tres casas foram desoccupadas precipitadamente. E estava-se em plena estação balnearia! Os commerciantes se desesperavam. Pela primeira vez em quinze dias a "Vigia" e o "Pharol" não fizeram a minima allusão ao cachalote; cessou a rubrica especial que lhe era consagrada. Silencio de máo augurio! Mas qual! talvez o tempo mudasse; uma ventania dissiparia as emanações do monstro, ou um aguaceiro afogal-as-ia em suas ondas bemfazejas.

Tres dias se passaram; o céo continuava implacavelmente azul; o máo cheiro augmentava; os estrangeiros arrumavam as malas. Era um desastre.

No numero seguinte da "Vigia pulfanqueza", sob o titulo:

"Uma ignominia — O cetaceo de Pulbreign podia-se ler:

"Os Pulbreignezes reclamaram demasiadamente a propriedade do infecto cachalote que encalhou na areia, para que o disputemos por mais tempo. Sim, nós o reconhecemos, o cachalote lhes pertence. Que o guardam, mas para seu proprio interesse e se teem a preoccupação de sua tranquillidade, que se arranjem para que as emanações putridas não compromettam por mais tempo, a segurança e o encanto da nossa admiravel praia de Pulfank. Para bom entendedor!..."

No mesmo dia, sob a epigraphe: "Uma abominação — O cetaceo de Pulfank", o "Pharol pubreignez" declarava:

"Se conservassemos ainda a mais leve duvida sobre a nacionalidade do fétido cetaceo que encalhou na praia de Pulfank, essa duvida seria hoje dissipada pelas mephiliticas exhalações que se desprendem de seu cadaver em decomposição e que traem uma origem essencialmente pulfankesa. Que os Pulfankeses se deleitem com essas Emanações, ainda vá! Cada um é senhor em sua casa, mas não o é em casa dos outros e não poderemos tolerar que a malodorante vizinhança do cachalote pulfanguez, attraia por mais tempo o descredito sobre nossa magnifica praia de Pulbreign."

Ainda uma vez divergentes no caso da posse do cetaceo, os dois jornalistas estavam de accordo em reclamar á administração da Marinha, de proceder no mais breve prazo possivel a adjudicação desse repugnante achado, se é que elle poderia encontrar algum comprador, e, de qualquer fórma, retiral-o immediatamente da bahia das Areias-Finas

Nunca se pega desprevenido o sr. gabinete: a administração da Marinha respondeu immediatamente á reclamação dos jornaes, exhumando de seus papeis a reclamação de um tal Goulven L'Helgouach cujas pretensões, primitivamente afastadas, tinham sido reconhecidas fundadas mais tarde, e que era o unico autorizado a proceder ao esquartejamento e á retirada do cetaceo.

O aviso foi levado ás municipalidades de Pulfank e Pulbreign: não lhes restava senão recorrer a Goulven.

— Emfim, meu garoto, disse o velho baleeiro a seu sobrinho, agora vamos conversar um pouquinho!

E, de facto, L'Helgouach "conversou" tão bem, que, na sua pressa de se desembaraçarem do monstruoso cadaver que empesteava suas praias, as duas municipalidades de Pulfank e de Pulbreign, momentaneamente reconciliadas deante do perigo commum, lhe concederam tudo o que pediu: cabos, escadas, cabrestantes, para a desarticulação das vertebras e das mandibulas, fornos e caldeirões para a fusão do toucinho, emfim, o material completo de um estaleiro de "despeçamento" improvizado, sem contar uma turma de vinte e cinco homens que deviam trabalhar sob sua direcção. Como L'Helgouach era um profissional na pesca aos cachalotes, não se discutia suas pretensões. Só se lhe pedia para andar depressa.

— Tenho trabalho para tres dias, disse.

Com effeito tres dias depois do cadaver do animal, retalhado em enormes pedaços, immediatamente destruidos, a medida que retalhados, não restava, como promettera Goulven, senão a carcassa e uma especie de grande chouriço, bastante pesado, que o velho baleeiro não quiz confiar a ninguem.

Seus pequenos olhos maliciosos se riam mais do que nunca: entretanto não dava uma palavra sobre seu achado, nem mesmo ao grumetezinho que o interrogava curiosamente, attrahido pelo exquisito odor que se evolava do chouriço.

O dito chouriço aliás, não fez senão uma breve apparição na cabana da Rocha Delgada: cuidadosamente empacotado em um encerado e depositado no fundo de uma caixa, tomou nessa mesma tarde, com seu proprietario, o destino de Paris.

— Fique a bordo, dissera o velho Goulven ao grumetezinho. Você não me esperará por muito tempo. E, amanhã, se o bom Deus me escutar, nossa miseria terá acabado: poderei pagar as dividas de seu pae, comprar uma casa e iremos ambos passar uma boa vida...

A caixa que o velho baleeiro levava a Paris, continha um maravilhoso pedaço de ambar cinzento, pesando trinta kilos e que Goulven trocou, em um armazem da capital por um grosso maço de bilhetes de banco. Depois, enfatiotado de novo e levando bellos presentes para seu grumete, regressou á sua cabana de Rocha Delgada.

— Agora, "seus" beocios, disse aos pescadores que o contemplavam pasmos, vou lhes dizer o nome de meu cachalote: essa raça de animaes que empestam por fóra e embalsamam por dentro, devido a barra de ambar que levam em seu bojo, se chama, em linguagem de baleeiro Engana-Trouxas, porque não deixam perceber a todos os narizes, o thesouro que levam no seu interior.

A divida de Anna Bede

Kalman de Mikszath

Estão reunidos todos os juizes. Lá fóra, o nevoeiro pesa sobre o edificio informe, quasi, quasi a apertar-lhe as paredes, assentando-lhe nas janellas e escurecendo-lhes as flores das vidraças. De resto, pouca falta ali faziam as flores.

Na sala, o ar era pesado, asphyxiante, com forte cheiro a pelles de cordeiro e a aguardente. Na parte mais alta da vidra-

ça de uma das janellas, roda lentamente, preguiçosamente, a rodella do renovador do ar.

Os juizes deixaram-se cahir fatigados nas cadeiras. Um delles cerra os olhos, e deixa pender os braços, escutando o ruido da penna do escrivão. Outro, bocejando, tamborila com o lapis sobre o panno verde da mesa, emquanto o presidente, deixando deslizar os oculos até á ponta do nariz, enxuga com o lenço, a testa, banhada em suor. Os olhos, frios e pardos, estão cravados na porta, por onde passam as pessoas do julgamento que acaba de se encerrar: os accusados e as testemunhas.

— Ha mais alguem ahi fóra? — perguntou ao official de justiça.

— Uma mocinha.

— Que entre.

Abre-se a porta e a mocinha apparece. Uma corrente de ar frio entra atraz della, indo ferir agradavelmente os rostos e océga as palpebras, como se através da espessa nevoa um raio de sol se houvesse approximado ás flores da vidraça, multiplicando-se sobre as paredes e os moveis da sala do tribunal.

E' summamente gentil a mocinha. De boa estatura, proporcionada, com o vestido justinho ao busto, como se estivesse fundido sobre uma estatua. Baixa humildemente os negros olhos, e nota-se logo que está triste. Mas, na sua apparição ha encanto; nos seus movimentos attractivo; suggestão nos ruidos da sua saia.

— Que desejas, minha filha? — pergunta o presidente com indifferença.

A mocinha compõe o chapelinho que lhe cobre a cabeça e responde num profundo suspiro:

— A minha desgraça, meu senhor. Muito grande.

A voz della é delicada e triste. Chega aos corações como a musica que, depois de haver cessado, parece vibrar ainda no ar, alterando-o todo e emocionando todos.

A cara dos juizes, agora, já não é tão sombria. O retrato do rei e dos grandes personagens do paiz parece fazerem-lhe signaes amaveis para que conte aquella grande desgraça.

Ella traz um "escripto" que falará em seu logar. Mas, primeiro, é preciso tira-lo do seio. E' preciso tirar os cordões do decote, os de cima, para o poder extrahir de lá.

Oh! Que maldito cordão! Cahiu!... Que vista tão encantadora quando se inclina para o apanhar e lhe cae tambem o escripto!

A cruel cabeça grisalha do presidente volta-se para a mocinha, e sómente a sua grossa mão se estende para receber o papel.

— Um auto de prisão! murmura, emquanto o esquadrinhador olhar percorre o papel. Ordena-se nelle que Anna Bede comece hoje a sua pena de seis mezes de prisão.

A mocinha approva tristemente com a cabeça. O chapelinho escorrega para traz, e uma espessa madeixa da esplendida cabelleira lhe cae sobre o rosto. Bom é que lho cubra, pois se, momentos antes era um lirio, de branco, agora está vermelho de vergonha.

— Faz hoje uma semana que recebemos esse papel, balbuciou. Foi o proprio delegado que o entregou lá em casa, e nos explicou o seu conteudo. A pobre mamãe, então, disse-me: "Vae minha filha. A Lei é a Lei, e não se póde brincar com ella". Por isso eu vim, para que me prendam na cadeia.

O presidente limpa por duas vezes os oculos. Seu olhar, frio, percorre o rosto dos juizes, a janella, o solo, a grande estufa de ferro, através de cuja portinhola, esburacada, resplendores de fogo respondem ao seu olhar, e murmura involuntariamente: "A Lei é a Lei".

Torna a ler outra vez a ordem de prisão, as letras negras sobre o papel branco. Lá está bem claro que Anna Bede fica condemnada a seis mezes de cadeia, por encobridora.

O renovador de ar começou a girar com uma rapidez louca. O vento sacode as vidraças e, como se fosse a alma penada de alguem, uiva lugubremente pelas fendas. A Lei é a Lei.

A cabeça cruel approva o que a voz do outro mundo diz, e a mão grossa agita a campainha a chamar o official de justiça:

— Acompanhe Anna Bede e entregue-a ao director da cadeia.

O official de justiça toma o papel. A mocinha volta-se silenciosamente, mas os labios vermelhos tremem-lhe convulsivamente, como se tratassem de procurar palavras.

— Tens alguma coisa a dizer?

— Nada, nada, não senhor. Unicamente que eu... sou Isabel Bede, pois Anna era a minha irmã mais velha. Faz hoje uma semana que a enterraram, coitadinha.

— Então, não és tu a condemnada?

— Oh! Meu Deus! Por que iam condemnar-me a mim? Eu sou incapaz de fazer mal a uma mosca.

— Então, por que vens tu aqui, louquinha?

— Eu conto, Sr. juiz. Minha irmã morreu emquanto o processo esteve no Supremo Tribunal. Veiu a sentença, com a condemnação, quando ella estava estendida no seu leito de morte, no quarto della, toda cheia de flores. Então, veiu a ordem de que apesar de tudo era preciso cumprir os seis mezes. Ah! Com que impaciencia ella esperava o resultado. Que sorte que ella não tenha podido esperar até final! Porque, não era isso o que ella esperava...

Correm-lhe as lagrimas ao recordam isso, mas póde proseguir:

— Quando estava deitada lá, immovel, com os olhos cerrados, muda para sempre, minha mãe e eu promettemos-lhe que repararíamos o quanto ella havia feito por culpa do amante. Sim! Por que ella queria muito a Gabriel Kartany, e por culpa delle havia commettido o seu crime. Pensámos pois...

— O que, minha filha?

— Que lhe deviamos a sua completa tranquillidade para depois de morta. Que ninguem poderia dizer nunca haver ella deixado dividas. Minha mãe pagaria as contas, e eu os seis mezes de prisão em seu logar.

Os juizes olham-se sorrindo. Que mocinha mais ingenua! Parece que o rosto do presidente não é já tão cerimoniosamente frio. Enxuga a testa com o seu lenço amarello, mas parece que é um pouco mais abaixo que elle passa o lenço... Nos olhos...

— Bem, minha filha, diz com suavidade, mas, espera... Agora me recordo de uma coisa...

Passa a grossa mão pela fronte, e faz como se reflexionasse profundamente:

— Sim, sim... Neste assumpto ha um erro grave. Mandámos para casa de vocês uma sentença enganada...

A mocinha ergueu rapidamente os olhos sonhadores para o ancião e interompeu-o anciosa:

— Vê o senhor?! Está vendo o senhor?!

Havia na sua voz uma censura tão dolorosa, que o presidente tornou a apanhar o lenço. Aquelle homem cruel está completamente emocionado· Approxima-se da mocinha e acaricia-lhe amavelmente os negros cabellos.

— Lá em cima, no Supremo Tribunal, viram o assumpto de outro modo. Volta para casa, minha filha, sauda tua mãe em meu nome e dize-lhe que tua irmã Anna era innocente.

— Isso mesmo já nós haviamos pensado! murmurou ella pondo as mãos contra o coração.

O SIGNAL

W. GARSDUN

Szemen aprendera em criança a fazer flautas de troncos de salgueiro. Tirava-lhes a casca, alizava bem a madeira raspando-a a vidro, fazia os competentes buracos, onde era preciso fazerem-se, e prompto. Ficava uma flauta tão perfeita que se podia assobiar por ella todas as modinhas conhecidas. Como toda gente, Szemen com a idade tornou-se imprestavel para uns tantos serviços, e foi parar em guarda-cancella da Estrada de Ferro. Mas, nas horas livres, continuava a "fabricar" flautas que um conductor de trem, seu amigo, se encarregava de vender na cidade proxima. Um dia, encarregou sua mulher de vigiar a passagem do trem das seis horas, e, apanhando a navalha, foi prover-se de troncos de salgueiro. Dirigiu-se a um bosque perto, onde a Estrada fazia uma rampa. Desceu um declive e embrenhou-se no arvoredo. A meia milha do leito da via ferear havia um pantano, e perto delle um soberbo grupo de salgueiro, onde elle costumava encontrar os melhores troncos para as suas flautas. Cortou quantos poderia carregar, e, quando acabou já o sol ia a esconder-se no horizonte. Reinava o maior silencio, e o guarda-cancella nada mais ouvia que o piar dos passaros, por cima delle, e o ranger da ramaria quebrada de baixo dos pés.

Ao chegar perto do limite do bosque, pareceu-lhe ouvir um ruido exquisito... Dir-se-ia que batiam sobre ferro... Apressou o passo, intrigado, a querer averiguar o que aquillo era.

Sahiu do bosque, e viu, no logar por onde elle descera, um homem agachado, que trabalhava tenazmente na linha. Avançou cautelosamente. Julgou que se se tratasse de um ladrão de parafusos, dos que frequentemente se encontram nas linhas ferreas. O homem, porém, endireitava-se agora. Tinha na mão um ferro, uma alavanca. Pô-la por debaixo de um dos trilhos e fez força. O trilho saltou.

Szemen sentiu vertigens. Tudo lhe bailava deante dos olhos. Quiz gritar, mas nem um só som lhe sahiu da bocca.

O homem era Vassili! Um preguiçoso despedido havia tres dias do emprego da Estrada... Szemen correu para elle. Mas, já Vassili fugira, a bom correr, pela rampa a baixo, com as ferramentas na mão.

— Vassili, Vassili! Dá-me a alavanca... e vamos pôr o trilho no logar... Eu não direi nada a ninguem!... Volta Vassili, peço-te! Salva a tua alma do Inferno!!

Vassili, porém, não voltou. Fugia... Corria, cada vez mais, através do bosque, e Szemen deixou de o seguir. Ficou para ali abstracto. Os troncos de salgueiro tinham-lhe cahido aos pés. Um pouco adeante estava o trilho arrancado do logar, solto do dormante e desviado. Ia passar dahi a pouco um trem, um trem de passageiros... Como faze-lo parar, se elle não tinha o que era preciso para isso?... Bandeira para fazer signal, não havia ali, e pôr o trilho no logar, só com o uso das mãos era impossivel... Tão pouco, poderia apertar, á mão os parafusos.

— Deus meu, valei-me, soccorrei-me! exclamou Szemen emprehendendo furiosa carreira.

Corre... Já mal pode respirar... Mas continua a correr... até que por fim as forças o abandonam.

Faltam-lhe algumas centenas de metros, ainda, para alcançar a sua guarita... Subito, ouve o apito de uma "siréne"... E' a fabrica... os operarios que sahem do trabalho... Seis horas e dois minutos, portento...

— Senhor! Tende piedade dos innocentes!

E Szemen pára. Parece-lhe ver a roda da locomotiva, a roda esquerda, que se torce, que salta, que se desvia, que se afunda na terra e que se quebra com grande estrepito... e o trem roda pelo declive!... As carruagens... os vagões vão cheios... Ha crianças, muitas crianças!!

— Meu Deus! Meu Deus!

E o trem approxima-se... Não sabem... não pensam, sequer, que vão morrer! Não ha tempo para nada!

— Senhor! Senhor! Oh! Dizei-me o que devo fazer!

E Szemen volta, correndo, para o logar onde o trilho está solto. Para que? Não sabe. Chega ao sitio onde lhe cahiram ao chão os troncos de salgueiro para as suas flautas... Instinctivamente, apanha um. Deita a correr para o lado em que ha de apparecer a locomotiva. Já a ouve apitar ao longe. Os trilhos trepidam cada vez com mais força, e já se escuta o resfolegar do colosso de ferro. Pára, puxa do bolso o lenço e abre a navalha.

— Senhor! A tua benção!!!

E enterra a navalha na mão esquerda. O sangue salta, jorra, espirra. Szemen empapa nelle o lenço. Já está vermelho! Ata-o ao tronco do salgueiro, e, brandindo-o estende o braço. Já tem uma bandeira. Continua a agita-la... avançando sempre... avançando... Lá vem o trem... Já appareceu lá longe. Agora, apenas teme que o machinista não o veja a tempo de poder parar a machina. E a ferida continua sangrando, cada vez mais... continua o sangue a manar... Então, Szemen junta a mão ao peito... Aperta-a de encontro ao peito... mas o sangue corre ainda... elle não póde conter, vedar o sangue.

— Feri-me demasiado! murmura.

Sente uma vertigem... Julga ouvir uma sineta... um sino... Não tem senão uma idéa...

Vae cahir e a bandeira cahirá com elle... cahirá tambem.

Já não vê. Tudo escureceu para elle no momento em que cae estatelado. Mas a bandeira não cahiu. Uma mão vigorosa se apoderou della e a agita no ar... muito no alto!

O machinista vê... Aperta os freios da mola que puxa o trem e pára.

Os passageiros descem dos carros. A dez metros da locomotiva ha um homem desmaiado

sobre a linha, e um outro agita um trapo ensanguentado.

E' Vassili... Vassili que olha a locomotiva, os passageiros e o guarda cahido na linha... Vassili que, deixando pender a cabeça, diz:

— Prendam-me! Eu quiz descarrilar o trem!

A ROSA FATAL

Pelo
O CAVALLEIRO AUDAZ

Foi uma noite durante um chá no Grande Hotel, que o meu amigo Leopoldo me apresentou á encantadora conhecida da rosa ao peito.

— Minha amiguinha Estella Torres... Uma das mulheres mais bellas do mundo inteiro...

Depois das primeiras palavras de cortezia, cheias de logares communs e necessidades, os meus olhos, suggestionados, cravaramse na rosa encarnada, com uma obstinação indominavel... Ella deixou-me olhal-a quanto quiz, e, depois, fazendo um gracioso tregeito de enfado, disse-me:

— Sou capaz de apostar em como, mais que os meus olhos, o que lhe tem chamado a attenção em todo o tempo que nos conhecemos de vista, foi a minha rosa...

E ficou esperando a minha resposta. Eu, um pouco perturbado, mas com absoluta sinceridade, respondi:

— Estella... Os seus olhos e a rosa.

Acolheu a resposta com um sorriso exquisito, talvez um pouco impregnado de dor.

— Confesso-lhe, prosegui eu, seguindo as voltas do meu pensamento, que a sua flor me fala de alguma coisa... Não sei por que encontro uma harmonia entre o encarnado luminoso dessa rosa e a doce tristeza dos seus olhos...

Ella suspirou. Todo o seu ser estava á beira dos seus labios vermelhos, e todo o seu sentimento á flor das suas "azevichadas" pupillas. Cada vez me interessava mais aquella mulher...

— Vejo que o senhor é um grande observador.

— Nada mais que daquillo que me interessa.

— Obrigada. Effectivamente, aqui entre estas petalas vermelhas, está a chave do meu raro viver que muitos qualificam de mysterioso...

— Uma historia de amor? — inquiri.

— De amor e de dor... uma historia muito triste...

— E' muito curta. O senhor verá... Eduquei-me em Paris, no Sagrado Coração. A' saida do collegio, enamorei-me de um gentil aviador. Chamava-se Julio Cartier.

— Era o mais intrepido de quantos cruzavam os ares... Eu nunca o tinha visto voar porque me fazia medo... Afinal, uma manhã muito dourada, de primavera, resolvi presenciar um de seus vôos... Quando chegamos ao aerodromo, numeroso publico o rodeava, emquanto elle revisava o apparelho... Parece que o estou a ver! Ao avistar-me, veiu até mim... Eu acabava de cortar esta rosa do meu jardim e levava-a assim no peito do mesmo modo que agora.

— "Julguei que não viesses, Estella, lembro-me delle me dizer a sorrir. Serias capaz de me acompanhar neste vôo?"

— "Não me atrevo, respondilhe, contrariando o meu impulso. Mas leva esta flor..."

E entreguei-lhe a rosa... Julio, com a flor nos labios, subira para o apparelho. O mecanico fez girar a helice, e o motor começou o seu frenetico rugir, emquanto que a helice, ao revolverse, com satanica velocidade, arrojava vendavaes de ar sobre os espectadores, que applaudiam o piloto com louco entusiasmo... Alguns chapéos rodaram pelo solo. Meu noivo voltou o rosto para mim, para me beijar uma vez mais com os olhos, ao mesmo tempo que me dizia:

— "Não me percas de vista. Quando eu estiver a mil metros de altura, por cima de ti, jogarte-ei esta rosa, com um beijo e com a minha alma".

E começou a deslizar o aeroplano. Afinal, como erguendo as patas da terra, elevou-se... mais... e mais... até que ficou transformado em um passaro pequeno que evolucionasse sobre nós. Eu, com o binoculo, seguiao toda a viagem com uma emoção muda, como se alguma coisa dentro do peito me quizesse estalar. Os raios do sol matinal beijavam as azas do monstruoso passaro, arrancando-lhe chispas luminosas... Pouco a pouco, o ruido do motor se ia extinguindo e já apenas se sentia um leve bezourar que nos chegava aos ouvidos como uma caricia. Por fim, vi com precisão, como elle estendia o braço e atirava a rosa... Mas, a seguir, o apparelho fez uma viragem exquisita, como o passaro que recebe um tiro nas azas e... fiquei gelada de horror! Não me quero lembrar!...

Os olhos scintillavam-lhe de dor. Para conter o impeto angustioso de pranto, que do coração lhe vinha á garganta, mordeu desesperadamente no pequeno lenço de rendas... Entre os dentes della, porém, dentes brancos, miudos, juntinhos e tentadores, ficou pendendo um fiozinho do finissimo lenço.

Chorando, terminou:

— A rosa caiu ao meu lado, e, um pouco mais distante, o corpo inerte e ensanguentado de Julio... Lembro-me que a flor tinha a mesma cor do sangue que manava da testa delle... E' esta a muito triste historia da minho rosa, que me acompanhará toda a minha vida, se...

A angelica encantadora calouse. O silencio, com mysterioso poder, punha-lhe na cara um gesto de Dolorosa.

Eu contemplava-a em silencio, com uma uncção quasi sagrada. E era aquelle meu silencio, o horrivel, o mortal silencio que se guarda em presença dos mortos... Na rotunda do hall, os pares dansavam alegremente, levados no seu louco girar pelas languidas notas de uma perfida valsa... E lembro-me que os gemidos longos e harmoniosos do violino me soavam no ouvido como a doce e dolorosa voz de Estella...

Hoje, quando, já passado muito tempo, evoco a figura da "dama da rosa", com os seus olhos pretos, chammejantes, com fulgores de paixão, sob o outro incendio dos seus cabellos louros... confesso que sinto uma pena...

PRESENTES UTEIS:
LIVROS
Dar livros de historias as crianças é dar-lhes o habito da leitura despertando-lhes o gosto pelo estudo
DA COLEÇÃO INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO
MEMORIAS DA EMILIA
ALBUM das Crianças
D. QUIXOTE DAS CRIANÇAS
HISTORIAS QUE INTERESSAM A TODAS AS CRIANÇAS
D. QUIXOTE DAS CRIANÇAS 8$
Por MONTEIRO LOBATO
MEMORIAS DA EMILIA 7$
Por MONTEIRO LOBATO
O SACÍ 6$
Por MONTEIRO LOBATO
AVENTURAS DE HANS STADEN 6$
Por MONTEIRO LOBATO
CONTOS DE ANDERSEN 5$
Tradução de MONTEIRO LOBATO
CONTOS DE GRIMM 5$
Tradução de MONTEIRO LOBATO
AS CAÇADAS DE PEDRINHO 6$
Por MONTEIRO LOBATO
A HISTORIA DO MUNDO PARA AS CRIANÇAS 10$
Por MONTEIRO LOBATO
NOVAS REINAÇÕES de NARIZINHO 6$
Por MONTEIRO LOBATO
EMILIA NO PAIS DA GRAMATICA 7$
Por MONTEIRO LOBATO
NOVOS CONTOS DE ANDERSEN 5$
Tradução de MONTEIRO LOBATO
NOVOS CONTOS DE GRIMM 5$
Tradução de MONTEIRO LOBATO
HISTORIA DO BRASIL 10$
Por VIRIATO CORRÊA
ROBINSON CRUSOÉ 6$
Tradução de MONTEIRO LOBATO
PETER PAN 6$
Por MONTEIRO LOBATO
ARIMETICA DA EMILIA 8$
Por MONTEIRO LOBATO
GEOGRAFIA DE DONA BENTA 10$
Por MONTEIRO LOBATO
HISTORIA DAS INVENÇÕES 8$
Por MONTEIRO LOBATO
MEU TORRÃO 6$
Por VIRIATO CORRÊA
ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS 5$
Tradução de MONTEIRO LOBATO
VIAGEM AO CÉU 6
Por MONTEIRO LOBATO
EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES-118
SÃO PAULO

Oforeno
Ao OFORENO devo o viço das
rosas de minha face
OFORENO é o regulador por excel-
lencia do cyclo menstrual
Formula do Prof. Fernando Magalhães
Associação opotherapica de effeito
rapido e seguro
DEPOSITARIOS:
Araujo Freitas & Cia.
RIO DE JANEIRO